

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

LAJLA KATHERINE ROCHA SIMIÃO

**UM ESTUDO ECOLINGUÍSTICO DO USO DE PREPOSIÇÕES EM REDAÇÕES DE
VESTIBULARES**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

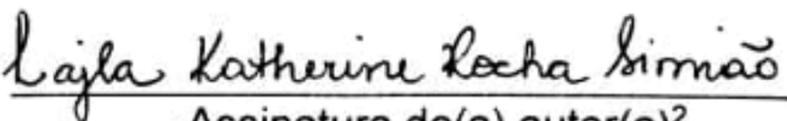
Nome completo do autor: Lajla Katherine Rocha Simião

Título do trabalho: "Um estudo ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares"

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 25 / 06 / 19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LAJLA KATHERINE ROCHA SIMIÃO

UM ESTUDO ECOLINGUÍSTICO DO USO DE PREPOSIÇÕES EM REDAÇÕES DE VESTIBULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.
Linha de pesquisa: Língua, Texto e Discurso.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Elza Kioko Nakayama
Nenoki do Couto.

GOIÂNIA
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Simião, Lajla Katherine Rocha

Um estudo Ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares [manuscrito] / Lajla Katherine Rocha Simião. - 2018.
203 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. . I. Kioko Nakayama Nenoki do Couto, Elza , orient. II. Título.

CDU 81



ATA Nº 01/2018

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA
ALUNA LAJLA KATHERINE ROCHA SIMIÃO**

Aos dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, a partir das nove horas no Miniauditório Professor Egídio Turchi da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, nesta capital, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação “UM ESTUDO ECOLINGUÍSTICO DO USO DE PREPOSIÇÕES EM REDAÇÕES DE VESTIBULARES”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (Faculdade de Letras/UFG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Mônica Veloso Borges (PPGLL/UFG) e a Professora Doutora Maria Célia Dias de Castro (UEMA). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito.

Prof^a. Dr^a. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto - Presidente

Prof^a. Dr^a. Mônica Veloso Borges

Prof^a. Dr^a. Maria Célia Dias de Castro

Visto:

Prof. Dr. Wilson José Flores Júnior

AGRADECIMENTOS

Eu, toda metida a escritora, vejo as palavras me escaparem ao ter que tecer os agradecimentos tão planejados desde o início deste processo, o Mestrado. Mas o que seria de nós diante das lutas, se não fossem aqueles que nos apoiam? Assim, agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu a dádiva da vida, por duas vezes, e que sempre me acalenta quando elevo meus pensamentos a Ele.

À minha mãe, Dalcina Rocha de Jesus, por ser meu maior exemplo de coragem e ter me ensinado que não importa o tamanho do medo é preciso sempre seguir em frente. Mãe, você é e sempre será a minha maior motivação!

Aos meus poucos e bons amigos, que sempre me dedicaram tanto carinho e admiração. Em especial, a Lais Carolina, que me acompanha desde a primeira fase do vestibular para o curso de Letras e que se faz tão presente nesses dez anos de amizade. Amiga, irmã de outra mãe, com você eu aprendi que é possível enfrentar tudo nessa vida, basta ter fé!

Aos amigos que fiz no mestrado, entre eles Anderson Nowogrodzki, que com muito carinho e paciência ouviu minhas lamúrias e sempre me incentivou a continuar. A admiração é recíproca! Ao grupo Bolsistas *Capes* pelas experiências e conhecimentos compartilhados (leia isso ao som de Sweet dreams – Eurythmics). E também à CAPES pelo auxílio financeiro, o qual me ajudou nesta jornada.

A todos os professores que participaram da minha formação, desde o ensino básico ao Mestrado, e tanto contribuíram com minhas escolhas acadêmicas e profissionais. Parte do que sou hoje devo a vocês, muito obrigada! Entre esses marcantes professores, agradeço a Hildo Honório do Couto que ajudou a desenvolver um projeto de pesquisa tão coerente e verticalizado. Obrigada, professor Hildo, por ter me mostrado esse mundo mágico das posições!

À minha orientadora Elza Kioko do Couto, pela oportunidade que me foi dada e por ter enxergado que por trás destes óculos havia uma pesquisadora. Obrigada por me conceder a autonomia necessária para desenvolver esta pesquisa!

Às profas. Dras. Maria Célia e Mônica Veloso Borges, que compuseram minha banca examinadora, pelos apontamentos e ensinamentos que tanto contribuíram e enriqueceram com minha pesquisa. Em especial à professora Mônica, que, com suas aulas, me mostrou o caminho que quero seguir na vida acadêmica.

Por fim, agradeço ao meu analista e amigo Max Weber que vem me acompanhando nestes quase três anos. Obrigada por me ajudar a enfrentar de forma saudável e madura esse processo árduo que é o Mestrado. Acredito que a Academia precisa vencer seus tabus e falar de forma clara e séria sobre saúde mental. Os agradecimentos, assim como a vida, não são justos, afinal, para sê-lo, eu precisaria agradecer a todos que passaram pela minha vida nesses 27 anos. Tento, então, ao menos agradecer aqui àqueles que foram indispensáveis para a boa realização deste trabalho. Muito obrigada!

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos
os sonhos do mundo.
Álvaro de Campos

RESUMO

As preposições desempenham um papel fundamental na comunicação ao estabelecerem relações lógicas entre os elementos da língua, sendo elas peças indispensáveis da estrutura linguística (BORBA, 1971). Nesse sentido, uma das motivações para pesquisar este objeto de estudo se deu a partir do trabalho com a correção de redações, em que notamos que, dentre todas as classes de palavras, as preposições são uma das de mais difícil domínio por apresentarem um diversificado matiz significativo, de modo que os alunos restringem seu uso às funções mais genéricas. Assim, surgiu o tema desta dissertação: *O estudo do uso das preposições em redações de vestibulares sob a análise da Ecolinguística*. Dessa maneira, objetivou-se investigar como se dão, nas produções textuais, o domínio e o uso das preposições espaciais e variantes, a fim de constatar até que ponto esses usos estão de acordo com o princípio da Ecologia das Relações Espaciais e, se caso desviem dele, como e porquê, de modo a averiguar se o uso limitado das preposições, em que se evitam matizes de significado mais específicos, tem implicações para a comunicação e a compreensão dessas produções textuais. Como aporte teórico, utilizamo-nos da Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua no interior do ecossistema linguístico que pode ser natural, mental ou social (COUTO, 2013a), onde surgiu a Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais, como Bernard Pottier (1962) já havia demonstrado. Para tanto, selecionamos como *corpus* 40 redações referentes aos vestibulares da Universidade Federal de Goiás dos anos 2011, 2012, 2013 e 2014 disponibilizadas pelo Centro de Seleção. Em nossa análise, priorizamos dados que fossem representativos, por isso optamos por um número relativamente pequeno de redações para que os dados não se tornassem exaustivos. Metodologicamente, a pesquisa em questão é caracterizada como qualitativa, que parte de uma postura ecológica, tendo como critério auxiliar uma análise quantitativa prévia. Foi possível observar, que da perspectiva da Ecolinguística, as preposições possuem uma significação própria. Portanto, o uso espacial é seu sentido prototípico que serve como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, de modo que os demais significados são resultados derivados ou motivados desse processo, o que demonstra que somente a dialética entre a Onomasiologia e a Semasiologia é capaz de dar conta, holisticamente, dos diversos usos que as preposições apresentam, como Couto (2012) já afirmava.

Palavras-chave: Preposições. Ecologia das Relações Espaciais. Ecolinguística. Onomasiologia e Semasiologia.

ABSTRACT

Prepositions play a major role in communication by establishing a logical link between the elements of language, which are necessary parts of the linguistic structure. (BORBA, 1971). In this regard, one of the motivations to research this object of study came up from correcting essays, in which noticed that among all class of words, prepositions are one of the most difficult domain because it presents a diversified nuance meaning so students restrict the use of prepositions to their most general functions. Thus, the theme of this dissertation came up: *the study of the use of prepositions in essays for college entrance exams under the analysis of Ecolinguistics*. The goal was to investigate how the domain and the use of spatial and variant prepositions are given in textual productions in order to verify what extent these uses are in accordance with the principle of the ecology of space relations and if they deviate from it, how and why. In order to verify whether the limited use of prepositions, in which more specific degrees of meanings are avoided, have implications for the communication and understanding of these textual productions. As a theoretical contribution, we use Ecolinguistics, which is the study of language interactions within the linguistic ecosystem that may be natural, mental or social (COUTO, 2013a), and the Ecology of Space Relations, stating that all prepositions are reduced to spatiality, and not only the temporal, but also the abstract, or notional, as Bernard Pottier (1962) had already demonstrated. We selected 40 essays related to college entrance exams of the Federal University of Goiás for the years of 2011, 2012, 2013 and 2014 made available by the Selection Center. In our analysis, we prioritized data that were representative, so we opted for a relatively small number of essays so the data would not become exhaustive. Methodologically, the research in question characterizes as qualitative, starting from an ecological posture, having as auxiliary criterion a previous quantitative analysis. It was possible to notice that from the perspective of Ecolinguistics, prepositions have their own meaning. Therefore, spatial use is its prototypical sense that serves as a starting point for the evolution and the semasiological expansion of prepositions. Other meanings are derived or motivated results of this process, showing that only the dialectic between Onomasiology and Semasiology is able to give a holistic account of the different uses that the prepositions present as Couto (2012) already claimed.

Keywords: Prepositions. Ecology of Space Relations. Ecolinguistics. Onomasiology and Semasiology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Traços semânticos	24
Figura 2 – Elementos antecedente/consequente	25
Figura 3 – Esquema das preposições	26
Figura 4 – Ecossistema Integral da Língua	60
Figura 5 – Ecossistema Natural da Língua	61
Figura 6 – Ecossistema Social da Língua	62
Figura 7 – Ecossistema Mental da Língua	62
Figura 8 – Língua como interação	66
Figura 9 – Modelo de Pottier	85
Figura 10 – Preposições de Posição	86
Figura 11 – Ecologia das Relações Espaciais	87
Figura 12 – Dança das preposições a partir da ERE	127

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Preposições em uso por ano	94
Tabela 1 – Classificações e subclassificações das preposições	50
Tabela 2 – Preposições em uso	93
Tabela 3 – Dança semasiológica das preposições	118
Tabela 4 – Locuções prepositivas em uso	124

LISTA DE ABREVIATURAS

AIC	Atos de interação comunicativa
Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
EIC	Ecologia da interação comunicativa
ERE	Ecologia das relações espaciais
F	Falante
L	Língua
MA	Meio ambiente
M	Mundo
N	Nome
O	Ouvinte
Obj. Ind.	Objeto Indireto
P	Povo
T	Território
SN	Sintagma nominal
SV	Sintagma verbal
Vi	Verbo Intransitivo
Vt	Verbo Transitivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – UM PANORAMA DAS PREPOSIÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	22
1.1 Preposições da língua portuguesa: Gramáticas normativas	22
1.2 Preposições da língua portuguesa: Estudos linguísticos	32
CAPÍTULO 2 – ECOLINGUÍSTICA: ASPECTOS TEÓRICOS.....	51
2.1 Conceitos centrais	51
2.2 Ecosistema Integral da Língua.....	59
2.3 Interação Comunicativa.....	64
2.4 Endoecologia e Exoecologia.....	67
CAPÍTULO 3 – SEMÂNTICA: UMA DIALÉTICA ENTRE ONOMASIOLOGIA E SEMASIOLOGIA	70
3.1 A Semântica e seus desdobramentos na Ecolinguística	70
3.2 Conceituando a Onomasiologia e a Semasiologia.....	76
3.3 Onomasiologia e Semasiologia revisitadas pela Ecolinguística.....	80
3.4 Onomasiologia e Semasiologia das preposições da língua portuguesa.....	82
3.4.1 Ecologia das Relações Espaciais	83
3.5 A prototipicidade na Ecolinguística	89
CAPÍTULO 4 – SEMASIOLOGIA DAS PREPOSIÇÕES: DESCRIÇÃO E ANÁLISE. 92	
4.1 A dinâmica das preposições em uso nas redações de vestibulares sob a ótica da Ecolinguística.....	92
4.2 Preposições prototípicas e as alterações no uso	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS.....	142

INTRODUÇÃO

Certa vez, li em uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, *O gigolô das palavras*, que “a Gramática é o esqueleto da língua”. Lembro que na época essa afirmação me inquietou, mas não pude saná-la, pois ainda eram poucas as aulas que havia tido de Linguística. Anos após, em 2013, recém graduada, iniciei o trabalho de corretora de redação e, ao me deparar com a dificuldade dos alunos com as questões gramaticais, aquela frase de Veríssimo ressurgiu em minha mente e ela passou a me inquietar ainda mais. Eu precisava de respostas! Comecei a me questionar: O que seria um esqueleto? Por que comparar um ramo da Linguística com parte do corpo de seres vivos? Tudo se ligava à Biologia. Era nela que eu encontraria as respostas? Fui em busca delas!

Algumas dessas respostas encontrei, ao longo do tempo, nas velhas Gramáticas e nos antigos livros de Biologia já antes aposentados por mim. Logo, a Biologia vê o esqueleto humano como uma estrutura óssea rígida que tem a função de suporte ao dar sustentação ao organismo. Ora, pensei: A Gramática, assim como o esqueleto, é uma estrutura. Uma estrutura rígida da língua que também tem a função de dar suporte à linguagem, estabelecendo padrões de escrita e de fala. Mas, tanto o esqueleto quanto a Gramática não informam, não dizem nada sozinhos, fato que gera uma implicância das pessoas com esse ramo da Linguística.

A origem dessa implicância com a Gramática pode ser encontrada na história da língua, pois como afirma Marcos Bagno (1999), no curso da história, os gramáticos tradicionalistas cometeram o equívoco de “estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam”, ou seja, a Gramática estaria dissociada do uso da Língua, segundo Bagno (1999). Mas como isso é possível? Como a Gramática poderia estar à parte no uso da Língua? Eu que sempre pensei que estaria ela em função da Língua.

Tantas perguntas me afligiam! Eu queria entender mais sobre a Língua. Entender melhor quais eram as dificuldades dos alunos com relação à Gramática. Afinal, ao menos nas redações, era visível que a tal Gramática, cheia de normas e regras, gerava temor e aversão nos alunos que a usavam. A necessidade de entender todas essas questões pulsava dentro de mim. Era ali, então, que meu trabalho de pesquisadora começava! No entanto, como pesquisadora, percebi que seria muito árduo dar conta de todas as questões gramaticais que tanto assombravam os alunos. Era preciso delimitar parte daquele ecossistema linguístico para pesquisá-lo.

Em busca disso, em uma conversa com a professora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, que mais tarde se tornaria minha orientadora de pesquisa, ela me sugeriu que eu fizesse uma disciplina na Universidade de Brasília com o professor Hildo Honório do Couto. Foi assim que em uma de suas aulas, na disciplina de Ecologia Linguística, que as preposições surgiram em minha vida como objeto de pesquisa.

Lembro-me que naquela aula, no dia 15 de junho de 2015, olhei para as preposições de uma forma diferente. Se antes eu as via apenas como palavras que relacionam outras palavras, agora, com a Ecolinguística, elas ultrapassavam as redomas da Sintaxe e permeavam o mundo da Semântica. Naquele momento, as preposições ganhavam uma dimensão maior, não só na minha vida como também na Linguística, ou no que eu conhecia dela.

Aprendi, com aquela aula, que a Ecolinguística entende que as preposições desempenham um papel fundamental na comunicação ao estabelecerem relações lógicas entre os elementos da língua, pois, como afirma Borba (1971, p. 46), “a língua só cumpre sua tarefa primordial – a comunicação – quando relaciona suas unidades básicas ou signos”. Dessa forma, as preposições são peças indispensáveis da estrutura linguística, não só por fazerem parte de uma estrutura sintática, mas por apresentarem uma significação própria, compondo também o léxico da língua. Afinal, conforme Couto (2010), se os substantivos designam as coisas do mundo; os verbos as ações praticadas por ou sobre essas coisas; prototipicamente, as preposições também designam algo, só que não coisas referentes ao mundo, mas relações entre essas coisas. Portanto, contribuem para o significado e a boa compreensão dos enunciados.

Ainda nessa aula, descobri que a significação de que tanto falavam se remetia à espacialidade, ou seja, as preposições são prototipicamente espaciais. Meu Deus, quantas coisas pairavam pela minha mente. Quantas dúvidas e incertezas. Significação? Espacialidade? Prototipicidade? A vontade de compreender aquele mundo das preposições se tornava ainda maior. A ansiedade aumentava, porém, mal sabia eu que eu só viria a obter respostas para meus questionamentos dois anos depois quando desenvolvia essa pesquisa. Assim, algumas das repostas para essas dúvidas virão no decorrer desta breve introdução ou, no mais tardar, no desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao chegar em casa, após a aula de Ecologia Linguística, eu queria compreender como os alunos usavam as preposições nas produções textuais, o que me levou a reler algumas delas. Naquele instante, senti como se o véu que recobria os meus olhos tivesse sido retirado. Notei, dentre todas as classes de palavras, que as preposições eram uma das de mais difícil

domínio para eles. Os alunos sentiam/sentem muita dificuldade para dar conta dos diversos matizes de significado que as preposições apresentam em um nível formal de linguagem. O mais comum é eles se restringirem ao uso das funções mais genéricas das preposições, ignorando matizes de significação mais específica.

Ao notar essa dificuldade dos alunos em dominar e manusear os diversos matizes significativos das preposições, além de perceber que esses elementos da língua foram cruciais, em muitos momentos, para a significação e a boa compreensão dos segmentos textuais, foi que surgiu o real interesse pela realização deste trabalho. Em vista disso, escolhi como objeto de pesquisa desta dissertação, as preposições.

Após escolhido o objeto, para não correr o risco de “chover no molhado”, investiguei os estudos já existentes acerca desse objeto de pesquisa. A priori, realizei essa investigação no site da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações. A cunho de exemplificação encontrei a dissertação de mestrado intitulada: “Preposições no Português Brasileiro – um estudo frequencial”, disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24545>, de Eduardo Diório Junior, do ano de 2002. Além dessa, tem-se também a dissertação: “Apagamento de preposições diante de sintagmas nominais topicalizados e sentenças encaixadas: um estudo sintático-semântico-pragmático”, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106204>, de Liney de Melo Gonçalves, de 1983. Ademais, a dissertação: “Preposições introdutoras de orações infinitivas”, disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14796>, de Daniel de Brito Machado, de 2013.

Percebi com isso que as preposições já foram estudadas por muitos outros pesquisadores em artigos, dissertações e teses. No entanto, esses e outros estudos eram majoritariamente de cunho sintático, o que não contribuía tanto com os questionamentos e as indagações que tal objeto nos suscitava. Parti para o arcabouço teórico da Ecolinguística. Foi lá que encontrei dois relevantes trabalhos para esta pesquisa.

O primeiro artigo, intitulado “Ecologia das preposições espaciais portuguesas”, foi publicado na revista Lusorama no ano de 2010. Neste artigo, Hildo Honório do Couto aborda as preposições a partir da perspectiva da Ecolinguística. Já nesse estudo ele lança um olhar para as questões semânticas das preposições. Nele, ele mostra que o significado prototípico de toda preposição é espacial, de modo que as temporais e as nocionais são um subconjunto das espaciais. Além disso, ele demonstra que essas preposições não são desprovidas de sentido. Observa-se, assim, que há um enfoque no ponto de vista onomasiológico, mas como ele

mesmo aponta, este estudo precisaria ser complementado detalhadamente com uma investigação semasiológica (COUTO, 2010).

Já o segundo artigo, intitulado “Ecologia das relações espaciais – as preposições do crioulo guineense”, publicado em 2007b, está disponível em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/7496/1/ARTIGO_EcologiaRelacoesEspaciais.pdf. Neste artigo, Hildo Honório do Couto dá continuidade ao estudo das preposições na mesma perspectiva que o artigo anterior. Há uma maior ênfase às questões que circundam a Ecolinguística, entre elas: a Ecologia das Relações Espaciais que é exemplificada pelas preposições do crioulo guineense. Ainda, neste estudo, o destaque é para a visão onomasiológica.

Além desses dois artigos, saindo do arcabouço teórico da Ecolinguística e indo em busca de novos horizontes, a orientadora dessa pesquisa nos apresentou outro estudo que se mostrou bastante relevante. O capítulo, intitulado “A preposição”, está presente no livro *Gramática do português culto falado no Brasil: Palavras de classe fechada* publicado no ano de 2015. Nesse capítulo, Rodolfo Ilari faz um estudo sintático-semântico das preposições a partir da perspectiva Cognitiva. Assim como Couto (2007b, 2010), ao tratar de aspectos semânticos, Ilari (2015) leva em consideração que as preposições representam linguisticamente o espaço, que é justificado por processos metafóricos e metonímicos. Além disso, ele trata essa classe de maneira heterogênea quanto a sua função sintática bem como discute questões relacionadas às locuções prepositivas.

Percebe-se, logo, que as preposições são alvo de muitas investigações na academia. Entretanto, para responder melhor as minhas indagações e evidenciar os estudos feitos na área, optei por esses três, já que eles não se restringem às questões sintáticas que envolvem as preposições. Pelo contrário, eles prezam pela perspectiva semântica na análise dessa classe. Isso faz desses trabalhos faróis norteadores para esta pesquisa. Eles me alicerçaram ao me direcionarem e levarem a lugares mais distantes que estudos já realizados quanto às preposições.

Após a fase de investigação e escolhido o objeto de pesquisa, estava decidido. Era com redações que iria trabalhar. Por quê? Uma resposta bastante óbvia, afinal, foi a partir das redações com as quais trabalhei que surgiu uma inquietação pessoal que culminou nesta pesquisa. Mas, que redações utilizaria? Onde as encontraria? Como as selecionaria? Que critérios usaria? O trabalho de um pesquisador é infundável, porém, é estimulante, não é mesmo?!

Em vista disso, foram nas aulas de metodologia na pós-graduação, com a professora Tânia Rezende, que meu suporte de pesquisa, enfim, surgiu. Ela me sugeriu que eu fosse ao Centro de Seleção da Universidade Federal de Goiás, lá eu encontraria tudo de que precisava. Dito e feito! O Centro de Seleção da UFG mantém um banco de dados com todas as provas e redações de vestibulares. Essas redações são mantidas em caráter de sigilo quanto à identificação do candidato, por isso servem como material de pesquisa. Além disso, o CS/UFG foi escolhido, pois essa banca de avaliação enxerga os gêneros discursivos como “representantes de situações comunicativas”, de modo que, “a gramática da língua está a serviço da organização desses gêneros” (Manual do candidato, 2014/2), ou seja, a linguagem é um meio de comunicação. Essa perspectiva converge bastante com a Ecolinguística, a qual encara a língua como as próprias interações verbais que se dão entre os membros do povo e entre eles e o território (COUTO *et al*, 2016).

Diante disso, nos foram cedidas 250 redações referentes aos vestibulares de 2011, 2012, 2013 e 2014. Optei por esses respectivos anos, pois trabalhei com a correção de redações no ano de 2013, e esses eram anos próximos a ele. Dessas 250 redações, selecionei apenas 40 delas, pois já vínhamos utilizando essa quantidade desde a elaboração do projeto de pesquisa.

Os vestibulares, daquela época, propunham que os alunos escolhessem entre três diferentes gêneros discursivos conforme a predileção do candidato a narrar, argumentar ou persuadir. Assim, no momento de seleção desse *corpus*, notamos que havia uma maior frequência de preposições nos gêneros em que as sequências expositivas argumentativas predominavam. Já nos gêneros em que as sequências narrativas ou descritivas prevaleciam a ocorrência de preposições era menor, como, por exemplo, no gênero conto, em que, em uma das redações, ocorreram 33 preposições enquanto em um artigo de opinião ocorreram 77 preposições, ambos de mesma temática, “*Fantasia – força motriz ou força alienadora?*”. Dessa forma, ao fazermos essa constatação, optamos pelo gênero discursivo argumentativo.

Além dessa frequência, uma maior ou menor variedade de preposições se mostrou atrelada à temática proposta. Então, no ano de 2011, em que o tema da redação foi “*Fantasia: força motriz e/ou força alienadora*” ocorreram 467 preposições; em 2012 com o tema, “*Sociedade contemporânea: gênero em complementação e/ou em competição*”, o qual julgamos mais denso e discutível que os demais, houve 595 preposições; no ano de 2013, em que a temática era “*A busca pela juventude eterna: solução ou agravamento do conflito entre gerações*” ocorreram 497 preposições e em 2014, com o tema “*Tecnologia digital:*

ferramenta de emancipação ou ameaça à liberdade” houve 505 preposições. A frequência e a variação das preposições são cruciais em nossa pesquisa, pois é a partir da análise da ocorrência delas que podemos induzir a relação que há entre frequência e desgaste das formas, segundo Borba (1971).

Selecionado nosso *corpus* de pesquisa, delimitamos o tema desta dissertação: o estudo do uso das preposições em redações de vestibulares sob a análise da Ecolinguística. A partir disso, estabelecemos como objetivo geral: a) investigar o uso de preposições nas produções textuais de alunos de vestibular a fim de constatar até que ponto esses usos estão de acordo com o princípio da Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e, se desviam dele, como e porquê. Para isso, tivemos como objetivos específicos: b) realizar um levantamento de todas as preposições que ocorriam nas redações; c) selecionar as espaciais para ver se estavam de acordo com o significado prototípico; d) procurar a causa por que algumas delas se desviavam do significado prototípico; e) investigar se as preposições espaciais podiam ser enquadradas no cubo tridimensional da Ecologia das Relações Espaciais e averiguar o porquê de as preposições serem usadas com outros significados além do sentido prototípico. Com o intuito de alcançarmos esses objetivos, partimos da hipótese de que as preposições têm uma significação própria, que parte da espacialidade.

Definidos os objetivos, buscamos na Ecolinguística um aporte teórico que nos auxiliasse a alcançar esses objetivos e respondesse as nossas perguntas de pesquisa: Todas as preposições das redações de vestibulares do CS/UFG, anos 2011 a 2014, analisadas têm seu uso prototípico vinculado às relações espaciais? Se não, como se caracteriza esses outros usos? Por que, então, as preposições vão alargando seu domínio semasiológico? Nesse sentido, a Ecolinguística é o estudo das interações da língua no interior do ecossistema linguístico, que pode ser natural, mental ou social (COUTO, 2013a). No contexto dessa disciplina, surgiu a Ecologia das Relações Espaciais (doravante ERE), de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais, como Bernard Pottier já havia demonstrado desde a década de sessenta do século passado (POTTIER, 1962; POTTIER, AUDUBERT & PAIS, 1975).

Além de Pottier (1962), Couto (2010) tem demonstrado que o significado prototípico de toda preposição é espacial (locativo, de movimento). Em conformidade com os postulados da Ecolinguística, após formadas (movimento onomasiológico), as preposições geralmente

podem adquirir outros significados, como **sobre**: depois de surgir para indicar superioridade, passou a indicar também assunto, fato que resultou em uma de nossas perguntas de pesquisa.

A Ecolinguística, portanto, foi escolhida para dar suporte a esta pesquisa, pois ela encara os fenômenos linguísticos, no caso as preposições, de forma holística partindo de uma postura onomasiológica, que vê a questão da referência, ou seja, parte da coisa e vai em direção ao nome que ela (ele) recebe. É por esse motivo que o estudo se insere, principalmente, no ecossistema natural da língua. Entretanto, o mental também é ativado, uma vez que é no cérebro que se formam as relações; é nele que elas se armazenam e são usadas. Por fim, é no consenso social, nos membros da população organizada socialmente, a sociedade, que tudo isso se realiza e se confirma (COUTO, 2010, p. 04)

Apesar do que acaba de ser dito, ao avançarmos com a pesquisa um percurso inverso também é adotado ao assumirmos uma postura semasiológica diante do fenômeno. De acordo com Couto (2010, p. 13), essa postura “consiste em partir dos nomes e ir na direção do que eles designam”, pois é assim que se pôde investigar que outros significados as preposições foram adquirindo no uso real da língua. Ambas as posturas se complementam e, para que se possa obter um estudo predominantemente semântico completo das preposições, o que difere esse estudo dos demais feitos na área, é necessário partir da perspectiva onomasiológica indo em direção a uma perspectiva semasiológica com base nos fundamentos ecológicos.

Perguntas que ora nos instigavam têm sido respondidas, mas uma delas ainda paira por nossas mentes. O que seria a prototipicidade, ou melhor, o *protótipo* para a Ecolinguística? A prototipicidade é vista pela Ecolinguística de maneira *sincrônica*, isto é, encara-se o estudo das preposições em um momento específico. Isso faz com que a preposição seja submetida à evolução e à mudança, as quais repercutem para a alteração e a ampliação de seu sentido. Assim, tanto o significado onomasiológico quanto semasiológico coexistem na Sincronia da língua, segundo a Ecolinguística.

Nesse sentido, a Ecolinguística enxerga o *protótipo* sob a perspectiva de Rosch (1978). Ele é considerado o exemplo mais adequado, mais representativo de uma categoria. Ele não é apenas uma categoria específica ou estrutura mental, mas sim o exemplo mais claro e que melhor pertence a uma determinada classe (ROSCH, 1978). Dessa maneira, o *protótipo* atua como um “ponto de referência cognitiva” para os processos de classificação dos elementos da nossa experiência com o mundo físico, de modo que o sentido prototípico das preposições serve como ponto de partida para o desenvolvimento de outros sentidos como vemos no desenrolar de nossa pesquisa. Além de que o *protótipo*, dentro de uma categoria, é

caracterizado pela sua frequência de uso, ou seja, ele se define com base em uma alta frequência, segundo Rosch (1978).

Nessa perspectiva, por mais que na Ecolinguística, até certo ponto, o significado prototípico coincida com o sentido originário, porque aquilo que é mais representativo quanto ao significado das preposições é também o *originário* na ERE, *protótipo* não é o mesmo que *originário* conforme afirma Couto (fonte não publicada). Sendo assim, ao falarmos em prototipicidade ao invés de originário estamos encarando as preposições como uma classe sincrônica. Dessa forma, são questões sincrônicas que interferem no uso e na frequência das preposições como dito anteriormente.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é caracterizada como qualitativa, que parte de uma postura ecológica, ao encarar o objeto de maneira holística, partindo da perspectiva onomasiológica e complementando-a com a perspectiva semasiológica, tendo como critério auxiliar uma análise quantitativa prévia, mas que, conforme Borba (1971), não chega a ser um trabalho de estatística linguística. O uso de quantificações foi apenas instrumental para que pudessemos selecionar o material pela sua ordem de importância na dinâmica do sistema, vale dizer, em termos de sua vitalidade como antes foi explicado. Isto é, o método quantitativo contribui com a minha pesquisa para a demonstração sistemática dos meus dados.

Ao lado do levantamento bibliográfico, os dados foram obtidos numa primeira etapa, que constou do levantamento quantitativo das preposições do português nas produções textuais. Logo a seguir, as preposições foram descritas, classificadas e interpretadas de forma qualitativa segundo os postulados de Denzin & Lincoln (2006, p. 16), de acordo com os quais essa conduta é “em si mesma um campo de investigação que atravessa disciplinas, campos e temas”, que se vale de uma ampla variedade de atividades interpretativas interligadas, sem, no entanto, privilegiar uma prática metodológica em relação à outra.

Conforme Couto *et al.* (2016), a ERE, inserida na Ecolinguística, segue as categorias de análise da Ecologia por ser uma disciplina de base ecológica. Em outras palavras, ela tem como base epistemológica a Ecologia Biológica, pois percebe que as interações linguísticas funcionam de acordo com os mesmos princípios ecológicos, segundo Couto *et al.* (2016). Contudo, não faz uso desses conceitos de forma metafórica, pois se propõe a explicar de que maneira isso acontece (COUTO, 2016, p. 210). Isto é, ela não vai apenas relacionar os conceitos ecológicos aos fenômenos linguísticos, mas sim explicá-los a partir da existência daquele princípio, no fenômeno.

Nesse sentido, na etapa seguinte de explicação do fenômeno, as categorias de análise utilizadas partiram dos preceitos da ERE, que mostra as preposições a partir do conceito de espacialidade, ou seja, a primeira categoria parte dos próprios conceitos de espacialidade, seguido do conceito de diversidade, que diz respeito a toda a variedade semântica de uma preposição. Além desse, temos o conceito de reciclagem pelo qual as preposições passam ao terem o seu domínio semasiológico alargado, isto é, elas são reaproveitadas ao designarem outras coisas no mundo, mantendo-se as mesmas.

Temos também os conceitos complementares de evolução e adaptação. O primeiro está associado à mudança que a significação das preposições sofre a partir de uma significação já existente, ou seja, os significados genéricos evoluem a partir do significado prototípico de espacialidade, o qual deixa seus vestígios neles. Já o segundo conceito propicia o equilíbrio das preposições e faz com que elas não desapareçam da língua, pois ao se adaptarem ao longo do tempo elas ampliam seu matiz significativo para que possam atender às novas demandas comunicativas e expressivas. Posteriormente, temos a categoria de produção de significação/semântica para que pudéssemos abordar a polissemia. Na sequência, a referencialidade/onomasiologia e a autonomia da língua/semasiologia. Por fim, temos o conceito de porosidade ou abertura, de modo que as preposições apresentam uma característica permeável, o que possibilita uma troca semântica e uma influência mútua entre ela e os outros elementos que ela inter-relaciona na sentença.

A dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos mais as considerações finais, que estão dispostos da seguinte maneira: no capítulo 1, “Um panorama das preposições da língua portuguesa”, realizamos uma demonstração panorâmica das preposições da língua portuguesa, de maneira a explicar as diferentes concepções existentes sobre essa categoria. Nesse sentido, trouxemos, no tópico 1.1, a visão tradicional das gramáticas de Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008). Nelas, o foco estava no critério sintático de análise das preposições, sendo a descrição semântica bastante sumária, como se não tivesse uma base em comum.

Logo em seguida, no tópico 1.2, seguimos em direção aos estudos linguísticos de Borba (1971) e de Ilari (2015). Ambos se mostraram mais completos e detalhados que os estudos tradicionais ao darem margem a outros aspectos que não só o sintático na análise das preposições. No entanto, a sintaxe ainda se faz bastante presente estando o sentido das preposições atrelado, em muitos momentos, a aspectos dela. Realizamos esse panorama a fim de obtermos uma visão ampla e um maior domínio sobre o que circunda as preposições.

O capítulo 2, “Ecolinguística: aspectos teóricos”, traz o suporte teórico que fundamentou a pesquisa, a Ecolinguística. Em um primeiro momento, no tópico 2.1, traçamos um percurso histórico com os precursores da Ecolinguística chegando às suas bases fundantes, às principais categorias de análise e a algumas de suas concepções. Em um segundo momento, no tópico 2.2 apresentamos o Ecosistema Integral da Língua, o qual a Ecolinguística tem como parâmetro fundante. Em um terceiro momento, no tópico 2.3, tratamos da interação comunicativa, a qual se dá no interior do Ecosistema Linguístico e se constitui como uma das bases da língua para a Ecolinguística. Por fim, no tópico 2.4, abordamos a Endoecologia e a Exoecologia que tratam de fenômenos internos e externos à língua, respectivamente.

Já no capítulo 3, “Semântica: uma dialética entre Onomasiologia e Semasiologia”, trazemos uma reflexão acerca da Semântica com base nos fundamentos ecológicos, na qual a significação emerge em meio às interações no Ecosistema Linguístico. Esse capítulo é composto pelo tópico 3.1, em que apresentamos uma discussão sobre a Semântica e seus desdobramentos na Ecolinguística; no tópico 3.2, conceituamos a Onomasiologia e Semasiologia, que são parte da Semântica. No tópico 3.3, tratamos da Onomasiologia e Semasiologia sob o olhar da Ecolinguística, pois a Semântica, nessa disciplina, é praticada dialeticamente, ora partindo da Onomasiologia e complementando-a com a Semasiologia, ora indo na direção inversa; no tópico 3.4, mostramos essas duas posturas aplicadas às preposições da língua portuguesa. Já, no tópico 3.4.1, expomos a Ecologia das Relações Espaciais que se constitui como a base onomasiológica das preposições do ponto de vista ecolinguístico. Finalmente, no tópico 3.5, trazemos a perspectiva da Ecolinguística acerca da prototipicidade, a qual é adotada por essa disciplina ao encarar a análise das preposições sob uma perspectiva sincrônica, em que há a dialética entre a Onomasiologia e a Semasiologia.

No capítulo 4, “Semasiologia das preposições: descrição e análise” complementamos nosso estudo, ao adotarmos a postura semasiológica na descrição e análise das preposições utilizadas nas redações de vestibulares da UFG. Neste capítulo, olhamos individualmente para essas preposições, verificando quais são seus usos. Nesse momento, realizamos a descrição e a análise dessas preposições de acordo com as categorias ecolinguísticas, em que observamos os diversos significados que elas assumem no uso, verificando aquelas preposições que mantêm seu significado prototípico e a alteração no uso delas, bem como a sua substituição por locuções prepositivas, entre outras ocorrências.

Por fim, nas considerações finais, retomamos nossos objetivos, os quais foram alcançados no decorrer de nossa análise, junto às contribuições desencadeadas por essa pesquisa. Nesse sentido, recuperemos a nossa pergunta de pesquisa: Por que as preposições vão alargando seu domínio semasiológico? Para a Ecolinguística, a língua surge da observação do mundo, porém, após formada, ela adquire uma relativa autonomia, permitindo criar novos mundos. Assim acontece com as preposições. O sentido prototípico, espacial, surge a partir das relações observadas no mundo natural e, depois de formado, ele se amplia, gerando outros sentidos que vão dizer novas coisas sobre o mundo. Essa ampliação dos sentidos pode ou não apresentar resquícios dos usos prototípicos, no entanto, esse novo sentido sempre será motivado pelo significado espacial, mesmo que o falante não perceba, como menciona Ilari (2015).

Constata-se, então, que o significado prototípico das preposições serve como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, sendo os significados abstratos resultado desse processo. Com isso, as locuções prepositivas estão substituindo as preposições simples na representação espacial. Além disso, foi possível confirmar que as preposições não são vazias de significado ao contribuírem para a mensagem a ser expressa e, por isso, para a função primordial da linguagem, a comunicação, isto é, elas realmente possuem uma significação própria.

Enfim, espero que quem se propuser a ler essa dissertação se permita, assim como eu, a desbravar esse peculiar universo das preposições. Um mundo singular e extraordinário os espera. Afinal, parafraseando Shakespeare, há mais mistérios nesse mundo das preposições que a vã filosofia dos homens possa imaginar!

1 UM PANORAMA DAS PREPOSIÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo objetiva expor uma visão geral das preposições da língua portuguesa, de maneira a explicar as diferentes concepções existentes sobre essa categoria. Nesse sentido, apresentamos as abordagens feitas pelas gramáticas e por estudos linguísticos sobre as preposições do português brasileiro, mostrando a que critérios esses estudos se vinculam, em que convergem e divergem entre si e de que maneira descrevem e analisam essas preposições. Para tanto, no tópico 1.1, partimos das abordagens sintáticas feitas por Bechara (2009), na obra *Moderna Gramática do Português*, e sintático-semânticas, realizadas por Cunha e Cintra (2008), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. No tópico 1.2, chegamos aos estudos linguísticos de Borba (1971), autor que faz uma análise sistemática de todas as preposições ao abordar diferentes critérios linguísticos (sintático, semântico, morfossintático etc.), e finalizamos com uma pesquisa mais contemporânea das preposições, feito por Ilari (2015), que tem como base o critério sintático-semântico fundamentado em uma perspectiva cognitiva.

1.1 Preposições da língua portuguesa: gramáticas normativas

Mesmo que de maneira sumária e detalhista, como afirma Ilari (2015), as gramáticas normativas representam os primeiros estudos sistemáticos das preposições do português brasileiro, ao demonstrarem os seus empregos e as descreverem de forma detalhada. Nessa perspectiva, são as gramáticas tradicionais as precursoras dos estudos dessa categoria, apresentando as primeiras noções semânticas dessa classe, mesmo sendo uma característica vinculada à sintaxe.

Logo, privilegiando um critério sintático, Bechara (2009, p. 296) define a preposição como “uma unidade linguística desprovida de independência [...] que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações”. Isso significa que ela é uma unidade linguística que não aparece sozinha em um discurso, pois como afirma Câmara Júnior (2004), a preposição é classificada como uma forma dependente por não funcionar “isoladamente como comunicação suficiente”, sendo sua principal função estabelecer relação entre termos, subordinando um vocábulo a outro, ou seja, a preposição é definida como uma palavra dependente que relaciona dois termos, em que se subordina o segundo ao primeiro.

Por exemplo: “flor **do** campo”, em que a preposição **de** une o substantivo *flor* ao seu termo complementar *campo*, gerando uma relação de subordinação.

Nesse sentido, Bechara (2009, p. 296) ressalta, ainda, que as preposições não exercem “nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz”, isto é, são meras partículas gramaticais, categorias funcionais, as quais são um grupo de palavras gramaticais que têm um sentido geral, abstrato ou nenhum significado, mas apenas uma função gramatical (VELUPILLAI, 2012, p. 132). No entanto, apesar de transparecer nessas afirmações que as preposições não apresentam um significado, o referido autor (2009, p. 297), de forma contraditória, menciona que tudo na língua é semântico, ou seja, tem um significado, “que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações”. Assim, as preposições não fogem a essa regra, como podemos ver em: “Nós trabalhamos **com** ele, e não **contra** ele” (BECHARA, 2010, p. 290).

Dessa forma, Bechara (2009, p. 298) afirma que cada uma dessas preposições têm o seu significado fundamental, primário, do qual desdobram-se outros significados contextuais (sentido), “a que se chega pelo contexto e pela situação”. Ele menciona, ademais, que essas acepções emergem de forma particular a partir do nosso conhecimento de mundo. Exemplo: a preposição **com** tem o significado fundamental de ‘*copresença*’, “que se desdobra em outros significados contextuais de companhia, modo, instrumento, causa etc.” (BECHARA, 2009, p. 298).

Bechara (2009), portanto, descreve os sentidos das preposições de forma nocional, associando-os à sintaxe. Ao abordar o significado fundamental de cada preposição, ele afirma que:

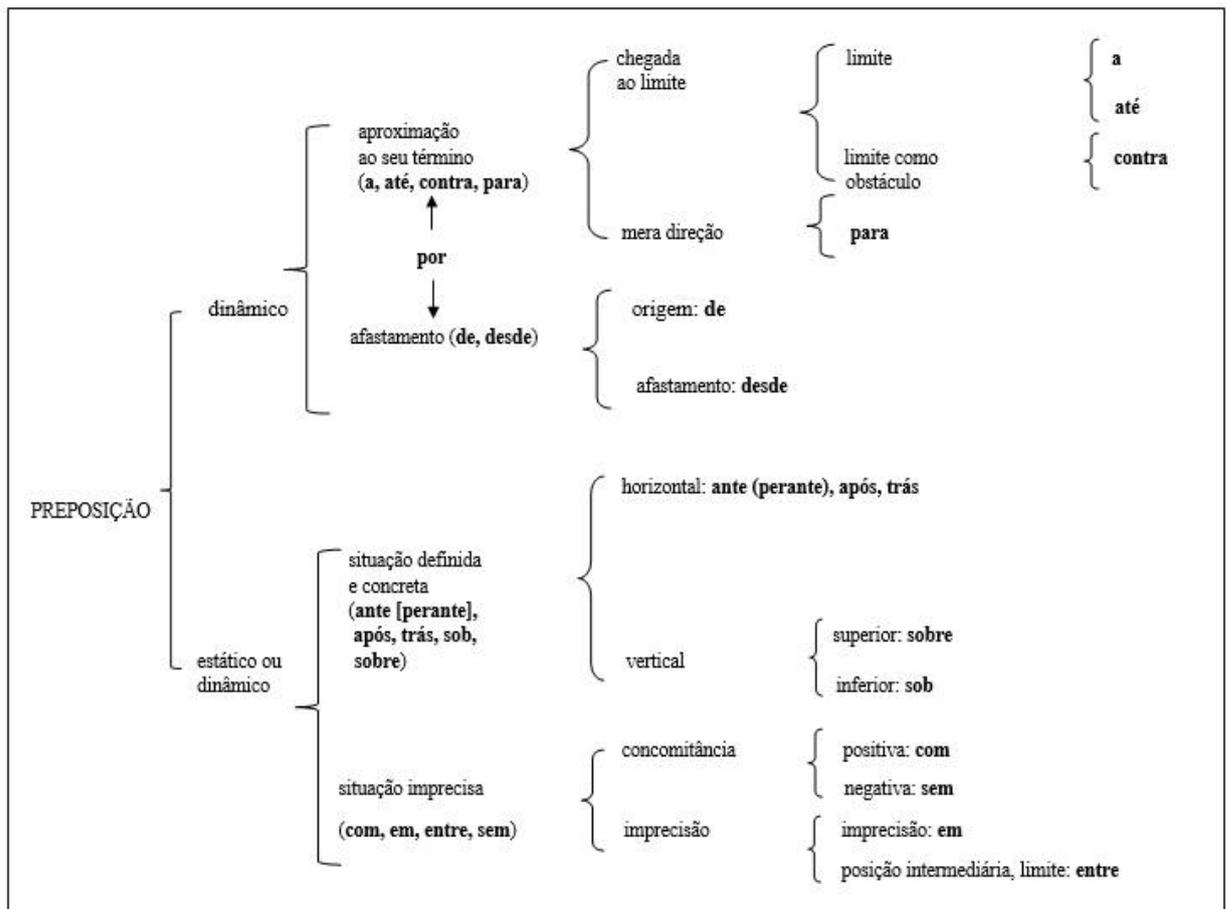
O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, se divide em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “*dinamicidade*” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “*estáticas*” e “*dinâmicas*” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. Ao primeiro campo pertencem: **a**, **contra**, **até**, **para**, **por**, **de** e **desde**; ao segundo: **ante**, **perante**, **após**, **trás**, **sob**, **sobre**, **com**, **sem**, **em** e **entre**. (BECHARA, 2010, p. 291, grifos no original).

De acordo com Bechara (2009), as preposições contidas nos dois grupos são bastante marcadas, fazendo referência tanto ao espaço quanto ao tempo. Assim, o referido autor vai além na descrição dessas preposições ao subdividir esses dois grupos em subgrupos e estes em outros subgrupos. Segundo ele:

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) *movimento de aproximação ao ponto de chegada* (**a, contra, até, para**); b) *movimento de afastamento* (**de, desde**). A preposição por se mostrar compatível com as duas noções [...] O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “*chegada ao limite*” (**a, até, contra**, sendo que **contra** se adiciona a noção de “*limite como obstáculo*” ou “*confrontamento*”); b) “*mera direção*” ou “*direção de demora*” (**para**). O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: a) “*origem*” (**de**); b) “*mero afastamento*” (**desde**). O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: a) *situação definida e concreta* (**ante, perante, após, trás, sob, sobre**); b) *situação mais imprecisa* (**com, sem, em, entre**). O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “*situação horizontal*” (**ante, perante, após, trás**); b) “*situação vertical*” (**sob, sobre**). O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: a) “*copresença*”, distribuída em “*positiva*” (**com**) e “*negativa*” (**sem**); b) em que a noção de “*limite*” [...] marca a preposição **entre**. (BECHARA, 2010, p. 291-292, grifos no original).

Esses traços semânticos podem ser melhor visualizados na Figura 1, em que se encontra o resumo do sistema preposicional do português em conformidade com Bechara (2009, 2010):

Figura 1 – Traços semânticos

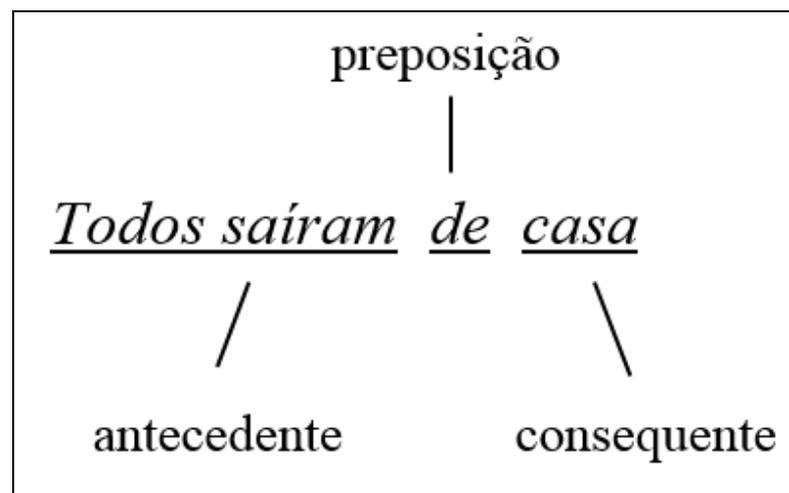


Fonte: Bechara (2010, p. 292).

Assim, percebemos que a descrição semântica feita por Bechara (2009, 2010) ocorre de forma nocional, em que o critério levado em consideração é o sentido do predicado verbal, mesmo que de maneira implícita. Desse modo, o sentido da preposição, tanto fundamental quanto contextual, que pode fazer referência a espaço/tempo, decorre da junção dos elementos que a antecedem e a sucedem. Portanto, sua definição e sua descrição semântica são baseadas no critério sintático. Nessa perspectiva sintática, Cunha e Cintra (2008) também definem as preposições, mas ao fazerem a descrição delas se baseiam no critério semântico.

Para Cunha e Cintra (2008, p. 569), as preposições “são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)”. Logo, o termo anterior à preposição chama-se antecedente e o posterior denomina-se consequente. Cunha e Cintra (2008, p. 569) apresentam o seguinte exemplo:

Figura 2 – Elementos antecedente/consequente



Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 570).

Tanto Bechara quanto Cunha e Cintra classificam as preposições em **essenciais**, ou seja, aquelas que só aparecem na língua para desempenhar o papel de preposição, conforme afirma Bechara (2009, p. 301), a saber: **a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás**. Ademais, temos as preposições **acidentais**, que são, de acordo com Bechara (2009, p. 301), “as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições”, como **afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, tirante, segundo, senão** etc.

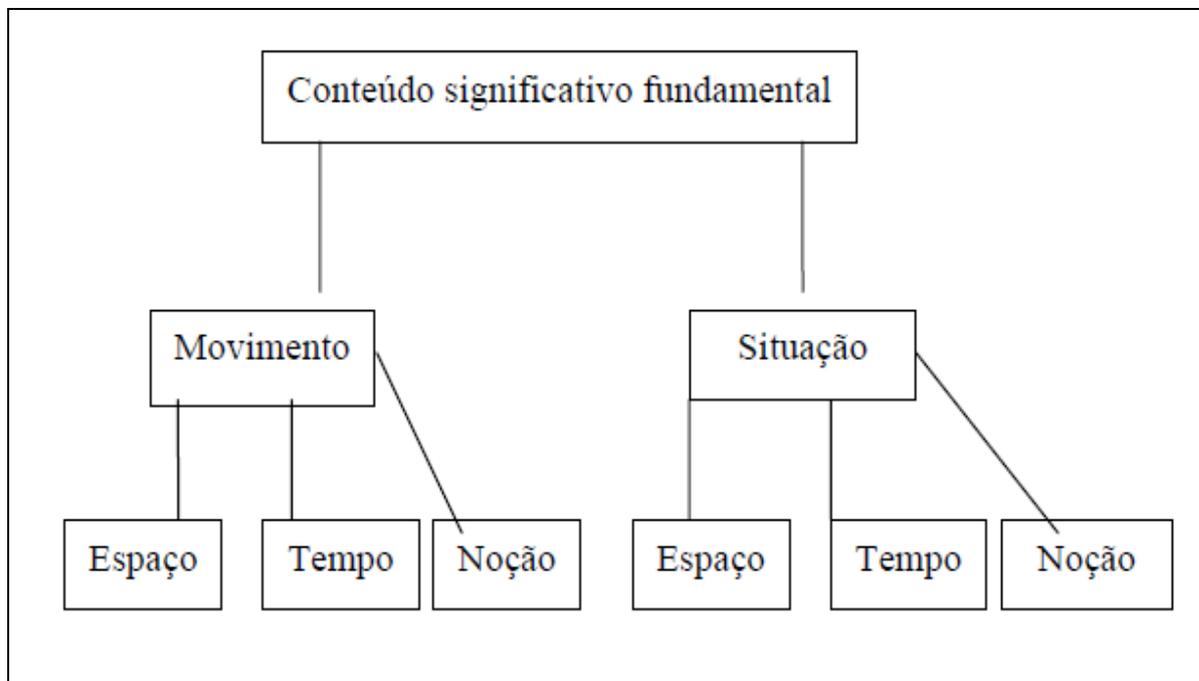
Além dessas duas classificações, ambos os autores apresentam as *locuções prepositivas*, que são “o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição”, segundo

Bechara (2009, p. 301). Elas são constituídas de dois ou mais vocábulos e seguidas, geralmente, das preposições simples **de**, **a** ou **com**. Alguns exemplos apresentados por Cunha e Cintra (2008, p. 570) são: **a despeito de**, **de acordo com**, **em frente a**, **por diante de**, **em torno de**, **junto a**, **a fim de** etc.

Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008), dessa forma, convergem em suas concepções ao adotarem o critério sintático para definirem as preposições, voltando-se, logo, para sua função gramatical, sendo elas apenas um elemento de ligação na frase ou oração. No entanto, Cunha e Cintra (2008) divergem de Bechara (2009) ao adotarem o critério semântico na descrição dos significados das preposições, os quais se ligam às noções de espaço e tempo. Nessa perspectiva, Cunha e Cintra (2008) adotam as teorias linguísticas de Pottier, que serão expostas oportunamente ao falarmos da Ecologia das Relações Espaciais (ERE).

Cunha e Cintra (2008, p. 572) observam que as preposições apresentam uma variada gama de usos no discurso, sendo possível estabelecer, para cada uma delas, uma significação fundamental, por meio das noções de movimento ou de situação aplicável aos campos espacial, temporal e nocional, os quais se resumem no esquema a seguir:

Figura 3 – Esquema das preposições



Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 572).

Os exemplos a seguir fazem referência, respectivamente, aos campos espacial, temporal e nocional. Desse modo, a preposição **de**, por exemplo, estabelece uma relação, segundo Cunha e Cintra (2008, p. 571):

(1) *espacial*, em:

Todos saíram **de** casa.

(2) *temporal*, em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

(3) *nocional* em:

Livro **de** Pedro

Cunha e Cintra (2008, p. 571), portanto, afirmam que os matizes significativos que as preposições podem adquirir em diferentes contextos sempre derivam do seu conteúdo significativo fundamental, marcado pela expressão de movimento ou de situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional, com a presença ou ausência de movimento.

Além disso, os referidos autores (2008, p. 574) ainda propõem uma classificação baseada no tipo de relação sintática que as preposições estabelecem, a qual é denominada função *relacional*. Quanto mais ou menos intensa for a relação sintática entre as palavras, menos ou mais visível será a significação da preposição. Essa relação pode ser *fixa*, *necessária* ou *livre* segundo Cunha e Cintra (2008). Nas *relações fixas*, verifica-se que o uso uniu de tal forma as palavras que elas passaram a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta. Nesse caso, a função relacional de origem e o sentido fundamental da preposição se esvaziam completamente, mudando totalmente sua denotação, como em **dar com** (= “**topar**”) (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 574). Nas *relações necessárias*, as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente, sintaticamente indispensável. Nesses casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo. Como mencionam Cunha e Cintra (2008, p. 575), são os casos de: verbo + preposição + objeto direto (Ontem fui **a** Cambridge); substantivo + preposição + complemento nominal (Foi vontade **de** Deus); verbo + preposição + adjunto adverbial necessário (Eu já não me lembro **de** nada). Nas *relações livres*, a presença da preposição é possível, mas não necessária sintaticamente e, conseqüentemente, seu significado fundamental tem alta intensidade, como em “procurar **por** alguém/procurar alguém” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 575).

Nesse sentido, Cunha e Cintra (2008) fazem uma ressalva de que os diferentes usos das preposições decorrem dos significados fundamentais de espaço, tempo e noção, mesmo

naqueles casos em que se despreza o sentido da preposição e o considera apenas um elo sintático, vazio de conteúdo nocional.

Cunha e Cintra (2008) apresentam os valores das preposições ao descreverem-nas a partir do esquema proposto sobre o significado básico. Vejamos a seguir alguns exemplos desses valores expostos por esses autores (2008):

A

Movimento = direção a um limite:

- (4) no espaço: Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda;
- (5) no tempo: Daqui **a** uma semana, o senhor vai lá em casa;
- (6) na noção: A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.

Situação = coincidência, concomitância:

- (7) no espaço: A mulher adormeceu **ao** seu lado;
- (8) no tempo: **Ao** entardecer, avistei uma povoação;
- (9) na noção: Não podemos gastar dinheiro **à** toa.

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

- (10) no espaço: Foi pelo corredor afora, quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos;
- (11) no tempo (substituído por **antes de**): Tenho de estar de volta **antes das** sete horas;
- (12) da noção: **Ante** a súbita ideia, Alberto hesitou.

APÓS

Situação = posteridade relativa a um limite próximo ou consequência:

- (13) no espaço: Seguiam logo **após** o capitão-mor;
- (14) no tempo: **Após** alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

- (15) no espaço: Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba;
- (16) no tempo: Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade, modo, meio, causa, concessão:

(17) na noção: Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária:

(18) no espaço: Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara;

(19) na noção: Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem, causa, posse etc.:

(20) no espaço: Vinha **de** longe o mar;

(21) no tempo: Roma fala **do** passado ao presente;

(22) na noção: Mais do que a sombra **do** teu vulto, vi o claro outrora **do** teu riso largo.

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida:

(23) no espaço: **Desde** longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeadada do poente irradia como uma assombração;

(24) no tempo: **Desde** o ano passado guardara sua mágoa.

EM

Movimento = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

(25) no espaço: Os Garcias entraram **em** casa calados;

(26) no tempo: Nazário visitava-as de quando **em** quando;

(27) na noção: E a lagoa entrou **em** festa.

Situação = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

(28) no espaço: Ângelo estava estirado **na** casa;

(29) no tempo: Tudo aconteceu **em** 24 horas;

(30) na noção: Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

(31) no espaço: Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado **entre** batatas loiras;

(32) no tempo: Todos os barcos se perdem **entre** o passado e o futuro;

(33) na noção: Prossiga ela sempre dividida **entre** compensações e desenganos.

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva.

(34) no espaço: Agora não lhe interessava ir **para** o Huamba;

(35) no tempo: Lá **para** o fim da semana;

(36) na noção: Cala-se **para** mentir.

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativa a um limite, presença, confronto:

(37) no espaço: Perderias totalmente o prestígio **perante** eles;

(38) na noção: Um arrependimento tardio **perante** o irremediável.

POR (PER)

Movimento = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:

(39) no espaço: Vai-se **por** aí devagarinho;

(40) no tempo: Daqui **por** seis meses quero beber água dele;

(41) na noção: Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.

Situação = resultado do movimento de aproximação a um limite:

(42) no espaço: Vai de calção **por** baixo;

(43) no tempo: **Pelo** crepúsculo, a chuvada esmoreceu;

(44) na noção: Volto-me **por** acaso.

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:

(45) na noção: O sol subia no céu azul **sem** nuvens.

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite:

(46) no espaço: **Sob** a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas;

(47) no tempo: **Sob** os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras;

(48) na noção: **Sob** certos aspectos, foi ele, não há dúvida, “o último lusíada”.

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite, com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:

(49) no espaço: Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa;

(50) no tempo: Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.

(51) na noção: Conversaram alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.

TRÁS

Indica situação posterior, no entanto, arcaizou-se. Atualmente, foi substituída pelas locuções prepositivas **atrás de** e **depois de**.

Nessa listagem dos valores dessa categoria feita por Cunha e Cintra (2008), notamos que as preposições que não se relacionam às noções de espaço/tempo são **com** e **sem**. Já as preposições **contra** e **perante** não estão relacionadas ao sentido temporal. Por fim, as preposições **após** e **até** não se relacionam ao sentido nocional.

Assim, tanto a gramática de Bechara (2009) quanto a de Cunha e Cintra (2008) privilegiaram o critério sintático na definição da preposição. Além disso, mesmo na descrição semântica dessa classe, principalmente em Cunha e Cintra (2008), o que ocorre, na verdade, é a descrição do sintagma (verbal, nominal ou adjetival) subordinado ao critério sintático de regência. Então, as noções de espaço e tempo, nas considerações semânticas, partiram da natureza lexical seja do complemento ou do adjunto verbal. Diferentemente dessas abordagens, nossa pesquisa se centra no critério semântico, na descrição e na análise das preposições da língua portuguesa.

Como nosso objetivo é estudar as preposições do português em uma perspectiva Ecolinguística, olhando esse fenômeno como um todo funcional, bem como a interdependência de suas partes, além de que modo ele se insere em seu Meio Ambiente Mental, Social e Natural, abordaremos dois estudos linguísticos que tratam das preposições do português sob o critério sintático-semântico, além de vê-las de forma tanto sincrônica quanto diacrônica. Para tanto, os estudos escolhidos são o de Borba (1971) e o de Ilari (2015). Passemos ao tópico 1.2 a seguir.

1.2 Preposições da língua portuguesa: estudos linguísticos

Até 1971, não havia, em nossa língua, um estudo completo e sistematizado das preposições que perpassasse por todos os planos – sintático, semântico, morfológico e fonológico. Foi com Francisco da Silva Borba (1971), em *Sistemas de preposições em português*, que as preposições do português foram estudadas dessa forma.

Nesse sentido, Borba (1971) adotou critérios funcionais, formais e semânticos para estudar essa categoria. Quanto à função, a preposição é vista por ele como uma unidade sintática, por ser uma classe relacional, e sempre ocorre “no eixo sintagmático, cumprindo a função e/ou conjunção lógica” (BORBA, 1971, p. 208). Quanto à forma, é tida como uma unidade lexical, por ser um lexema “com autonomia fônica e valor individual pertencente a uma classe paradigmática” (BORBA, 1971, p. 209). Além disso, é considerada uma unidade semântica por conter um valor, mais interno ou externo, nas relações que estabelece.

Borba (1971) descreve, então, as preposições de maneira explicativa, ou seja, ele explica o fenômeno para além de pura e simplesmente descrevê-lo. Desse modo, apresenta um quadro das preposições portuguesas, as classifica e as analisa, focalizando os estratos morfossintático, semântico e fônico.

Para descrever e classificar o sistema preposicional, Borba (1971) se utiliza dos conceitos teóricos básicos da teoria distribucional, como ambiência ou posição, associação etc. Essa teoria prioriza o estudo da forma da língua, destacando os enunciados, sua estrutura e função, sem considerar o valor semântico dos elementos linguísticos (BORBA, 1971, p. 21). Ele usa essa teoria associada aos princípios básicos da gramática transformacional, como a frase nuclear, as estruturas profunda e superficial, as operações de transformação etc. A teoria transformacional consiste em uma “formalização rigorosa da descrição sintática mediante redução a símbolos”, procurando construir modelos capazes de explicar e elaborar todas as frases de uma língua (BORBA, 1971, p. 22). Para isso, ele se apoiou teoricamente em Harris, Chomsky, Ruwet e Dubois.

A partir dessas teorias, percebemos que, por mais que Borba (1971, p. 206) perpassasse por todos os estratos linguísticos em seu estudo, o critério sintático se sobressairá aos demais. Em vista disso, o autor define as preposições como “partículas que põem unidades livres em relação de subordinação em nível vocabular”, isto é, elas são partículas de relação, que sempre ligam duas palavras nocionais ou palavras de classe aberta (verbos, substantivos etc.). A relação é uma característica geral das preposições, por ser um traço pertencente a outras

classes. No entanto, o importante dessa relação é sua natureza – a subordinação, que dá um aspecto diferente a cada termo relacionado. Nesse sentido, Borba (1971, p. 205) afirma que “as preposições são, então, relacionais subordinativos. É essa relação de subordinação que fundamenta o fenômeno da regência, cuja formulação depende da natureza da classe de relacionais da língua”.

As preposições, por serem de natureza relacional, contêm uma significação gramatical muito mais evidente que seu valor semântico objetivo. Contudo, seu caráter relacional não invalida a premissa de que elas têm uma significação própria, não são vazias de significado. O problema, segundo Borba (1971, p. 78), é que a realização dessas significações depende de aspectos contextuais a que nem sempre estão sujeitas as palavras de classe aberta, ou seja, seu valor semântico se depreende da relação significativa entre os iniciais e os terminais. Podemos afirmar, portanto, que o aspecto semântico dessa classe se vincula, essencialmente, a uma sintaxe, sendo ele denominado por Borba (1971) de semântica-sintática, a qual atribui o mesmo valor ao sintagma.

Entretanto, apesar de o valor semântico das preposições, na maioria das vezes, estar associado a uma sintaxe, Borba (1971, p. 78) demonstra que a divergência semântica de muitos textos se deve à preposição como, por exemplo, em: Hoje eu queria andar lá em cima, **nas** nuvens, **com** as nuvens, **pelas** nuvens, **para** as nuvens, ou, então, a constatação dessa diferença se faz pela ausência ou presença de uma preposição.

A partir disso, Borba (1971, p. 79) descreve semanticamente as preposições, que ele afirma terem significação interna e significação externa. A significação interna tem caráter abstrato e geral. Esse caráter genérico se refere à espacialidade. Já a significação externa exprime uma relação específica, a qual se refere ao movimento no espaço, sendo a realização dessa significação externa sempre contextual, em que a preposição funciona apenas como uma peça acessória do conjunto significativo. Exemplo: Corre **à** sala de cirurgia.

Outros valores, além do espacial, também podem decorrer de contágio no sintagma, como, por exemplo, o valor de posse (O porquinho **da** Betty); matéria (Colher **de** pau); assunto (**Da** arte de ser mulher esclarecida); causa (Os olhos cozidos **de** tanto chorar). No caso do sentido temporal, ele só ocorre no contágio com outros elementos do sintagma, por exemplo: **Ao** meio dia, no seu apartamento (BORBA, 1971, p. 79).

Borba (1971) apresenta os valores das preposições ao demonstrar a distribuição das realizações semânticas, a começar pelo sentido básico delas, o espaço-temporal, isto é, a localização no espaço ou no tempo. Vejamos alguns deles:

A

- (52) **direção no espaço** = Volta à cadeira.
 (53) **duração no tempo** = Na rua a uma hora dessas?

ANTE

- (54) **posição fronteira** = A caterva desembestada pararia **ante** o orador.

ATÉ

- (55) **limitação no espaço** = Quis... chegar **até** a janela.
 (56) **limitação no tempo** = O trabalho deverá ser concluído **até** 15 de fevereiro.

APÓS

- (57) **posteridade no espaço** (pouco usado coloquialmente) = Minha casa fica **após** o cemitério.
 (58) **posteridade no tempo** = Voltou **após** uma semana.

COM

- (59) **acompanhamento no espaço** = Fui roubar caju **com** ele.
 (60) **duração no tempo** = Senhores passageiros, viagem direta **com** 19 horas.

CONTRA

- (61) **em direção contrária, de encontro a** = [...] e me atirou **contra** a mesa.

DE

- (62) **ponto de partida, separação no espaço** = Leva a vida toda para sair **do** quarto.
 (63) **tempo quando** = Foi barbeiro do menino Arthur, **de** menino, **de** moço, **de** homem.

DESDE

- (64) **ponto de partida no espaço** = [...] vinha em sua perseguição **desde** a casa de nhô Venâncio.
 (65) **ponto de partida no tempo** = Comece a tomar **desde** hoje pílulas Foster.

EM

(66) **inclusão no espaço** = Por que não ficamos um pouco mais **em** casa?

(67) **inclusão no tempo** = A festa da cerveja começa **na** sexta-feira.

ENTRE

(68) **interposição no espaço** = [...] construção de uma ponte **entre** a ilha e o continente.

(69) **interposição no tempo** = [...] **entre** 1892 e 1896.

PARA

(70) **direção no espaço** = Viajou **para** Buenos Aires.

(71) **tempo futuro** = Logo teve intuição do que estava **para** acontecer.

PERANTE

(72) **diante de, no espaço ou no tempo** = Só tive uma mulher: a que recebi **perante** Deus.

POR

(73) **ao longo do espaço** = [...] um corpo solitário vagando **pela** calçada.

(74) **tempo durante** = [...] assim mesmo só deu certo **por** sete meses.

SOB

(75) **posição inferior** = **Sob** a janela que dava para a rua [...].

SOBRE

(76) **posição superior** = A sombra da pitombeira crescia mais ainda **sobre** a casa.

Segundo Borba (1971, p. 100), as preposições exprimem uma relação básica de espaço ou de tempo, porém, essa relação genérica básica se diversifica, ou seja, esse sentido básico da preposição se amplia. Isso ocorre quando se substitui a classe ou subclasse que condiciona essas preposições. Desse modo, essa categoria apresenta valores nocionais bastante diversificados, como se percebe nos casos a seguir:

A

(77) **modo** = [...] camarões **à** baiana.

ANTE

(78) **anterioridade** = A figura da mãe se erguia toda poderosa **ante** nossa desvalidez infantil.

ATÉ

(79) **limitação** = Um couro de gato pode custar **até** 20 mil cruzeiros.

DE

(80) **posse** = A chave **do** apartamento.

EM

(81) **causa** = Fica se contorcendo **em** dores.

COM

(82) **conteúdo** = Caixas **com** remédio.

CONTRA

(83) **oposição** = Remédio **contra** mordeduras.

ENTRE

(84) **partitivo** = **Entre** inúmeras lembranças, elegeu duas ou três preferidas.

PARA

(85) **proporção** = O peru está **para** a América do Sul como a Bahia está **para** o Brasil.

POR

(86) **meio, instrumento** = [...] morte **por** trinta facadas.

SOBRE

(87) **assunto** = Prefiro não falar **sobre** isto.

As outras preposições – como: **após, desde, sob e perante** – apresentam significações mais específicas e, portanto, não há uma diversificação clara do seu sentido, como ocorre com as mencionadas anteriormente.

Notamos, com a descrição de Borba (1971), que as preposições apresentam uma natureza semântica abstrata e genérica por terem uma ampla distribuição e multiplicidade de valores semânticos devido ao seu alto grau de frequência, mas contêm uma significação

básica que se refere ao espaço/tempo comum a todas elas. As outras realizações semânticas particulares podem derivar ou não desse sentido básico, conforme o conjunto significativo a que pertence.

De acordo com Borba (1971, p. 94), a realização das significações dessa classe, tanto a significação interna quanto a externa, depende, em grande parte, do contexto, ou seja, do conteúdo semântico dos elementos relacionados pelas preposições. Para indicar espaço ou tempo, é necessário que os elementos a que se ligam sejam palavras de noção espacial ou temporal, assim como a diversificação desse sentido se deve à mudança da classe ou subclasse a que as preposições se ligam. Nessa perspectiva, quando a significação básica é conservada, a preposição se concentra em um só sentido, tornando-se mais independente, como, por exemplo, as preposições **ante**, **contra**, **sob** e **sobre**, que só indicam espaço, e não tempo, mesmo as realizações espaço-temporais sendo comuns a essa categoria. Portanto, mesmo Borba (1971) demonstrando que as preposições não são vazias de significado, na grande maioria das vezes seu sentido está atrelado a um conjunto significativo, ou seja, o valor semântico dessa classe depende de uma sintaxe.

O referido autor (1971), além de compreender a preposição como uma unidade significativa, classifica-a de acordo com sua função morfossintática. Ele demonstra que ela é um morfema de transposição ou de transformação por conferir ao ‘terminal’ (termo regido) um valor sintático específico.

Borba (1971, p. 207) distingue, então, dois casos: “(i) a preposição não é o único responsável pela transformação e (ii) a preposição é o único responsável pela transformação. No primeiro caso, todo o enunciado se transforma como acontece na **nominalização** e na **apassivação**”, que são denominadas pela gramática transformacional como propriedades recursivas das orações. Por meio dessas propriedades, é possível converter um sintagma nominal (SN) em um sintagma verbal (SV). Por exemplo:

a) **nominalização** – a transformação de um núcleo verbal em um núcleo nominal por afixação ou outro processo, como o acréscimo de uma preposição:

A ditadura caiu → A queda da ditadura SN SV SN SN
--

b) **apassivação** – a transformação de frase ativa em frase passiva. Aqui, o SN que funciona como agente sempre é introduzido por uma preposição:

A vida de deputado desencanta um pouco → Um pouco desencantando **com** a vida de deputado.

O segundo caso, de acordo com Borba (1971, p. 207), ocorre na oração e a função específica do termo regido não depende tanto da preposição como da classe ou subclasse do termo regente. Exemplo:

Colher <u>de pau.</u> N adj	Saiu <u>pelas ruas.</u> Vi adv	Gosta <u>de frutas</u> Vt obj.ind
-----------------------------------	--------------------------------------	---

Como afirma Borba (1971, p. 207), nesses dois casos, porém, a preposição não passa de indicador “do tipo de função morfossintática, funcional de **nominalização** ou de **apassivação; adjetivador** ou **adverbializador** e funcional de objeto indireto”. Isso mostra que Borba (1971) acredita que as preposições são palavras funcionais, partículas relacionais, pois marcam a natureza sintática dos elementos que colocam em contato.

Nessa perspectiva, as preposições colaboram também para o valor expressivo do sintagma, acrescentando ao enunciado um valor emotivo, apreciativo etc. Contudo, esse valor expressivo, muitas vezes, é desnecessário para a comunicação intelectual, mas ocorre para expressar matizes muito sutis do pensamento. Por exemplo: Escangalharam o Brasil → Escangalharam **com** o Brasil (BORBA, 1971, p. 207).

Por fim, Borba (1971, p. 197) demonstra a representação fônica dessa categoria ao dizer que ela tem um volume fônico reduzido, intrinsecamente associado à frequência dessa classe, isto é, quanto mais alta a frequência, menor a massa fonética de uma palavra. As preposições são altamente frequentes, entre elas, as mais simples fonicamente, como **para**, registrada na língua como **pra** – Tudo serve **pra** desculpar vagabundagem –, e apresentam um baixo volume fônico.

No português brasileiro, as preposições podem ser classificadas como monossílabos e dissílabos. Seis preposições – **a**, **com**, **de**, **em**, **por** e **sob** – são classificadas como monossílabos; quatro são dissílabos – **ante**, **contra**, **entre** e **sobre**. Por sua vez, as preposições **até**, **após**, **desde** e **para** são resultantes de redução com aglutinação. A única trissílabo, **perante**, é composta e tem baixa frequência (BORBA, 1971, p. 197).

Desse modo, além de as preposições terem um volume fônico reduzido, ao regerem caso oblíquo dos pronomes, sempre ocorrem combinadas com as formas tônicas. Por exemplo: **a** mim, **de** ti, **para** si (BORBA, 1971, p. 198).

Assim como Borba (1971) já havia mencionado em seu estudo, Ilari (2015, p. 161) pontua que o termo *preposição* advém do latim *praepositione(m)*, que significa “posicionar à frente”, pois, independentemente das preposições virem ligadas a verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes circunstanciais, elas são sempre o primeiro termo de um sintagma preposicional. Por exemplo: falar (**com** João); gostar (**de** música); texto (**em** prosa) etc. “O mesmo acontece quando elas vêm regendo sentenças introduzidas pelo complementizador **que**, como em: A circular foi mandada **para** [que todos se manifestassem]” (ILARI, 2015, p. 161).

Segundo Borba (1971, p. 72), no entanto, em línguas indígenas da família linguística, onde se fala o guajajara, por exemplo, falamos em *posposições* ao invés de preposições, pois os elementos que exercem a função relacional vêm após o termo regido. Por exemplo: *ur mokoꝝ awa ko wi* – Dois homens vieram do campo (ur = vieram; mokoꝝ = dois; awa = homem; wi = de). Entretanto, não nos aprofundaremos sobre as posposições nessa pesquisa.

Além da base etimológica, ambos os autores consideram que a frequência das preposições está associada às suas realizações semânticas, pois, quanto maior a sua frequência, maior a sua variedade de empregos. No caso, as mais usadas (**de**, **em**, **para**, **a**) são as que apresentam a maior diversidade de usos (ILARI, 2015, p. 164).

Ilari (2015) diverge tanto das gramáticas quanto do estudo linguístico de Borba (1971), ao constatar que, do ponto de vista sintático, as preposições são bem menos parecidas do que demonstram. As diferenças ocorrem quando, aplicada a definição mais geral que oferecem dessa classe, como conectivos, verifica-se a natureza dos objetos sintáticos que ela liga. Isso mostra que essa definição de que as preposições são “conectivos que ligam **palavras**” é insuficiente por criar uma oposição aos “conectivos que ligam **sentenças**”. Por exemplo: (casa) **de** (tijolos) *versus* (a meteorologia previu) **que** (vai chover). Desse modo, Ilari (2015) demonstra que a definição com base no critério sintático é insuficiente, no entanto, não apresenta outra definição com base em outros critérios, mas traz novas noções ao classificar e analisar essa classe a partir do critério sintático-semântico embasado em uma perspectiva cognitiva.

Nesse sentido, o estudo de Ilari (2015) se mostra distinto, uma vez que, como ele menciona, as abordagens tradicionais (como nas gramáticas e no estudo de Borba) apresentam uma enumeração interminável dos sentidos que cada preposição assume em um determinado contexto e em seus diferentes usos. Isso faz com que se transfira “para a preposição elementos

de sentido que, de fato, são dados por outras expressões presentes no contexto” (ILARI, 2015, p. 165).

Ilari (2015), então, olha para a variedade de sentidos que cada uma das preposições assume em diferentes contextos de maneira distinta das abordagens tradicionais ao adotar uma postura de continuidade. Nessa perspectiva, de um ponto de vista semântico, os vários sentidos de uma preposição estão em relação de polissemia, isto é, devem ser tomados como “extensões de sentidos” de outros (ILARI, 2015, p. 166).

As alterações etimológicas em uma língua, portanto, são encaradas como evidências da atuação de processos implícitos ao seu uso, “tais como extensões polissêmicas e processos figurativos (metáfora e metonímia), que ocorrem na língua porque manifestam processos cognitivos muito básicos da mente humana”, ou seja, os falantes operam cognitivamente sobre os sentidos que a língua estabelece (ILARI, 2015, p. 166).

Do mesmo modo que Borba (1971), Ilari (2015, p. 170) afirma que as preposições têm um significado básico, o espacial, ou seja, elas “têm por função primária indicar, localizar objetos ou eventos”, como nos casos de **sobre**, **após**, **desde**, **entre** etc. Entretanto, essas mesmas preposições são também usadas em contextos não espaciais, como, por exemplo: Estou na rua **desde** ontem. Nessa sentença, o sentido espacial “foi ‘transportado’ para o domínio temporal, impondo a ele uma conceitualização espacial, sendo que **desde** marca a origem” (grifo no original). Ocorre, nesse caso, o processo de metáfora no qual, segundo Ilari (2015, p. 170), um elemento com certa significação, em determinado contexto, “é transportado para outro contexto, assumindo novas relações, mas mantendo traços daquela significação primeira”. Isto é, houve uma extensão metafórica na expansão do sentido.

O sentido básico, original, no entanto, tem um caráter caracteristicamente metonímico. Nesse sentido, a categorização ecossistêmica, como veremos adiante, principalmente no âmbito da Semântica (cognitiva), leva a uma compreensão que a forma como as preposições são concebidas mentalmente é por excelência metonímica. Isso ocorre com uma inter-relação em que essencialmente o meio ambiente, espaço/lugar/território e o indivíduo/povo/população são o ponto base por natureza.

Esse processo metafórico, como aponta Ilari (2015), também pode ser denominado de transposição de esquemas, o qual pode ocorrer com ou sem motivação aparente. “Uma transposição de esquemas com motivação aparente é aquela na qual ainda podemos vislumbrar o sentido original (espacial) da preposição, e perceber como esse sentido atua cognitivamente no sentido transposto” (ILARI, 2015, p. 191, grifo no original).

Para exemplificar esse caso, temos a representação do tempo, retratada no português como “movimento no espaço”, pois, de acordo com Ilari (2015, p. 191), “o conceito abstrato de tempo é entendido e vivenciado em termos de experiências corporais, ligados à vivência física de deslocamento”, ou seja, o tempo é tido, no português, como deslocamento ao longo de um trajeto. Por exemplo: João, o fim **do** ano está chegando ou João, desse jeito você vai chegar esgotado ao fim **do** ano.

Já a transposição de esquemas sem motivação aparente é aquela na qual não conseguimos mais perceber o sentido original da preposição, como no uso de **de** em: Eu gosto **de** melão (ILARI, 2015, p. 192).

Ilari (2015), assim, usa a transposição de esquemas para explicar por que certas preposições, e não outras, são usadas em determinados ambientes sintáticos. Isso nos revela, então, que uma das principais tarefas dessa classe é indicar relações espaciais e que é a partir dessa base que se passa a outros esquemas imagéticos (tempo, causa etc.). Portanto, a percepção de determinadas relações espaciais forneceu o sentido original da maioria das preposições, sendo elas o ponto de partida para o desenvolvimento de novos sentidos.

Dessa maneira, as afirmações de que as preposições não têm um sentido próprio ou só recebem um sentido por efeito do contexto em que são empregadas, isto é, são “vazias de sentido”, como já constatado no estudo de Borba (1971), invalidam-se. Afinal, sentenças como: Cheguei **em** Recife e Cheguei **de** Recife são completamente distintas, pois as preposições utilizadas acarretam a mudança de sentido. Logo, a preposição não é um mero instrumento gramatical de relação vazio de significado, a qual tem como sentido de base a representação das entidades no espaço (ILARI, 2015).

Vejamos, então, um pouco da descrição semântica que Ilari (2015) faz das preposições, partindo do sentido básico – o espacial – e passando pelos sentidos que evocam a espacialidade, indo em direção aos sentidos residuais, aqueles que se afastam do sentido básico, isto é, não invocam os usos de origem, sendo eles casos mais diferenciados (ILARI, 2015, p. 249):

A

Espacial: sua base etimológica advém do latim *ad*; pode significar “direção”; “movimento para algum ponto”; “aproximação” etc.

(88) dinâmico (ponto de partida) = Eu, uma vez, fiz uma viagem **a** Mato Grosso.

(89) estático = Aquela carne seca **ao** sol, nós não tivemos a oportunidade de comer, não.

Temporal

(90) estático (tempo pontual) = Almoçar depressa para dar tempo de digestão para poder entrar às duas horas.

(91) tempo distributivo = O crescimento populacional é de dois vírgula nove por cento **ao** ano.

(92) tempo dinâmico (recorte de um período do tempo) = Imaginar cada um de nós daqui **a** vinte anos.

Residual

(101) instrumento = Aqui ainda se marca estrada com aqueles homens botando aquele negócio e pintando **à** mão.

(102) modo = Eu gosto de andar **a** cavalo.

APÓS

Espacial = sua base etimológica deriva de *ad + post* expressa a ideia de “atrás de, depois de, em momento ou ocasião posterior a”.

(103) estático = O lugar que você procura fica **após** a ponte.

Temporal

(104) estático = Na minha turma, **após** a formatura, dois saíram no dia seguinte e entraram pro seminário.

ATÉ

Espacial = sua base etimológica, *hatta*, expressa a ideia de “limite final”.

(105) dinâmico = Fui **até** Uberaba de trem.

(106) estático = É mil quilômetros daqui **até** Governador Valadares.

Temporal

(107) dinâmico = Eu acho que, **até** esse ano, eu tive alunos mais velhos do que eu.

(108) estático = Eu tenho filho desde oito anos **até** dezesseis anos.

Residual (em frases feitas)

(109) Acho que **até que enfim** nós encontramos um ponto em comum.

COM

Espacial (concomitância) = sua base etimológica advém do latim *cum*, indicando proximidade no espaço. Essa preposição equivale à presença simultânea de dois objetos ou indivíduos em um mesmo espaço.

(110) O professor não pode sair **com** o estudante.

Temporal

(111) agora ela foi à escola **com** um ano e quatro meses...

Nocional

(112) modo = Fomos muito bem recepcionados, fomos recebidos **com** muito calor humano.

(113) meio = João respondeu **com** raiva.

(114) matéria = João esculpia **com** um canivete.

CONTRA

Espacial = sua base etimológica, *contra*, era utilizada para expressar ponto final de um curso.

(115) nós íamos encontrar marcas aqui de que flechas reais foram atiradas **contra** a imagem.

Nocional = alvo.

(116) Eu não devia dizer isso porque é **contra** mim.

DE

Espacial = sua base etimológica, *de*, evoca *lugar de origem*.

(117) Este vinho provém **do** Chile.

Temporal

(118) Qual o pior horário dessa saída **da** cidade de manhã?

Nocional = assunto (classificado por Ilari como um sentido original).

(119) Eu falo **do** Rio Grande do Sul, do Brasil.

Residual = destino; domínio etc.

(120) Eu acho bonito aquilo tido assim como paisagem, mas não como meio **de** vida.

Obs. A preposição **de** apresenta diversos outros sentidos, como: **partitivo, genitivo, na formação de anguladores** etc.

DESDE

Espacial = sua base etimológica advém do latim, *de + ex + de*, que evoca a ideia de trajeto.

(121) dinâmico = **desde** a Barra Centenário essa área de colégios etc. [...]

Temporal

(122) dinâmico = [...] mas **desde** o momento em que eu...o perdi.

EM

Espacial = sua base etimológica denota “localização dentro de” ou “deslocamento em direção a”.

(123) estático = Raramente eu pego sol **em** Petrópolis.

Temporal

(124) estático = Fui a Salvador **na** época que era solteiro.

(125) dinâmico = Geraldo volta **em** dois meses.

Nocional

(126) ligação = Poderíamos pensar **em** outro transporte.

ENTRE

Espacial = Etimologicamente é um comparativo de superioridade de *em* (< *in* + *ter*), o qual evoca a ideia de “mais dentro” e “no meio de”.

(127) concreto = A plantação de cana-de-açúcar linda que eu vi foi **entre** Maceió e Recife.

(128) abstrato = Você pode interpretar o anticristo como digamos um novo, **entre** parênteses, computador, um novo sistema de funcionamento.

Temporal

(129) A gente custa a implantar em casa, porque o intervalo **entre** as refeições é pequeno.

Residual

(130) domínio = Se bem que eu não entendo muito disso... há uma diferença **entre** elas.

(131) extensão = Ofereceram um salário **entre** mil e mil e quinhentos.

PARA

Espacial = sua base etimológica, *per* + *ad*, marcava a ideia de “percurso em direção definida”, “chegada” e “permanência”.

(132) estático = Ele mora **para/prá** São Paulo.

(133) dinâmico = Fiz uma viagem daqui **pra** Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana.

Temporal

(134) dinâmico = Você vê esse crescimento de uns anos **pra** cá.

Residual

(135) dativo (experenciador, interessado, destinatário, beneficiário) = O importante **pra** eles é o diploma no fim do curso.

(136) percurso no sentido abstrato (afastamento, destinação, finalidade, consequência) = A gente não tem muitas diferenças do professor **pro** estudante, não.

PERANTE

Espacial = Essa preposição é calcada no advérbio latino *ante*, que evoca a ideia de “adiante, antes, anteriormente”.

(137) concreto = O cara era fanático por correr a cavalo para aparecer lá **perante** as garotinhas.

(138) abstrato = [...] um papel de formação, um papel junto à escola e um papel assim muito responsável **perante** a sociedade.

POR

Espacial = percurso/trajeto. Etimologicamente, essa preposição reúne as funções das preposições latinas *pro* (“em favor de”, “em benefício de”) e *per* (“através de”, “por meio de”, “percorrendo um percurso”).

(139) dinâmico = ir de Campinas a São Paulo **pela** Rodovia dos Bandeirantes.

Temporal

(140) dinâmico = Você vê isso uma vez **por** mês ou uma vez **por** semana no máximo.

Residual

(141) uso concessivo = **Por** mais simples gesto que a pessoa tenha, ele tem a ver com o conjunto.

(142) uso de causa discursivo = Ele me contou que o carnaval de lá, **pelo** que ele fala, deve ser o antigo carnaval daqui.

(143) uso locativo – referencial = Nas outras, você passa **por** cima e nem sente.

Obs. A preposição **por** apresenta diversos outros sentidos, que decorrem do sentido básico, são eles: **localização imprecisa, percurso possível, meio/instrumento, agente, intermediação humana, distribuição, troca, preço** entre outros.

SEM

Espacial = expressa a não presença no mesmo espaço em que outro objeto está representado. Etimologicamente, essa preposição advém do latim *sine* > *sen*.

(144) estático = você viu agora Recife passou quase uma semana **sem** água.

Nocional

(145) ligação (exclusão) = Eu gosto muito de chuchu, embora todo mundo ache chuchu uma coisa **sem** graça, aguada, mas eu gosto.

SOB

Espacial = Essa preposição advém do latim *sub*, que evoca a ideia “embaixo de”.

(146) dinâmico = O carteiro passou a correspondência **sob** a porta.

Nocional

(147) Eu acabo recortando esses assuntos ou pelo menos há uma pessoa que desempenha essa tarefa: recorta e mantemos **sob** a forma de um arquivo.

SOBRE

Espacial = tem como base etimológica a forma *super*, que expressa a ideia de “acima de”.

(148) dinâmico = Nós fomos obrigados a pisar **sobre** vários cadáveres de ex-jornais.

(149) estático = Se eu tivesse que definir a televisão de casa, eu diria que é um móvel no qual a gente apoia alguns objetos **sobre** ela, né?!

Nocional

(150) ligação (assunto/tópico) = Eu acho que, pra começar, eu teria que falar mais **sobre** a parte, assim, de alimentação que diz respeito à minha pessoa, né?!

TRÁS

Espacial = sua base etimológica, *trans*, demarcava “no lado oposto à face (nos humanos), lado oposto aquele que se vê ou de que se fala”, mas só foi registrada por Ilari (2015) como integrante de locuções prepositivas – para **trás**, por **trás** etc.

Vimos, então, que as preposições contêm algumas propriedades semânticas. No entanto, não há uma padronização na apresentação dos exemplos dessas preposições na listagem feita por Ilari (2015), pois nem todas as relações expressas por essa categoria foram encontradas no *corpus* utilizado pelo referido autor. Como, por exemplo, a preposição **sobre** que não foi usada para marcar a relação temporal, dentre outras preposições.

Além disso, notamos que essas propriedades semânticas das preposições estão intrinsecamente ligadas à representação linguística do espaço, segundo Ilari (2015). Essa concepção de que as preposições têm uma natureza espacial será mais bem trabalhada

posteriormente ao desenvolvermos os objetivos da pesquisa em questão. Além disso, as preposições também dispõem de certas propriedades sintáticas que as tornam bastante distintas entre si.

De acordo com Ilari (2015), as preposições apresentam uma forte heterogeneidade sintática, podendo aparecer em diferentes contextos. Nesse sentido, ainda conforme o autor, elas podem introduzir adjuntos e argumentos (ou complementos). Na **adjunção**, “o constituinte considerado se acrescenta à construção que precede sem ser necessário à boa formação sintática dessa mesma construção”, isto é, o adjunto tem papel sintático acessório ou circunstancial, diferentemente da **complementação**, em que os sintagmas são necessários para o “preenchimento dos lugares abertos pelo predicador da sentença”, ou seja, o segmento se faz necessário sintaticamente. Desse modo, na adjunção, a preposição introduz um segmento acessório ou circunstancial e, na complementação, ela introduz um segmento sintaticamente indispensável.

c) A **adjunção**, conforme Ilari (2015, p. 172), vale para muitos casos:

- para sintagmas verbais: Uma cidade que cresce num ritmo de 8,5% a 9% ao ano está crescendo **além dos** limites do próprio país.
- para sintagmas nominais: Se a vida **do** além fosse tão boa, o que é que a gente estava fazendo aqui?
- para sintagmas adjetivais: A tia compra o peixe e faz ou frito ou faz cozido **com** pirão.

d) A **complementação**, conforme Ilari (2015, p. 174), pode ocorrer com palavras de diferentes classes gramaticais:

- substantivo: Não há condições para você desenvolver qualquer tipo **de** atividades.
- adjetivo: Acho que a economia é mais forte **do** que a lei.
- advérbio: São indivíduos que realmente criaram, contrariamente **às** expectativas, uma preocupação pelo momento, pela situação.
- verbo: Geralmente, a gente procura se basear **nos** preços do Banco do Brasil.

Notamos, assim, que, na complementação, é o termo complementado que determina a preposição e, na adjunção, a preposição é determinada pelo adjunto.

Além desses dois casos, Ilari (2015, p. 176) aponta que o sintagma preposicional pode funcionar como **predicativo do sujeito** ou **predicativo do objeto**, como em: Geralmente as estradas melhores são **de** tráfego mais pesado. Ademais, também pode funcionar como aposto, como em: O feijão com arroz lá tem o nome **de** baião de dois.

Dessa maneira, compreendemos que as preposições, apesar de terem sido tratadas, tradicionalmente, de modo indistinto, ao serem classificadas como palavras que juntam palavras, são bastante heterogêneas pelas diversas funções sintáticas que desempenham. Afinal, como demonstrado no estudo de Ilari (2015, p. 177), quando comparamos duas preposições quaisquer, verificamos “que há diferenças em sua capacidade de entrar nos diferentes ambientes sintáticos (adjunção, complementação etc.), e que há diferenças tanto na natureza sintática das palavras de que o sintagma preposicional depende quanto na estrutura sintática deste último”.

Constatamos, após feito um panorama geral das preposições, que, para que uma palavra seja considerada uma preposição na língua portuguesa, é necessário que ela se posicione à frente do termo regido em um sintagma preposicional. Além de que ela deve ter como função geral a relação, a qual deve ser de natureza subordinativa, colocando em caráter de subordinação o termo regido, e também deve ter como significação básica o sentido espacial, do qual os demais sentidos advêm ou não.

Além disso, percebemos, por fim, que a descrição semântica das preposições feita pelas gramáticas se realiza de forma sumária e generalizante ao adotar um critério predominantemente sintático. Nessa abordagem, portanto, os sentidos dessa classe estão subordinados ao critério sintático, ou seja, destaca-se o papel sintático-formal dessa categoria. Nesse tipo de análise, as preposições são vistas de forma muito parecida do ponto de vista sintático e cada uma delas apresenta uma variedade de sentidos que estabelece relação de homonímia, como Ilari (2015) mencionou em seu estudo, ou seja, esses diversos sentidos pouco têm em comum entre si. Entretanto, mesmo os sentidos de as preposições não terem um destaque nessas abordagens tradicionais, Cunha e Cintra (2008), ao adotarem as teorias linguísticas de Pottier (1962), consideram as noções de espaço e tempo ao apresentarem os sentidos dessa categoria, diferentemente, do que será realizado em nossa pesquisa, pois priorizamos o critério semântico para a análise dessa classe.

Quanto aos estudos linguísticos, eles se mostraram mais completos e detalhados, a começar por Borba (1971), que realiza um estudo sistemático das preposições que perpassa por todos os planos – sintático, semântico, morfológico e fonológico –, bem como o estudo de

Ilari (2015), que se mostrou abrangente ao adotar uma postura de continuidade quanto ao valor semântico das preposições, demonstrando que seus diversos sentidos estão em relação de polissemia, ou seja, são extensões de sentidos de outros. Como no caso da preposição **por** (*per*) que antes indicava *intermediação no espaço* e, atualmente, se ampliou de modo a indicar *intermédio de quem detém a iniciativa e de quem a realiza*, por exemplo, “Cesar foi chamado de volta a Roma **por** um porta-voz”. No entanto, é possível perceber resquícios do sentido básico de *por meio de* (ILARI, 2015).

Borba (1971) faz uma abordagem gerativista das preposições enquanto Ilari (2015) utiliza-se de uma abordagem funcionalista. Ambos se assemelham ao priorizarem por um critério sintático-semântico ao descreverem e analisarem as preposições. Entretanto, o estudo feito por Borba (1971) se mostra mais arraigado ao critério sintático, por se embasar na perspectiva teórica distribucional e na gramática transformacional, sendo a perspectiva adotada por Ilari (2015) a cognitivista, que permitiu tratar das preposições de forma articulada, evitando as análises atomistas realizadas pelas gramáticas.

Ambos os autores consideraram, em seus estudos, que as preposições não são “vazias de sentido” ao compreenderem que seu significado de base é espacial. Borba (1971) concebe como sendo espaciotemporal e Ilari (2015) somente como espacial, ao constatar que a noção temporal é uma extensão metafórica da espacialidade. No entanto, em Borba (1971), esse sentido está fortemente atrelado aos elementos que a preposição rege no sintagma e, para Ilari (2015), as representações das preposições derivam de uma experiência do espaço, justificada por ele por sua base etimológica, não evidenciando como ocorre essa experiência espacial.

Essa experiência espacial, que desemboca nas representações das preposições, será melhor trabalhada em nossa pesquisa, ao tratarmos do Ecosistema Natural da Língua, um dos conceitos básicos da Ecolinguística, sobre o qual discorreremos no capítulo 2. No entanto, antes de passarmos ao segundo capítulo, em que apresentamos a nossa fundamentação teórica, vejamos a seguir um quadro comparativo sintético com as classificações e as subclassificações das preposições, as quais foram amplamente discutidas no panorama que traçamos com a descrição semântica que cada autor aqui citado fez dessas preposições.

Tabela 1 – Classificações e subclassificações das preposições

Descrição semântica das preposições	Bechara	Cunha & Cintra	Borba	Ilari
1. critério	Descrição semântica nocional, associada à sintaxe.	Descrição baseada no critério semântico, mas subordinada ao critério sintático de regência	Descrição baseada no critério semântico-sintático	Descrição baseada no critério sintático-semântico
2. classificação	Significado fundamental e significado contextual.	Significado fundamental. Demais significados decorrem do conteúdo significativo fundamental.	Significação interna de caráter genérico (espacial) e significação externa de caráter específico (movimento no espaço).	Sentido básico (espacial); sentidos que evocam a espacialidade e sentidos residuais.
3. tipos de classificações	a) Traços de dinamicidade. b) Traços estáticos/ dinâmicos quanto à espaço e ao tempo.	a) Movimento (espaço, tempo e noção). b) Situação (espaço, tempo e noção).	a) Espaço/temporal. b) Nocional (modo, posse, causa, assunto, meio etc).	a) Espacial. b) Temporal. c) Nocional. d) Residual.
4. subclassificações e demais classificações	a) Movimento de aproximação ao ponto de chegada (chegada ao limite/mera direção ou direção de demora). b) Movimento de afastamento (origem/mero afastamento). c) Situação definida e concreta (situação horizontal/situação vertical). d) Situação mais imprecisa (copresença positiva e negativa/ limite).	Tipo de relação sintática que as preposições estabelecem. a) Função relacional (fixa, necessária ou livre).	Classifica de acordo com: a) Função morfossintática (morfema de transposição – nominalização e apassivação – ou de transformação – adjetivador ou adverbializador). b) Representação fônica (volume fônico reduzido).	Classifica de acordo com a função sintática: a) Adjunção. b) Complementação. c) Predicativo do sujeito ou do objeto.

Fonte: Dados da pesquisa

2 ECOLINGUÍSTICA: ASPECTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos a perspectiva teórica, a Ecolinguística, que conduziu a análise das preposições do português brasileiro, a qual tem como base o paradigma ecológico, ou seja, adota princípios oriundos da Ecologia Biológica. Desse modo, na seção 2.1, discorreremos sobre os principais conceitos da Ecologia que compõem, epistemologicamente, a Ecolinguística. Na seção 2.2, expomos o objeto de estudo da Ecolinguística, o Ecosistema Integral da Língua, bem como os Ecosistemas Linguísticos que o integram. Já na seção 2.3, tratamos da Interação Comunicativa, a qual se dá no interior do Ecosistema Linguístico. Por fim, na seção 2.4, falamos sobre a Endoecologia e a Exoecologia da língua, que se dedicam a aspectos internos e externos à língua, respectivamente.

2.1 Conceitos centrais

Segundo Couto *et al.* (2016), a primeira relação entre língua e meio ambiente foi feita pelo linguista antropológico Edward Sapir, em 1911, em conferência intitulada “*Language and environment*” (SAPIR, 1969). Posteriormente, no início da década de 1960, Roman Jakobson relacionou “Linguagem” e “Ecologia”. No entanto, o texto que trata sobre esse assunto, “*A linguística em suas relações com outras ciências*” (JAKOBSON, 2007), somente foi publicado na década de 1970. Por volta dessa época, Einar Haugen utilizou, na palestra “*The Ecology of language*”, ministrada na *Conference toward the description of the Languages of the World*”, na Áustria, expressões como *ecology of language* e *language ecology*, tendo sido essa conferência publicada em 1971 (HAUGEN, 1970).

Ainda conforme Couto *et al.* (2016), em 1972, Haugen sugeriu o termo a Adam Makkai, em um congresso em Chicago, mas apenas oralmente. No entanto, o termo *Ecolinguística* só apareceu por escrito em 1975, no texto “*Langue française*” de Marcellesi (1975). No ano seguinte, ele ocorreu novamente com Gobard (1976), o qual afirma que a Ecolinguística foi proposta por J. D. Palmer em 1973, mas essa informação não pôde ser checada, o que nos remete a Marcellesi. Salzinger, em 1979, usou o termo pela terceira vez ao tratar do que seria o germe da Ecologia da Interação Comunicativa (SALGINZER, 1979, p. 109). Ainda nesse ano, Mackey (1979) tentou aplicar a proposta de Haugen à questão do contato de línguas. Logo após, “retomou a metáfora ecológica no estudo da mudança de língua”, porém, “não utilizou a palavra Ecolinguística” (COUTO *et al.*, 2016).

Embora Bolinger (1980) não tenha usado o termo *Ecolinguística* em seu texto *An ecology of language*, em 1980, ele tratou de assuntos referentes à Língua e à Ecologia de acordo com Couto *et al.* (2016). Quatro anos mais tarde, Enninger e Haynes (1984) também não se utilizaram do termo *Ecolinguística*, mas testaram o conceito de Ecologia da Língua e aplicaram a abordagem ecológica a pesquisas linguísticas. Nesse mesmo ano, Nelde (1984) emprega o termo para contextualizar a questão do contato de línguas na Bélgica. Um ano mais tarde, Hagège (1985) se utiliza da palavra *Ecolinguística*. Passados dois anos, em 1987, Fill (1987) sugeriu qual deveria ser o objetivo da Ecolinguística, que teria de estudar as relações entre língua e mundo. Já em 1990, Wilhem Trampe (1990), seguindo o que havia sido proposto por Peter Finke, publicou um livro, *Ökologische Linguistik* (Linguística Ecológica), dedicado ao que viria se firmar como Ecolinguística. Na obra, ele propõe uma teoria ecológica para a ciência e para a linguística (COUTO *et al.*, 2016).

A relação dos temas Língua e Ecologia com a palavra *Ecolinguística* já vinha sendo trabalhada desde a década de 1950, com Adam Makkai (COUTO *et al.*, 2016). Entretanto, foi somente na década de 1990 que realmente houve o surgimento da Ecolinguística como disciplina acadêmica, com os trabalhos de Fill (1993), que escreveu um manual de introdução à disciplina, e Makkai (1993), que publicou uma coletânea de artigos que trata de assuntos referentes à emergente disciplina (COUTO *et al.*, 2016). Assim, com a publicação desses dois trabalhos, a definição inicial de Haugen (1970) sobre a Ecologia da Língua se impôs. Ele a definiu como “o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente” (HAUGEN, 1970). No entanto, essa definição foi interpretada de forma restritiva, por considerar somente o aspecto social do meio ambiente e reificar a língua.

De acordo com Couto *et al.* (2016), no Brasil, a disciplina Ecolinguística propriamente dita só foi apresentada pela primeira vez em Couto (1999), que teve um livro totalmente dedicado a ela em 2007, sendo definida, atualmente, como “o estudo das interações verbais que se dão no interior do Ecossistema Linguístico” (COUTO, 2013a, p. 279), a qual também pode ser chamada de Ecologia Linguística.

Como o próprio nome Ecolinguística mostra, ela parte da perspectiva teórica da Ecologia Biológica, por adotar os princípios oriundos dessa ciência. Em outras palavras, tem como base epistemológica a Ecologia Biológica, pois percebe que as interações linguísticas funcionam de acordo com os mesmos princípios ecológicos, segundo Borges (2015). Contudo, não faz uso desses conceitos de forma metafórica, pois se propõe a explicar de que maneira isso acontece (BORGES, 2015, p. 18). Isto é, ela não vai apenas relacionar os

conceitos ecológicos aos fenômenos linguísticos, mas sim explicá-los a partir da existência daquele princípio, no fenômeno.

Nesse sentido, a Ecologia é um ramo da Biologia que poderia até mesmo ser chamada de Biologia Ambiental, por estudar a estrutura e a função da natureza (COUTO *et al.*, 2016). O termo, segundo Odum (2004), deriva da palavra grega *oikos*, que designa ‘casa’ ou ‘lugar onde se vive’. Assim, em sentido literal, “a Ecologia é o estudo dos organismos em sua casa”. Esse termo foi usado pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, em 1869. Ele o definiu como “a ciência das relações entre o organismo e o mundo externo circunvizinho” (CAPRA, 1996), ou seja, é o estudo das relações que interligam os membros do mundo, o inter-relacionamento “de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com seu meio ambiente” (BOFF, 2009, p. 11). Usualmente, a Ecologia é definida como o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com seu meio ambiente, ou a ciência das inter-relações, que liga os organismos vivos e não vivos ao seu meio ambiente (ODUM, 2004, p. 04).

Conforme Odum (2004, p. 04), como a Ecologia se ocupa da biologia de grupos de organismos e de processos funcionais na terra, no mar e na água doce, uma definição mais sucinta para esse termo seria o estudo da estrutura e do funcionamento da natureza, considerando que a humanidade é uma parte dela. Para a Ecolinguística, inspirada nas ideias de Odum, Couto *et al.* (2016, p. 211) definem a Ecologia como “o estudo científico das interações entre os organismos de determinada área e seu meio ambiente, bem como as interações entre organismos e entre eles e o mundo”.

O princípio organizador central que define a Ecologia é o de **ecossistema**, termo introduzido pelo ecologista de plantas britânico Tansley, em 1935, para caracterizar comunidades animais e vegetais (CAPRA, 1996, p. 34), o qual também pode ser chamado de sistema ecológico, como denomina Odum (2004, p. 11).

Cientificamente, Odum (2004, p. 11) define ecossistema ou sistema ecológico como “qualquer unidade que inclua a totalidade dos organismos de uma área determinada, interagindo com o meio ambiente físico”, em que haja uma troca de materiais entre os seres vivos ou não vivos que compõem esse sistema. Dessa forma, o ecossistema é um todo constituído tanto de organismos (comunidades bióticas) quanto do ambiente inerte (comunidades abióticas), cada um deles influenciando as suas propriedades e, servindo para a conservação do outro (ODUM, 2004, p. 12).

Nesse sentido, a principal função do ecossistema, conforme Odum (2004), é a de juntar componentes para formar unidades funcionais. Com relação às preposições, elas também desempenham esse papel de junção, que ocorre para formar unidades de sentido no texto. Em vista disso, o principal papel do ecossistema “é dar realce às relações obrigatórias, à interdependência e às relações causais” que ocorrem no interior desse sistema ecológico, de modo que “as partes são operacionalmente inseparáveis do todo”, formando uma complexa organização biológica (ODUM, 2004, p. 13).

De acordo com Odum (2004, p. 13), o ecossistema é um recorte feito pelo pesquisador, dentre as inter-relações estabelecidas pelos organismos e o ambiente, que ele escolhe estudar. Por exemplo, uma área de floresta pode ser considerada um ecossistema, pois contém organismos, interagindo entre si e com o ambiente. O mesmo ocorre com a língua. O ecossistema linguístico, nesse caso o fenômeno linguístico, que o pesquisador deseja investigar é delimitado por ele dentre a imensa rede que é a língua.

Atualmente, o ecossistema é conceituado como uma comunidade de organismos de determinada área e suas inter-relações ou interações entre eles e seu *habitat*, meio, meio ambiente, biótopo, entorno ou território, como bem mencionou Couto *et al.* (2016, p. 211). Portanto, o ecossistema forma uma unidade complexa entre os organismos e seu ambiente, que interagem entre si. Isso evidencia que para um ecólogo o que interessa em um ecossistema são as inter-relações que se estabelecem em seu interior, e não apenas a população de organismos e seu *habitat* isoladamente (COUTO *et al.*, 2016).

Ainda conforme Couto *et al.* (2016), essas interações podem ocorrer tanto entre os organismos vivos e seu meio (interação organismo-mundo) quanto entre quaisquer dois organismos (interação organismo-organismo). Em síntese, o ecossistema é um sistema dinâmico e aberto, um todo, constituído de interações entre os organismos vivos e seu meio ambiente, bem como entre os próprios organismos.

Desse modo, a **interação** é o conceito central do ecossistema. Ela é uma teia que se constrói com base nas relações que se dão dentro dele, sendo ela basicamente a língua para a Ecolinguística, ou seja, a **língua** é definida como as interações verbais que se dão entre os membros do povo e entre eles e o território (COUTO *et al.*, 2016). Nos estudos linguísticos, as interações organismo-território equivalem à referência, enquanto as interações organismo-organismo correspondem à comunicação (COUTO *et al.*, 2016).

Capra (2002) afirma que, para que um ecossistema seja preservado, é necessário que haja a harmonia e o equilíbrio (homeostase) dos organismos com as condições de seu

ambiente, que ocorrerão por meio de uma contínua interação desses organismos entre si e deles com esse ambiente. Dessa maneira, é a interação que torna o ecossistema flexível e aberto à mudança, pois ao interagir com o meio, o ecossistema é afetado por influências ambientais, que podem agir sobre ele e modificá-lo. Assim ocorre com a língua, quando os termos de uma sentença, por exemplo, por meio das preposições, relacionam-se e interagem entre si, eles ficam suscetíveis a sofrerem mudanças em seu conteúdo significativo. As interações serão mais bem trabalhadas no decorrer de nossa pesquisa, ao tratarmos da Interação Comunicativa e da Semântica e seus desdobramentos na Ecolinguística.

Qualquer ecossistema, então, pode ser analisado a partir de uma série de propriedades ecológicas, as quais são importantes para o estudo de fenômenos linguísticos, dentre elas a noção de **holismo**. O termo *holístico*, segundo Capra (2002, p. 06), advém do grego *holos*, *totalidade*, o qual “refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores”, ou seja, a partir dessa perspectiva enxerga-se a realidade de uma maneira ampla, a qual não pode ser vista de um modo fragmentado do todo.

Dessa maneira, como pontuou Couto (2007a), o ecossistema é encarado como “um todo cujos componentes são definidos por suas relações mútuas”. Aqui, como afirma Capra (1996), olhamos para um todo integrado, e não para partes isoladas. Assim, em uma abordagem ecológica, ao adotarmos o princípio do holismo, não podemos encarar um objeto de estudo como um conjunto aleatório, com partes dissociadas, tampouco podemos ignorar o todo de que faz parte.

Quando aplicada à língua, a propriedade do holismo exige que a análise de uma preposição, por exemplo, não seja dissociada do Ecossistema Integral da Língua do qual faz parte, mesmo que não se analisem todos os aspectos ao mesmo tempo. Ademais, devemos assumir duas posturas ao olhar para elas: a onomasiológica e a semasiológica, que são complementares e nos permitem olhar para as preposições como um todo. Essas duas posturas serão melhor discutidas no capítulo a seguir. Desse modo, nada se encontra isolado, tudo está relacionado.

O holismo, portanto, é uma visão abrangente do objeto a ser estudado, pois “faz parte de um ecossistema que interfere nele, tanto quanto é interferido por ele” (BORGES, 2015, p. 41). Assim, ao encarar o ecossistema de maneira holística, como um todo, é possível perceber que ele se inter-relaciona com ecossistemas vizinhos, havendo migrações de organismos entre eles e troca de matéria e energia (COUTO, 2012b), logo, os ecossistemas, inter-relacionados

com outros, recebem influências de fora, além de enviarem seus influxos para fora. Dito em outras palavras, esse todo apresenta a característica de **abertura** ou **porosidade**, ou seja, o ecossistema é permeável, o que possibilita uma troca e uma influência mútua entre eles, de modo que é quase impossível dizer onde termina um ecossistema e onde começa outro.

As preposições, assim como os ecossistemas, apresentam essa característica. Como comprovaremos em nossa análise, elas possuem uma significação própria. Dessa maneira, quando uma preposição entra em contato e interage com os outros termos em uma sentença, devido ao seu aspecto poroso, permeável, ocorre uma troca ou uma influência semântica entre eles, o que altera o todo significativo. Por exemplo, a preposição **por** denota um percurso no espaço, sendo seu sentido prototípico *ao longo do espaço*, mas, quando esse conteúdo semântico entra em contato e interage com o valor semântico da palavra regida, pelo caráter altamente poroso dessa preposição, ele é influenciado e alterado, de modo que ela adquire um novo sentido, como em:

(151) pessoas acabaram **por** falecer.

No exemplo (151), retirado do *corpus* analisado, a preposição **por**, ao entrar em contato com o verbo *falecer*, passa a denotar *consequência* ao invés de um *percurso no espaço*. Com isso, podemos afirmar que, se assim como na Ecologia a porosidade possibilita a troca de energia e matéria entre os ecossistemas, essa característica quanto às preposições permite uma troca de fluido semântico ou material semântico, o que provoca uma ampliação semasiológica dessa classe. No decorrer da análise esse aspecto será melhor demonstrado.

Nesse sentido, esse traço do ecossistema nos permite ver que nada está isolado. Ele, assim como a língua, está em uma constante interação com o que se encontra em volta. Isso evidencia “que os ecossistemas não possuem fronteiras delimitadas e que a sua delimitação é feita apenas e exclusivamente pelo observador. Delimitar um ecossistema, entretanto, não significa isolá-lo dos outros” (BORGES, 2015, p. 42), mas percebê-lo a partir de sua complexidade, com base no processo de observação. Essa característica serve também para delimitar o que será investigado.

Além desses aspectos, temos os conceitos complementares de **evolução** e **adaptação**. O primeiro está associado à mudança, que gera rearranjos no ecossistema justamente porque ele é dinâmico e está em contínua evolução (COUTO, 2007a). Assim, a evolução é um processo de constante desenvolvimento, de modo que se evolui a partir de formas anteriores. Segundo Odum (2004), essa evolução é resultado das atividades dos componentes vivos no

ecossistema, que evolui até se tornar um sistema cada vez mais complexo e diversificado. Pensando no aspecto linguístico, por exemplo, novas línguas e dialetos são formados a partir de uma língua já existente e que entra em contato com outras línguas (COUTO *et al.*, 2016). Isso ocorre, pois na perspectiva ecológica, a língua não está engessada, ela é vista de maneira dinâmica, a qual apresenta uma estabilidade flexível, estando sujeita a mudanças.

A língua, ao ser tratada de modo dinâmico, reflete a ordem cíclica da natureza. Segundo os fundamentos ecológicos, a mudança também se dá ciclicamente. Desse modo, a evolução da língua ocorre de forma cíclica em alguns setores, como no caso de certas preposições que se desenvolvem em um “ciclo que se inicia como sintético e vai na direção do analítico” (COUTO, 2012b, p. 190). De acordo com Couto (2012b), essas preposições são: **ante**, **em**, **após**, **sobre** e **sob**. A primeira deixou de ser usada em sua forma sintética, sendo substituída pela forma analítica **antes de**. Quanto a **em**, para denotar *interioridade*, ela vem sendo substituída pela forma analítica **dentro de**. Em alguns casos, sua forma sintética ainda é usada para denotar essa relação espacial, como em: “o livro está **na** gaveta”. Já a preposição **após** está sendo substituída pela expressão analítica **depois de**, tanto no sentido temporal quanto no espacial. Em relação à **sobre**, para denotar *superioridade no espaço*, vem sendo substituída pela forma analítica **em cima de**. No caso de **sob** essa preposição é mais usada em sua forma analítica **embaixo de** para denotar *inferioridade no espaço*.

Ainda conforme Couto (2012b, p. 191), diferentemente das outras preposições, **após** é a única que não veio de uma forma sintética latina. Como já visto anteriormente, sua origem é *ad + post*, que se transformou em **após**, e vem sendo substituída por **depois de**, para expressar *posteridade no espaço*, mediante o ciclo analítico > sintético > analítico. Com isso, nota-se que há uma tendência ao analitismo na evolução das preposições para que se possa denotar espacialidade, o que será melhor trabalhado no decorrer da análise.

Já o segundo conceito propicia o equilíbrio (homeostase) do ecossistema. “Toda vez que algum aspecto do ecossistema é alterado, todos os seus elementos devem se adaptar para garantir a sobrevivência do mesmo” (BORGES, 2015, p. 42). Caso isso não aconteça, um processo de extinção pode ocorrer. Desse modo, mudar é adaptar-se a novas condições, é permanecer, e adaptação é adequar-se a essas mudanças, pois, na natureza, só sobrevive aquele ou aquilo que se adapta ao entorno, de modo que adaptar-se é interagir com o que está ao redor. Assim, uma língua muda e se adapta às necessidades dos falantes para continuar existindo, “uma vez que ela só existe para seus usuários falarem do mundo” conforme afirma Couto (2012b, p. 187).

No caso das línguas, como dito anteriormente, elas estão em constante mudança, “nenhuma delas é estática, como nos dão a entender as gramáticas normativas e o sistema de ensino” (COUTO, 2007a). Basta olharmos para o quanto as preposições, por exemplo, evoluíram e se adaptaram ao longo do tempo ao terem seu matiz significativo ampliado para que se pudesse atender às novas necessidades comunicativas e expressivas, pois, como afirma Couto *et al.* (2016), uma língua que não muda morreria em pouco tempo, uma vez que não se adaptaria, não servindo mais como meio de comunicação em um novo contexto. Portanto, toda mudança ocorre para que haja uma adaptação às novas circunstâncias (COUTO, 2012b).

A **reciclagem** é outro componente do ecossistema de importância vital à sua sobrevivência e manutenção. Ela é o reaproveitamento de elementos. Por exemplo, um coelho come uma planta, o qual é comido por uma onça. “Ambos morrem e a matéria de seus corpos é transformada em nutrientes para as plantas de novo pelos decompositores” (COUTO *et al.*, 2016, p. 214), o que demonstra que houve uma reutilização dos componentes do ecossistema.

Quanto à língua, Alinei (2009) afirma que a reciclagem é um processo de reutilização de uma palavra existente, portanto, já conhecida, adotada para designar um novo referente no mundo, passando a ter um novo significado. Esse processo é um modo econômico de gerenciar o conhecimento e a comunicação, ou seja, uma maneira de economizar a criação de novos recursos para a língua.

No caso da linguagem quanto à Ecolinguística, essa propriedade é mais evidente na Endoecologia, que será explicada posteriormente. Por exemplo, as preposições, objeto deste estudo, sofreram um processo de reciclagem ao terem o seu domínio semasiológico alargado, isto é, elas foram reaproveitadas ao designarem outras coisas, mantendo-se as mesmas. Isso ocorre pelo fato de a linguagem ser uma realidade sustentável, o que lhe é possibilitado pela gramática, como já afirmava Finke (2016). Afinal, na visão ecológica, usar a linguagem não significa consumir os seus recursos, mas utilizarmos a gramática como meio sustentável de cognição e comunicação (COUTO *et al.*, 2016).

Por fim, temos o conceito de **diversidade**, que diz respeito a toda a variedade de um ecossistema. Segundo Couto (2012b, p. 51), mesmo sem saber a importância de certos seres vivos, todos eles têm seu papel para a manutenção e a preservação do ecossistema. Caso contrário, “a natureza não o teria deixado sobreviver”. Por exemplo, a presença de um predador em uma cadeia ou rede alimentar pressupõe a existência de uma presa, e “ambos são necessários para o equilíbrio do ecossistema” (COUTO, 2012b, p. 51). Desse modo, quanto mais espécies houver em seu interior, mais complexo ele será e mais estável ele estará. Assim,

havendo espécies com funções parecidas, mesmo que uma desapareça, outra assumirá seu papel, de forma que o todo permanece estável (*ibid*, 2012b). Se ocorrer uma diminuição dessa diversidade, mais propício à extinção estará o ecossistema. Quanto às preposições, esse aspecto é muito importante, pois algumas delas, como no caso de **perante**, desapareceram do uso por não diversificarem seu matiz significativo.

No caso dos estudos linguísticos, “toda vez que abordamos as relações estabelecidas entre línguas, estamos falando em diversidade. Tanto os processos de extinção de línguas, quanto os de crioulização ou pidginização, entre outros, podem ser estudados a partir desse aspecto” (BORGES, 2015, p. 42). Com isso, as línguas faladas por pequenos grupos indígenas e por comunidade minoritárias, podem ser substituídas por línguas majoritárias, nacionais ou transnacionais, devido à perda da diversidade linguística segundo Couto *et. al.* (2016). Sendo assim, a diversidade é uma condição básica para a vida na Terra e para a preservação da Língua.

Todos esses aspectos estão associados à organização e ao perfeito funcionamento tanto do Ecossistema propriamente dito quanto do Ecossistema Linguístico. Dessa maneira, vejamos, na próxima seção, de forma detalhada, os Ecossistemas Linguísticos que convergem no Ecossistema Integral da Língua.

2.2 Ecossistema Integral da Língua

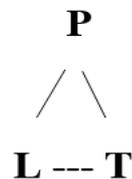
Uma vez que a Ecolinguística tem como base epistemológica os princípios da Ecologia Biológica, sendo o Ecossistema o aspecto central dessa disciplina, o conceito linguístico que equivale a ele é o de Ecossistema Linguístico, objeto de estudo daquela. Ele se desdobra em pelo menos quatro outros, dependendo da perspectiva a partir da qual olhamos para os fenômenos da linguagem (COUTO *et al.*, 2016, p. 223). São eles: o Ecossistema Natural, o Mental e o Social da língua, os quais se inter-relacionam entre si, convergindo no Ecossistema Integral da Língua, alternativamente conhecido como Ecossistema Fundacional da Língua. Essa variação terminológica em nada afeta a importância epistemológica do conceito, pois a relevância está na maneira como olhamos para o nosso objeto de estudo, que parte de uma abordagem ecológica, ou melhor, Ecolinguística (COUTO, 2007a).

Os primeiros estudiosos em que se baseou a constituição do Ecossistema Linguístico, segundo Couto *et al.* (2016), foram o filósofo francês Felix Guattari, que defendia a necessidade de postular-se três tipos de Ecologia: a Ecologia Social, a Mental e a Ambiental ou Natural; o filósofo brasileiro Leonardo Boff, que dizia ser necessário identificar, além da

Ecologia Ambiental ou Natural, a Ecologia Social e Mental, incluindo aí a Ecologia Integral, que abrange as outras três. Essa proposta de Boff em muito se assemelha com o proposto pela Ecolinguística quanto ao Ecosistema Integral da Língua (Ecologia Integral). Por fim, os ecolinguistas dinamarqueses Jørgen Døør e Jørgen Chr. Bang defendem as relações da língua e esses três Ecosistemas de maneira dialética, ou seja, o meio ambiente é, ao mesmo tempo, interpretado como ideológico, sociológico e biológico. No entanto, essa concepção não abarca toda a complexidade do ecossistema linguístico (BORGES, 2015, p. 44). A proposta de Couto (2007a), então, aborda os ecossistemas linguísticos de forma distinta ao tratá-los de maneira integrada e interacional.

A Ecolinguística, portanto, tem como base o Ecosistema Integral da Língua, também chamado de comunidade, formado por um povo (P), residindo em determinado território (T) e falando sua própria língua (L). Assim, existe uma inter-relação entre esses três componentes. No entanto, a L não interage diretamente com o T, sendo sua relação mediada por P e ocorrendo somente a partir da existência dele vivendo e convivendo nesse T (COUTO, 2013b, p. 387). Esse Ecosistema Integral da Língua foi representado como se vê na Figura 4.

Figura 4 – Ecosistema Integral da Língua



Ecosistema Linguístico

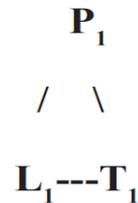
Fonte: Couto *et al.* (2016, p. 230).

O Ecosistema Integral da Língua é composto pelo ecossistema natural, social e mental, os quais são formados por seus respectivos meio ambientes. O meio ambiente (MA) é parte do ecossistema, ou seja, só existe nele. O MA natural é constituído pelo entorno físico da linguagem, que inclui não só o território, mas também os outros elementos da natureza, como, por exemplo, o ar, as águas, os corpos celestes e, também, o corpo físico dos membros de P. Ele é basicamente o modo como o espaço físico interfere na produção linguística. É nesse mundo físico, então, que se encontra a ERE, a ser estudada neste trabalho. A linguagem não é um ser, mas sim relações. Logo, o meio ambiente da linguagem é onde se manifestam essas relações, ou seja, no mundo físico – Ecosistema Natural (COUTO, 2007a).

O Ecosistema Natural da Língua é constituído por um P₁, convivendo em determinado T₁, interagindo por meio de sua L₁ como representado na Figura 5. Esse P₁ e T₁

são encarados como entidades físicas, naturais, e a L_1 são as relações concretas que se dão entre eles (COUTO *et al.*, 2016, p. 225).

Figura 5 – Ecosistema Natural da Língua



Ecosistema linguístico

Fonte: Couto (2013a, p. 299).

Sapir (1969), em seus estudos sobre as relações entre língua e ambiente, já falava em ambiente natural ao considerar os seus fatores físicos, que seriam os aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima, regime de chuvas, bem como a base econômica da vida humana, o que inclui a fauna, a flora e os recursos minerais do solo, isto é, a área ocupada por determinado povo. Esses aspectos do ambiente físico são indispensáveis para a língua de certa população, por interferirem

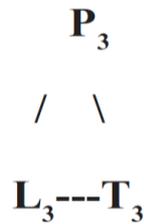
[...] na produção linguística na medida em que constituem o ser humano e a relação que ele estabelece com o mundo. Localizar-se no mundo, referir-se à sua posição e à posição de outros objetos ou indivíduos é uma manifestação primordial do indivíduo. Isso sem falar no processo de nomeação, que indica a apropriação que o humano faz daquele espaço que o rodeia. (BORGES, 2015, p. 45).

Esse é um dos motivos para nosso estudo se inserir, em primeiro lugar, no Ecosistema Natural da Língua. Afinal, como afirma Sapir (1969), mesmo que o léxico de uma língua não retrate tudo que está presente na natureza, ele apresenta forte interferência do ambiente físico. Entretanto, ele só se reflete na língua a partir do interesse da população, de modo que a influência do ambiente natural se reduz à influência do ambiente social. Dessa maneira, o interesse social determina a natureza do léxico e das influências que ele sofrerá (COUTO, *et al.*, 2016).

Nessa perspectiva, a língua pode ser encarada como um fenômeno social (representada por L_3), que se encontra no seio da população, a qual é um conjunto de indivíduos sociais e coletivos (representada por P_3) considerados em sua totalidade. Esse conjunto de indivíduos organizados é o suporte da língua, o seu local, denominado de sociedade (representada por T_3) (COUTO *et al.*, 2016). O MA social, então, é constituído pelo próprio P_3 , organizado

socialmente, que convive em determinado T_3 e, por isso, utilizam a mesma língua (L_3), como representado na Figura 6. Nesse caso, o MA social da língua é formado pelo $P_3 + T_3$.

Figura 6 – Ecosistema Social da Língua



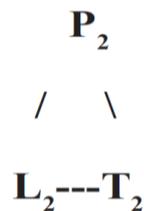
Ecosistema linguístico

Fonte: Couto (2013a, p. 299).

Segundo Couto *et al.* (2016, p. 229), “a sociedade é o ‘lugar’ em que se dão as interações dos seres sociais da coletividade, é o território social, a totalidade de tudo que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social”, isto é, cada indivíduo se encontra em meio a um conjunto de fatores sociais, reagindo a eles e formando, assim, uma cultura. Nesse sentido, Sapir (1969, p. 04) compreendia o MA social por seus fatores sociais, que seriam “as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo”, dentre elas a religião, os padrões éticos, a forma de organização política, a arte etc. Portanto, o ambiente social se reflete de forma ampla na língua, principalmente na variabilidade lexical, como apontou Sapir (1969).

De acordo com Haugen (1970), o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa. No entanto, essa língua só existe na mente de seus usuários e só funciona relacionando-os uns aos outros e à natureza, isto é, a mente pode ser considerada como uma espécie de elo entre o meio ambiente social e o natural. Vejamos a Figura 7.

Figura 7 – Ecosistema Mental da Língua



Ecosistema linguístico

Fonte: Couto (2013a, p. 299).

Na Figura 7, a língua é compreendida como um fenômeno mental (representada por L_2), um conjunto de inter-relações mentais de determinado indivíduo dessa população (representado por P_2), ou seja, as próprias conexões neurais, a mente. Para isso, o cérebro de cada indivíduo da população é o local em que ocorrem essas conexões (representado por T_2) (COUTO *et al.*, 2016). O MA mental, então, é constituído pela infraestrutura cerebral e pelas conexões neurais que entram em ação no processo de aquisição, armazenamento e processamento da linguagem (COUTO, 2007a). O MA mental da língua é formado por $P_2 + T_2$, pois é aí que se dão as interações mentais nesses processos.

Dessa maneira, a língua, como fenômeno mental, “se relaciona com os cérebros dos indivíduos apenas por intermédio das conexões neurais, não diretamente. Ela não é uma ‘coisa’ que se relacionaria com a coisa ‘cérebro’, mas as interações que nele se dão”, isto é, é uma rede de interações e interconexões mentais (COUTO *et al.*, 2016, p. 227).

Percebemos, portanto, que os três Ecossistemas Linguísticos não são estanques. “Há um inter-relacionamento constante entre eles. Todo fato linguístico pode, e deve ser encarado das três perspectivas” (COUTO, 2010, p. 04). Nesse sentido, a língua é considerada uma realidade biopsicossocial, embora às vezes seja necessário recortar determinado domínio de um dos ecossistemas, a fim de se fazer um estudo pontual de certo aspecto, o que demonstra a importância do conceito interação.

Sendo assim, como visto na seção anterior, o conceito central do Ecossistema Biológico é a Interação, isto é, no interior do Ecossistema o que interessa são as Interações, não somente os organismos, nem seu meio, habitat ou território, considerados em si mesmo (COUTO *et al.*, 2016, p. 218). Na Ecolinguística, da mesma forma, o conceito central são as Interações que se dão no Ecossistema Linguístico, no qual a gramática bem como o léxico estão incluídos.

Dessa forma, como já mencionado, as interações que ocorrem no interior do Ecossistema Biológico são de dois tipos: 1) interações organismo-mundo (território), 2) interações organismo-organismo. Na Ecolinguística, por adotar princípios oriundos da Ecologia Biológica, não é diferente. A interação indivíduo-mundo equivale à significação, também chamada de referência, denotação, denominação etc., aspecto esse que será melhor trabalhado no próximo capítulo. Já a interação indivíduo-indivíduo equivale à comunicação ou Interação Comunicativa (COUTO *et al.* 2016, p. 218). Esses dois tipos de interação se dão simultaneamente e atuam de forma conjunta no processo de significação. Assim, vejamos em seus pormenores a Interação Comunicativa na seção a seguir.

2.3 Interação comunicativa

O Ecosistema Integral da Língua, como já mencionado, é formado por um P, um T e uma L, os quais se inter-relacionam, o que demonstra que o que prevalece em todo o Ecosistema são as Interações que se dão em seu interior. Nesse sentido, as interações mais comuns são as constituídas pelos Atos de Interação Comunicativa (AIC), que formam a subecologia denominada Ecologia da Interação Comunicativa (EIC) (COUTO, 2007a, p. 109). Desse modo, o Ecosistema Integral da Língua mantém uma relação dialética com a EIC ao emergir daí. Na verdade, praticamente tudo na língua emerge do ecossistema via EIC, assim como os significados das palavras e dos itens lexicais, processo esse que será melhor evidenciado no capítulo a seguir.

Para a Ecolinguística, portanto, tudo na língua começa na EIC. A língua nasce nos AIC em suas respectivas Ecologias da Interação Comunicativa. Desse modo, uma língua está viva quando as pessoas conhecem suas regras bem como quando é usada em AICs concretos por pelo menos duas pessoas, pois “se há apenas uma que a conheça, ela já está morta” por não poder ser compartilhada em AICs. Assim, a língua nasce, vive e morre neles (COUTO *et al.*, 2016, p. 233). Do mesmo modo, muitos itens lexicais, como as preposições, emergem da EIC à medida que a interação entre falante e ouvinte o exija. Isso significa que os aspectos e fenômenos do ecossistema são designados quando necessários para orientar a interação entre os membros da comunidade (COUTO, 2007a, p. 114)

Dessa maneira, a Interação Comunicativa propriamente dita constitui o diálogo, denominado de fluxo interlocucional, o qual se dá em uma alternância entre falante e ouvinte. No entanto, essa alternância no turno de fala pode não ser respeitada, ocorrendo de forma competitiva. Segundo Couto *et al.* (2016), o fluxo dialógico necessita de um falante (F¹) e de um ouvinte (O¹), que entram em interação por meio da solicitação. Assim, durante o diálogo há as trocas de turno, na qual o falante F¹ faz uma solicitação (que pode ser uma pergunta), ao passo que o ouvinte O¹ compreende e atende (responde) ao falante F¹, assumindo o papel de F².

De acordo com Couto *et al.* (2016, p. 233), a EIC, em que os Atos de Interação Comunicativa ocorrem, consiste em: “a) cenário; b) falante e ouvinte; c) regras interacionais e regras sistêmicas; e d) circunstâncias, ou seja, aquilo/aquela(s) de que o falante fala e/ou está/estão com ele, e aquilo/aquela(s) que está/estão com o ouvinte e/ou de que ele fala”. Além desses componentes linguísticos, há os paralinguísticos e os extralinguísticos. “O

falante (F) é o EU; o ouvinte (O), o TU (VOCÊ). Quanto ao que está do lado de F é o ELE₁; o que está do lado de O é o ELE₂. ELE₁ mais ELE₂ constituem o ELES. Os três são o assunto da Interação Comunicativa”.

Nesse sentido, não é possível que ocorra uma interação comunicativa completamente satisfatória sem que haja as regras interacionais, mesmo que um falante e um ouvinte compartilhem um mesmo sistema ou gramática. Assim, o indispensável em qualquer EIC são as regras interacionais. São elas segundo Couto *et al.* (2016):

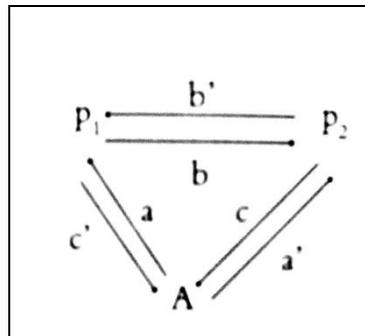
- 1) F e O ficam próximos um do outro, aproximadamente um metro.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.
- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível, para os olhos.
- 4) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 5) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 6) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (por favor, oi etc.).
- 7) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 8) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 9) F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 10) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, em que devem informar que ainda “estão na linha”.
- 11) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (tá bom, tá, é isso etc.).
- 12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) **Regras sistêmicas** (inclui toda a “gramática”).

Nota-se, assim, que as regras sistêmicas são parte das regras interacionais e também existem para a eficácia da interação comunicativa. Entretanto, a gramática, ou sistema, não é

apenas uma lista de regras estruturais para que se formem frases gramaticais. Ela é, na verdade, uma abstração construída pelo linguista a partir do que se observa dos AICs concretos, segundo Coseriu (1967, p. 287). Dessa perspectiva, a gramática é a menor parte da EIC. Entretanto, todas essas regras nos AICs concretos são violáveis, sobretudo as regras sistêmicas. De acordo com a Ecolinguística, isso pode ocorrer “quando a intenção do falante é recuperada pelo ouvinte devido ao contexto que compartilham”, em casos de ordenação de locuções na oração, de orações no período, de período no parágrafo e de parágrafos no texto. No caso das regras interacionais, essa violação não acontece sem algum tipo de condenação social (COUTO *et al.*, 2016, p. 238).

Nessa perspectiva, a interação comunicativa se constitui como uma das bases da língua, o que confirma a tese de que a língua, segundo os fundamentos ecológicos, equivale às interações da Ecologia, sendo formada pela: Interação Comunicativa entre duas pessoas de uma comunidade (setas horizontais) e interação referencial (setas oblíquas) segundo Couto *et al.* (2016, p. 239). Vejamos a figura 8.

Figura 8 – Língua como interação



Fonte: Couto *et al.* (2016, p. 239).

Como a Ecolinguística encara a língua como um todo orgânico, ela trata todo e qualquer fenômeno linguístico de forma holística e dialética. Assim, tanto a **comunicação** quanto a **significação** ocorrem de forma simultânea como podemos ver na figura 8. Segundo Couto *et al.* (2016, p. 239), portanto, a interação comunicativa é composta por um falante (p_1) e por um ouvinte (p_2), de modo que para que a comunicação se inicie é necessário que o falante (p_1) tenha algo a dizer, um assunto (A), o que constitui a interação indivíduo-mundo (a). Após isso, o falante profere um enunciado (b) para seu interlocutor (p_2). Como p_2 geralmente compartilha informações com p_1 , tende a evocar aquilo a que o falante se referiu (c). Inicialmente, temos a interação ecológica organismo-organismo, mais especificamente,

entre duas pessoas (p_1 e p_2) da população (P). A primeira interação consiste em uma solicitação (b) de p_1 a p_2 mencionada anteriormente.

Essa interação pode ter continuidade com o ouvinte (p_2) transformando-se em falante e o falante (p_1) em ouvinte. O processo é o mesmo, isto é, p_2 se dirige a p_1 (b'), reportando-se ao assunto da conversa (A). O ouvinte, agora p_1 , evoca aquilo de que havia falado e seu interlocutor menciona de novo (c'). As linhas c' e a representam a referência do falante, sua interação com o objeto de diálogo; as linhas c e a' , a do ouvinte. É o momento de **significação**. As linhas b e b' , por seu turno, mostram a interação pessoa-pessoa, ou seja, a **comunicação** (COUTO *et al.*, 2016, p. 240)

Posteriormente, temos a interação ecológica organismo-mundo, que constitui a interação referencial, a qual é composta, geneticamente, de duas etapas. Segundo Couto *et al.* (2016, p. 240) a primeira vai do aspecto do mundo para p, em um percurso perceptivo e até onomasiológico. A segunda faz o percurso inverso, indo de p para o aspecto do mundo, em um processo de identificação e semasiológico, o que demonstra que o processo de designação é dialético. Percebe-se, assim, que esses dois tipos de interação se dão simultaneamente e atuam de forma conjunta no processo de formação do significado. Logo, é possível afirmar que a Semântica é o estudo do significado que emerge da EIC, incluindo-se aí não apenas o significado dos AIC (enunciados) como também dos itens lexicais, no caso de nossa pesquisa, as preposições, como veremos adiante no próximo capítulo.

Para finalizar esta subseção, é importante destacarmos que a língua faz parte de um ecossistema, a Exoecologia, mas contém ecossistemas em seu interior, a Endoecologia. Como há Ecossistemas dentro de Ecossistemas, e como todos eles são compostos por “partes”, vejamos, na seção a seguir, a Exoecologia e a Endoecologia.

2.4 Endoecologia e Exoecologia

No texto “*Da Gramática Pragmo-ecológica à Ecolinguística*”, Hildo Honório do Couto (2016) afirma que linguista húngaro-americano Adam Makkai (2016) faz uma distinção terminológica bastante interessante ao propor que os estudos da Ecolinguística sejam divididos em endoecológicos e exoecológicos. Em 1973, na gramática pragmático-ecológica, Makkai (2016) se dedicou a esses dois assuntos, de modo que considerou por Exoecologia da Língua o desenvolvimento, a distribuição, as características sociais, as estatísticas de populações, o *status* no seio de estados nacionais, como: as línguas minoritárias ou majoritárias, a situação legal, as chances de sobrevivência, as facilidades educacionais etc.,

de línguas individuais e de dialetos encarados como entidades ou corpos culturais (MAKKAI, 2016, p. 39). Isto é, ele concebeu, por Exoecologia, todas as relações entre as línguas, entre elas e seus usuários, bem como entre a própria língua e o território. Seriam as relações entre língua e o mundo extralinguístico, o que há fora dela.

Ao contrário disso, segundo a tradução feita por Couto (2016), Makkai propôs também a Endoecologia da Língua, a qual “estuda e descreve as relações internas do subsistema fonoecológico inferior ao superior; as relações internas do subsistema ‘fonoecológico’ para o ‘morfoecológico’, e do morfoecológico ao ‘lexoecológico’ e as ‘semoecologias’” (MAKKAI, 2016, p. 39). Essa proposta de Makkai vê a endoecologia da língua como uma teia, subdividida em níveis que se inter-relacionam. Desse modo, as relações endoecológicas seriam, basicamente, o ‘sistema da língua’, a estrutura interna que trata da sintaxe, da morfologia, da fonologia etc.

Desse modo, a linguagem humana é vista por Makkai (2016, p. 39) como uma Ecologia composta de subsistemas ecológicos, os quais constituem a Endoecologia da língua. Já a Exoecologia compreende as relações das línguas com o ambiente exterior. Nesse sentido, posteriormente, Couto (2007a) adota essas duas perspectivas por reconhecer que, dessa forma, como na Ecologia há uma Ecologia externa e uma Ecologia interna aos organismos, na Ecolinguística também é necessário fazer essa distinção relacionada aos fenômenos linguísticos. Como bem afirma Capra (2002, p. 269):

a grande maioria dos organismos estão não só inseridos em ecossistemas, mas são eles próprios ecossistemas complexos, contendo uma infinidade de organismos menores que possuem considerável autonomia, e, no entanto, integram-se harmoniosamente no funcionamento do todo (CAPRA, 2002, p. 269).

Isso demonstra que essas duas correntes, a Endoecologia e a Exoecologia, encaram tanto aspectos internos quanto externos dos organismos ou da linguagem, respectivamente.

Assim, por ser uma disciplina englobante, a Ecolinguística estuda tanto os fenômenos externos à língua, ou seja, o ecossistema em que ela se insere (Exoecologia), que corresponde à exterioridade dos analistas do discurso e à linguística externa tradicional, bem como inclui, em seu objeto de estudo, a ecologia interna da língua (Endoecologia), que equivale à linguística interna tradicional, em que há um ecossistema a ser explicado, as estruturas (COUTO *et al.*, 2016).

Quanto aos fenômenos exoecológicos, esses tratam de tudo que tem a ver com as relações da língua com o mundo extralinguístico, ou seja, o domínio do Ecossistema social.

Assuntos como ecologia da evolução, linguagem preconceituosa, política e planejamento linguístico, ecolinguística crítica, direito linguístico, insegurança linguística, desenvolvimentismo, ecologia da aquisição e aprendizagem, além de estudos sobre léxico cuja semântica sempre evoca o mundo extralinguístico etc., são considerados assuntos exoecológicos (COUTO *et al.*, 2016).

Já os fenômenos endoecológicos, segundo Couto *et al.* (2016), tratam de assuntos como estudos sobre o vocabulário de diversas comunidades linguísticas, processos morfológicos de formação de palavras, prefixos, recursividade sintática para garantir a eficácia da comunicação, configuração silábico-vocabulares das proparoxítonas, fonação humana, etnoecologia linguística aplicada ao vocabulário etnobotânico, estudo do léxico e conceitos polares, tais como branco/preto, grande/pequeno etc., assim como o estudo das preposições, que representam as relações básicas de um objeto em relação ao outro e/ou a um observador, o que será mais bem discutido em nossa pesquisa.

Notamos, então, que a Semântica, principalmente a Lexical, por evocar aspectos internos e externos à língua, se insere no que Makkai (2016, p. 39) denomina de Pan-Ecologia, que é a síntese da Exoecologia e da Endoecologia, as quais apresentam inúmeras interações entre si. Desse modo, nosso estudo semântico das preposições é tanto Endoecológico como Exoecológico por partir de uma base onomasiológica que vai da coisa/referente existente no mundo à palavra, de onde emergem as expressões espaciais. Entretanto, após formada, a língua adquire uma relativa autonomia frente ao mundo, de modo que todas essas preposições, e outras palavras do léxico, podem adquirir outros valores, momento da virada semasiológica – da palavra à coisa/referente no mundo (COUTO *et al.*, 2016, p. 249). Esses e outros aspectos serão melhor trabalhados no capítulo a seguir.

3 SEMÂNTICA: UMA DIALÉTICA ENTRE ONOMASIOLOGIA E SEMASIOLOGIA

Para que possamos realizar um estudo predominantemente semântico das preposições, é necessário que discutamos, primeiramente, sobre o objeto de estudo da Semântica, a significação, tendo como base os fundamentos ecológicos. Para tanto, na seção 3.1 realizamos um breve apanhado de como a significação vem sendo abordada por diferentes correntes linguísticas para logo após mostrarmos como a significação emerge em meio às interações do ecossistema linguístico. Nesse sentido, como já fora mencionado, a Ecolinguística trata os fenômenos linguísticos de forma holística. Assim, ela pratica a Semântica dialeticamente, ora partindo da Onomasiologia e complementando-a com a Semasiologia, ora indo na direção inversa, sempre de maneira complementar. Dessa forma, na seção 3.2, conceituamos e apresentamos um breve histórico dessas duas posturas para em seguida, na seção 3.3, retomarmos esses dois conceitos sob o olhar da Ecolinguística. Já na seção 3.4, aplicamos essas duas abordagens no estudo das preposições portuguesas, que se inicia com a base onomasiológica, a qual é demonstrada no subitem 3.4.1, em que discorremos sobre a Ecologia das Relações Espaciais (ERE). Por fim, na seção 3.5, finalizamos as questões semânticas, discutindo sobre uma importante categoria para a Ecolinguística, a *prototipicidade*.

3.1 A Semântica e seus desdobramentos na Ecolinguística

Tradicionalmente, a Semântica é definida como o estudo do significado linguístico, ou seja, ela investiga os sentidos expressos nas línguas naturais. No entanto, segundo Ulmann (1964, p. 113), o significado é um dos termos mais ambíguos da teoria da linguagem, não havendo um consenso entre os semanticistas sobre sua definição.

Uma das dificuldades em definirmos esse termo se deve ao fato de haver diversos tipos de significado, entre eles o significado léxico-referencial sistêmico, significado sistêmico, o significado pressuposicional, o significado implicatural, o significado ilocucionário ou performativo e o significado contextual, entre outros. Eles são produzidos de diferentes maneiras e há inúmeras possibilidades de estudá-los, ou seja, há várias semânticas, sendo que cada uma delas escolhe a sua própria noção de significado, a qual “responde diferentemente à questão da relação linguagem e mundo” (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

De acordo com Trask (2004), a Semântica teve um caminho incerto na história da linguística, por se constituir como disciplina apenas no século XIX no “quadro do

desenvolvimento da linguística histórica, inicialmente pela fonética, mais aprimorada, e depois pela gramática” (GREIMAS, 1973, p. 12). Essa se formalizou e se definiu em 1987 com os estudos de Micheal Bréal, em seu livro intitulado *Éssai desemantique*, o qual tratou do que viria a ser chamado mais tarde de Semântica Lexical, que investiga os sentidos das palavras, isto é, dos itens lexicais ou lexemas. Aqui a relação linguagem e mundo é muito importante, pois o significado está atrelado às coisas no mundo, ao referente.

Conforme afirma Castilho (2014, p. 08), portanto, a Semântica lexical “trata dos traços semânticos inerentes / intensionais, que são exemplificados nas diferentes categorias léxicas, tais como verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, preposições”, o que demonstra que as preposições não são apenas categorias gramaticais vazias de significado, pelo contrário, elas possuem valor semântico como temos mostrado.

Nessa perspectiva, temos a Semântica Formal, que se assemelha em alguns aspectos à Semântica Lexical ao dar grande importância à relação linguagem e mundo. Para ela, “o significado é um termo complexo que se compõe de duas partes: o sentido e a referência”, ou seja, é a partir do sentido que é possível falarmos sobre um objeto no mundo (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Segundo a autora já mencionada (2001, p. 22), o sentido corresponde a uma referência no mundo, ou seja, é por meio dele que podemos alcançar um objeto no mundo, “mas é o objeto no mundo que nos permite formular um juízo de valor [...] que nos permite avaliar se o que dizemos é falso ou verdadeiro”. Assim, na Semântica Formal, é possível, através da linguagem, atingirmos uma verdade que está fora dela, “o que nos permite falar objetivamente sobre o mundo e, conseqüentemente, adquirir um conhecimento seguro sobre ele”. Desse modo, o conceito de verdade está fora da linguagem (OLIVEIRA, 2001, p. 27).

De acordo com Castilho (2014, p. 03), desde os estudos formais, já havia muitas reflexões gramaticais, ou seja, os linguistas relacionavam as estruturas gramaticais e o sentido, o que conduziu à organização da Semântica Gramatical, a qual trata dos significados das construções. Ela “considera a construção para que se detenha dela um sentido, indo além do sentido literal de cada palavra que a compõe (CASTILHO, 2014, p. 06).

Posteriormente, na Semântica da Enunciação, o significado resulta “do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela” (OLIVEIRA, 2001, p. 18), ou seja, o significado surge a partir das diversas possibilidades de encadeamento argumentativo que as palavras podem exercer no discurso. Aqui é a linguagem que cria o mundo e não o contrário.

Ela serve para convencer o interlocutor a entrar no jogo discursivo do locutor e, assim, persuadi-lo sobre a verdade que está sendo dita (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

Conforme Castilho (2014, p. 03), outra divisão no campo semântico ocorreu:

quando as pesquisas destacaram o fato de que os sentidos não estão inteiramente encapsulados no signo linguístico, pois em sua elaboração a língua depende fortemente da interação. Os sentidos são criados ao longo de uma conversa, servindo as palavras como uma sorte de gatilho para essa atividade. Surgiu, assim, uma nova disciplina para investigar as relações entre os signos e os usuários, denominada Pragmática. (CASTILHO, 2014, p. 03)

Essa nova disciplina, relacionada à Semântica, propiciou o surgimento da Semântica Discursiva ou Pragmática, que trata das significações geradas no intervalo que ocorre entre os locutores e os signos linguísticos. Para ela, “a significação é uma categoria que só pode ser definida no texto ou no contexto que envolve uma interação linguística”. Assim, esse tipo de Semântica “trata das significações geradas no espaço que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, significações essas não contidas nas palavras nem nas construções gramaticais envolvidas, expressas no texto” (CASTILHO, 2014, p. 21).

Nesse contexto, houve um desalinhamento entre gerativistas e estruturalistas, o que gerou uma divisão entre eles. Aqueles se mantiveram nas bases tradicionais dos estudos semânticos e estes “consideravam difícil aplicar suas técnicas de análise ao que chamaram ‘o pântano do significado’” (CASTILHO, 2014, p. 03). Dessa maneira, “os insatisfeitos mudaram-se para a costa americana oeste, dando início ao que viria a ser conhecido como Linguística Cognitiva”. Surge, então, a Semântica cognitiva, a qual trata da criação dos sentidos.

Segundo Oliveira (2001), a Semântica Cognitiva teve seu marco inaugural em 1980 com a obra *Metaphors we live by* de George Lakoff e Mark Johnson. Essa vertente da Semântica vê o significado como central na investigação sobre a linguagem, de modo que ela não tem uma correspondência direta com o mundo. Desse modo, o significado surge de dentro para fora, sendo ele motivado. Ainda conforme a autora citada, “a significação linguística emerge de nossas significações corpóreas, dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que nos circunda”, ou seja, o significado se dá a partir das nossas experiências físicas com o meio ambiente em que vivemos, sendo ele natural e experiencial (OLIVEIRA, 2001, p. 34). Assim, o significado não é prioritariamente linguístico o que será melhor abordado posteriormente.

Para finalizar alguns dos diversos ramos da Semântica, com o ressurgimento da Linguística Histórica, ensaiaram-se alguns passos na organização da Semântica diacrônica, a

qual ainda é pouco pesquisada e trata da mudança diacrônica dos sentidos, (CASTILHO, 2014, p. 04). De acordo com Lyons (1984) nos últimos cinquenta anos,

os mais importantes desenvolvimentos da semântica diacrônica foram os seguintes: (i) aplicação dos princípios estruturalistas à história dos campos semânticos, (ii) implementação do princípio segundo o qual a história do vocabulário de uma língua não pode ser estudada independentemente da história social, política e econômica do povo que a fala – derivando daqui os estudos sobre as palavras e as coisas, (iii) entendimento de que variações diacrônicas e dialetais são inseparáveis (LYONS, 1984, p. 620).

Sendo assim, notamos que o significado pode ser analisado por diferentes ângulos, de modo que o que as diversas teorias fazem é recortar o objeto de investigação de maneiras distintas, privilegiando o estudo de certos aspectos envolvidos na análise do significado. Portanto, o que nos interessa neste momento é discorrer sobre como a Semântica se acomoda no contexto da disciplina Ecolinguística.

Partindo dos pressupostos da Ecologia Biológica, em que a Ecolinguística se fundamenta, o conceito central é o de Ecossistema, o qual é constituído pelas interações. Essas interações que ocorrem no interior do Ecossistema podem se dar entre os organismos vivos e o seu meio (a interação organismo-mundo), as quais equivalem à referência, bem como entre quaisquer dois organismos (interação organismo-organismo), que correspondem à comunicação (COUTO *et al.*, 2016, p. 212).

Na Ecolinguística isso não é diferente, pois ela adota os princípios oriundos da Ecologia Biológica e tem a língua como basicamente interação. Desse modo, a interação entre dois indivíduos da população, isto é, relação entre pessoas, equivale à comunicação, ou interação comunicativa que já foi mencionada no capítulo anterior. E as interações entre indivíduos e o mundo ou território, ou seja, relação P – M (povo – mundo) equivalem à significação, referência ou à descrição de estados de coisas ou de eventos (narração). De qualquer modo, ambas as interações “estão intimamente relacionadas, uma vez que nos referimos a aspectos do mundo geralmente em atos de interação comunicativa” (COUTO *et al.*, 2013b, p. 391).

Ao verificarmos essas interações no Ecossistema Integral da Língua, que é representado pelo tripé LPT linearizado, em que T pode ser substituído por M de mundo, percebemos que a língua só se relaciona com o mundo por intermédio da população que a usa. Isto é, a língua só é formada a partir do seu uso diário pela população, na interação de seus membros entre si e com o mundo semântico-referencial (COUTO *et al.*, 2013b, p. 392). Dessa maneira, a língua é concebida como um meio de comunicação que envolve expressão de

pensamentos, pois uma das maneiras de nos comunicarmos é nos referindo a alguma coisa e só nos referimos a essas coisas nos comunicando, ou seja, a língua é vista pela Ecolinguística como a própria interação como já dito anteriormente.

Nesse sentido, a Semântica é o estudo do significado que emerge da interação comunicativa. Aí se incluem os significados dos atos dessa interação (enunciados) como também dos itens lexicais (COUTO *et al*, 2013b, p. 392).

De uma forma mais ampla, a Semântica, de acordo com Couto (2007a, p. 137), é o estudo de como os membros da Comunidade categorizam, classificam linguisticamente o meio ambiente, ou seja, como os membros da comunidade se referem e significam o mundo físico, o meio ambiente natural. É a partir do que se observa na natureza que surgem os conceitos e significados. Essa “categorização parte da própria projeção dos aspectos do meio ambiente no cérebro desses indivíduos, que se socializa no momento em que é compartilhada com outros membros da comunidade”, isto é, compartilhar socialmente da mesma percepção que se tem do meio ambiente natural é o que possibilita a construção do significado (COUTO *et al*, 2013b, p. 390).

Essa projeção ocorre conforme o indivíduo percebe sensitivamente o mundo, ou seja, o indivíduo percebe as coisas, capta o real, o que foi captado passa pela sensação, onde se criam os sentidos e daí ele representa a coisa por um processo dinâmico biopsicossocial, ou seja, sofre tanto influência do MA mental quanto do MA social nesse processo. Após essas etapas, vem a etapa da conceptualização que consta de seu compartilhamento com outros membros de P, seguido da lexicalização. Em síntese: o indivíduo percebe o MA natural/físico, essa percepção do real é processada no MA mental e após as interações com os outros membros de P, organizados socialmente (MA social), o que foi captado se semantiza, ou seja, é compartilhado socialmente, recebendo uma designação, um rótulo (COUTO *et al*. 2013b, p. 390).

Dessa maneira, percebe-se que o importante é refletir a respeito do processo de surgimento do significado, e não necessariamente defini-lo. Assim, deve-se levar em consideração que esse processo envolve muito mais que a capacidade biológica e cognitiva do indivíduo de organizar e dizer o mundo, mas também as suas experiências a seu respeito (ARAÚJO, 2014, p. 126).

Ao pensar no processo de criação do significado pelo viés ecológico, vemos que este se assemelha ao que vem sendo proposto pela Semântica Cognitiva, que considera que o significado resulta “de uma representação mental particular, subjetiva, que decorre de

processos cognitivos (como atenção, percepção, memória, categorização etc.) do indivíduo, que, por sua vez, estão atrelados a aspectos culturais, sociais, políticos, entre outros”. (SANTOS, 2015, p.24)

Essa percepção do real é processada no cérebro humano, em que a Semântica Cognitiva utiliza-se da conceptualização, que, segundo Langacker (2007, p. 431), consiste no ato de o indivíduo se envolver e experienciar corporalmente o mundo, o que inclui não somente a experiência perceptual, mas também o controle central da atividade motora e as sensações cinestésicas que ela induz. Portanto, a significação parte da experiência humana, ou seja, o significado surge da relação do indivíduo com o mundo. Assim, o significado não é essencialmente linguístico e sim corpóreo.

Nesse sentido, conforme Lakoff (1987), essa experiência envolve a totalidade da experiência humana e o que nela desempenha um papel, como: a natureza de nossos corpos, capacidades geneticamente herdadas ou formas de fisicamente operar no mundo, nossa organização social, cultural, entre outros. Para a Ecolinguística, as experiências dos indivíduos com o mundo físico (MA natural) e as operações mentais (MA mental), ocorrem por meio da conceptualização, que estão inter-relacionados à práxis de um P com o meio ambiente no qual se encontra (MA social) (ARAÚJO, 2014, p. 135).

De acordo com a Semântica Cognitiva, significar é basicamente conceptualizar, que se trata de um processo que “envolve aspectos sócio-histórico-culturais, experienciais, sendo, portanto, dinâmico, flexível, subjetivo, hermenêutico”, ou seja, nosso corpo é o ponto de partida para as relações que são feitas com o mundo, sendo o significado construído a partir dessas interações tanto físicas quanto corpóreas com o meio. Dessa maneira, conceptualizar está condicionado tanto às experiências individuais quanto à relação desse indivíduo com o mundo exterior. A ênfase está na cognição (SANTOS, 2015, p. 25). Já para a Ecolinguística, o significado é construído nas inter-relações entre os indivíduos e entre eles e o meio ambiente, “de acordo com as necessidades presentes em seu cotidiano, num contexto de interação comunicativa”. Desse modo, “a linguagem deve ser concebida como uma atividade social, histórica e cognitiva, mas levando em consideração as atividades ou ações praticadas entre os indivíduos que a conhecem” que parte da interação comunicativa (ARAÚJO, 2014, p. 135).

Sendo assim, percebe-se que é a inter-relação entre os três meio ambientes (físico, mental e social) que possibilita o surgimento do significado, em que “a motivação externa corresponde ao mundo (MA físico); a percepção sensório-motor nos remete ao indivíduo, o sujeito, o falante (MA mental); e a experiência culturalmente partilhada é o meio ambiente

social (MA social) ” (ARAÚJO, 2014, p. 136). Isto é, o significado é experiencial, construído nas interações povo-mundo e povo-povo.

Todo esse processo de criação do significado nos mostra que ele surge primeiramente nas interações do indivíduo com o meio ambiente e entre os próprios indivíduos, para somente depois surgir na relação entre palavras e coisas. Assim sendo, em consonância com os princípios da Ecolinguística, a semântica trata dos conceitos formados pela Comunidade nas interações que cada indivíduo mantém entre si e com o próprio meio ambiente (COUTO, 2007a, p. 138), o que nos permite compreender que a Ecolinguística pratica a Semântica dialeticamente, ora partindo da Onomasiologia e complementando-a com a Semasiologia, ora indo na direção inversa (COUTO, 2012a, p. 208).

Nota-se, então, que após conhecer determinado fenômeno ou coisa no mundo surge naturalmente a necessidade de se referir a ele, ou o inverso, o conhecimento do fenômeno provém da necessidade de se referir a ele (ARAÚJO, 2014, p. 126). Nesse sentido, é uma necessidade humana dar significado e conceituar as coisas, ações, qualidades e as relações entre as coisas – e entre os nomes de coisas e de ações. Esse momento está atrelado à onomasiologia., em que se parte da observação das coisas no mundo. Após isso, tem-se a virada semasiológica, em que a língua, mais especificamente a palavra que denomina tal coisa no mundo, adquire uma relativa autonomia frente a esse mundo, permitindo criar novos mundos, conseqüentemente, novos sentidos.

Assim, para que possamos realizar um estudo semântico completo das preposições, partimos do ponto de vista das relações entre as coisas do mundo (natural, mental e social), ou seja, da perspectiva onomasiológica. Complementando esse estudo com a perspectiva oposta, a semasiológica, que é o estudo dos diversos usos que a língua portuguesa, por exemplo, faz de cada preposição. Desse modo, nas próximas seções, apresentaremos um breve apanhado histórico da Onomasiologia e da Semasiologia, conceituando as duas concepções, para logo em seguida, abordarmos esses dois conceitos com base nos princípios da Ecolinguística.

3.2 Conceituando a Onomasiologia e a Semasiologia

Segundo Couto (2012a, p. 186), os conceitos de Onomasiologia e Semasiologia se referem à relação palavra-coisa, de modo que essa relação é sempre vista de uma perspectiva evolutiva. Tanto que, Couto (2012a) afirma que para Meringer (1912), “mudança de significação é mudança de coisa”, a qual se dá no contexto da interação comunicativa que foi trabalhada no capítulo anterior.

Nesse sentido, conforme Couto (2012a), a Onomasiologia vê a questão da referência. Parte da coisa em direção ao nome que ela recebe. Já a Semasiologia, a ciência da significação, faz o percurso inverso. Parte da palavra, indagando a que coisa, ou coisas, ela se refere. O campo onomasiológico, trata-se de um campo semântico, uma vez que o ponto central é o conceito, a coisa designada. A Semasiologia, nesse contexto, é um campo lexical, por tratar das significações. Olha-se as diversas significações que uma determinada palavra tem. De acordo com Baldinger (1966), a Onomasiologia é baseada na sinonímia enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia, assim,

a Onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que fala, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A Semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis (BALDINGER, 1966, p. 30).

Baldinger (1966) demonstra, em seus estudos, que as discussões sobre a dicotomia Onomasiologia e Semasiologia remontam ao século XIX. De acordo com Couto (2012a, p. 186), o termo *Semasiologia* surgiu em 1825 “nas *Vorlesungen über lateinische Sprachwissenschaft* (Preleções sobre a linguística latina), de Christian Carl Reisig, ministradas na Universidade de Halle e publicadas em 1839”. Friedrich Haase e Ferdinand Heerdegen, seguidores de Reisig, também fizeram publicações acerca da Semasiologia. Na mesma época, em 1888 na Alemanha, estudiosos também tratavam da ciência da significação.

Como nota-se, o termo *Semasiologia* surgiu antes do termo *Semântica* que apareceu em 1897 no *Essai de sémantique* de Bréal. Couto (2012a, p. 187) menciona que a Semasiologia, naquela época, “fazia aproximadamente o que hoje se faz sob o rótulo de semântica”. No entanto, a Semasiologia estava mais preocupada com a mudança de sentido das palavras, embora a semântica também trabalhasse este aspecto. Apesar de a Semasiologia ter surgido antes da Semântica, a Ecolinguística acomoda tanto a perspectiva semasiológica quanto a onomasiológica no contexto dos estudos semânticos.

Além disso, Couto (2012a, p. 187) mostra que existem algumas publicações clássicas sobre a Semasiologia. Entre elas: o *Handbuch der Semasiologie* (Manual de Semasiologia), de Heinz Kronasser, que procurou dar uma explicação psicológica para a mudança da significação das palavras; *Die Semasiologie - Versuch eines Überblicks* (A Semasiologia - tentativa de visão de conjunto), publicada em Berlim, em 1957, de Kurt Baldinger.

Quanto a Semasiologia, Baldinger (1966, p. 15) afirma que “o emprego da palavra numa situação precisa condiciona uma nova significação, o que exige, no dicionário, uma

definição nova”, pelo fato de a palavra adquirir “um matiz que deriva da situação”. Isto é, na dinâmica da evolução e da geografia da língua, a palavra passa a ter diferentes sentidos em determinados contextos, o que será comprovado ao apresentarmos as diversas acepções das preposições no próximo capítulo. Desse modo, percebe-se que as palavras têm uma significação central, de base, que, de acordo com a situação na qual elas são empregadas, adquirem uma “significação mais ou menos afastada do nó da significação” como menciona Baldinger (1966) e que por nós é pesquisado.

Segundo Baldinger (1966, p. 18), os principais aspectos da semasiologia são: o seu caráter linear; ela trata da estrutura semasiológica que pode ser complicada ou simples; por meio dela fica evidente que se deve aprofundar nas relações estruturais da língua; ela se incorpora no sistema do eixo sincrônico-diacrônico de Saussure, o ponto de partida é a estrutura sincrônica que difere segundo as épocas e os lugares. Assim, o autor constata que para ter uma interpretação mais segura dos textos é necessário se aprofundar na estrutura semasiológica.

Posteriormente, a perspectiva onomasiológica surgiu como uma reação aos neogramáticos. De acordo com Couto (2012a, p. 187), o termo foi usado pela primeira vez por Adolf Zauner em sua tese *Die romanischen Namen der Körperteile* (Os nomes românicos das partes do corpo) publicada em 1902. Ainda conforme o autor, alguns linguistas dividem a história da Onomasiologia em três fases. A primeira é a da emergência, em que se associava “a coisa à palavra, levando-se o princípio onomasiológico ao pé da letra. A segunda corresponde ao período do movimento *Wörter und Sachen*, que deu lugar ao surgimento da revista homônima em 1909, em Graz (Áustria), cujo mentor era Rudolf Meringer. A terceira se associa aos campos lexicais, ou melhor, campos semânticos”.

De acordo com Couto (2012a, p. 190), a ideia dos campos semânticos recua à Herder (1744-1803) e à Humboldt (1767-1835), tendo tido também influência do conceito de sistema de Saussure (1973). Ainda conforme o referido autor, o nome mais relevante nessa área

é o de Jost Trier, com o clássico *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes* (1931). Em Trier (1966), vê-se que o autor defende a ideia de que as palavras e seus significados não existem, nem evoluem, isoladamente. Segundo ele, ‘o vocabulário de uma língua é como uma casa, de que existem partes de grande estabilidade’ (*apud* COUTO, 2012a, p. 190)

As ideias de Herder e Humboldt, segundo Couto (2012a, p. 191), referem-se ao fato de a linguagem criar o mundo, o que demonstra uma preferência deles pela Semasiologia.

Diferentemente, a escola *Wörter und Sachen* dá prioridade à Onomasiologia que vê as coisas estreitamente ligadas às palavras que as representam.

Em conformidade com Baldinger (1966, p. 34), “a Onomasiologia, tal como a concebemos, não é mais a ciência estreita, ligada às *Wörter und Sachen*”. Pelo contrário, ela “estuda a realização linguística dos conceitos em qualquer domínio do léxico (e mesmo em todos os domínios da língua)”, ou seja, para esse autor inclusive fenômenos morfológicos e sintáticos podem ser estudados pela Onomasiologia. Sendo assim, ela estuda uma estrutura, isto é, as posições recíprocas das diferentes designações e por isso se reconhece, assim como na estrutura semasiológica, “um centro de um ou de diversos polos com um campo objetivo, afetivo ou misto ao seu redor” (BALDINGER, 1966, p. 26).

Ao longo do século XX, os estudiosos começaram a se posicionar a favor ou contra essas duas visões. Em 1919, segundo Baldinger (1966), Karl Vossler se posicionou contra a Semasiologia. Já em 1927, Leo Weisgerber chega a mencionar que a Semasiologia é um erro da Linguística, o qual era a favor de uma ciência dos conceitos. Rudolf Meringer, criador da revista *Wörter und Sachen* (palavras e coisas), também defende a visão onomasiológica. De forma mais radical, tem-se Hugo Schuchardt, o qual “propôs que se dissesse *Sachen und Wörter* (coisas e palavras), uma vez que a coisa precederia a palavra em todo sentido”. Para ele, “a coisa subsiste por si própria; a palavra só na dependência da coisa, sem a qual é apenas um som vazio” (*apud* COUTO, 2012a, p. 185). Assim, percebe-se que a Onomasiologia se impôs mais facilmente que a Semasiologia, a qual enfrentou muitas críticas e obstáculos. Talvez pela Semasiologia ser confundida com a Semântica e a Onomasiologia sempre ter sido percebida na acepção atual que lhe é conferida.

Como observou Baldinger (1966, p. 09), Vossler confrontou esses dois conceitos, mostrando que são complementares, o que já estava sugerido em Zauner, que conceituava Onomasiologia respondendo à pergunta sobre como a língua expressa determinado conceito. Portanto, Baldinger (1966) demonstra que essas duas posturas realmente são complementares, pelo fato de a Onomasiologia partir de fora, da coisa, e procurar pela denominação (palavra) que ela recebe, à medida que a Semasiologia parte de dentro, da palavra, havendo um paralelismo reverso entre elas. Nesse sentido, Meringer (1912) afirma que “pesquisa de coisa e pesquisa de palavra precisam alimentar-se mutuamente”, pois não é possível “encarar a significação como algo existente por si mesmo”, independente da coisa.

Schuchardt (*apud* COUTO, 2012a, p. 189), ao falar da Semasiologia, menciona que “por meio das palavras podem ser reveladas propriedades, idade e disseminação da coisa”.

Tanto que ele acredita que a pesquisa das coisas e a das palavras não têm acontecido de forma complementar como deveria. Desse modo, a Ecolinguística, por ter uma visão orgânica da língua, trata os fenômenos linguísticos levando em consideração as duas perspectivas de maneira complementar. Assim, vejamos na seção a seguir esses dois conceitos com base nos fundamentos ecológicos.

3.3 Onomasiologia e Semasiologia revisitadas pela Ecolinguística

Segundo Fill (1987), “uma das áreas de maior interesse na língua são suas relações com o mundo”, as quais são encaradas de diversas perspectivas. Dentre elas temos uma primeira concepção que advém do Estruturalismo, do Pós Estruturalismo e da hipótese de Sapir/Worf, além de toda tradição Herder-Humboldt-Weisgerber e da teoria do campo semântico de Trier (COUTO, 2007a, p. 122). De acordo com ela, a linguagem se interpõe entre o povo (P) e o mundo (M), sendo representada como P – L – M. Para essa concepção o povo (homem) não tem acesso direto ao mundo, apenas mediante a linguagem (COUTO, 2012a, p. 193), ou seja, o mundo é construído pela língua de modo que o povo não tem um contato direto com o meio ambiente físico.

De acordo com Schaff (1974, p. 41), essa perspectiva representa uma visão metafísica da relação do povo com o mundo, uma vez que a língua é “promovida ao papel do criador, do demiurgo do único mundo acessível ao homem”, afinal, “o sistema definido de uma língua cria uma imagem do mundo (fora da qual, nada pode, entretanto, ser dado no conhecimento)” (*ibid*, 1974, p. 42), a qual é denominada por ele de “mística e idealista”, o que não poderia ser seguido em um estudo científico da linguagem. Entretanto, o aspecto positivo dessa teoria, segundo Schaff (1974, p. 46), se dá por ela reconhecer que “as diferenças linguísticas equivalem a diferenças na classificação dos objetos do mundo exterior, o que se projeta em definitivo sobre nossa visão do mundo”.

Conforme Couto (2012a, p. 194), a segunda visão demonstra exatamente o contrário da anterior, que é o povo ou a população que se interpõe entre a linguagem e o mundo conforme a representação L – P – M. Para ela o povo tem acesso direto ao mundo, sem intermédio da língua. “É a população que cria a linguagem, partindo de sua práxis diária no meio ambiente em que vive”, como foi mostrado na seção 3.1 no processo de conceptualização. Aqui há um reflexo do mundo ou do território na língua, o que faz crer que a língua é construída pelo mundo. Essa visão é parte do que a Ecolinguística propõe, principalmente, porque, segundo essa concepção a língua, após formada, “adquire uma

relativa autonomia frente ao mundo”, permitindo que o homem fale “do que existe, do que ainda não existe e até do que provavelmente nunca existirá” (COUTO, 2012a, p. 194).

Em conformidade com Couto (2007a, p. 122), essas perspectivas são radicais por absolutizarem apenas uma faceta das relações entre língua e mundo. Assim, existe uma outra alternativa que afirma que “a língua está interligada com o mundo, ela tanto constrói quanto é construída pelo mundo” (MUHLHAUSLER, 2003, p. 02). Ela é dialética, sendo representada por $L \longleftrightarrow M$. Aqui a língua surge como uma projeção do território (M) sobre o povo, de modo que “toda influência do meio ambiente físico na língua é filtrada pela sociedade, isto é, por povo” (COUTO, 2007a, p. 126). Essa é a postura que a Ecolinguística adota, por esse motivo é que a Semântica é também dialética, a qual combina a visão onomasiológica à semasiológica.

Uma vantagem dessa concepção, segundo Couto (2007a, p. 126), é que coloca “os humanos como os verdadeiros sujeitos da linguagem. Eles não só formam e transformam, tirando material” do mundo/território, como também usam da linguagem para intervir no próprio mundo/território.

Até então, no contexto da Onomasiologia e da Semasiologia, as duas primeiras concepções é que eram colocadas em prática. De acordo com Couto (2012a, p. 194), no início dos estudos, os adeptos dos pressupostos da escola *Wörter und Sachen* “pendiam para a visão de que a linguagem surge como projeção de coisas, ações, qualidades e relações existentes no mundo”. No entanto, os adeptos dos campos semânticos pendiam para o lado oposto, “o de que é a linguagem que cria o mundo, como fica muito claro no humboldtiano confesso Leo Weisgerber”. Nesse sentido, as reflexões sobre a linguagem surgiram justamente das ideias desenvolvidas na escola *Wörter und Sachen*, ou seja, da relação palavra-coisa.

Desse modo, os estudiosos de Onomasiologia e de Semasiologia, principalmente os ligados à escola *Wörter und Sachen*, na maioria das vezes, investigavam a relação entre palavras e coisas do ecossistema natural da língua. Afinal, esse é o mundo ou meio ambiente que interessa para essas perspectivas, pois é nele que está grande parte das coisas a que as palavras se referem. Segundo Couto (2012a, p. 196),

de fato temos muitas palavras que se referem a coisas propriamente ditas desse mundo, tais como árvore, rio, pedra, nuvem, estrela, cavalo etc. Temos também aquelas que se referem a situações, não propriamente a coisas. Alguns exemplos que podem ser dados são dia, noite, frio, calor, vento etc. Além das coisas e situações, no mundo natural, podemos identificar, e identificamos, ações, qualidades e relações. Entre as ações podemos citar as de ir, vir/voltar, comer, trabalhar, dar (algo a alguém), relampear, chover, ventar etc. Do âmbito das qualidades, poderíamos dar

como exemplo branco, preto, vermelho, grosso/fino, grande/pequeno, alto/baixo, entre inúmeras outras. Por fim, entre as relações que se dão entre as coisas do mundo poderíamos mencionar dentro/fora, em cima/embaixo, antes/depois, à direita/à esquerda, as que indicam movimento na direção de um alvo (\rightarrow) ou a partir dele (\leftarrow), além das de verticalidade e horizontalidade (COUTO, 2012a, pgs. 196/197).

Essas relações serão mais bem investigadas na seção 3.4.1 ao tratarmos da ERE, base onomasiológica das preposições segundo os fundamentos ecológicos. Posteriormente, no próximo capítulo, verificaremos se as preposições espaciais usadas nas redações sob análise estão de acordo com o que a ERE propõe quanto a essas relações.

Atualmente, com os estudos ecolinguísticos, há um diálogo entre essas duas correntes de pensamento, formando, assim, uma terceira concepção, na qual combina-se a visão onomasiológica com a semasiológica. Conforme os pressupostos ecológicos, nenhuma das perspectivas tomada de forma isolada detém toda a verdade. Portanto, a linguagem surge filogeneticamente e ontogeneticamente, seguindo o percurso onomasiológico, isto é, o processo começa na direção $M \rightarrow L$. Então, segundo a Ecolinguística, as investigações de um fenômeno linguístico devem iniciar pela concepção onomasiológica. Entretanto, ao avançar com as investigações, uma postura semasiológica deve ser adotada, pois, após formada, a linguagem se amplia, adquirindo uma relativa autonomia frente ao mundo, seguindo, assim, o percurso semasiológico (COUTO, 2012a, p. 194). O que estamos demonstrando com essa pesquisa é que palavras tidas como gramaticais, como as preposições, também podem ter seus sentidos ampliados, o que mostra uma “ampliação do poder referencial da linguagem” como bem afirma Couto (2012a).

Sendo assim, ao observarmos as “coisas” geneticamente, a Onomasiologia – postura que parte da coisa (ou do conceito) para o nome que ela (ele) designa – revela uma certa primazia, por ser o ponto de partida em qualquer tipo de análise. Portanto, vejamos na próxima seção a base onomasiológica das preposições da língua portuguesa segundo os fundamentos ecológicos.

3.4 Onomasiologia e Semasiologia das preposições da língua portuguesa

Em princípio, acredita-se que as preposições pouco têm a ver com o mundo extralinguístico, pois elas não se referem a “coisas” do mundo, nem a ações ou qualidades. No entanto, elas designam relações entre as “coisas” que existem no mundo. Para que haja, assim, um estudo holístico das preposições, esse deve começar pelo referente, pela coisa, ou melhor,

pelas relações entre as coisas. Por isso, faz-se necessário, primeiramente, apresentar a base onomasiológica das preposições da língua portuguesa.

3. 4. 1 Ecologia das Relações Espaciais

Como dito anteriormente, investigamos, nesta pesquisa, as relações que se dão na língua pelas preposições, as quais são frequentemente classificadas como palavras gramaticais, vazias de sentido, estando seu significado atrelado às palavras de classe aberta (substantivos, verbos, adjetivos e alguns advérbios) conforme afirma a tradição gramatical, ou seja, elas são palavras de significado “gramatical”. A Ecolinguística, no entanto, diz que as preposições não são desprovidas de significado, “uma vez que contribuem para a função referencial da linguagem e, por isso, para sua função primordial, que é a comunicação” (COUTO, 2010, p. 15).

No contexto da tese que temos defendido, seguindo Couto (2010); Borba (1971) e Ilari (2015), de que as preposições têm uma significação própria, é possível confirmá-la pois, a diversidade semântica das sentenças se deve, em alguns casos, à preposição. Por exemplo, a sentença “Cheguei **do** passeio” representa uma situação completamente diferente da que ocorre em “Cheguei **no** passeio”, de modo que a distinção entre elas ocorre apenas pela troca de uma preposição por outra. Portanto, é a preposição o elemento que acarreta a mudança no todo significativo.

Além disso, Borba (1971) afirma, como discutido no primeiro capítulo, que a ausência ou a presença de uma preposição também provoca uma diversificação semântica, como em: “Aspirou o ar puro da manhã” (cheirar, respirar) e “aspirou **ao** ar puro da manhã” (almejou, desejou). Ademais, o estudo de Ilari (2015) evidenciou que certas ocorrências sintáticas podem ser explicadas pela semântica. Por exemplo, o verbo *gostar* sempre aparece junto à preposição **de**, o que demonstra que há uma motivação para a ocorrência dessas preposições junto a verbos, substantivos, adjetivos etc. Assim, esses e outros casos são explicados pelo que Ilari (2015) chamou de “transposição de esquemas sem motivação aparente”, tratado no primeiro capítulo dessa pesquisa.

Nesse sentido, as preposições, segundo os fundamentos ecológicos, refletem relações palpáveis do mundo natural, as quais são estudadas pela Ecologia das Relações Espaciais, a ERE. Nesse sentido, a ERE demonstra que toda preposição indica determinada posição prototípica ou movimento prototípico, sendo que cada uma delas pode se deslocar para posições adjacentes conforme afirma Couto (2010, p. 01). Trataremos de forma minuciosa

sobre a *prototipicidade* na Ecolinguística na seção posterior. Assim, a ERE salienta que essa posição ou movimento prototípico indica uma relação espacial, ou seja, as preposições têm como função básica e até mesmo originária a espacialidade como será evidenciado mais adiante.

Na Ecolinguística, como já mencionado, as preposições são encaradas de modo holístico, partindo de uma postura onomasiológica, ou seja, aquela que parte da coisa (ou do conceito) para o nome que ela (ele) tem, momento de surgimento das palavras. É por esse motivo que o estudo se insere, em primeiro lugar, no ecossistema natural da língua. Entretanto, o mental também é ativado, secundariamente, uma vez que é no cérebro que se formam as relações. Por fim, é no consenso social, nos membros da população organizada socialmente, a sociedade, que tudo isso é confirmado (COUTO, 2010, p. 04). Como partimos de relações existentes na natureza para as palavras que as designam, no caso as preposições, esse momento é expresso pela ERE.

Como supracitado, a língua tem uma relativa autonomia, por isso com o passar do tempo suas palavras, no caso as preposições, passam a designar outras coisas, momento semasiológico. De acordo com Couto (2010, p. 13), ele “consiste em partir dos nomes e ir na direção do que eles designam”. Essa postura semasiológica será adotada no quarto capítulo, ao verificarmos, nas produções textuais, com que outras acepções as preposições, além das mencionadas na ERE, estão sendo usadas.

Segundo Couto (2010, p. 04), as preposições espaciais estudadas pela ERE são:

[...] basicamente de dois tipos, as de posição e de movimento. Preposições de posição, também chamadas de locativas, indicam as diversas posições em que um objeto pode se encontrar, relativamente a outro. Por isso mesmo, pode-se dizer que são estáticas. Preposições de movimento, como o próprio nome já diz, são normalmente usadas com verbos de movimento. Elas podem indicar origem (venho **de** São Paulo), destino (vou **a** São Paulo) ou percurso (venho **de** carro **desde** São Paulo, passei **por** São Paulo) (COUTO, 2010, p. 04).

As tentativas de representar a ERE no que tange às preposições iniciaram-se no século XVII, época em que John Wilkins propôs uma representação bidimensional para as preposições inglesas, o qual colocou, segundo Couto (2007b, p. 90):

Um observador em frente a um ponto de referência que consistia de dois círculos concêntricos. Primeiro, ele apresenta uma seta “para baixo”, cujo resultado é “abaixo”, bem como uma outra “para cima”, que resulta na relação “acima”. Em seguida, temos as seguintes relações: a) “dentro” versus “fora”, b) “para dentro” versus “para fora”, c) “sobre” versus “sob”, d) “aquém” versus “além”, e) “a/para” versus “de/desde”. As seguintes relações não são dicotômicas em seu modelo: f) “sobre” (about), g) “acima” (over). Algumas posições em seu esquema não estão

muito claras para mim. Por exemplo, h) “embaixo” (below) está entre o observador e o círculo, mas um pouco abaixo do diâmetro dele, não abaixo dele. Além do círculo central, de novo da perspectiva do observador, Wilkins inclui: i) “através de” e k) “além de”. Fora do círculo maior, temos l) “a/para” (to) versus “de” (off). Finalmente, veem-se m) “após” (to the back of the observer, sic!) versus “antes” (in front of him, i.e., between him and the point of reference) (COUTO, 2007b, p. 90).

Mesmo apresentando algumas inconsistências, esta foi provavelmente a primeira tentativa, na história dos estudos linguísticos, de representar a ERE.

Segundo Couto (2007b), Bernard Pottier (1962) também estudou as preposições a partir do conceito de espacialidade. Ele apresentou as preposições tidas como de movimento, as quais foram representadas no esquema da Figura 1, embora incluía nele preposições que não são de movimento e até mesmo outras categorias de palavras.

Figura 9 – Modelo de Pottier

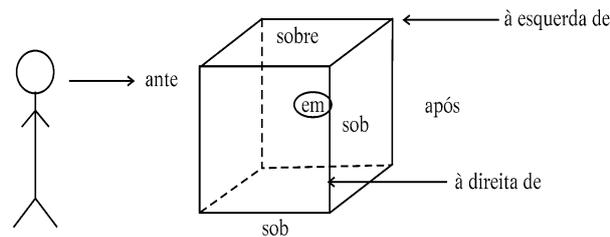
→		→
a		de
até		desde
para		por
ante		trás, após
diante		detrás
sob		sobre
sem		com
debaixo		em cima
perante		em
contra		entre
.....	

Fonte: (POTTIER, 1962).

Como já dito antes, toda preposição indica determinada posição prototípica ou movimento prototípico, o qual indica relação espacial, conforme Couto (2010, p. 01). Desse modo, a significação prototípica das preposições se encontra na ERE (figura 3) que fornece a visão onomasiológica. Como um subconjunto dessa relação espacial, têm-se as preposições que indicam relações naturais, as quais existem na natureza independente de um observador. Dentre elas estão: **em, entre, sobre e sob**.

Quanto às preposições de posição, temos o modelo que fora usado por John Wilkins no século XVII, retomado por Couto (1973, p. 45-46), refinado em Couto (1994) e aplicado às preposições portuguesas em Couto (2010). Trata-se da já mencionada ERE, exposta na Figura 2 (ver também VANDELOISE, 1991).

Figura 10 – Preposições de posição



Fonte: Couto (2007a, p. 122).

Couto (2007b, p. 91; 2010, p. 05) explica essa figura da seguinte maneira:

O ponto central dessa ecologia é a interioridade. Isso se deve ao fato de ela não exigir um observador. Assim, o caroço no interior de uma fruta está objetivamente lá, independentemente de haver alguém para observá-lo ou não. Por isso, ela é considerada a relação espacial não marcada, ao lado de seu oposto, a exterioridade. Não é de admirar que a preposição que a codifica (**em**) seja a preposição espacial não-marcada, inclusive a que codifica a relação oposta (**fora de**), que não está na figura 2 (COUTO, 2007b/2010).

Logo a seguir vêm as posições de superioridade (**sobre**) e inferioridade (**sob**). As posições nelas contidas são também independentes de um observador. Segundo Couto (2007b, p. 92), por exemplo, “uma pedra pequena em cima de uma maior está lá objetivamente, quer haja um observador, quer não”. Por esse motivo, essas posições vêm logo depois de **dentro/fora** na escala de mais ou menos marcada. Sendo assim, elas constituem a segunda e a terceira posição mais natural e menos marcada, respectivamente.

Ainda consoante a Couto (2010), as posições de anterioridade (**ante**, **antes de**) e posterioridade (**após**) dependem de um observador, uma vez que um objeto só pode estar antes ou depois de outro relativamente a quem o olha. Couto (2010, p. 05) afirma ainda que:

[...] se pensarmos **em frente (na frente de)** e traseira (**atrás de**), há entidades dotadas de frente e traseiro intrínsecos, como uma casa e um animal, por exemplo. Assim, independentemente de um observador, um objeto pode estar na frente da casa se estiver do lado da porta que dá para a rua (COUTO, 2010, p. 05).

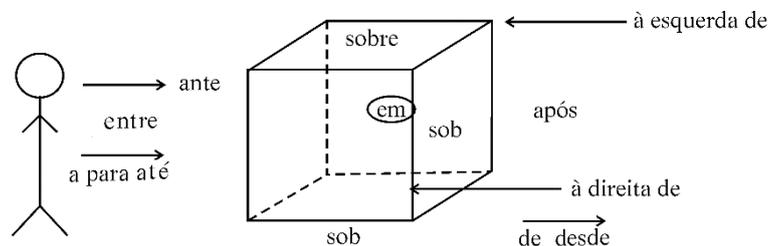
Existem, também, as relações de dexteridade (**à direita de**) e sinistridade (**à esquerda de**), as quais só são representadas por locuções prepositivas. De acordo com Couto (2010, p. 05):

Elas são as mais marcadas de todas as que compõem a Ecologia das Relações Espaciais. Cruzando todas essas relações, temos a dimensão verticalidade *versus* horizontalidade, de modo que todas as preposições podem ser encaradas dessa perspectiva. A relação de superioridade/inferioridade passa, verticalmente, pelas preposições **sobre-em-sob**, nessa ordem. A de anterioridade/posterioridade se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência **ante-em-após**. Por fim, a

dimensão lateralidade, que inclui dexteridade e sinistridade, passa por **à direita de** - em - **à esquerda de** (COUTO, 2010, p. 05).

É válido lembrar que as relações representadas nas duas figuras não exaurem todas as relações espaciais possíveis. Existe, ainda, a posição de intermediação (**entre**). A Figura 3 mostra que ela pode ser localizada entre o observador e o cubo. Ademais, mostra que as relações de direção de Pottier, mostradas na Figura 1, podem ser incluídas na ERE da Figura 2, o que mostra que essa Ecologia pode incluir todas as relações espaciais, inclusive as de movimento, com **a**, **para** e **até** (\rightarrow) e **de** e **desde** ($| \rightarrow$), ou seja, a ERE inclui as relações de Pottier (1962).

Figura 11 – Ecologia das Relações Espaciais



Fonte: Hildo Honório do Couto, não publicada.

Como dito anteriormente, no estudo das preposições, assim como de qualquer palavra da língua, é necessário primeiro partir da base mostrada nas Figuras 1, 2 e 3, que é o momento onomasiológico, de emergência das palavras, mas, após formada, a palavra pode adquirir outros matizes de significação, que é o momento semasiológico, como demonstrou Couto (2010). Como se pôde ver, Pottier, assim como Couto, mostram que as preposições têm origem espacial, de modo que as temporais e as nocionais (abstratas, aquelas que expressam relações indicadas pelo contexto, mas na ERE elas também são redutíveis à espacialidade, mesmo que de forma não explícita) são derivadas daquelas. Desse modo, tudo que foi apresentado anteriormente se encontra na dimensão espacial de localização, a localidade.

De acordo com Couto (2007a), segundo o que se passa com as relações espaciais, a relação temporal mais prototípica é a decorrente de *interioridade*, expressa em muitas línguas pela preposição **em**. “Assim, quando se diz que alguém nasceu ‘no mês **de** abril’ quer dizer que nasceu ‘no interior’ [...] do mês de abril” (COUTO, 2007a, p. 142). Isso mostra que as relações temporais são apenas um subconjunto das relações espaciais, sendo que elas estão intimamente relacionadas à espacialidade.

Couto (2007a) constata ainda que o espaço é tridimensional, o tempo é unidimensional, linear e parece ser ‘dinâmico’, o que advém dele estar associado a

movimento. Logo após essa relação, temos as de *anterioridade* e *posterioridade*, que também são tidas como temporais. Em português, elas estão lexicalizadas pelas preposições **ante** e **após**, respectivamente. Essa relação tem a ver com a sequência linear do tempo. Tendo um ponto nessa linha, tudo que aconteceu antes dele pertence à anterioridade, chamado de passado. Tudo que acontecer depois dele está no domínio da posterioridade e é chamado de futuro. A relação de *anterioridade/posterioridade* se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência **ante-em-após**.

Couto (2010, p. 10) afirma que “das preposições simples, algumas parecem ser incompatíveis com a temporalidade ou, então, só podem ser usadas temporalmente em contextos muito específicos”. Entre elas temos **com**, **sem**, **contra**, **entre**, **perante**, **sobre**, **sob**, além das locuções prepositivas **à esquerda de** e **à direita de**.

Das preposições (ou locuções prepositivas) da Figura 1, praticamente todas podem ser usadas temporalmente. Segundo Couto (2010, p. 10), “algumas delas parece terem se especializado, ou estão se especializando, no uso temporal, como **após**. Outras poderiam ser chamadas de espaciotemporais uma vez que podem ser usadas numa ou noutra significação”.

A respeito das preposições nocionais, Couto (2010) afirma que existem aquelas que não são claramente espaciais ou temporais, como no caso de **com** e **sem**, mas, ao analisarmos o contexto em que estão inseridas, notamos que a espacialidade está por trás delas. De acordo com Couto (2010), Pottier (1962) defende que **com** é uma típica preposição espacial, direcional. Na frase “Pedro está **com** João” significa que Pedro está onde João está. De um ponto de vista lógico, Couto (2010, p. 07) explica que “**com** indica a relação de conjunção, isto é, simultaneidade de duas coisas no espaço”. Quanto ao oposto de **com**, ou seja, **sem**, é também espacial ao se articular ao longo do mesmo eixo que **com**, logo, pertence ao mesmo campo semântico (COUTO, 2010).

Nesse sentido, Couto (2010) nota que as preposições simples não são usadas preferencialmente no sentido nocional, elas são espaciais, temporais ou espacio-temporais em algum momento. Entretanto, algumas preposições, como **a**, **de** e **sobre**, são mais frequentemente usadas nocionalmente, mas tendo seu significado prototípico atrelado à espacialidade. Dessa maneira, todas as preposições nocionais se apoiam na espacialidade.

Couto (2010), portanto, defende que até mesmo adotando uma postura semasiológica a variada gama de diferentes usos das preposições se reduz ao significado espacial, temporal e, às vezes, espaciotemporal. “Há um núcleo significativo comum que, ao fim e ao cabo,

desemboca no significado que emerge da Ecologia das Relações Espaciais” (COUTO, 2010, p. 13).

Sendo assim, Couto (2012a, p. 203) demonstra que somente a dialética entre a Onomasiologia e a Semasiologia é capaz de dar conta dos diversos usos que as preposições apresentam. Quando examinadas meticulosamente, nota-se que nenhum desses usos se desvincula da base onomasiológica prototípica de acordo com os pressupostos ecológicos, pois só ela nos permite encontrar a raiz e a origem dessa significação. Assim, nem mesmo os usos temporais e nocionais (relações aparentemente abstratas) fogem por completo desse princípio segundo a ERE.

Dessa maneira, tudo o que foi mencionado até aqui parte da perspectiva onomasiológica, porém, é necessário complementar esse estudo com a visão semasiológica. No entanto, antes de iniciarmos o capítulo que demonstra a dinâmica das preposições em uso, partindo da visão semasiológica, é necessário que discutamos de forma detalhada uma categoria importante para a Ecolinguística e para as questões endoecológicas da língua, a *prototipicidade*. Vejamos a seção logo a seguir.

3.5 A protipicidade na Ecolinguística

Segundo Hildo Honório do Couto (fonte não publicada via e-mail), para que a *prototipicidade* seja discutida a partir do ponto de vista ecológico, é preciso fazer a distinção entre *diacronia* e *sincronia*, pois o modo como encaramos essa *prototipicidade* das preposições é, na verdade, uma questão de perspectiva. Desse modo, Saussure (1973, p. 103) afirma que na Linguística, existe “a relação entre uma realidade histórica e um estado de língua”, ou seja, há uma relação entre a *diacronia* e a *sincronia*. Assim, para se estudar os fenômenos da língua ora partimos de “acontecimentos diacrônicos” ora “estados sincrônicos”.

Nesse sentido, conforme Saussure (1973, p. 163), a Linguística diacrônica estuda “as relações entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” e a Linguística sincrônica “as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua”, isto é, a *diacronia* faz um estudo da língua através do tempo enquanto a *sincronia* a estuda em um momento específico. Dessa forma, a *diacronia* nada mais é que “a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento” ao passo que a *sincronia* é “uma relação entre elementos simultâneos” (SAUSSURE, 1973, p. 107).

Consoante a Saussure (1973), esses aspectos ocorrem, pois, todas as partes da língua estão submetidas à evolução e à mudança, logo, o domínio diacrônico se ocupa dessas

mudanças e o sincrônico das conseqüências que resultam delas, que melhor veremos em nossa análise. Ainda de acordo com o referido autor (1973, p. 104), na língua, a mudança e a evolução de sentido se aplicam a elementos isolados, porém, que repercutem sobre todo o sistema, assim como ocorre com as preposições.

Com isso, tanto o significado que advém de uma perspectiva onomasiológica quanto semasiológica coexistem na *sincronia* da Língua segundo a Ecolinguística. Nesse sentido, para a Ecolinguística, as relações que as preposições expressam são representadas pela ERE, momento onomasiológico, como visto na seção anterior. Conforme Ribeiro (1957, p. 608), as relações espaciais, expressas na figura 2 na seção anterior, são a base e o ponto de partida de onde derivam e a que se filiam as diversas outras relações, mais ou menos abstratas ou gerais, de modo que essas demais relações espaciais, expressas na figura 3, podem ser derivadas daquelas de um modo ou de outro. Assim, as preposições são *prototipicamente* destinadas a indicar relações entre os objetos no espaço.

Segundo Couto (2010), no entanto, após formada, uma preposição pode ser usada em outros sentidos como visto anteriormente. Por exemplo, a preposição **sobre** tem como significado prototípico *em cima de*, ou seja, essa preposição é um *protótipo* da relação ou posição de superioridade na ERE, porém, ela passou também a designar *assunto*. Assim, como mencionado, esses dois significados coexistem sincronicamente na língua, de modo que até poderíamos afirmar que “o significado espacial *em cima de* é o significado original, mas, ecolinguisticamente, é preferível falar em *prototipicidade*, pois, mesmo no significado de *assunto* a ideia de espacialidade está latente” de acordo com Couto (fonte não publicada via e-mail).

Em todo caso, quando Couto (2010) fala em relação espacial prototípica ela é dita sob a perspectiva da teoria dos protótipos de Rosch (1978). Por isso, *protótipo* é definido por essa autora (1978) como “o exemplo ideal comumente associado a uma categoria”, ou seja, o *protótipo* é considerado por ela e pela Ecolinguística como o exemplo mais adequado, mais representativo de uma categoria. Ele não é apenas uma categoria específica ou estrutura mental, mas sim o exemplo mais claro e que melhor pertence a uma determinada classe (ROSCH, 1978).

Essas instâncias prototípicas são processadas pelos sujeitos de maneira mais rápida, sendo mencionadas primeiro, além de serem mais frequentemente produzidas por esses sujeitos (ROSCH, 1978). Ademais, a referida autora (1978) mostra que o *prototípico* de uma categoria pode substituir um termo (ou um grupo de termos) em uma sentença.

Para Rosch (1978), então, o *protótipo* atua como um “ponto de referência cognitiva” para os processos de classificação dos elementos da nossa experiência com o mundo físico, de modo que o sentido prototípico das preposições serve como ponto de partida para o desenvolvimento de outros sentidos como veremos de forma pormenorizada em nossa análise.

Desse modo, para que se possa caracterizar um item como *prototípico* dentro de uma categoria, segundo Rosch (1978), é necessário medir sua frequência de uso ou atribuição entre os sujeitos, isto é, a distinção de um *protótipo* é concedida com base em uma alta frequência de ocorrência. No entanto, esse elemento não se liga, necessariamente, à entidade fundadora da estrutura categórica, pois ele pode possuir várias origens conforme afirma Rosch (1978). Logo, por mais que na Ecolinguística, até certo ponto, o significado prototípico coincida com o sentido originário, porque aquilo que é mais representativo quanto ao significado das preposições é também o *originário* na ERE, *protótipo* não é o mesmo que *originário*.

Sendo assim, na verdade, trata-se apenas de abordar a significação das preposições por perspectivas diferentes: “quando falamos em *prototipicidade*, estamos olhando para as preposições como uma classe sincrônica; porém, se falarmos em *originário*, estamos encarando-as de uma perspectiva diacrônica”, segundo Couto (fonte não publicada via e-mail).

A Ecolinguística, portanto, adota o termo *prototípico* por encarar a análise das preposições sob uma perspectiva sincrônica, em que há a dialética entre a *Onomasiologia* e *Semasiologia*. Assim, são questões sincrônicas, como gênero, temática etc., que interferem no uso e na frequência das preposições, como veremos no próximo capítulo. Dessa maneira, há uma maior frequência das preposições ou um uso com determinado sentido por motivos sincrônicos.

Sendo assim, com base na teoria dos protótipos de Rosch (1978), é possível perceber que quanto mais uma preposição é usada de maneira abstrata ou genérica, mais ela se afasta de suas propriedades prototípicas, adquirindo novos sentidos e desempenhando outras conotações semânticas nas sentenças. De forma a explicitar de que maneira isso ocorre, é preciso assumirmos uma postura semasiológica, olhando para cada lexema preposicional e indagando quais são seus usos. Vejamos, então, no próximo capítulo a perspectiva semasiológica das preposições utilizadas nas redações analisadas, isto é, os diversos sentidos que cada uma delas apresenta.

4 SEMASIOLOGIA DAS PREPOSIÇÕES: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

O *corpus* para esta dissertação é composto por uma amostra de 40 redações referentes aos vestibulares da Universidade Federal de Goiás dos anos 2011, 2012, 2013 e 2014, disponibilizadas pelo Centro de Seleção para que pudéssemos analisar a ocorrência das preposições. Para Borba (1971, p. 30-31), é a partir delas que se pode induzir a relação que há entre frequência e desgaste das formas, ou seja, quanto maior a frequência de uma preposição, mais despojada de peso semântico ela se torna, apresentando mais possibilidades de diversificação semântica.

Em nossa análise semasiológica, priorizamos dados que fossem representativos, isto é, selecionamos aquelas redações em que havia uma maior ocorrência e variedade de preposições para que a diversificação semântica dessa classe se mostrasse de forma mais explícita, o que nos foi possibilitado pela escolha do gênero argumentativo. Por esse motivo, optamos por um número relativamente pequeno de redações, de modo que, a análise dos dados não se tornasse exaustiva. A partir deles, buscamos investigar como se deram o domínio e o uso das preposições espaciais e variantes, a fim de constatar até que ponto esses usos estavam de acordo com o princípio da ERE e, para aqueles que se desviavam dele, buscamos explicações com base nos fundamentos ecológicos. Para tanto, realizamos um levantamento quantitativo de todas as preposições, selecionando as espaciais para que fosse possível verificar se estavam de acordo com o significado prototípico e se podiam ser enquadradas no cubo tridimensional da ERE. Quanto às demais, averiguamos o porquê de elas terem sido usadas com outros significados, além do sentido prototípico embasado pela visão ecológica.

Na língua, os significados prototípicos das palavras (momento onomasiológico) convivem com os demais significados genéricos/abstratos (momento semasiológico): as preposições não fogem a essa regra, conforme Ilari (2015). Por esse motivo, vejamos a seguir a dança semasiológica das preposições.

4.1 A dinâmica das preposições em uso nas redações de vestibulares sob a ótica da Ecolinguística

A comunicação, segundo Borba (1971), é essencialmente significativa, de modo que todos os elementos que compõem um sistema linguístico desempenham uma função semântica no contexto em que são empregados. Assim, é importante saber os significados desses elementos para que se possa compreender como determinada língua se estrutura.

Nesse sentido, há quem afirme que as preposições são um mero elemento funcional/gramatical/relacional sem nenhum conteúdo significativo, que só recebe um sentido por efeito do contexto em que são empregadas ao relacionar dois termos de uma sentença (BORBA, 1971; COUTO, 2007a; ILARI, 2015). Entretanto, como já dito anteriormente, há textos em que a mudança de sentido se deve às preposições, como em: “Hoje eu queria andar lá em cima, **nas** nuvens, **com** as nuvens, **pelas** nuvens, **para** as nuvens”, ou então pela ausência ou presença de determinada preposição, como em: “calafrio danado” e “calafrio **de** danado”, segundo Borba (1971, p. 78). Desse modo, não se pode considerar que a preposição é um mero elemento gramatical “vazio de sentido”.

No que diz respeito a elas, já sabemos que seu significado prototípico é espacial, ou seja, “as preposições têm por função primária indicar, localizar objetos ou eventos” no espaço (ILARI, 2015, p. 170). No entanto, como Borba (1971) já havia notado, elas são muito frequentes, o que resulta em uma variedade de empregos que tendem à generalização, muitas vezes difícil de perceber ou mesmo distante do sentido prototípico, isto é, as preposições têm um significado fundamental e os demais significados abstratos se atualizam em contextos diversificados de uso.

Conforme os fundamentos ecológicos, as acepções particulares que as palavras, no caso as preposições, adquirem emergem da interação do indivíduo com o mundo, da sua percepção das coisas e da sua experiência social. Para investigarmos como se deram o domínio e o uso das preposições espaciais e variantes, verificando tanto seu significado prototípico quanto abstrato, assumimos uma postura semasiológica, que consiste em partir dos nomes e ir em direção ao que eles designam, realizando o levantamento quantitativo. Assim, nas 40 redações selecionadas, foram encontradas 2.064 preposições simples, que resultaram na tabela estatística vista a seguir:

Tabela 2 – Preposições em uso

Preposição	Quantidade	Porcentagem	Preposição	Quantidade	Porcentagem
de	845	41%	entre	19	0,9%
a	354	17%	sobre	8	0,4%
em	310	15%	desde	6	0,3%
para	180	9%	contra	5	0,2%
com	153	7%	após	2	0,09%
por/pel	136	6%	sob	1	0,05%
sem	23	1,1%			
até	22	1%			

Fonte: Dados da pesquisa.

Das 2.064 preposições que ocorreram nessas quarenta redações, 467 foram encontradas nas produções textuais referentes ao ano de 2011; 595 em 2012; 497 em 2013 e 505 em 2014. Esse quantitativo ano a ano resultou em um gráfico estatístico visualizado a seguir:

Gráfico 1 – Preposições em uso por ano



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir desse gráfico, percebemos que a frequência e a variedade das preposições se ligam tanto à escolha do gênero quanto à temática das redações. Nos anos de 2011 a 2014, os vestibulares ainda propunham que os alunos optassem entre três diferentes gêneros discursivos, conforme a predileção do candidato de narrar, argumentar ou persuadir. Em vista disso, no momento de seleção do *corpus* dessa pesquisa, notamos que nos textos em que predominavam sequências narrativas ou descritivas o uso de preposições era bem menor do que nas produções em que as sequências expositivas argumentativas prevaleciam, como, por exemplo, no gênero conto em que, em uma das redações, ocorreram 33 preposições enquanto em um artigo de opinião ocorreram 77 preposições. Por esse motivo, optamos pelo gênero discursivo argumentativo, em que houve uma maior ocorrência de preposições. Portanto,

nota-se que um maior ou menor uso de preposições não é um fator relativo à diacronia, mas sim a um aspecto referente a questões discursivas de representação comunicativa, o gênero discursivo.

Além disso, foi possível compreender que uma maior ou menor variedade de preposições está atrelada à temática proposta. O uso ou não de determinada preposição e a diversificação na escolha dessas preposições estão sujeitos ao assunto estabelecido. No ano de 2011, em que o tema da redação foi “*Fantasia: força motriz e/ou força alienadora*” ocorreram 467 preposições; em 2012 com o tema, “*Sociedade contemporânea: gênero em complementação e/ou em competição*”, o qual julgamos mais denso e discutível que os demais, houve 595 preposições; no ano de 2013, em que a temática era “*A busca pela juventude eterna: solução ou agravamento do conflito entre gerações*” ocorreram 497 preposições e em 2014, com o tema “*Tecnologia digital: ferramenta de emancipação ou ameaça à liberdade*” houve 505 preposições. No ano de 2012, a alta frequência também teve como consequência uma maior diversificação do uso de preposições, decorrendo na utilização de preposições como **sob**, que já está caindo em desuso.

Sendo assim, como Gonçalves e Wiedemer (2017) já haviam notado, a ocorrência e a diversidade de preposições são relativas a fatores socioculturais e econômicos. Os referidos autores (2017) acreditam que tanto a frequência quanto a variação semântica e a escolha de determinadas preposições remetem a fatores sociais como faixa etária, escolaridade e sexo/gênero, o que pôde ser comprovado na análise de nossos dados. Desse modo, isso evidencia que questões relativas aos ecossistemas social e mental intervêm na frequência e na variação do uso de preposições.

Das dezessete preposições listadas pelas gramáticas (**a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás**), quatorze foram utilizadas nessas quarenta redações, sendo a maioria usada em seu sentido nocional ou genérico, mesmo aquelas com valor mais específico, como no caso de **sob, após, contra e desde**. Toda essa categoria prepositiva pode ser considerada como parte da Ecologia Linguística, ao incluir a totalidade das preposições. Elas, assim como em qualquer outro Ecossistema, interagem com todo o entorno linguístico a sua volta, de modo que há uma troca e ampliação semântica dos elementos para a devida manutenção e preservação dessa categoria, compondo, assim, a Ecologia Linguística.

As preposições **ante, perante e trás**, que não foram encontradas em nossos dados, têm sofrido um processo de recuo, o que revela que elas ou são apagadas ou substituídas por

outras preposições simples ou locuções prepositivas, de modo que caíram em desuso. Esse processo demonstra que as preposições que não se adaptam aos novos contextos de uso deixam de existir na língua. No entanto, somente as formas desaparecem. As relações que elas indicam se mantêm e são expressas por outras preposições ou locuções prepositivas como veremos mais adiante.

Dos seis usos da preposição **desde**, em cinco ela foi utilizada para expressar *ponto de partida no tempo*, como em:

(152) “**Desde** o início da história”.

(153) “**Desde** a formação das pequenas civilizações”.

Nos exemplos (152) e (153), é possível perceber vestígios do sentido prototípico *deslocamento no espaço*. Nesses dois casos, há um *deslocamento temporal*, em que se parte de um ponto inicial no tempo a um ponto de destino nele, de modo que a preposição focaliza aí o ponto de origem, ou seja, **desde** mede uma duração a partir de um ponto de origem no tempo. Nota-se, assim, que as preposições estão passando por um processo de evolução. Isso demonstra que elas estão em constante desenvolvimento, evoluindo a partir de formas anteriores, isto é, o sentido temporal dessas preposições evoluiu a partir do sentido prototípico delas, devido à dinamicidade das preposições na língua.

No exemplo (154), a preposição **desde** é usada com o valor nocional, o qual expressa *condição*, que se distancia completamente do sentido prototípico. Esse distanciamento do significado prototípico é causado pelo processo de adaptação pelo qual essa preposição passa. Para que essa forma não caia em desuso, ela se adequa aos novos contextos, ampliando seu matiz significativo ao interagir com os outros elementos ao seu redor:

(154) “Se é para ter um sonho, uma fantasia, tenha **desde** que você seja capaz de conquistar”.

Os cinco usos de **contra** expressam direção contrária, no entanto, esse significado se liga tanto à temporalidade quanto à nocionalidade, como vemos em (155) e (156), respectivamente:

(155) “lutando **contra** o tempo”

(156) “sou **contra** a mulher”

A preposição **contra**, no exemplo (155), expressa *direção contrária ao tempo*, enquanto em (156) ela denota *posição contrária*, adversa à mulher. Essa preposição não expressa um ponto final de um curso que esteja oposto a algo, ou seja, ela não expressa a relação prototípica de *situação de fronteira*. Desse modo, há um processo de evolução do sentido espacial para o sentido tanto temporal quanto nocional, de modo que a partir desse significado prototípico evolui-se em direção aos sentidos abstratos, sendo perceptível ainda os resquícios da espacialidade nesses novos sentidos.

Já as duas ocorrências de **após** designam *posterioridade no tempo*, como verificamos nos exemplos (157) e (158):

(157) “**Após** a 3ª Revolução Industrial”.

(158) “**após** a invenção da escrita [...]”.

A partir da relação prototípica que indica *posteridade no espaço*, esse significado evoluiu em direção ao sentido temporal, deixando nele seus vestígios. Segundo Ilari (2015, p. 196), historicamente, “o sentido temporal deriva de uma representação espacial que se perdeu”, ou seja, tempo expressa movimento no espaço.

A única ocorrência da preposição **sob**, como pode ser vista no exemplo (159) a seguir, expressa uma *posição inferior hierarquicamente* e não no espaço como seria comum. No entanto, a relação prototípica de *inferioridade* está presente, mesmo que seja uma *inferioridade hierárquica*, o que denota que há resquícios de prototipicidade:

(159) “estava **sob** o poder da personagem”.

Percebemos, portanto, que o sentido prototípico dessas preposições menos frequentes foi ampliado e evoluiu em direção ao sentido nocional. Nos casos em que não há vestígios do sentido prototípico nos sentidos genéricos, houve uma espécie de adaptação desse elemento linguístico para que essas preposições, menos frequentes, não deixassem de existir. Isto é, essas preposições se adaptaram aos novos contextos, devido às demandas comunicativas, interagindo com os outros componentes na sentença, de modo que, tiveram seu matiz significativo ampliado. Já naqueles usos em que é perceptível resquícios do significado prototípico nos sentidos abstratos, houve um processo de evolução dessas formas, que a partir de um significado já existente evoluíram em direção a outro.

Os dados mostram que o valor prototípico da preposição **sobre** (*posição superior*) está desaparecendo. De suas oito ocorrências, apenas uma apresentou vestígios desse valor

prototípico ao expressar que algo está no domínio, posicionado em uma região, como vemos em (160). Entretanto, em uma perspectiva formal da língua, o mais coerente seria o uso da preposição **sob** ao invés de **sobre**, pois quem tem a posse de algo está em posição superior, logo a posse em si está abaixo:

(160) “as terras estão **sobre** a posse dos grandes latifundiários”.

No exemplo (160), nota-se um processo de evolução, em que o significado nocional evolui a partir do sentido espacial, deixando seus resquícios nesse novo sentido. Já nas outras sete ocorrências, a preposição **sobre** expressa *assunto*, como em (161) e (162):

(161) “Novas descobertas **sobre** o mundo”.

(162) “elaboro uma reflexão pertinente **sobre** o post da Bia”.

Pela alta frequência de tal sentido, nota-se que a preposição **sobre** tem se especializado com esse valor nocional. Um dos motivos desse fato talvez seja por ela estar sendo substituída por locuções prepositivas como: **em cima de** e **a respeito de**, segundo Ilari (2015). Assim, ao conservar essa significação, ela se torna mais independente, concentrando-se apenas nesse sentido. Isso tudo ocorre para que essa preposição não desapareça, pois, sua frequência, considerada média, como Borba (1971) havia notado, vem diminuindo, de acordo com nossos dados. Com isso, ela passa por um processo de adaptação, ou seja, se adapta aos novos contextos de uso, ampliando seu matiz significativo ao interagir com os outros elementos da frase.

Diferentemente das preposições que têm um valor mais específico e ocorrem, na maioria das vezes, com valor genérico, **entre** ocorreu, em nossos dados, apenas com valor espacial. As dezenove ocorrências dessa preposição expressam *interposição no espaço*, um *espaço intermediário* entre dois espaços, como em (163), (164) e (165):

(163) “nas relações **entre** os indivíduos”.

(164) “o carinho **entre** os casais”.

(165) “É comum **entre** os jovens”.

Mesmo que ligada a palavras de cunho mais abstrato, ela mantém seu valor prototípico, uma vez que, de todas, é uma das que apresentam um caráter menos poroso, isto é, ela tem um aspecto mais concreto, denso quanto a sua estrutura, não sendo afetada pelo

conteúdo semântico das palavras que relaciona. Com isso, a ideia de interposição será sempre recuperável nessa preposição, por mais abstrato que seja seu uso. Segundo Ilari (2015, p. 278), ela deriva da preposição latina *inter*, que, no português arcaico, apareceu como **entre**, o que evidencia o valor de interposição.

Já as preposições **até** e **sem**, que também costumam ter um sentido mais específico, ocorrem em grande parte de nossos dados com valor nocional. Das vinte e duas ocorrências de **até**, apenas três aconteceram com valor espacial de *limite final* como em (166) e (167):

(166) “vá **até** eles”.

(167) “algo que desejam **até** alcançá-los”.

Quanto ao valor de temporalidade, ele apareceu em outras três ocorrências, como em (168) visto adiante. Isso demonstra que tempo é deslocamento ao longo de um trajeto, pois é possível notar vestígios do sentido prototípico no significado temporal, ou seja, o sentido temporal evoluiu a partir do significado espacial, deixando nele seus resquícios:

(168) “Logo veio o computador que **até** hoje continua nos surpreendendo”.

Nas outras dezesseis ocorrências, a preposição **até** expressa *restrição*, uma *limitação abstrata*, como em (169) e (170):

(169) “alguns **até** questionam”.

(170) “é de se notar que **até** a comunicação”.

Nesses exemplos, o valor nocional da preposição **até** se mostra mais latente, pois essa preposição apresenta um caráter mais poroso, permeável em sua estrutura, de modo que ao se inter-relacionar com outros elementos em uma sentença recebe de fora e envia para fora material semântico, possibilitando uma troca mútua de sentido e sofrendo influência do conteúdo significativo em que se insere. Assim, ela adquire um novo sentido, bem como altera o todo significativo

A respeito da preposição **sem**, todas as vinte e três ocorrências expressaram *ausência*, *negação*, como em (171), (172) e (173):

(171) “O que seria do mundo **sem** a escrita”.

(172) “**sem** qualquer independência”.

(173) “**sem** precisar ter aquela amizade”.

Nesses casos, não se nega que algo está no mesmo espaço, mas nega-se, exclui-se uma ideia. Isso ocorre por causa do elemento a que ela se liga, que tem um conteúdo semântico mais abstrato, o que demonstra a porosidade dessa preposição. Desse modo, essa preposição entra em contato e interage com os outros termos em uma sentença, fazendo com que seu conteúdo semântico influencie e sofra influência da palavra regida, de modo que ela adquire um novo sentido devido a sua porosidade. Percebe-se, ainda, um processo de reciclagem, em que as mesmas preposições (**até** e **sem**) são reutilizadas com outros sentidos além do prototípico, de modo que essa mesma preposição é reaproveitada, passando a designar outras coisas no mundo.

As preposições **de**, **a**, **em**, **para**, **com** e **por** sobrecarregam as produções textuais por serem mais abstratas, isto é, elas apresentam uma maior diversificação semântica ao serem mais genéricas, podendo ocorrer em qualquer contexto, sendo mais frequentes, como Borba (1971) já havia notado. Assim, quando uma preposição é muito frequente, o significado dela é inovado, passando pelo processo de reciclagem, ou seja, a mesma forma é reutilizada, passando a ter um novo sentido. Além de elas terem um sentido mais vago, apresentam menos material fonético, sendo compostas apenas por uma sílaba, segundo Gonçalves e Wiedemer (2017). No caso da preposição **para**, ela tem sofrido uma redução fonética de **para** > **pra**, como veremos adiante.

Segundo os pressupostos ecológicos, a língua surge da observação do mundo, porém, após formada, ela adquire uma relativa autonomia, permitindo criar novos mundos. Assim acontece com as preposições. O sentido prototípico surge a partir das relações observadas no mundo natural e, depois de formado, ele se amplia, gerando outros sentidos que vão dizer novas coisas sobre o mundo. Essa ampliação dos sentidos pode ou não apresentar resquícios dos usos originários, porém, esse novo sentido sempre será motivado por seu significado prototípico, mesmo que o falante não perceba, como menciona Ilari (2015, p. 189). Portanto, a preposição passa a ser polissêmica e a codificar novos significados, que podem derivar do significado prototípico ou ser apenas motivado por ele. Por causa disso, é necessário que se conheça o sentido fundamental e a motivação original, partindo de uma perspectiva onomasiológica, porque só ela explica porque certas preposições, e não outras, são usadas em determinadas construções.

Nessa perspectiva, Castilho (*apud* GONÇALVES; WIEDEMER, 2017, p. 98) afirma que “as preposições possuem um significado comum a todas as realizações que se atualizam

em contextos diversificados de uso, e usos radialmente derivados das preposições partem desses sentidos prototípicos, que progressivamente se abstratizam, produzindo novos significados”. Assim, de acordo com esse autor, é possível reconhecer o sentido prototípico das preposições na expressão de categorias *posição no espaço*, *deslocamento no espaço* e *distância no espaço*, em que se notam vestígios fortes da espacialidade nelas.

A língua, portanto, é vista como uma atividade em constante adaptação, em que novos sentidos estão constantemente emergindo para formas já existentes no sistema linguístico conforme Gonçalves e Wiedemer (2017). Logo, essa variação aparentemente incontrolada de sentidos se mostra nos usos dessas preposições mais abstratas, como podemos ver no caso da preposição **por**. Quanto a essa preposição, houve uma grande dificuldade na descrição de seu uso, pois mesmo tendo um valor mais específico, que indica uma relação de *espaço por onde*, uma noção de *ponto intermediário de um trajeto, percurso*, em construções como as de (174) e (175), o valor semântico dessa preposição se mostra pouco definido:

(174) “A ser vivido **por** este”.

(175) “uma ideia é disseminada **por** todo o mundo”.

Esse valor semântico mais genérico evidencia um alto grau de compartilhamento semântico da preposição **por**, ou seja, ela compartilha parte de seu valor semântico prototípico com os outros elementos da sentença, tornando-se parte do conjunto significativo, que pode sofrer contágio no sintagma. Portanto, a preposição **por** se mostrou altamente porosa, permeável ao adquirir diversos novos sentidos por estar em contato ou se relacionando com outros termos, propiciando, além de um novo sentido a ela, uma troca de fluido semântico entre os elementos, que afeta o todo significativo.

Nesse sentido, Ilari (2015, p. 208) afirma que essa preposição é altamente polissêmica, pois convergiram para ela, com o passar do tempo, os sentidos das preposições latinas *pro* (*em favor de, em benefício de*), que indica o papel temático *beneficiário*, e *per* (*através de, por meio de*).

Dessa maneira, dos 136 usos de **por**, apenas 22 ocorrências aconteceram com valor espacial. Esses 22 casos ora expressaram *posição ao longo do espaço* ora *posição intermediária*, como em (176), que expressa *através de*, (177) denota *posição intermediária* e (178) que exprime *espaço por onde*:

(176) “nunca deixamos de nos comunicar **pela** escrita”.

(177) “maior valor deixado **pelos** nossos ancestrais”.

(178) “andando **pelas** ruas”.

Podemos perceber que somente casos como em (178) denotam uma real noção de percurso no espaço, nas outras ocorrências a espacialidade se mostra de forma sutil. Assim, nesses demais usos, esse valor apenas tem como ponto de partida a espacialidade, evidenciando que o sentido prototípico dessa preposição está passando por um processo de evolução, ou seja, esses novos sentidos abstratos evoluem a partir do significado espacial, que deixa neles seus resquícios. Desse modo, constata-se que o sentido prototípico está evoluindo em direção a outros sentidos.

Nas outras ocorrências da preposição **por**, prevalece o sentido nocional. Em 53 usos, ela expressa *causal/motivo*, como em (179) e (180), o que demonstra que ela está se especializando nesse sentido por seu alto grau de ocorrência.

(179) “alguma decepção sofrida e outras **por** não conseguir alcançar algo”.

(180) “[...] e sua família em prantos **por** ter perdido um parente **por** motivos tão fútil”.

Assim como Borba (1971) havia notado, quando essa preposição neutraliza a dimensão espaciotemporal, ela pode se realizar em contato com advérbios, como em (181) e (182), aqui adquirindo o valor de *causa*, justificado por seu caráter altamente poroso, ou seja, devido a sua estrutura permeável há uma troca semântica quando ela interage com os outros elementos em uma sentença, o que gera a ela um novo sentido. Com isso, a preposição **por** organiza várias expressões idiomáticas, como: *por isso*, *por aí*, *por falar nisso* etc., baseadas na noção de imprecisão, segundo Ilari (2015, p. 210).

(181) “**Por** isso, trazemos nessa edição”.

(182) “**Por** isso mesmo, o individualismo e o amor”.

Quatorze dos outros usos expressam *autoria*, o que Ilari (2015) chama de *agente*, como em (183), (184) e (185):

(183) “**Na** (*localização*) literatura representada **por** (*autorialagente*) Madame Bovary **de** (*posselgenitivo*) Gustavo Flaubert”.

(184) “dito **por** (*autorialagente*) Lavousier”.

(185) “sustentado **por** (*agente*) eles.

Doze ocorrências designam *meiolinstrumento*, como em (186), e sete outros usos expressam *relação/referência*, como no exemplo (187). Todos esses demais valores surgem, por essa preposição sofrer um processo de reciclagem, de modo que ela é reaproveitada, ao manter-se a mesma, passando a designar novos referentes no mundo. Com isso, a preposição **por** amplia seu domínio semasiológico:

(186) “o coletivismo aparece quando é premiado significativamente **com** (*meiolinstrumento*) bens materiais ou então **por** (*meiolinstrumento*) punição”.

(187) “um consumismo muito grande **por** (*com relação à*) parte deste grupo”.

Quanto ao valor *dativo*, que indica o nome dado a algo, ele apareceu em seis ocorrências, como em (188), em que a preposição **por** poderia ser substituída pela preposição **com**, pois “preocupação” exige o uso dessa preposição, que expressa, de forma mais clara, esse valor *dativo*, por possuir um sentido mais específico.

(188) “[...] é mais importante que a preocupação **pelo** próximo”.

Já o valor de temporalidade apareceu em outras seis ocorrências, como nos exemplos (189) e (190):

(189) “estamos passando **por** momentos”.

(190) “conectados **por** um grande período de tempo”.

O sentido temporal de **por**, nos casos (189) e (190), só aparece diante de termos ou períodos em que é possível perceber uma noção também temporal devido ao caráter poroso dessa preposição, pois ao se inter-relacionar com outros termos na sentença ela compartilha parte do seu conteúdo semântico, mantendo resquícios do valor de “*percurso através*”.

O valor de *finalidadelobjetivo* apareceu em cinco ocorrências, como em (191), (192), (193), (194) e (195). Além disso, essa preposição pode expressar também *conteúdo*, o qual ocorreu em cinco outros usos, como em (196) e (197):

(191) “esperam a mais de um ano **por** (*objetivo*) uma vaga”.

(192) “aquelas pessoas que trabalham **pela** (*finalidade*) melhora no coletivismo”.

(193) “esperam a mais de um ano **por** (*objetivo*) uma vaga na creche”.

(194) “pagar **por** (*finalidade*) um hospital”.

(195) “Lutar **pela** (*objetivo*) honra”.

(196) “composto, principalmente, **pela** (*conteúdo*) elite”.

(197) “O crescente número de ateus, composto principalmente **por** (*conteúdo*) jovens”.

Nota-se que nesses casos mencionados, (191), (192), (193), (194), (195), (196) e (197), o valor semântico da preposição **por** depende do conteúdo semântico do elemento a que ela se liga na construção. Esse conteúdo é compartilhado pelo aspecto poroso dessa preposição, de modo que ela, ao se inter-relacionar com os outros termos na sentença, recebe de fora e envia para fora material semântico, possibilitando o surgimento de um novo sentido abstrato. Outros quatro usos designam valor *partitivo*, o qual se refere a uma parte de um todo, como em (198) e (199):

(198) “inclusão **por** parte dos mais pobres”.

(199) “um consumismo muito grande **por** parte deste grupo”.

As outras duas ocorrências expressam *consequência* e *transformação*, (194) e (195), respectivamente:

(200) “pessoas acabaram **por** falecer”.

(201) “o mundo passa **por** modernização”.

Nesses casos, (200) e (201), a preposição compartilha seu sentido prototípico com os termos que relaciona e ao receber influência do conteúdo semântico do termo que ela rege, seu sentido fica atrelado à natureza do verbo. Nos casos em que a construção frasal se apresenta de maneira pouco coerente, junto a uma preposição porosa como **por**, é difícil compreender o real significado que ela adquire na sentença, como em (202), pois ela compartilha seu conteúdo semântico com os outros termos na sentença. Nesse caso, essa preposição fica livre de peso semântico específico, compondo um todo significativo.

(202) “O conflito individualismo *versus* coletivismo mais famoso da contemporaneidade é o casamento, seguido de perto **pela** maternidade”.

A respeito da preposição **com**, que também apresenta uma alta frequência nos dados, à primeira vista, a noção espacial é menos visível para ela. No entanto, é possível evocar essa espacialidade de um modo particular como *copresença*, isto é, a *presença simultânea em um*

mesmo espaço. Isso também ocorre com o seu antônimo **sem**, que evoca a noção de *ausência no espaço*, porém, essa noção não foi encontrada em nossos dados, como visto anteriormente. Nesse sentido, das 153 ocorrências de **com**, 92 expressaram *copresença/companhia*, por exemplo, (203), (204) e (205):

(203) “ou conversando **com** (*copresença*) seu amigo imaginário”.

(204) “a relação das pessoas uns **com** (*companhia*) os outros”.

(205) “em conjunto **com** (*copresença*) o próximo”.

Essa noção de *copresença* surge ao atenuar-se o traço de *proximidade no espaço*. Isso ocorre por meio do processo de evolução, de que a partir de um significado já existente evolui-se a outro, deixando nele seus resquícios. Assim, o termo a que a preposição se liga tem traço mais abstrato, de modo que a espacialidade se mostra de forma sutil. Dessa noção de *copresença* deriva-se o valor temporal de *proximidade no tempo*, ou seja, atenua-se a localização espacial, a qual evolui em função de sua temporalização, de acordo com Ilari (2015), como em (206). Entretanto, esse foi o único uso dessa noção encontrado em nossos dados.

(206) “mas **com** o tempo”.

A noção de *instrumento* (6 ocorrências) também deriva da noção de *copresença*, como em (207), e a de *instrumento* deriva a noção de *causa* (12 ocorrências), como se pode ver em (208), todos surgindo pelo processo de evolução:

(207) “desenhos pintados **nas** (*localização*) paredes **das** (*posse*) cavernas **com** (*instrumento*) sangue **de** (*posse*) animais”.

(208) “**Com** (*por causa de*) o avanço do capitalismo e, principalmente, **com** (*causa*) as altas tecnologias”.

Assim como **por**, a preposição **com** pode se ligar a advérbios que denotam certa imprecisão como em (209), que nesse caso tem valor de *causa*:

(209) “**Com** isso, a literatura e a mídia”.

Nota-se, assim, que os vários sentidos de **com** estão em relação de polissemia, ou seja, uns sentidos são prolongamentos (*continuum*) de outros, o que evidencia o aspecto evolutivo

dessa preposição, que se encontra em contínua transformação e ampliação conforme Ilari (2015) já havia notado.

As demais ocorrências de **com** não têm uma relação tão clara com a noção de *copresença*, pois essa preposição tem um aspecto poroso, permeável, de modo que ela sofre influência e influencia semanticamente os termos a que se relaciona, compartilhando seu sentido prototípico e formando, assim, um conjunto significativo, como em (210) e (211):

(210) “todos se preocupem **com** (*em relação à*) a felicidade”.

(211) “medidas tomadas **com** (*relação/referência*) o rolezinho”.

Há, ainda, a noção de *consequência*, como no exemplo (212); a noção de *posse* expressa em (213) e a noção de *conteúdo*, exemplo (214):

(212) “as altas tecnologias fazem **com** que o espírito individualista”.

(213) “alguém **com** uma estética”.

(214) “uma sociedade **com** depressão”.

Em virtude do caráter poroso de **com**, ela é frequentemente utilizada, surgindo em construções em que outras palavras dariam um sentido mais específico e coerente a ela. Em (215), por exemplo, essa preposição poderia ser substituída pelo verbo *gerar*, o qual daria uma noção mais clara e específica à sentença, de modo a compreendê-la melhor. Assim, o compartilhamento semântico dessa preposição leva à ampliação do seu contexto de uso.

(215) “Para tal complexidade social surgiu os sociólogos, explicando comportamentos **com** reflexos na sociedade que a modifica e a transforma”.

De acordo com Ilari (2015, p. 254), a preposição **para** deriva da preposição latina *pera* (ou *pora*), que é resultado da junção de *per* + *ad* (ou *pro* + *ad*). Em latim, essa preposição marcava “*percurso em direção definida*”, enquanto em português arcaico acrescenta-se a ela as noções de “*chegada*” e “*permanência*”. Atualmente, no português brasileiro, a preposição **para** pode ocorrer com verbos de movimento, que dão a ela um caráter dinâmico.

Nessa perspectiva, ela se mostra altamente frequente nos dados em razão da expansão do seu sentido mais abstrato, segundo Gonçalves e Wiedemer (2017). Sabemos que quando uma preposição é muito frequente, seu significado é inovado por meio do processo de reciclagem, ou seja, reutiliza-se o mesmo material linguístico, que passa a designar novos

sentidos relacionados ou motivados pelo significado prototípico. Desse modo, a noção de *destino* inerente à preposição **para**, “passa naturalmente do espaço para o tempo e à finalidade, além de outros tipos de relação”, conforme Ilari (2015, p. 198). Como consequência dessa alta frequência de uso, essa preposição tem sofrido uma erosão fonológica, de forma que tem sido reduzida de **para** > **pra** como em (216) e (217):

(216) “só **pra** escapar”.

(217) “era **pra** ser apenas o encontro”.

Sendo assim, das 180 ocorrências de **para**, 151 usos indicam o valor nocional de *finalidade/objetivo*, que pode ser facilmente confundido com uma conjunção adverbial final. Exemplos como os que são empregados em (218), (219) e (220) expressam *finalidade*:

(218) “A importância **do** (*genitivo*) Individualismo **para** (*finalidade*) a formação **do** (*genitivo*) jovem”.

(219) “é preciso respeitar o outro **para** (*finalidade*) que ocorra um respeito mútuo”.

(220) “**para** (*finalidade*) mudar uma situação”.

Nesses exemplos, nota-se uma troca semântica entre os elementos que se relacionam na frase, pois, quando essa preposição se liga a um termo de caráter abstrato, passa a designar um significado também abstrato devido a sua porosidade. Assim, a preposição **para** amplia seu domínio semasiológico e “passa a integrar um paradigma maior de significados e funções” (GONÇALVES; WIEDEMÉR, 2017, p. 115). No entanto, é possível perceber resquícios da noção de *meta/destino em um percurso* nessas construções. Além disso, percebe-se que essa preposição tem se especializado com esse valor de *finalidade* graças a sua alta frequência.

Somente 12 ocorrências de **para** acontecem no sentido espacial, indicando *destino, direção no espaço/ponto de chegada e lugar onde/permanência*, como em (221), (222) e (223):

(221) “Iam **para** (*direção no espaço*) fora do país”.

(222) “correr **para** (*direção no espaço*) o mar”.

(223) “deixados **para** (*lugar onde*) trás”.

Nos casos (221), (222) e (223) nota-se que **para** tem se especializado na marcação de *metaldestino* mais do que a preposição **a**, indicada para designar um *destino temporário* ao invés de *permanente*, como a preposição **para**. Nessas ocorrências, não é identificável o sentido de *deslocamento que resulta em um retorno*. Assim, além de reciclar o significado de movimento associado à preposição **a** e retomar seu significado, a preposição **para** inova seu significado, pois passa a possuir outros significados (GONCALVES; WIEDEMER, 2017, p. 125).

Nesse sentido, a preposição **para**, conforme encontrado nos dados da amostra, é reutilizada, passando a indicar novos significados, como *relação/referência*, *tempo*, *posse*, *partitivo* e *meioinstrumento*, respectivamente em (224), (225), (226), (227) e (228):

(224) “contribuí descaradamente **para** (*em relação a*) o consumismo exacerbado”.

(225) “peço que olhem **para** (*temporal*) o passado”.

(226) “**Para** (*posse*) mim, a escrita é a herança”.

(227) “marquem essa passagem **para** (*partitivo*) alguns”.

(228) “só servem **para** (*instrumento*) bate-papo”.

Desse modo, o processo de reciclagem, que gera inovações nos usos de **para**, torna essa preposição mais frequente e, conseqüentemente, ela tem seu uso generalizado, sendo empregada em diversos contextos, como encontrado nos dados, ou seja, seu uso está se generalizando e seu significado está sofrendo abstratização.

Segundo os dados da amostra, a terceira preposição mais frequente é **em**, por ser ela a preposição menos marcada da língua, isto é, por indicar uma posição de modo geral, sendo seu valor mais genérico. Para a ERE, ela indica a relação central estática (*interioridade*), logo, é a mais natural, bem como a locução prepositiva **dentro de**, uma relação dinâmica, ou seja, **em/dentro de** são as posições menos marcadas do cubo tridimensional da ERE. Muitos autores consideram a relação de *interioridade*, expressa pela preposição **em**, como a mais comum nas línguas do mundo. Por esse motivo, essa preposição substitui outras, como em (229) em vez de (230):

(229) “possuem condições para acesso **na** (*localização*) rede privada”.

(230) “possuem condições para acesso **à** (*finalidade*) rede privada”.

No exemplo (230), a preposição **a**, com valor de *finalidade*, daria uma significação mais específica à sentença. É muito comum a troca de **em** por **a** e vice-versa, assim como em (231) ao invés de (232), que integra uma expressão idiomática que expressa *modo*:

(231) “utilizar a tecnologia **em** favor da juventude”.

(232) “utilizar a tecnologia **a** favor da juventude”.

Nesse sentido, por indicar uma posição de modo geral e mais genérica, das 310 ocorrências de **em**, 154 foram no sentido *localização no espaço/lugar onde* como em (233), (234) e (235):

(233) “sofrem **nas** filas”.

(234) “**Na** educação ocorre o mesmo”.

(235) “desenhos pintados **nas** (*localização*) paredes **das** (*posse*) cavernas **com** (*instrumento*) sangue **de** (*genitivo*) animais”.

Isso demonstra que a preposição **em**, por seu caráter poroso, permeável, sofre influência e influencia os termos a que se liga, havendo troca de material semântico, ou seja, por essa preposição ter uma estrutura aberta e flexível, assim como um ecossistema, ela é afetada por influências semânticas do contexto significativo em que se insere, que agem sobre ela e modificam seu conteúdo semântico.

Segundo Ilari (2015), essa noção de *lugar onde* deriva do latim *in (onde)*, que tinha as acepções de *localização dentro de* ou *interioridade*, bem como outras noções menos concretas e menos comuns. Portanto, ao retomar a etimologia da preposição **em**, percebe-se que esse sentido está na sua base diacrônica, ou seja, faz parte do seu significado prototípico e também originário (GONÇALVES; WIEDEMER, 2017, p. 127). No entanto, apenas 36 ocorrências foram no sentido de *interioridade/inclusão no espaço*, como nos casos (236), (237) e (238):

(236) “algum conteúdo **na** escola”.

(237) “ela **em** si”.

(238) “analisa esse aspecto **no** seu texto”.

No exemplo (236), a preposição expressa a ideia de que o conteúdo está sendo ministrado *no interior da escola*. Já no exemplo (237) **em** denota *dentro de si mesma* e em (238) a preposição indica que a análise ocorre *no interior/dentro do texto*. Nota-se, nesses

casos, que o sentido de interioridade está se diluindo pela preposição **em** se ligar a termos de sentido mais abstratos. Então, o uso dessa preposição só se demonstrará mais específico quando designar nomes (indicando contato) e lugares (indicando interioridade), inter-relacionando-se com os outros termos da sentença em uma troca de material semântico.

A preposição **em** tem um caráter essencialmente estático, segundo a ERE, mas, ao se relacionar com verbos de movimento na sentença, adquire um aspecto dinâmico devido a sua porosidade, ou seja, ela recebe influxo semântico do termo que rege ao interagir com ele na sentença. Assim, por influência do verbo, ela passa a indicar *movimento no espaço*, como em (239) e (240):

(239) “**em** busca do amor”.

(240) “parte **em** busca de algo”.

Essa preposição passa facilmente à indicação de tempo. Para isso, é necessário que o ponto de referência seja uma expressão de tempo, pois a noção de espaço sempre se neutraliza em favor da noção temporal quando ela liga uma expressão que se refere a indicações cronológicas precisas ou imprecisas, conforme Ilari (2015), assim como nos 32 usos de **em**, por exemplo em (241), (242) e (243):

(241) “**Nos** dias de hoje”.

(242) “**Na** atualidade”.

(243) “Hoje **em** dia”.

Como já observado, quando uma preposição é muito frequente, seu significado é inovado por um processo de reciclagem, em que uma mesma preposição é reutilizada com sentidos diversos, como no caso do valor temporal.

As demais ocorrências de **em** expressam, respectivamente, *relação/referência* (244), *modo* (245), *transformação* (246), *assunto* (247), *partitivo* (248), *finalidade* (249) e *valor numérico* (250):

(244) “jovem contemporâneo deveria se basear **no** acúmulo **de** (*posse*) conhecimento”.

(245) “vivam **em** paz”.

(246) “se transformar **em** aprisionamento de subjetividade”.

(247) “todos só pensam **no** dinheiro e **na** aparência”.

(248) “os jovens contemporâneos **em** sua maioria”.

(249) “essa modernidade insiste **em** destacar”.

(250) “fenômenos **em** massa”.

Nota-se que esses novos valores surgem a partir do contágio no sintagma por meio do caráter poroso dessa preposição, isto é, ela adquire outros sentidos por estar em contato e se inter-relacionando com outros matizes significativos em uma sentença.

Por fim, nas demais 21 ocorrências de **em**, ela se torna parte do conjunto significativo ao passar por um processo de interação, no qual ela interage com os demais elementos da frase. Desse modo, ao interagir com o conteúdo semântico do contexto de uso, ela é afetada por seus influxos, que podem agir sobre ela e modificá-la. Ainda que somente parte do todo significativo, ela é indispensável para a boa compreensão da sentença.

Nessa perspectiva, com a evolução de sentido de **em** nas estruturas, por exemplo (251) que evolui para (252), percebe-se que há um compartilhamento semântico dessa preposição com os demais elementos da frase, de modo que ela se funde ao contexto de uso.

(251) “**Em** nossa sociedade” > (252) “[...] várias mudanças **no** que chamamos de conceito ético”.

Esse compartilhamento semântico ocorre para que se possa introduzir novos complementos às sentenças, levando à generalização ou à ampliação do matiz significativo dessa preposição, de modo que se atualize a novos contextos de uso. Nota-se aí que ela tem se adaptado, dando margem a novas possibilidades de utilização, ou seja, a preposição **em** se adapta para que haja uma ampliação do seu ambiente de uso e para que não tenha necessidade de inserir novos termos à língua.

Nos dados da amostra, a preposição **a** foi a segunda mais frequente devido ao seu alto grau de porosidade, isto é, das 354 ocorrências de **a** em 85 usos, ela se mostra aberta a receber e enviar influxos semânticos aos elementos que relaciona na sentença, de modo que ela perde seu valor prototípico. Com isso, ela alarga seu domínio semasiológico e funciona como parte do conjunto significativo, como em (253):

(253) “tentar **ao** menos dar uma aliviada”.

Constata-se, então, que ela indica usos mais gerais, sem um peso semântico bem definido, tendo um valor mais gramatical. Com isso, essa preposição passa a ter um significado mais genérico e a integrar um contexto maior de significados, o que faz com que

ela tenha uma natureza mais funcional. Sendo assim, se generaliza, permitindo novas construções, que incluem novos complementos, o que a torna mais frequente.

Retomando sua base etimológica no latim, a forma **ad** já tinha mais de um sentido, podendo significar *direção, movimento para algum ponto, aproximação*, todas elas relativas a espaço. Além disso, também podia significar *junção de uma coisa à outra*. Segundo Ilari (2015), um dos sentidos prototípicos da preposição **a** se refere à *proximidade/lugar próximo no espaço* (13 ocorrências), como em (254), (255) e (256):

(254) “A resposta está **ao** seu lado”.

(255) “Quando o abstrato se une **ao** concreto e gera frustração”.

(256) “os escribas aliados **aos** faraós”.

De acordo com a ERE, o sentido prototípico da preposição **a** equivale à *direção no espaço*, o qual teve 53 ocorrências, como em (257), (258), (259) e (260):

(257) “um convite **às** ruas”.

(258) “frente **a** uma inovação”.

(259) “chegou **a** essas máquinas”.

(260) “não estão indo mais **à** igreja”.

Os demais usos espaciais dessa preposição são motivados por essa noção prototípica, são eles: *localização, distância, interioridade/inclusão e sequência no espaço*, respectivamente em (261), (262), (263):

(261) “ela está **à** (*localização*) nossa disposição **a** (*distância*) um clique”.

(262) “em meio **à** juventude”.

(263) “lado **a** lado com a ideologia humana”.

Nesse sentido, a preposição **a** transfere a ideia de *trajetodireção* do campo espacial para o temporal, ou seja, por meio de um processo de evolução o sentido espacial passa ao sentido temporal, de modo que resquícios do valor prototípico se conservam nesses 28 usos de **a** com valor temporal, como em (264), (265), (266), (267) e (268):

(264) “**A** (*distribuição no tempo*) cada dia que passa”.

(265) “**ao** (*distribuição no tempo*) decorrer dos séculos”.

(266) “durante **a** (*duração no tempo*) vida”.

(267) “dia-**a**-dia” (*sequência no tempo*).

(268) “as pessoas devem se ajustar **ao** (*tempo futuro*) seu tempo”.

Progressivamente, esses usos derivados do valor prototípico vão se abstratizando, dando margem a novos significados/ usos para essa preposição. Assim, ao se generalizar essa preposição inova seu uso, permitindo novas construções com verbos no infinitivo e verbos locativos metafóricos, o que torna o valor de *finalidade/objetivo* mais frequente, como nas 61 ocorrências encontradas nos dados (269), (270), (271) e (272):

(269) “facilidade **ao** acessar”.

(270) “nos leva **a** pensar”.

(271) “O que nos leva **a** valorizarmos”.

(272) “devem se ajustar **a** seu tempo”.

Com a preposição **a** se generalizando, novos usos surgem, como: *modo, partitivo, relação/referência, posse, causa, instrumento, transformação, distribuição numérica, proporcionalidade e oposição*, respectivamente em (273), (274), (275), (276), (277), (278), (279), (280), (281) e (282):

(273) “condenação **à** prestação de serviço”.

(274) “**Aos** poucos, os tinteiros foram sendo deixados para trás”.

(275) “Elas não reconhecem seus problemas se tornando completamente alheias **à** veracidade”.

(276) “Para mostrar **à** sociedade **a** sua realidade”.

(277) “devido **ao** desejo”.

(278) “escrever **à** mão”.

(279) “tornando **a** algo”.

(280) “**A** cada dia que passa”.

(281) “proporcional **à** evolução”.

(282) “**Ao** contrário do que todos querem”.

Nota-se, nessas construções, que essa preposição entra em contato e interage com os outros termos em uma sentença, e, devido ao seu caráter poroso, ocorre uma troca ou uma influência semântica entre eles. Em razão disso, novos significados surgem, fazendo com que essa preposição integre um contexto maior de significado e altere o todo significativo.

Por fim, seguida da preposição **a**, tem-se a preposição **de**. Segundo Borba (1971, p. 38), **de** é “a preposição mais puramente gramatical ou mais despojada de peso semântico específico em português [...] é relacional por excelência, e, portanto, a mais previsível e capaz de sobrecarregar um texto espontâneo”, ou seja, ela é a mais usual por seu valor frequentemente relacional, sendo a mais livre de peso semântico específico. Logo, das 845 ocorrências, 131 aconteceram com valor semântico impreciso, como em (283) e (284):

(283) “surge a impressão **de** que com a nossa vida”.

(284) “protegendo o cidadão **da** mesma maneira”.

Percebe-se que essa imprecisão semântica se dá quando ela vem regendo termos também livres de peso semântico específico, como a partícula **que**, por exemplo (285):

(285) “ao ponto **de** que não exercem”.

Notamos, assim, que a significação dessa preposição não se dá de forma tão clara e independente, pois, para que não desapareça da língua, ela se adapta aos novos contextos de uso, se fundindo ao todo significativo. Isto é, a preposição **de** se adequa a novos cenários, sendo usada com um sentido diferente do que o prototípico. No entanto, ela é essencial para a boa compreensão da sentença.

Sendo a mais frequente e, conseqüentemente, a que mais se presta ao uso relacional, ela pode ocorrer em construções pouco coerentes, em que a mensagem que se quer passar se mostra prejudicada quando há a substituição delas por outras preposições que dariam mais clareza à construção, como em (286) ao invés de (287) ou (288) em vez de (289), além de (290) ao invés de (291) ou (292) em vez de (293). É possível compreender que nesses casos, o uso dessas outras preposições daria um sentido mais específico às sentenças:

(286) “pessoas estas privilegiadas **do** uso”.

(287) “pessoas estas privilegiadas **pelo** uso”.

(288) “Em detrimento **de** registrar”.

(289) “Em detrimento **para** registrar”.

(290) “os meios **de** fazer a manutenção”.

(291) “os meios **para** fazer a manutenção”.

(292) “dificuldade **de** fazer”.

(293) “dificuldade **em** fazer”.

Outro uso frequente dessa preposição é o valor de *posse/genitivo*. Tanto Borba (1971) quanto Ilari (2015) acreditam que esse é um de seus valores prototípicos, pois, ao retomar sua base etimológica, ela traduz o genitivo latino, ou seja, aquele exprime a relação de *posse* expressa pela preposição **de** em português. Portanto, herdada do genitivo latino, segundo Ilari (2015, p. 237), 524 ocorrências aconteceram com o valor de *posse*, como em (294), (295), (296) e (297). Nota-se, assim, que devido à alta frequência desse uso ela tem se especializado nesse sentido:

(294) “na pele **do** herói **do** filme”.

(295) “caráter **dos** jovens”.

(296) “futuro **de** vocês”.

(297) “a privacidade **das** pessoas”.

Segundo a ERE, o valor prototípico da preposição **de** equivale a *ponto de partida/origem*, pois ela é uma preposição prototipicamente dinâmica, que dá a ideia de que algo parte de algum lugar, como nas 28 ocorrências, por exemplo em (298), (299) e (300):

(298) “vem **de** casa”.

(299) “**de** pessoa para pessoa”.

(300) “**de** onde saem”.

Desse valor deriva a noção de *através do espaço/direção no espaço* (18 usos), ou seja, esse novo valor da preposição **de** evolui a partir de seu significado prototípico, o qual deixa vestígios naquele:

(301) “foram sendo deixados **de** lado”.

(302) “em busca **do** amor”.

(303) “em busca **da** juventude”.

(304) “Iam para fora **do** país”.

Além disso, essa preposição adquire um caráter mais dinâmico, ao interagir com o verbo de movimento que a rege, ou seja, esse verbo compartilha parte de seu conteúdo semântico, de modo que a preposição é influenciada por ele graças à abertura ou porosidade de sua estrutura.

Como já mencionado, historicamente, o sentido temporal deriva de uma representação espacial que se perdeu, de modo que o tempo representa “*movimento no espaço*”, de acordo com Ilari (2015). Assim, a noção espacial se neutraliza diante de um termo que indica tempo. Os 42 casos de relação temporal podem ser representados, por exemplo em (305), (306) e (307):

(305) “As pessoas nos dias **de** hoje”.

(306) “Ao longo **dos** séculos”.

(307) “Com o passar **do** tempo”.

Nota-se, nesses casos, que todos os termos a que essa preposição se liga têm sentido temporal, mas o significado adquirido evoca a ideia de movimento no espaço com foco no lugar de origem, percurso, ou seja, esse novo sentido evoluiu a partir do significado prototípico, o qual deixou resquícios nele, mas foi inovado.

De acordo com Ilari (2015, p. 242), a preposição **de** é o principal recurso que a língua portuguesa possui para indicar a relação parte-todo, portanto, o valor *partitivo* foi encontrado em 23 ocorrências, como em (308), (309), (310) e (311):

(308) “metade **dos** jovens”.

(309) “Na busca **de** alguns anos”.

(310) “a maior parte **do** tempo”.

(311) “grande parte **dos** adultos”.

Nos exemplos (308), (309), (310) e (311), a preposição **de** passou por um processo de adaptação, em que ela teve que se adequar a esses novos contextos de uso. Assim, ao ser regida por termos que indicam parcialidade, incompletude e regerem termos que indicam o todo, ela se adaptou ao contexto, formando, assim, um conjunto significativo que expressa a relação parte-todo.

Nessa perspectiva, pela alta frequência dessa preposição, sua variedade de empregos dilui o seu sentido prototípico e ela passa a ter um valor mais genérico ao caber em um maior número de contextos se adaptando a eles. Desse modo, ela compartilha de seu significado prototípico, de modo que traços dele permanecem nela, e passa a indicar *modo, finalidade, conteúdo, relação/referência, transformação, valor numérico* etc., como, respectivamente, em (312), (313), (314) e (315):

(312) “Estamos mascarados **de** democráticos”.

(313) “sonho **de** ser”.

(314) “cheio **de** histórias para contar”.

(315) “as ideias **de** passado”.

(316) “faz **de** nós vitoriosos”.

(317) “O crescente número **de** ateus”.

Compreende-se, então, que essas noções prevalecem em razão do contexto, pelo fato de a preposição **de** ser mais livre de peso semântico específico. Portanto, somente quando se reflete sobre os diversos usos dessa preposição torna-se possível perceber como ela está ampliando seu matiz significativo.

Constata-se, logo, que o significado prototípico das preposições serve como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, sendo os significados genéricos resultado desse processo. Desse modo, de acordo com o que foi encontrado nos dados, o uso do significado prototípico está diminuindo de forma crescente e gradativa, de modo que outros sentidos continuam surgindo e competindo entre si. Isso gera um aumento no uso do sentido nocional, o que demonstra que as preposições estão se especializando em certos sentidos por um processo de generalização. Além disso, foi possível confirmar que as preposições não são vazias de significado, mesmo aquelas mais puramente gramaticais, pois elas contribuem para a mensagem a ser expressa e, por isso, para a função primordial da linguagem, a comunicação.

Nesse sentido, comprova-se o que foi constatado por Gonçalves e Wiedemer (2017). Cada preposição possui uma significação bastante clara, que se liga à espacialidade, mas quando esse valor semântico interage e entra em contato com o significado dos elementos com que elas relacionam, bem como com o contexto em que elas ocorrem, realiza-se uma diversificação semântica devido à sua porosidade. Isto é, por elas apresentarem uma estrutura com caráter de abertura, elas influenciam e são influenciadas pelo conteúdo semântico dos termos que relacionam. Portanto, a ampliação semasiológica das preposições nada mais é que uma adaptação aos novos contextos de uso e às demandas comunicativas. Observemos, então, uma tabela sintética, que evidencia a “dança semasiológica das preposições” segundo Couto (2012).

Tabela 3 – “Dança semasiológica das preposições”

PREPOSIÇÃO	SIGNIFICADOS PROTOTÍPICOS	PROCESSOS	NOVOS SIGNIFICADOS
desde	Ponto de partida no espaço	Evolução	Ponto de partida no tempo
desde	Ponto de partida no espaço	Adaptação	Condição
contra	Situação de fronteira/direção contrária	Evolução	Direção contrária ao tempo/posição contrária a uma ideia
após	Posterioridade no espaço	Evolução	Posterioridade no tempo
sob	Posição inferior no espaço	Evolução	Posição inferior hierarquicamente
sobre	Posição superior	Evolução	Posicionado em uma região, no domínio
sobre	Posição superior	Adaptação	Assunto
entre	Interposição no espaço	não ocorreu	não ocorreu
até	Limitação no espaço	Evolução	Limitação no tempo
até	Limitação no espaço	Porosidade	Restrição/Limitação abstrata
sem	Ausência no espaço	Porosidade	Negação/Ausência abstrata
por	Ao longo do espaço	Porosidade	Indefinido
por	Ao longo do espaço	Evolução	Através de/posição intermediária/espaço por onde
por	Ao longo do espaço	Porosidade	Causa/motivo
por	Ao longo do espaço	Reciclagem	Imprecisão/autoria/agente/meio-instrumento/relação-referência/dativo
por	Ao longo do espaço	Porosidade	Tempo durante/finalidade/objetivo/conteúdo/partitivo/consequência/transformação
com	Proximidade no espaço	Evolução	Copresença/companhia/proximidade no tempo/instrumento/causa
com	Proximidade no espaço	Porosidade	Em relação à/relação-referência/consequência/posse/conteúdo
para	Direção no espaço/destino permanente	Porosidade	Finalidade/objetivo
para	Direção no espaço/destino permanente	Reciclagem	Lugar onde/meta/destino temporário
para	Direção no espaço/destino permanente	Reciclagem	relação/referência/tempo/posse/partitivo/meio/instrumento
em	Inclusão no espaço/interioridade	Porosidade	localização no espaço/lugar onde/movimento no espaço/relação-referência modo/transformação/assunto/partitivo/finalidade/valor numérico
em	Inclusão no espaço/interioridade	Reciclagem	Inclusão no tempo
a	Direção no espaço temporário/proximidade/lugar próximo no espaço	Evolução	Localização/distância/interioridade/inclusão/seqüência no espaço/distribuição/duração/seqüência no tempo
a	Direção no espaço temporário/proximidade/lugar próximo no espaço	Porosidade	Finalidade/objetivo/ modo/partitivo/relação-referência/posse/causa/instrumento/transformação/distribuição numérica/proporcionalidade/oposição
de	Ponto de partida/origem/posse/genitivo	Evolução	através do espaço/direção no espaço/tempo
de	Ponto de partida/origem/posse/genitivo	Adaptação	Valor gramatical/partitivo/mofo/finalidade/conteúdo, relação-referência/transformação/valor numérico

Fonte: Dados da pesquisa

Desse modo, percebemos, com esse quadro, que as preposições apresentam uma significação prototípica e que os outros significados surgem no contexto de uso, de modo que o alargamento semasiológico delas se justifica por diversos processos que se encontram na Ecolinguística. Assim sendo, para uma análise mais minuciosa das preposições espaciais, que

ocorrem nos dados, vejamos, na seção a seguir, se elas estão com o significado prototípico e com os princípios da ERE.

4.2 Preposições prototípicas e as alterações no uso

Para que conseguíssemos analisar de forma detalhada e completa as preposições, demonstrando as alterações ou não no uso das preposições prototípicas, selecionamos, neste momento da pesquisa, as preposições espaciais e verificamos se estavam de acordo com o seu significado prototípico e se poderiam ser enquadradas no cubo tridimensional da ERE. Para tanto, foi necessário que retomássemos algumas questões quanto à espacialidade e que levam ao uso de locuções prepositivas.

Como já mencionado, a percepção de certas relações espaciais que existem no mundo natural forneceu o sentido prototípico das preposições e, seguindo um percurso onomasiológico, foi esse significado prototípico que propiciou o desenvolvimento de sentidos novos, espaciais ou não. Tudo se inicia no meio natural, pois é a partir das experiências e das relações do homem com esse meio físico, espaço, que tudo se origina, ou seja, “o espaço é uma experiência humana primordial”, segundo Ilari (2015). É por meio dele que se percebe a capacidade de movimento corporal e das coisas que rodeiam o ser humano como entidades únicas (ILARI, 2015, p. 186), assim como é a partir dessa experiência do homem com o meio físico que provém os significados, como discutido no terceiro capítulo.

Nesse sentido, é no espaço que definimos relações como as de interioridade/exterioridade, superioridade/inferioridade, anterioridade/posterioridade, lateralidade (que inclui dexteridade e sinistridade), verticalidade/horizontalidade e intermediação, conforme Couto (2010). Com isso, para Ilari (2015), as preposições verbalizam experiências espaciais mais ou menos diretas, sendo essa a principal de suas tarefas, mas elas não designam somente relações espaciais, como visto na seção anterior.

Desse modo, das quatorze preposições que ocorreram em nossos dados, somente oito admitem uma leitura espacial de acordo com os princípios da ERE. São elas: **entre, até, por, com, para, em, a e de**.

Nessa perspectiva, o significado prototípico da preposição **entre** equivale à *interposição no espaço*, pois essa preposição “codifica a posição indicada por um ponto que se encontra em uma linha reta que liga dois outros pontos”, segundo Couto (2010). Ela é caracterizada pela ERE como uma preposição locativa (estática), que indica uma relação de intermediação, porque qualquer coisa que se encontre em frente à perspectiva de um referente

estará também entre o cubo e o referente. Assim, dos 19 usos de **entre**, todos eles estavam de acordo com seu sentido prototípico, podendo ser ela encaixada no cubo tridimensional da ERE ao designar essa relação de *interidade*, como nos excertos (318) e (319):

(318) “que oscila **entre** dois extremos”.

(319) “nas relações **entre** os indivíduos”.

Quanto à preposição **até**, ela é caracterizada, pela ERE, como de destino (movimento), que indica direcionalidade e não ultrapassagem de um limite. Além disso, ela exige que se passe por outros lugares antes de se chegar ao destino, de acordo com Couto (2010). Seu significado prototípico equivale à *limitação no espaço*, sendo que das 22 ocorrências de **até** somente três estão de acordo com essa significação prototípica. No entanto, a espacialidade nesses três casos não se mostra de forma tão clara devido ao conteúdo semântico dos outros elementos que essa preposição rege, ou seja, o termo regido não é espacial, como visto no exemplo (320):

(320) “**até** onde vão essas diferenças”.

O sentido prototípico dessa preposição, porém, é tão forte que contamina os outros elementos da construção por seu aspecto poroso, isto é, ao se inter-relacionar com os outros componentes da sentença, elas recebem de fora e enviam para fora influxos semânticos do todo significativo. Isso se justifica, pois, essa preposição apresenta uma estrutura permeável assim como um ecossistema. Desse modo, ela pode ser encaixada no cubo, em uma posição de anterioridade, a partir de um referente e ir em direção ao cubo ou a partir do cubo, indo em direção a um referente.

Já a preposição **por** é caracterizada pela ERE como uma preposição de movimento, que indica uma relação de espaço por onde, percurso, de modo que seu significado prototípico designa *ao longo do espaço*. Desse modo, das 136 ocorrências de **por**, somente 22 foram no sentido espacial. No entanto, boa parte desses usos demonstra vestígios do sentido prototípico, pois são valores derivados da noção prototípica *espaço por onde*. Contudo, apenas casos como (321) estão realmente em conformidade com o sentido prototípico, podendo, assim, ser ela encaixada no cubo tridimensional da ERE ao indicar direcionalidade ao longo do espaço, ou seja, essa preposição indica uma dimensão que atravessa o cubo, tanto vertical quanto horizontalmente.

(321) “andando **pelas** ruas”.

A respeito da preposição **com** a ERE a qualifica como uma preposição estática espacial, sendo que dos 153 casos em que ela ocorre, em 92 o sentido espacial pode ser evocado ao denotar *copresença/companhia*, pois indica uma relação prototípica de simultaneidade de duas coisas no espaço. Porém, em nossos dados, essa espacialidade se mostrou de forma sutil, já que não foi em todos os casos que o terminal a que essa preposição se liga é espacial, como em (322), em que a palavra que a preposição rege é de caráter abstrato. Por indicar uma relação de conjunção no espaço, essa preposição não se encaixa no cubo tridimensional da ERE:

(322) “contato **com** produções individuais”.

Em relação à preposição **para**, ela é vista pela ERE como uma preposição de destino (movimento), que indica movimento em direção a um ponto terminal de modo permanente, o referente vai e fica em determinado lugar. Seu significado prototípico indica *direção no espaço*. Logo, das 180 ocorrências de **para**, somente em 12 ela foi usada com sentido espacial, que está em conformidade com o significado prototípico. Assim, nessas doze ocorrências com esse sentido ela pode ser encaixada no cubo da ERE ao indicar uma relação de anterioridade, segundo Couto (2010). Isso demonstra que essa preposição de movimento indica direcionalidade no espaço, pois parte do cubo e vai em direção a um referente ou parte desse referente e vai em direção ao cubo, como no exemplo (323):

(323) “levavam até anos **para** chegarem ao destino”.

Quanto à preposição **em**, o ponto central da ERE, conforme Couto (2010), é caracterizada pela ERE como uma preposição locativa (estática). Ela indica a relação menos marcada das línguas do mundo, a interioridade, pois um objeto se encontra dentro de algo independente de um observador, bem como se localiza no centro em qualquer dimensão do cubo em que ela estiver, como já dito no capítulo 3. O significado prototípico dessa preposição equivale à *inclusão no espaço*, assim, de suas 310 ocorrências, 203 foram no sentido espacial, mas somente 36 desses usos estão de acordo com o significado prototípico. Nesses casos, como em (324), ela se encaixa no cubo tridimensional da ERE por denotar essa relação central de interioridade. Os demais casos, que ocorreram no sentido espacial, derivam dessa relação ao demonstrarem vestígios da significação prototípica:

(324) “**No** mundo **em** que vivemos”.

A preposição **a**, assim como a preposição **para**, é caracterizada pela ERE como uma preposição de destino (movimento), que também indica um movimento que parte do cubo e vai em direção a um referente, ou parte de um observador e vai em direção ao cubo. Diferentemente da preposição **para**, a preposição **a** indica movimento em direção a um ponto terminal, porém, temporário, ou seja, o referente vai e volta de determinado lugar. Seu significado prototípico equivale à *direção no espaço, destino temporário*. Assim, das 354 ocorrências, 66 aconteceram no sentido espacial, porém, 53 usos estão em conformidade com o sentido prototípico, como em (325). Nesses casos, a preposição pode ser encaixada no cubo da ERE ao indicar uma relação de anterioridade em direção a algum lugar:

(325) “chegou **a** essas máquinas”.

Por fim, tem-se a preposição **de** caracterizada pela ERE como uma preposição que demarca origem (movimento) no espaço. Ela indica origem a partir de um ponto no espaço. Seu significado prototípico equivale a *ponto de partida* e, então, das 845 ocorrências dessa preposição, somente em 20 casos ela ocorreu de acordo com o significado prototípico, como nos excertos (326) e (327), mas relacionando um termo abstrato. Aqui ela pode ser encaixada no cubo tridimensional da ERE, pois indica uma relação de posterioridade a partir do cubo, tanto na posição oposta à do referente quanto oposta ao cubo, segundo Couto (2010):

(326) “partindo **do** pressuposto”.

(327) “Em busca **do** amor”.

As demais preposições, que não ocorreram no sentido espacial, mesmo tendo uma significação bastante clara que se remete à espacialidade devido a seu caráter poroso, sofreram contágio semântico no sintagma ao se relacionarem com termos que indicam noções mais abstratas, de modo que houve uma troca de material semântico, o que resultou em sentidos diferentes do prototípico, mas motivados por ele. Dito de outra forma, as preposições, por apresentarem a característica de abertura em sua estrutura, recebem de fora e enviam para fora influxos semânticos, o que altera e amplia seu matiz significativo quando se inter-relacionam com outros termos na sentença.

Além disso, notamos, nos usos das preposições, que, quando elas ocorrem com valor temporal, é possível perceber vestígios do sentido prototípico espacial, ao encontrarmos traços dele nas construções. Isso nos faz confirmar a tese de que a temporalidade se reduz à espacialidade, segundo Couto (1973, 1994, 2007a; 2007b; 2010), ou seja, o sentido espacial é levado para o domínio temporal, de forma que se impõe a ele uma conceptualização espacial, fazendo com que as preposições temporais derivem das espaciais de modo evolutivo. Dessa maneira, o sentido temporal evolui a partir do significado prototípico já existente, o qual deixa nele seus resquícios.

Constata-se, assim, que o sentido espacial ocorre de forma mais efetiva quando, além do objeto ou evento que se quer localizar espacialmente, ele tem como ponto de referência no espaço um outro objeto ou evento, isto é, para que a preposição espacial aconteça com sucesso em seu sentido prototípico na construção é importante que o termo que ela relaciona também seja espacial. Isso evidencia que as preposições têm uma estrutura porosa, aberta, o que propicia uma troca de conteúdo semântico quando ela se relaciona com outros termos na sentença.

Entretanto, são as locuções prepositivas que verbalizam verdadeiramente a noção de espaço. Segundo Ilari (2015, p. 298), ao longo da história, as preposições simples passaram por um desgaste, o que gerou o desaparecimento de muitas, restando uma pequena parte delas. Logo, para compensar essas perdas, surgiram muitas preposições reconstruídas por combinações de duas ou mais das formas que haviam sobrevivido, por exemplo, *ad + post* → **após** ou *per + ad* → **para**. Essas formas combinaram-se com outras preposições, o que resultou em locuções prepositivas. Nota-se, aí, um processo de reciclagem de material linguístico, em que a partir de preposições simples se formaram locuções prepositivas, as quais se adaptaram às necessidades comunicativas dos falantes.

Atualmente, não há somente uma junção de elementos, como uma combinação de preposições (**para com**), mas sim uma criação de locuções em que algum substantivo tem um papel essencial, por exemplo, **a despeito de** (ILARI, 2015, p. 299), de modo que o surgimento dessas locuções se adapta às necessidades expressivas dos usuários da língua. Assim, uma locução prepositiva seria um grupo de duas ou mais palavras que correspondem a uma preposição, de acordo com Ilari (2015), isto é, ela desempenha a mesma função sintática que uma preposição simples, além de ter o mesmo sentido que ela. Dessa forma, a locução prepositiva nada mais é que uma “preposição composta” ou, como Couto (2010) prefere

chamar, “preposição complexa”, pois elas “são redutíveis a duas preposições simples intermediadas por um nome ou outra categoria”, como o advérbio (COUTO, 2010).

As locuções prepositivas, no entanto, exprimem relações espaciais mais claras que as preposições simples, ou seja, as locuções prepositivas têm uma maior capacidade para descrever de forma precisa o espaço. Por esse motivo, elas coocorrem e concorrem com as preposições simples, podendo substituí-las em certos casos, como Couto (2010) e Ilari (2015) já haviam notado, o que demonstra que as preposições têm uma tendência ao analitismo.

Nesse sentido, segundo Couto (2012b), as preposições ainda estão evoluindo na língua da forma sintética à forma analítica, ou melhor, elas surgem em suas formas sintéticas (preposições simples), as quais vão se ampliando até se tornarem formas analíticas (locuções prepositivas), podendo ser substituídas por elas. Por exemplo, a preposição **ante** surgiu na língua em sua forma sintética calcada no advérbio latino *ante*, que indica um espaço anterior, *adiante*, *antes*, *anteriormente*. Entretanto, ela deixou de ser usada há muito tempo, sendo substituída pela forma analítica (locução prepositiva) **antes de**, que exprime, de forma mais clara, essa anterioridade no espaço. Vejamos esses e outros casos a seguir a partir dos dados de nossa pesquisa.

Em nossos dados, 20 locuções prepositivas foram encontradas, no entanto, elas ocorreram apenas 50 vezes. Talvez sua baixa frequência seja justificada pela dimensão espacial estar sendo substituída pela dimensão nocional, e os casos encontrados demonstram claramente essa substituição de preposições simples por locuções prepositivas, isto é, a dimensão espacial representada por essa preposição simples, ao cair em desuso, passa a ser designada por uma locução prepositiva. Esse quantitativo resultou na tabela estatística vista a seguir:

Tabela 4 – Locuções prepositivas em uso

Locução Prepositiva	Quantidade	Porcentagem	Locução Prepositiva	Quantidade	Porcentagem
através de	14	28%	por meio de	1	2%
de acordo com	5	10%	frente a	1	2%
ao invés de	4	8%	depois de	1	2%
em meio a	4	8%	por dentro	1	2%
antes de	3	6%	apesar de	1	2%
diante de	3	6%	em virtude de	1	2%
atrás de	2	4%	ao fato de	1	2%
com relação a	2	4%	a fim de	1	2%
em relação a	2	4%	a maneira de	1	2%
dentro de	1	2%	em forma de	1	2%

Fonte: Dados da pesquisa.

Desse modo, das 50 ocorrências dessas 20 locuções prepositivas que foram usadas nas 40 redações, 15 delas foram da locução prepositiva **através de**, o que evidenciou a substituição da preposição **por/per**, como em (328) e (329):

(328) “Emma procura encontrar **através das** tradições”.

(329) “**Através de** uma extensa linha do tempo”.

A locução prepositiva **através de** indica de forma mais clara que a preposição simples **por/per** um ponto intermediário de um trajeto. Essa preposição simples também pode ser substituída pela locução prepositiva **por meio de**, que ocorreu uma única vez em nossos dados, mas com sentido nocional expresso na sentença (330):

(330) “**por meio do** rádio e da televisão”.

Nessa perspectiva, duas ocorrências da locução prepositiva **atrás de** evidenciam a substituição da preposição **trás**, como em (331) e (332):

(331) “Alguns se escondem **atrás de** uma fantasia”.

(332) “corremos **atrás dos** nossos sonhos”.

A locução prepositiva presente nos excertos (331) e (332) indica *espaço posterior* (lado oposto a quem se vê ou de quem se fala). Outros três casos aconteceram com a locução prepositiva **diante de**, substituindo a preposição **ante**, por exemplo em (333) e (334):

(333) “deixar cegos **diante da** fronteira”.

(334) “ficar bem **diante da** sociedade”.

No exemplo (333), a locução prepositiva indica um ponto de referência em um espaço anterior em um eixo transversal. Já no exemplo (334), a locução prepositiva indica um espaço um pouco mais abstrato, porém, com resquícios claros do sentido prototípico. Isso demonstra que os sentidos das locuções prepositivas também estão evoluindo em direção a significações mais genéricas, mas que partem das noções prototípicas.

A preposição **ante**, da mesma forma, pode ser substituída pela locução prepositiva **antes de**, que ocorreu três vezes nos dados, porém, com sentido nocional, como em (335). Assim como, pode ser substituída pela locução prepositiva **frente a**, expressa no excerto (336) também de sentido nocional:

(335) “os filhos **antes de** se qualificarem”.

(336) “Nosso país está **frente a** uma inovação”.

Além desses usos, temos a locução prepositiva **dentro de**, substituindo a preposição **em**, como no exemplo (337). Nesse excerto, a locução prepositiva expressa com mais precisão a localização no interior de um espaço:

(337) “**dentro de** casa”.

Nesse sentido, a preposição **em** também pode ser substituída pela locução prepositiva **em meio a**, que ocorreu quatro vezes nos dados como no excerto (338):

(338) “**em meio a** nossa sociedade”.

Diferentemente da locução prepositiva **dentro de**, a locução prepositiva **em meio a** indica de forma menos precisa a localização no interior de um espaço. Já com sentido nocional, temos a locução prepositiva **por dentro**, substituindo a preposição **em** como no exemplo (339):

(339) “fiquem **por dentro** do assunto”.

Por fim, substituindo a preposição **após**, temos a locução prepositiva **depois de** que ocorreu em nossos dados uma única vez na sentença (340), porém, no em seu sentido temporal:

(340) “**depois da** copa”.

A locução prepositiva **depois de** indica mais claramente, que a preposição **após**, a noção espaço posterior. No exemplo (340), no entanto, essa locução prepositiva indica tempo posterior, o que confirma a hipótese de Ilari (2015) de que a noção espacial se neutraliza em favor da noção temporal. Isso ocorre quando a preposição relaciona um termo preenchido por indicações cronológicas exatas ou não, o qual serve como ponto de referência para o sentido da sentença.

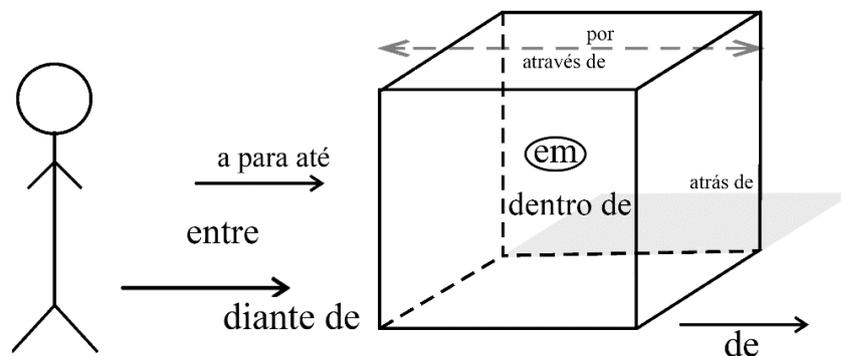
Outras locuções prepositivas foram encontradas nos dados, como: **de acordo com**, **ao invés de**, **em relação à**, **com relação a**, **a fim de**, **ao fato de**, **em virtude de**, **a maneira de**, **em forma de** e **apesar de**. No entanto, todas elas ocorreram com sentido nocional, de modo que a preposição que ela poderia substituir não se mostrou de forma clara, como nos exemplos (341), (342), (343), (344), (345), (346), (347), (348), (349) e (350) respectivamente:

- (341) “controlados **de acordo com** o desejado”.
- (342) “sendo criado por um amigo **ao invés de** um adulto”.
- (343) “melhor **em relação a** si mesmo”.
- (344) “Insatisfações **com relação aos** convívios sociais”.
- (345) “**A fim de** diminuir a discriminação”.
- (346) “**ao fato de** olhar ao seu redor”.
- (347) “**em virtude de** diferentes pontos”.
- (348) “controlando **a maneira de** pensar”.
- (349) “**em forma de** pinturas”.
- (350) “**Apesar de** ser um preconceito”.

Percebe-se, então, que as locuções prepositivas surgem, principalmente, para substituir preposições que representam dimensões espaciais, e o uso dessas locuções prepositivas possibilita uma abordagem mais detalhada e específica dessas relações espaciais, além de a dimensão nocional estar substituindo gradativamente a dimensão espacial, até mesmo quanto às locuções prepositivas.

Assim sendo, foi possível incluir essas relações espaciais, representadas pelas preposições simples bem como pelas locuções prepositivas encontradas em nossos dados, no cubo tridimensional da ERE, que resultou em um novo cubo tridimensional mais conciso e com outras formas representando as posições ou os movimentos prototípicos. Desse modo, essas preposições (simples e complexas) se encontram na figura 4 a seguir, que fornece a visão semasiológica, mas que parte da visão onomasiológica da ERE.

Figura 12 – Dança das preposições a partir da ERE



Fonte: Dados da pesquisa.

Constata-se, finalmente, que o percurso onomasiológico inicial foi ampliado pelo percurso inverso, a Semasiologia, ou seja, após formadas onomasiologicamente, as preposições podem assumir diversas outras conotações semasiológicas. Assim, ao adotarmos uma perspectiva semasiológica no estudo das preposições, encontramos pela frente significados não espaciais, mas que têm como ponto de partida o sentido prototípico espacial, sendo esses outros valores derivados ou motivados por ele. Desse modo, as preposições espaciais sofrem alterações em seus usos por terem um caráter mais poroso, aberto e, conseqüentemente, sofrerem um contágio no sintagma do conteúdo semântico das palavras a que elas estão atreladas. Assim, para designar de maneira mais específica as noções espaciais, as preposições têm sido substituídas pelas locuções prepositivas, as quais nasceram a partir de uma deriva histórica das preposições simples. Nota-se, assim, que “semasiologicamente há uma verdadeira dança das preposições”, como afirma Couto (2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de partirmos para as conclusões a que chegamos com essa pesquisa, é necessário que retomemos o que nos levou a ela. Em 2013, quando iniciei meu trabalho como corretora de redação, me deparei com a dificuldade com que os alunos tratam as questões gramaticais ao terem que manejar “a variedade socialmente privilegiada” da língua imposta pela Gramática, segundo Possenti (1992).

Nessa perspectiva, ao lançar um olhar mais aprofundado para essas produções textuais, notei que, dentre todas as classes de palavras, as preposições eram uma das de mais difícil domínio. Esses alunos sentiam/sentem muita dificuldade para dar conta dos diversos matizes de significado que as preposições apresentam em um nível formal de linguagem. O mais comum é eles se restringirem ao uso de suas funções mais genéricas, ignorando matizes de significação mais específica. Por exemplo: no segmento, “as terras estão **sobre** a posse dos grandes latifundiários”, a preposição **sob** daria um sentido mais coerente à sentença, pois, quem tem a posse de algo está em posição superior, logo, a posse em si está abaixo. Contudo, esse (a) aluno (a) a substitui pela preposição **sobre**, por desconhecer ou não saber manusear a variedade de sentidos que as preposições apresentam.

Esses alunos, no entanto, nem mesmo se dão conta dessa dificuldade, pois usam as preposições de uma forma corriqueira, sem grandes mistérios. Afinal, eles estão acostumados a tratarem-nas apenas como palavras que relacionam outras palavras, levando em consideração apenas seu aspecto sintático.

As preposições, entretanto, além de desempenharem um papel fundamental na comunicação ao estabelecerem relações lógicas entre os elementos da língua, pois como afirma Borba (1971, p. 46), “a língua só cumpre sua tarefa primordial – a comunicação – quando relaciona suas unidades básicas ou signos”, elas também apresentam uma significação própria, como defende a Ecolinguística, que as consideram cruciais, em muitos momentos, para a significação e a boa compreensão dos segmentos textuais. Dessa forma, elas são peças indispensáveis da estrutura linguística, não só por fazerem parte de uma estrutura sintática, mas por denotarem essa significação própria, compondo também o léxico da língua.

Em vista dessa dificuldade dos alunos em dominar e manusear os diversos matizes significativos das preposições, além de perceber que esses elementos desempenham mais que apenas a função de relacionar termos, contendo um sentido próprio, é que esta pesquisa foi pensada. Afinal, enquanto uma profissional que trabalha com o manejo da língua em seus

aspectos formais, era preciso ampliar os horizontes e estudar as preposições em sua dinamicidade no uso da língua, não mais como somente parte da estrutura rígida dela.

Diante disso, precisávamos entender por que os alunos sentem tanta dificuldade em dominar e manusear a diversidade significativa que as preposições apresentam em um nível formal de linguagem. Para tanto, realizamos, no primeiro capítulo, uma demonstração panorâmica das preposições da língua portuguesa.

Em vista disso, partimos da visão tradicional das gramáticas de Bechara (2009, 2010) e de Cunha e Cintra (2008), pois as gramáticas normativas são os primeiros estudos sistemáticos das preposições. Nelas, o critério adotado foi o sintático, de modo que os traços semânticos que as preposições apresentaram estavam atrelados à sintaxe do segmento, ou seja, os sentidos dessa classe estão subordinados ao critério sintático. Dessa maneira, a descrição semântica se mostrou bastante sumária e superficial. Ela foi apresentada como se não tivesse uma base em comum, o que demonstrou que os fenômenos linguísticos, no caso as preposições, são tratados de forma estanque, fazendo da língua algo descontínuo e desconexo.

A partir dessas abordagens, compreendemos que essa maneira estanque de tratar tanto as preposições quanto outras questões gramaticais gera uma dificuldade das pessoas em lidar com elas. Esses tipos de abordagens estanques dissociam e tratam as preposições de forma desconexa de um contexto maior de uso. Isso confirma o que Ilari (2015) havia assinalado, que esses estudos buscam uma regularidade na escolha das preposições no momento de uso, o que o torna atomizante ao tratar das partes e não do todo.

Logo em seguida, expomos os estudos linguísticos de Borba (1971) e Ilari (2015), os quais se mostraram mais completos e detalhados. O primeiro realizou um estudo sistemático das preposições, que perpassou todos os planos: sintático, semântico, morfológico e fonológico. Já no segundo, foi adotada uma postura de continuidade quanto ao valor semântico das preposições, demonstrando que seus diversos sentidos estão em relação de polissemia, ou seja, são extensões de sentidos de outros. A primeira abordagem se caracteriza como gerativista, já a segunda como funcionalista. Nelas, o critério sintático-semântico é priorizado tanto na descrição quanto na análise dessas preposições, o que demonstra que a sintaxe ainda não é deixada de lado, estando o sentido das preposições atrelado, em muitos momentos, a aspectos dela.

Esses dois últimos estudos contribuíram muito com nossa pesquisa ao acenderem os faróis para questões semânticas próprias das preposições que ainda precisavam ser trabalhadas, entre elas: Por que as preposições alargaram seu domínio semasiológico com

base em um critério puramente semântico? Foram eles que nos nortearam ao mostrarem que as preposições têm uma base em comum própria, que parte da espacialidade, e da qual deveríamos partir ao estudá-las. Até mesmo porque, já no estudo de Ilari (2015), ele aponta para questões quanto à Onomasiologia e à Semasiologia, evidenciando que os estudos das preposições precisam tomar essas duas perspectivas como faróis norteadores. No entanto, ele ainda se apoia no bote salva-vidas do critério sintático para obter respostas quanto aos diferentes usos dessa categoria.

Já no segundo capítulo, abordamos a Ecolinguística, com suas bases, bem como as categorias de análise e algumas de suas concepções. Com este capítulo, entendemos que, diferentemente, das gramáticas normativas, a Ecolinguística expressa uma visão orgânica da língua ao encarar as preposições, bem como qualquer fenômeno linguístico, de maneira holística. Desse modo, ela parte de uma postura onomasiológica, que vê a questão da referência, ou seja, parte da coisa e vai em direção ao nome que ela (ele) recebe, o que mostra que o estudo das preposições se insere, principalmente, no ecossistema natural da língua. A partir disso, compreendemos que, para a Ecolinguística, tudo se inicia no meio natural, pois é a partir das experiências e das relações do homem com esse meio físico, espaço, que tudo se origina. Entretanto, o ecossistema mental também é ativado, uma vez que é no cérebro que se formam as relações; é nele que elas se armazenam e são usadas. Por fim, é no consenso social, nos membros da população organizada socialmente, a sociedade, que tudo isso se realiza e se confirma (COUTO, 2010, p. 04).

Logo em seguida, a Onomasiologia é complementada pela Semasiologia, o que faz esse estudo ser caracterizado como holístico. Esse percurso inverso “consiste em partir dos nomes e ir na direção do que eles designam” segundo Couto (2010, p. 13). A partir dessa perspectiva, conseguimos investigar que outros significados as preposições foram adquirindo no uso real da língua, o que demonstrou que essa classe tem ampliado seu domínio semasiológico ao ter que se adaptar aos novos contextos de uso. Já com esse capítulo percebemos que esse alargamento semasiológico poderia ser explicado segundo algumas categorias ecológicas que compõem a Ecolinguística como: diversidade, evolução, adaptação, porosidade, interação etc.

Expomos, no terceiro capítulo, uma reflexão acerca da Semântica com base nos fundamentos ecológicos, na qual a significação emerge em meio às interações no ecossistema linguístico. Na perspectiva ecológica, a Semântica é praticada dialeticamente, ora partindo da Onomasiologia e complementando-a com a Semasiologia, ora indo na direção inversa, pois

somente essa dialética é capaz de dar conta dos diversos usos das preposições. Isso nos permitiu compreender que as acepções particulares que as palavras, no caso as preposições, adquirem emergem da interação do indivíduo com o mundo, da sua percepção das coisas e da sua experiência social, pois a partir das necessidades dos falantes, em um contexto de interação comunicativa, as preposições vão se adaptando, o que resulta em novos sentidos. A preposição **de**, por exemplo, fica livre de peso semântico específico, se fundindo ao todo significativo, diante da partícula **que** ao ter que se adequar a esse novo cenário de uso, como em: “ao ponto **de** que não exercem”.

Mais adiante, a base onomasiológica é apresentada segundo a ERE, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais. Como temos demonstrado, as preposições devem ser vistas como um todo e não de maneira compartimentalizada e desconexa do contexto de uso, para tanto, foi o percurso onomasiológico que nos propiciou entender a partir de onde tudo se originou. Assim, a percepção de certas relações espaciais que existem no mundo natural forneceu o sentido prototípico das preposições e, foi esse significado prototípico que propiciou o desenvolvimento de sentidos novos, espaciais ou não.

Ademais, essa perspectiva nos permitiu entender porque certas preposições, e não outras, são usadas em determinadas construções. Por exemplo, mesmo que de forma nocional, a preposição **sob** é utilizada no segmento “estava **sob** o poder da personagem”, pois ela tem como base onomasiológica a representação da relação de *inferioridade* no espaço, mas ao passar por um processo de evolução, ela amplia seu sentido em direção a um novo significado, o qual denota *inferioridade hierárquica*. No entanto, resquícios da prototipicidade permanecem nela.

O caminho inverso, semasiológico, foi seguido no capítulo seguinte, no qual olhamos individualmente para as preposições, o que nos permitiu investigar o uso dessa classe nas produções textuais de alunos de vestibular, de modo que conseguimos constatar até que ponto esses usos estavam ou não de acordo com o princípio da ERE e, como e quais os motivos para que desviassem dele.

Nesse capítulo, apresentamos uma descrição e uma análise minuciosa do uso das preposições. Já o iniciamos, realizando um levantamento de todas as preposições que ocorreram nas redações, 2.064 para ser mais específica, o qual foi materializado em uma tabela quantitativa. Esse quantitativo nos fez constatar que a frequência e a variedade das preposições se ligam tanto à escolha do gênero quanto à temática das produções textuais. A

partir dele, observamos que nos textos em que predominavam sequências narrativas ou descritivas o uso de preposições era bem menor do que nas produções em que as sequências expositivas argumentativas prevaleciam como, por exemplo, no gênero conto, em que, em uma das redações, ocorreram 33 preposições enquanto em um artigo de opinião ocorreram 77 preposições, ambos de mesma temática, “*Fantasia – força motriz ou força alienadora?*”. Por esse motivo, optamos pelo gênero discursivo argumentativo, em que houve uma maior ocorrência de preposições.

Além disso, com essa quantificação, foi possível notar que uma maior ou menor variedade de preposições está atrelada à temática proposta, isto é, o uso ou não de determinada preposição e a diversificação na escolha delas estão sujeitos ao assunto estabelecido. Assim sendo, 2012 foi o ano com uma maior frequência no uso de preposições, 595 preposições foram usadas. Isso ocorreu, pois, o tema, “Sociedade contemporânea: gênero em complementação e/ou em competição”, mostrou-se mais denso e discutível se comparado a temas como “Fantasia: força motriz e/ou força alienadora”, em que ocorreram 467 preposições. Ademais, nesse ano, devido à temática, a alta frequência também teve como consequência uma maior diversificação do uso de preposições, decorrendo na utilização de preposições como **sob**, que já está caindo em desuso e não foi utilizada em mais nenhuma outra temática.

Nesse capítulo, constatamos que cada preposição possui uma significação bastante clara, que se liga à espacialidade, mas, quando esse valor semântico interage com o significado dos elementos que elas relacionam bem como com o contexto em que elas ocorrem, realiza-se uma diversificação semântica devido à sua porosidade, ou seja, por causa do aspecto de abertura da estrutura das preposições há uma troca de material semântico entre ela e os elementos com os quais ela interage em uma sentença. No caso da preposição **em**, ela se mostrou bastante porosa ao ter seu sentido prototípico de *interioridade* compartilhado com os outros elementos com que ela se relaciona, passando a denotar *lugar onde*, como em: “sofrem **nas** filas”, mas que deixa transparecer resquícios do significado prototípico. Nesse sentido, ao adotarmos uma perspectiva semasiológica no estudo dos sentidos das preposições encontramos pela frente significados não espaciais, mas que têm como ponto de partida o sentido prototípico espacial, sendo esses outros valores derivados ou motivados por ele.

Segundo os pressupostos ecológicos, a língua surge da observação do mundo, porém, após formada, ela adquire uma relativa autonomia, permitindo criar novos mundos. Com isso, no decorrer da análise, pudemos perceber que assim acontece com as preposições. O sentido

prototípico surge a partir das relações observadas no mundo natural e, depois de formado, ele se amplia, gerando outros sentidos que vão dizer novas coisas sobre o mundo como no caso da preposição **sobre**, que surgiu para denotar *superioridade no espaço*, mas passou a designar *assunto*, o qual se demonstrou recorrente em nossos dados, evidenciando que essa preposição já está se especializando com esse sentido por um processo de generalização.

Essa ampliação dos sentidos pode ou não apresentar resquícios dos usos prototípicos, porém, esse novo sentido sempre será motivado por seu significado espacial, mesmo que o falante não perceba, como menciona Ilari (2015, p. 189). Portanto, a preposição passa a ser polissêmica e a codificar novos significados, que podem derivar do significado prototípico ou ser apenas motivado por ele.

No desenrolar da análise, averiguamos o porquê de as preposições serem usadas com outros significados além do sentido prototípico. Percebemos isso ao constatar que o significado espacial delas serviu como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, sendo os significados abstratos resultado desse processo, como em: “**Desde** o início da história”, a qual expressa *ponto de partida no tempo*, mas apresenta resquícios do valor prototípico, *ponto de partida no espaço*, que não foi encontrado nos dados. A partir disso, compreendemos que o significado temporal evolui a partir de um significado já existente, espacial, o qual deixa seus vestígios nele.

Dessa maneira, com a análise do uso das preposições em redações, foi possível constatar que o uso do significado prototípico está diminuindo de forma crescente e gradativa, de modo que outros sentidos continuam surgindo e competindo entre si. Isso gera um aumento no uso do sentido nocional, o que demonstra que as preposições estão se especializando em certos sentidos por um processo de generalização. Desse modo, dos 136 usos de **por**, 53 deles ocorreram com sentido de *causa/motivo*, o que evidencia que essa preposição tem se especializado nesse sentido por seu alto grau de ocorrência.

Além disso, foi possível confirmar nossa hipótese de que as preposições não são vazias de significado, mesmo aquelas mais puramente relacionais, pois elas contribuem para a mensagem a ser expressa e, por isso, para a função primordial da linguagem, a comunicação, ou seja, elas possuem uma significação própria. Isso se mostra na troca de uma preposição por outra, a qual ocasiona a mudança semântica de todo um segmento, como em: “possuem condições para acesso **na** (localização) rede privada” ao invés de “possuem condições para acesso **à** (finalidade) rede privada”.

Notamos, então, que as preposições espaciais estão sofrendo alterações em seus usos por terem um caráter mais poroso e, conseqüentemente, compartilham conteúdo semântico com as palavras a que elas estão atreladas na sentença. Isto é, por elas apresentarem uma estrutura com caráter de abertura, elas influenciam e são influenciadas pelo conteúdo semântico dos termos com os quais interagem em uma frase. Casos como: “todos se preocupem **com** (*em relação à*) a felicidade” demonstram que a preposição **com**, por exemplo, tem um caráter poroso ao enviar e receber influxos semânticos dos elementos que relaciona, o que torna o sentido prototípico de *copresença* pouco evidente. Compreendemos, portanto, que a ampliação semasiológica das preposições nada mais é que uma adaptação aos novos contextos de uso e às demandas comunicativas.

Ao longo dessa análise, selecionamos as preposições espaciais que ocorreram, no *corpus* dessa pesquisa, para ver se estavam de acordo com o significado prototípico, sendo elas: **entre, até, por, com, para, em, a** e **de**, e se poderiam ser enquadradas no cubo tridimensional da ERE. Esse cubo expressa todos os conceitos de relações espaciais lexicalizados pelas preposições.

Desse modo, das quatorze preposições que ocorreram em nossos dados, somente essas oito admitiram uma leitura espacial de acordo com os princípios da ERE, o que levou ao uso de locuções prepositivas. Afinal, são as locuções prepositivas que exprimem relações espaciais mais claras que as preposições simples, ou seja, elas têm uma maior capacidade para descrever de forma precisa o espaço. Por esse motivo, elas coocorrem e concorrem com as preposições simples, podendo substituí-las em certos casos, como Couto (2010) e Ilari (2015) já haviam notado. Isso demonstra que as preposições têm uma tendência ao analitismo, isto é, elas evoluem na língua, partindo das suas formas sintéticas (preposições simples), as quais vão se ampliando até se tornarem formas analíticas (locuções prepositivas), podendo ser substituídas por elas como, por exemplo, no caso da preposição **por/per** que tem sido substituída pela locução prepositiva **através de**, como em: “**Através de** uma extensa linha do tempo”.

Esses usos, que ocorreram nas redações, tanto de preposições simples quanto locuções prepositivas, resultaram em um novo cubo tridimensional mais conciso e com outras formas representando as posições ou os movimentos prototípicos, o qual partiu do cubo tridimensional da ERE. A partir desse novo cubo, o qual é resultado dos dados encontrados em nosso *corpus*, constatamos que o percurso onomasiológico inicial foi ampliado pelo

percurso inverso, a Semasiologia, ou seja, após formadas onomasiologicamente, as preposições assumiram diversas outras conotações semasiológicas.

Nota-se, por fim, que semasiologicamente há uma verdadeira dança das preposições, como Couto (2012) já havia afirmado e como demonstramos no decorrer dessa pesquisa, pois o que seria delas se ficassem restritas à sua Onomasiologia? Como diria Veríssimo (2002), “seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixona pelo seu plantel”, afinal, as palavras, no caso as preposições, vivem é na boca do povo. Assim, essa pesquisa se mostra relevante tanto para os estudos das preposições no campo da Ecolinguística quanto para outros estudos linguísticos ao olhar de forma holística para essa classe, ora partindo da perspectiva onomasiológica e complementando-a com a perspectiva inversa, a Semasiologia, e vice-versa. Além de que seria bastante útil inserir essa metodologia de estudo das preposições nas escolas, de modo a ampliar o domínio e facilitar o manejo dessa classe pelos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALINEI, M. *L'origine delle parole*. Roma: Aracne, 2009.
- ARAÚJO, G. P. de. *O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente*. Tese – Universidade de Brasília, 2014.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BALDINGER, K. *Semasiologia e Onomasiologia*. 1966. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265/2992>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- _____. *Moderna Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BOFF, L. *A ética da vida: A nova centralidade*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2009.
- BOLINGER, D. *Language, the loaded weapon: The use and abuse of language today*. Londres: Longman, 1980.
- BORBA, Francisco da Silva. *Sistema de preposições em português*. 1971. Tese (Livredocência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- BORGES, L. A. O. *A constituição de uma escola ecossistêmica: novas práticas educacionais sob a perspectiva da ecolinguística e do imaginário*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Goiânia, 2015.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix. 1996.
- _____. *O ponto de mutação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- CASTILHO, A. T. de. *O que é Semântica?* 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8920020-O-que-e-a-semantica.html>.
- COUTO, H. H. *Os conetivos*. Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado. 1973.
- COUTO, H. H. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag. 1994.

COUTO, H. H. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*. Brasília: UnB, 1999. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B6hIHMM_ItiGRzJibTRORWdSUHc/edit. Acesso em: 10 fev. 2016.

COUTO, H. H. *Ecolinguística – Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007a.

COUTO, H. H. *Ecologia das relações espaciais – as preposições do crioulo guineense*. Pápiá, v. 17, p. 80-111, 2007b.

COUTO, H. H. *Ecologia das preposições espaciais portuguesas*. *Lusorama*, v. 83/84, 2010.

COUTO, H. H. *Onomasiologia e Semasiologia revisitadas pela Ecolinguística*. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 183-210, 2012a.

COUTO, H. H. *O tao da linguagem – um caminho suave para a redação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

COUTO, H. H. *O que vem a ser ecolinguística, afinal?* *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília: Thesaurus, v. 14, n. 1, 2013a.

COUTO, E. K. N. N. do. *et al. Da fonologia à Ecolinguística: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*. Brasília. Thesaurus, 2013b.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. (Coleção: Linguagem e Sociedade, v. 9).

COUTO, H. H. do; *et al.* (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIÓRIO JUNIOR, E. *Preposições no português brasileiro: Um estudo frequencial*. Curitiba, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24545>.

ENNINGER, W.; HAYNES, L. M. (Org.). *Studies in language and ecology*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1984.

FILL, A. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.

_____. *Ökologiestik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

FINKE, P. *A Ecologia da Ciência e suas consequências para a Ecologia da Linguagem*. Traduzido por Roberto Lestinge. In: O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

GOBARD, Henri. *L'Aliénation linguistique: analyse tétraglossique*. Paris: Flammaron, 1976.

GONÇALVES, S. C. L.; WIEDEMER, M. L. Variação e gramaticalização de preposições em verbos de movimento. In: *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial. 2017. p. 95-129.

GONÇALVES, Liney de Melo. *Apagamento de preposições diante de sintagmas nominais topicalizados e sentenças encaixadas: um estudo sintático-semântico-pragmático*. Santa Catarina – Florianópolis, 1983. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106204>.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

HAUGEN, Einar. Ecologia da linguagem. In: LOTZ, J.; GRAZ, B. W. *Conference toward the description of the Languages of the World*. Áustria, 1970.

HAGEGE, C. *L'homme de paroles*. Paris: Fayard, 1985.

ILARI, Rodolfo. A preposição. In: *Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-309.

JAKOBSON, Roman. A linguística em suas relações com outras ciências. In: *Linguística; poética; cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*: Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Cognitive Grammar. 2007. In: D. Geeraerts; H. Cuyckens (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 421-462.

LYONS, J. *Semântica estrutural*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

MACHADO, Daniel de Brito. *Preposições introdutoras de orações infinitivas*. Brasília – DF, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14796>.

MACKEY, W. F. Toward an ecology of language contact. In: *Sociolinguistic studies in language contact: Methods and cases*. Haia: Mouton, 1979. p. 453-459.

MAKKAI, A. *Ecolinguistics: Toward a new **paradigm** for the Science of Language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MAKKAI, A. Da gramática pragmo-ecológica à ecolinguística (1973-1993). *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 2, n. 2, 2016. Tradução de Hildo Honório do Couto.

MARCELLESI, Jean Baptiste. Basque, Breton, catalan, corse, flamando, germanique d'Alsace, Occitan: l'enseignement des "langues régionales". *Langue française*, 1975, p. 3-11.

MERINGER, R. *Zur Aufgabe und zum Namen unserer Zeitschrift*. Wörter und Sachen, Band III, p. 22-56, 1912.

MUHLHAUSLER, P. *Language of environment – Environment of language: A course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge. 2003.

NELDE, H. P. *L'Écolinguistique – aspects méthodologiques de la linguistique de contact*. AILA review – Révue de AILA, n.1, 1984, p. 35-47.

ODUM, E. P. *Fundamentos de Ecologia*. 6ª ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

OLIVEIRA, R. P. de. (Org.). Semântica. In: MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, S. *Gramática e Análise do Discurso*. Cadernos de Estudos Linguísticos, 1992.

POTTIER, B. *Systématique des éléments de relation: étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: Librairie Klincksieck. 1962.

POTTIER, B., AUDUBERT, A. & PAIS, C. T. *Estruturas linguísticas do português*. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1975.

Ribeiro, Ernesto Carneiro. *Estudos gramaticais e filológicos*. Salvador: Livraria Progresso Editora. 1957.

ROSCH, E. *Principles of Categorization*. In: Cognition and categorization. p. 27-48. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1978.

SANTOS, E. B. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/Semântica Cognitiva. *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia*, v. 5, n. 1, jan./jul. 2015.

SALZINGER, Kurt. *Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior*. In: *Psycholinguistics research*. Erlbaum, Hillsdale, NJ, 1979. p. 109-130.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

TRAMPE, W. *Ökologische linguistik: Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts-und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag. 1990.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto. 2004. Tradução de Rodolfo Ilari.

UFG/CS. *Processo Seletivo 2014-2-Manual do Candidato*. 2014/2.

ULMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VANDELOISE, C. *Spatial prepositions – A case study from French*. Tradução: Anna R. K. Bosch. 1991.

VELUPILLAI, V. *An introduction to linguistic typology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2012.

VERÍSSIMO, L. F. *O gigolô das palavras*. In: _____. Para gostar de ler. 10ª. ed. v. 14. São Paulo: Ática, 2002. p. 77 e 78.

ANEXOS

ANEXO 1 – Proposta de redação 2011: Fantasia – força motriz ou força alienadora?

UFG/CS

PROCESSO SELETIVO/2011-1

REDAÇÃO

REDAÇÃO

Instruções

A prova de redação apresenta três propostas de construção textual. Para produzir o seu texto, você deve escolher um dos gêneros indicados abaixo:

A – Artigo de opinião

B – Carta de leitor

C – Conto

O tema é único para os três gêneros e deve ser desenvolvido segundo a proposta escolhida. A fuga do tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema

Fantasia: força motriz e/ou força alienadora?

Coletânea

1. O mundo da fantasia: sempre fantasiamos o que não temos e não somos... e gostaríamos de ter e ser
- Especialista em sexualidade humana, Gina Strozzi é professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Nesta entrevista, a psicóloga aconselha: "Não devemos permitir que as fantasias dominem nossa atividade real, porque a realidade precisa ser vivida e modificada com base na objetividade".
- Ultimato: O que é fantasia em psicologia?
- Gina: É um mecanismo de defesa que proporciona uma satisfação ilusória para os desejos que não podem ser realizados. A fantasia é criada pelo inconsciente para dar a ideia de satisfação, mas essa satisfação substitui a satisfação real. Na verdade, a fantasia é uma síntese de ideias, sentimentos, interpretações e memórias, com predomínio de elementos instintivos e afetivos. Por meio da satisfação substituída e da omissão da realidade, a fantasia pode ajudar a resolver os conflitos e prevenir a angústia. Entretanto, uma dose constante e profunda de fantasia e devaneio pode fazer com que a pessoa se desvie da realidade, acostumando-se a um mundo irreal, e dificultar o enfrentamento dos problemas concretos.
- Ultimato: Qual a diferença entre sonhar durante o sono e sonhar acordado?
- Gina: A diferença é que nos sonhos temos pouco controle sobre os conteúdos. O sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido, ou a tentativa de realização de um desejo. Mas é um produto do inconsciente, de forma que não pode ser controlado pelo indivíduo. Já no devaneio (sonhar acordado) podemos criar ou recriar uma "cena" com o propósito de gerar satisfação quando e quantas vezes desejarmos.

ULTIMATO. Disponível em: <<http://www.ultima21.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2010.

2. Emma Bovary e a realidade paralela
- Considerada a obra mais importante do francês Gustave Flaubert, *Madame Bovary* não tem nada de um romance de suspense moderno. Trata-se da história banal de uma mulher mal casada que trai o marido, o arruina e acaba se suicidando, por ter se perdido, perseguindo quimeras inspiradas em romances "água com açúcar". De onde vem, então, o fascínio exercido por essa mulher cuja única particularidade é sonhar com aventuras maravilhosas, enquanto leva uma vida comum? A descrição de seus estados de espírito é tão precisa que foi forjado um termo para designar o mal que a consome: o bovarismo.
- [...]
- "Emma personificou essa doença original da alma humana, para a qual seu nome pode servir de rótulo, se entendermos por 'bovarismo' a faculdade que faz o ser humano conceber a si mesmo de outro modo que não aquele que é na verdade". Ou seja, o bovarismo consiste em "se imaginar diferente do

que se é". Essa capacidade remete não a uma fraqueza de caráter, mas a um funcionamento psicológico, típico da espécie humana.

Podemos pensar que há um bovarismo intelectual e um sentimental, e cada um apresenta tanto aspectos "normais" quanto patológicos. Estes últimos representam o falseamento exagerado da concepção de si mesmo e a ausência de senso crítico em relação a um erro cometido. O bovarismo clínico implica não nos darmos conta de que imaginamos a nós mesmos de maneiras muito diferentes do que realmente somos.

DIEGUEZ, S. *Scientific American – mente e cérebro*, São Paulo, out. 2010, p. 66.

3. Neobovarismo

A correspondência entre a insatisfação e a dissimulação nossa de cada dia

"Bovarismo" é a expressão criada por Jules de Gautier para explicar a insatisfação com a própria vida característica de Madame Bovary, heroína do romance de Flaubert que aprendeu nos livros a se iludir sobre a possibilidade de ser outra. O fim de Emma Bovary foi o suicídio, em explícita fuga do real. Bovarismo é, desde então, a postura daquele que, se negando a viver a própria vida, sonha com outra. O bovarista viveria como se fosse o protagonista de um romance.

[...]

Para além da literatura, do lado de cá da ficção que chamamos ainda por convenção de "real", devemos dizer que os integrados a esta cultura hipertecnológica são avatares de Emma Bovary.

[...]

Como máscara virtual, o avatar permite entrar no virtual sem ser visto no real que carrega por trás. A afirmação do real não vem ao caso no jogo da internet. Afinal, *in-lusio* significa entrar em jogo. O avatar entre nós promete essa mágica. E quem não gostaria de dominá-lo?

Dissimulação

Crianças são incentivadas a criar seu avatar – corpos, cabelos, cor da pele, cor dos olhos, roupas, moradias, profissões, gostos, objetos de uso pessoal... –, fazendo dele o outro que o si mesmo almeja ser: o idealizado, o "pertencente a uma tribo" ou o mero sinal, o design, o ícone. O bonequinho – como um botão que substitui o ego – que permite "interagir". Está em jogo também o destino do que um dia se chamou de "representação".

A internet não é mais o lugar de "representações", uma categoria que servia para explicar tanto a política quanto a estética. Ela é o lugar de "simulações". Podemos dizer que por trás de toda representação há um irrepresentado, algo que não se contempla, que escapa, que fica de fora no esforço de exposição e de demarcação daquilo que se tem a dizer por meio da representação. Essa sobra é o real. Pode haver enganação na representação, quando alguém tenta representar aquilo que não é.

A simulação pode ser um modo de fazer arte de computador, mas quando ela chega à vida concreta as coisas podem se complicar. Simular é recriar o real sem que se esteja a representá-lo. Se o real comparece na representação como uma alusão, na simulação ele é a novidade. No entanto, se ao representarmos nos referimos ao real como algo que foi imitado ou alterado, na simulação o real é desconhecido como o que em nada surpreende.

[...]

No começo da modernidade, Torquato Accetto defendeu a ideia de uma "dissimulação honesta" como a necessidade, própria do caráter precário da condição humana, de adiamento da verdade na esfera pública. Não seria necessariamente a sustentação da mentira, mas um jeito de sobreviver em um mundo de paixões. Um mundo que deseja a honestidade, mas ao mesmo tempo a teme e, portanto, se especializa em contatos indiretos com ela. Caillou defendeu o mascaramento como uma prática lúdica própria da vida humana e animal. Sem moralismo, enquanto simular é mostrar o que não está presente, dissimular é não deixar aparecer aquilo que está presente. O dissimulado disfarça, mas o que pode ver? Para além do prazer de usar máscaras, ou de fingir, ou de atuar, é, para muitas pessoas, a única chance de viver uma vida menos insatisfatória. O neobovarismo seria a chance de ser a expressão do que não se é. Seria também a inexpressão pessoal que encontra um jeito de não aparecer?

TIBURI, M. *Cult*, São Paulo: Bregantini, n. 139, set. 2009, p. 40-41.



Disponível em: <<http://blog@news.blogspot.com/2008/02/charge-carnavalesca.html>>. Acesso em: 15 out. 2010.

5. Bananas de Pijamas

Se a fantasia já é difícil de engolir como fantasia, imaginem apresentá-la como "documental"

Nada tenho contra vigilantes. Contra? Minha adolescência cinéfila não foi só Bergman, não foi só Bresson, não foi só Renoir. Nos intervalos, escondido de meus amigos intelectuais, eu gostava de assistir a Clint Eastwood limpando as ruas de San Francisco.

Nada tenho contra vigilantes, repito. Mas também acrescento que os vigilantes têm de cumprir dois requisitos básicos. Em primeiro lugar, só podem existir na tela, não na vida real. Na vida real, continuo a preferir o Estado de Direito, em que existem leis, polícia e tribunais, e não loucos ou beneméritos que gostam de fazer justiça com as próprias mãos.

Mas mesmo os vigilantes das telas têm de cumprir um segundo requisito: não podem usar colants, máscaras, pinturas ou capas supostamente voadoras. Dizem-me que Batman, ou Super-Homem, é uma metáfora profunda sobre a nossa condição solitária e urbana; heróis derradeiros da pós-modernidade. Não comento. Exceto para dizer que morro de rir quando vejo um ator, supostamente adulto e racional, enfiado num pijama colorido e disposto a salvar a humanidade das mãos maléficas de um vilão tão ridículo e tão colorido quanto ele.

Sem falar dos fãs: homens feitos, alguns casados, que continuam a acreditar que um super-herói em pleno voo compensa todas as falhas nos relacionamentos amorosos.

E foi assim que assisti ao último Batman, "O Cavaleiro das Trevas", dirigido por Christopher Nolan. Não vale a pena apresentar o filme. De acordo com os promotores, Nolan trocara a fantasia sombria de Tim Burton e o espetáculo adocicado de Joel Schumacher por um realismo digno de Michael Mann: desde "Fogo contra Fogo" ninguém filmava assim uma cidade, cruamente e no osso.

E os atores? Os atores seriam exemplos de um realismo ainda mais brutal, com destaque para o Coringa.

E confesso que entrei na sala com boa vontade: "O Cavaleiro das Trevas" apresenta o herói (Batman) em luta final contra o mestre da anarquia (Coringa), um lunático que não deseja dinheiro nem poder como os vilões tradicionais, mas sim pura destruição.

Infelizmente para os criadores, a narrativa não é apenas infantil em sua pretensão política e filosófica; é incongruente quando Batman ou Coringa entram no enquadramento. Razão simples: se a fantasia já é difícil de engolir como fantasia, imaginem apresentá-la em tom "realista" e até "documental".

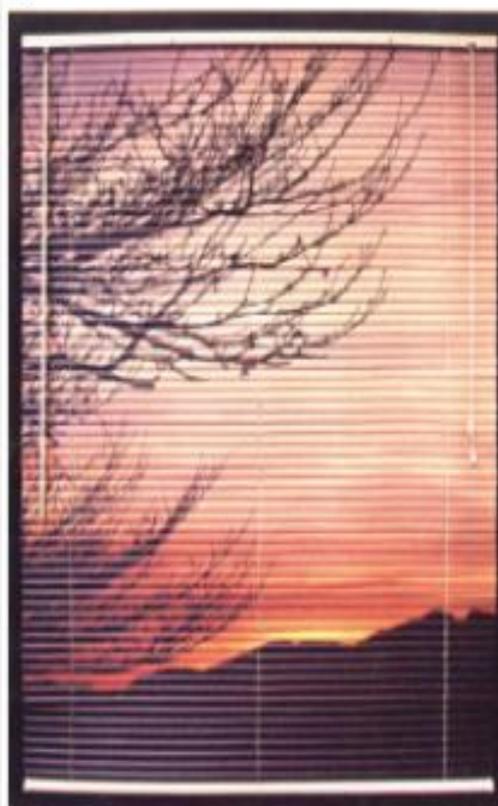
Confrontado com Batman e Coringa, nenhum adulto equilibrado vê um super-herói e um super-vilão. Vê, simplesmente, dois dementes em pijamas que fugiram do asilo da cidade.

6. **Aí pelas Três da Tarde**

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo "ciao" ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pêlo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento. Feito um banhista incerto, assome em seguida no trampolim do patamar e avance dois passos como se fosse beirar um salto, silenciando de vez, embaixo, o surto abafado dos comentários. Nada de grandes lances. Desça, sem pressa, degrau por degrau, sendo tolerante com o espanto (coltados!) dos pobres familiares, que cobrem a boca com a mão enquanto se comprimem ao pé da escada. Passe por eles calado, circule pela casa toda como se andasse numa praia deserta (mas sempre com a mesma cara de louco ainda não precipitado) e se acheque depois, com cuidado e ternura, junto à rede languidamente envergada entre plantas lá no terraço. Largue-se nela como quem se larga na vida, e vá ao fundo nesse mergulho: cerre as abas da rede sobre os olhos e, com um impulso do pé (já não importa em que apoio), goze a fantasia de se sentir embalado pelo mundo.

NASSAR, R. *Aí lá pelas três da tarde*. In: *Merina e camélio*. Companhia das Letras: São Paulo, 1997. p. 71.

7.



Quadros poéticos

No poema "Horizonte", Fernando Pessoa aponta que "o sonho é ver as formas invisíveis da distância imprecisa e, com sensíveis movimentos de esperança e da vontade, buscar na linha fria do horizonte a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte". Inspirado por este preceito poético, o pernambucano Bruno Vieira repensa a função do quadro – e do enquadramento – nas leituras estéticas da realidade. Em sua série de objetos "Vista Inevitável", o artista ironiza a equivalência estabelecida, desde o Renascimento, entre o quadro e a janela, transformando a paisagem em objeto artístico. A janela então se transforma em cortina, de forma a desvelar uma realidade que nunca é certa. Para esse efeito, são usadas persianas, que têm em suas lâminas impressões fotográficas, transformadas em metáforas de paisagens. "Pensei na relação de obrigação que temos com o horizonte. No caso, a persiana destrói essa falsa obrigação que temos", afirma Vieira. Nas persianas, vislumbram-se paisagens "pré-fabricadas" que, manipuladas pelo artista, são, como o poeta afirmou, sonhadas.

Mas, mais que imaginar e sonhar, Vieira reafirma o caráter ilusório da perspectiva. Principalmente em relação ao recurso do ponto de fuga como estratégia de composição das paisagens pictóricas e ao fato de esse modo de representação permanecer instaurado na arte ocidental até hoje. Vieira apresenta atualmente outros trabalhos da série "Vista Inevitável" em outras duas exposições coletivas: uma em Phoenix, nos Estados Unidos, e a outra no Museu Murillo La Greca, no Recife.

Propostas de redação

A – Artigo de opinião

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Suponha que seu professor de Sociologia tenha resolvido fazer um jornal para circular em um bairro de uma grande cidade. Você, por ser aluno do último ano do Ensino Médio, é convidado a escrever um artigo sobre a atuação da fantasia na realidade de grupos sociais do bairro. Você deve escrever um *artigo de opinião* a ser publicado no jornal da escola, posicionando-se em relação ao tema *Fantasia: força motriz e/ou força alienadora?* Defenda seu ponto de vista, apresentando argumentos que o sustentem e que possam refutar outros pontos de vista.

B – Carta de leitor

De natureza persuasivo-argumentativa, a *carta de leitor* é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao editor ou ao autor da matéria publicada. O texto é caracterizado pela construção da imagem do interlocutor e por estratégias de convencimento. Por se tratar de um texto de caráter persuasivo, os argumentos do autor buscam convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e acatar suas ideias.

Escreva uma carta ao Jornal *Folha de S. Paulo*, comentando o artigo de João Pereira Coutinho, que traz uma opinião a respeito da fantasia. Como leitor da *Folha*, você vai escrever para Coutinho, visando convencê-lo de que a fantasia é ao mesmo tempo força motriz e força alienadora. Para construir seus argumentos, relacione dados e fatos que possam convencer o seu interlocutor a acatar o seu ponto de vista. Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

C – Conto

O *conto* é um gênero do discurso narrativo. Sua configuração material é pouco extensa. Essa característica de síntese exige um número reduzido de personagens, esquema temporal e espacial econômico e um número limitado de ações. O narrador constrói o ponto de vista a partir do qual a história será contada. O enredo estabelece um único conflito. No desenvolvimento do texto, o conflito poderá ou não ser solucionado.

Imagine que seus amigos, observadores de seu comportamento diário, dirigem-se a você, chamando-lhe de bovarista. Ao procurar as razões do apelido, você se depara com o “bovarismo” e com o “neobovarismo”. Após entender o sentido dessas expressões, você resolve escrever um conto sobre uma pessoa que encontra na fantasia motivos para uma vida mais satisfatória. A composição da personagem principal deve estar baseada no tema *Fantasia: força motriz e/ou força alienadora?* A história que você vai criar deve estabelecer um conflito envolvendo a realidade da personagem e aquilo que ela aspira viver.

ANEXO 2 – Proposta de redação 2012: Sociedade contemporânea – gêneros em complementação e/ou em competição?

UFG/CS	PROCESSO SELETIVO/2012-1	REDAÇÃO
REDAÇÃO		
Instruções		
<p>A prova de redação apresenta três propostas de construção textual. Para produzir o seu texto, você deve escolher um dos gêneros apresentados a seguir:</p>		
A – Editorial		
B – Carta argumentativa		
C – Diário de ficção		
<p>O tema é único para os três gêneros e deve ser desenvolvido segundo a proposta escolhida. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.</p>		
Tema		
Sociedade contemporânea: gêneros em complementação e/ou em competição?		
Coletânea		
<p>1.</p> 		
<small>Disponível em: <https://meninasemarte.wordpress.com/2010/07/26/danca/>. Acesso em: 4 out. 2011.</small>		

2. Homens e mulheres

Mário Eugênio Saturno

Homens e mulheres são diferentes? Alguns afirmam que, além das diferenças óbvias, homens são muito diferentes de mulheres. E mostram, como veremos a seguir. Defendem que tudo começou com os homens das cavernas. Das mulheres das cavernas também. Enquanto os homens eram caçadores, as mulheres eram coletoras. Essas tarefas eram muito distintas. E persistem até hoje, lá no fundo. O coletor, ou melhor, a coletora repara em tudo, anda e observa as frutas maduras e boas para, então, coletá-las. Ou seja, faz compras. E quanto mais observadoras, mais eficientes. Milhões de anos depois, estão aí nossas mulheres, coletando muitas coisas em supermercados, lojas, feiras... E como elas são boas nisso! O caçador concentra-se em uma presa, esquecendo-se do que está à volta, em profundo silêncio, até que a presa esteja morta. Por isso, o homem pergunta: "mulher, cadê a minha caneta?". Está em sua frente, no canto direito da mesa. Ah, é... Explica, também, por que quando os homens se perdem no trânsito exigem silêncio para se concentrar na solução da bobagem que fizeram. Psiu! Fiquem quietos para eu continuar a escrever meu artigo!

Será que explica por que os homens são tão fanáticos por sexo? Enquanto se concentravam e ficavam em silêncio, os homens aprenderam a esquecer tudo o mais, como o dia do início do namoro, do casamento, do aniversário, além dos recados da esposa. E como os homens são péssimos nesse aspecto! Não é desatenção, nem é desprezo, é simplesmente condicionamento milenar. Portanto, mulheres, percam as esperanças. As mulheres das cavernas, por sua vez, ficavam juntas, também com seus filhos, enquanto coletavam, conversavam, falavam, contavam, parlavam, parlavam, parlavam... Por isso, talvez, as mulheres utilizam os dois lados do cérebro para falar, enquanto os homens, apenas o lado esquerdo. Pergunte algo a uma mulher e ela tem mil palavras para descrever. Pergunte algo a um homem e ele não tem (literalmente) palavras para se exprimir. Calcula-se que os homens falem 2 mil palavras por dia, enquanto as mulheres têm um arsenal de 7 mil palavras. Por isso, ao chegar em casa, os homens ficam calados, quietos, mudos. As mulheres pensam que é indiferença, mau humor, mas não. Simplesmente acabou o estoque de palavras para aquele dia, enquanto elas ainda têm 5 mil de sobra.

Esses pesquisadores acreditam que somos descendentes dos melhores caçadores e das melhores coletoras. Assim, continuamos a repetir o comportamento que tínhamos há milhares de anos. Por exemplo: ao chegar em casa, o homem apropria-se do controle remoto e muda de canal sem parar. Dá tempo para perceber o programa? Claro que não. O que importa é mudar os canais. Ter controle sobre a televisão. Também foi descoberto que os homens têm 1 bilhão de neurônios a mais que as mulheres. Dizem alguns que esses neurônios a mais estão localizados numa área do cérebro exclusiva dos homens: o CCG, ou centro de controle dos gastos. Mentira. As mulheres são econômicas, pelo menos quando jovens: já observaram as moças de 16 a 20 anos usarem as mesmas roupas que tinham quando mal completavam 12 anos? Essas coitadinhas mal cabem nas roupinhas... Por outro lado, descobriu-se que as mulheres têm os dois hemisférios cerebrais melhor conectados que os dos homens. Por isso, quando um homem vai tomar uma ação, ela tem que percorrer o cérebro todo, congestionando a ligação entre os hemisférios, a ponto de muitos homens começarem a babar diante de alguma dificuldade. Já as mulheres são zás-trás. Mas nem todos concordam com essas teorias. Argumentam que não temos registros e nem fósseis dos homens das cavernas que possam sustentar essas ideias incríveis. Muitos acreditam que a diferença de tratamento e educação dos meninos e das meninas, desde cedo, produzam as diferenças nos cérebros adultos. De qualquer forma, porém, que essa teoria explica muita coisa, isso explica...

Disponível em: <<http://www.diaroweb.com.br/artigos/>>. Acesso em: 1º nov. 2011.

3. O mundo é feminino

Tom Peters

"O ponto de vista machista talvez seja interessante", escreve Philippe Starck na *Harvard Design Magazine*. "caso a pessoa pretenda enfrentar dinossauros. Atualmente, porém, garantimos nossa sobrevivência graças à inteligência, não ao poder da agressividade. E a inteligência moderna implica intuição – que, por sua vez, é um atributo tipicamente feminino". Sou um feminista que não se envergonha de enfatizar as diferenças. Não tenho a menor dúvida de que homens e mulheres são iguais. Mas tampouco hesito em afirmar que homens e mulheres são... diferentes. E as diferenças são enormes. No que diz respeito ao meu *métier*, o da excelência empresarial, essas diferenças têm implicações profundas na maneira como criamos e distribuímos produtos, serviços e experiências. Em *Como as mulheres compram*, Martha Barletta apresenta evidências que revelam como tais diferenças estão inscritas em nosso âmago:

Visão: a dos homens é focada. A das mulheres é periférica.

Audição: o nível de desconforto auditivo das mulheres é metade do dos homens.

Olfato: as mulheres são sensíveis. Os homens são relativamente insensíveis.

Tato: o mais sensível dos homens é menos sensível ao toque do que a menos sensível das mulheres (sem exagero).



Disponível em: <<http://essenciadahumanidade.blogspot.com>>. Acesso em: 1º nov. 2011.

5. Entrevista com Sonia Azambuja – Masculino/feminino: uma questão intrigante

Cândida Sé Holovko, Miriam Malzyner e Sílvia Lobo

Como representantes do corpo editorial do *Jornal de Psicanálise*, tivemos um instigante encontro com Sonia, que nos recebeu afavelmente em sua casa.

JP: Antes de mais nada, agradecemos muito a oportunidade desta entrevista, que iniciamos a partir da seguinte questão: em sua opinião, as teorizações psicanalíticas clássicas sobre o masculino e o feminino ainda contemplam as problemáticas de sexo e gênero da contemporaneidade?

Sonia: Gostaria de responder essa primeira questão não pensando nas muitas teorizações feitas pela Psicanálise desde Freud. É mais estimulante conversar com vocês a partir de alguns filmes que vi, de alguns livros que tenho lido ultimamente e, eventualmente, lembrar até de algumas leituras ou experiências clínicas.

Assisti há poucos dias a um filme que teve muitas ressonâncias em mim: *Foi apenas um sonho*. Ele me remeteu aos anos 50 (o filme se passa em 1955). Então, eu própria era uma adolescente, fazendo o curso colegial, e algumas questões se impunham: quem eu era, o que faria da minha vida? Eu era uma mulher.

Voltando ao filme que me inspirou para essa entrevista, *Foi apenas um sonho*, o que se vê é a solidão dos personagens: um homem e uma mulher, casados. Na verdade, eles não puderam expandir seus sonhos porque estavam profundamente sós, não puderam sonhar juntos. A cultura da época os separava inexoravelmente. Sabemos hoje que, logo após a Segunda Guerra, os homens, em seu regresso, foram convocados a reocupar o mercado de trabalho. As mulheres, que até então estavam se expandindo naquele mercado, foram remanejadas para uma volta ao lar. Surgiu, assim, toda uma publicidade, veiculada no cinema e nos meios de comunicação, de que a mulher em casa, cuidando tão somente dos filhos e das lides domésticas, seria muito feliz e tornaria sua família muito feliz.

Na mesma trilha, lembro também do filme *As horas*, em que uma das personagens vai se psicofazendo, pois só tem a companhia de um filho ainda muito pequeno, que só a olha com angústia, percebendo o sofrimento da mãe, que acaba por abandoná-lo. Na verdade, o título original do filme *Foi apenas um sonho* é *Revolutionary road*. Por que a revolução não foi possível? Porque o desejo da mulher de sair daquele padrão era tomado pelo marido, a princípio, com entusiasmo e, a seguir, com medo. Achei muitíssimo interessante a questão de gênero que aí se expõe. Na minha percepção, o homem personagem – um homem sensível e que claramente ama a sua mulher – não pode realizar os desejos que ela investe nele, pois em sua identidade masculina estão inscritos os fados pelos quais ele deve realizar os desejos de seu padrão, originalmente, de seu pai. Desejos estes implicados com o mundo dos negócios, das vendas, onde ilusoriamente é depositado o poder. Sabemos, nós analistas, como esse universo pode trazer sofrimento a homens e mulheres, indistintamente.

Sabemos, por outro lado, que o advento desses valores é historicamente ligado ao desenvolvimento da sociedade industrial. Na vida dos burgos, no início do capitalismo, as casas e as oficinas de trabalho estavam muito próximas. O interno do doméstico era ainda íntimo do externo do trabalho. As crianças não eram então criadas e cuidadas apenas por suas mães. Nesse filme, o que vemos é a total separação do mundo doméstico do mundo do trabalho e, particularmente, como essa divisão deleta qualquer sonho comunitário entre homens e mulheres.

Como é possível o homem e a mulher sonharem juntos? Há muitos anos essa questão me intriga. A mente humana é limitada. Criamos para nossas vidas poucos temas, que se repetem e que constituem o nosso percurso identitário. No meu próprio percurso, um tema que volta e meia se repete, dependendo dos meus fados, é a questão do corpo masculino e do corpo feminino e das ressonâncias que eles têm em nossas almas. São dois universos, como se fossem dois sistemas estelares, mas que tentam desesperadamente se comunicar.

Como a chegada enigmática do outro é vivida por nós na tentativa de comunicação? O que ele traz de abalo para a nossa unidade narcísica, que é constitutivo do nosso eu mais profundo? Já me dediquei, no trabalho *"Laio ou a fertilidade impossível"*, a essa questão. E às vezes me canso dessas repetições. E temo que elas se tornem

uma "compulsão à repetição". Assim é que estou tentando colocar a questão de outra maneira, para não morrer de tédio de mim mesma.

Voltando à pergunta que me foi feita: se as teorias psicanalíticas sobre o masculino e o feminino contemplam as problemáticas de sexo e gênero da contemporaneidade? Acredito que não é o caso, porque contemplar traz a ideia de aplacar, explicar, apaziguar – e o ser humano não se apazigua nunca. Podemos tangenciar, mas novas configurações se colocam e novas gestalts se criam, deixando na periferia combates que antes eram centrais.

Existem situações e culturas em que podem estar sendo feridos os direitos universais das pessoas. Como resistir a isso? Como dizer "isso é problema deles"?

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso em: 1º nov. 2011.

6. O mundo é masculino?

Cláudio Antônio de Mauro

O mundo socialmente construído tem sido essencialmente masculino. Mesmo que não se possa reconhecer uma sociedade masculina, singular, contudo tem sido assim o sistema de vida humano. Boaventura de Souza Santos (2001) aborda o caráter sexista adotado pela ciência moderna. E ela é disseminadora de conhecimentos e formas de viver, contaminando as formas de organização das sociedades. O autor citado reforça essa análise ao afirmar que os "Estudos feministas, sobretudo os dos últimos 20 anos, tornaram claro que, nas concepções dominantes das diferentes ciências, a natureza é um mundo de homens, organizado segundo princípios socialmente construídos, ocidentais e masculinos, como os da guerra, do individualismo, da concorrência, da agressividade, da descontinuidade com o meio ambiente." Essa forma autoritária de reconhecer o mundo e o que nele acontece ignora o próprio movimento da criação. A mulher, o feminino é essencialmente criador e gerador. E as relações humanas devem ser amorosas e, portanto, não há como dissociá-las da existência e da valorização de feminino e masculino.

Repensar a ciência moderna e as bases da própria organização social implica na reconstrução de valores. Diante da complexidade da vida haverá necessidade de serem revistas as formas de conviver com os outros e conosco mesmos. Esse é um bom caminho para nos ajudar nos processos de construção da cidadania. Todas essas mudanças nas práticas sociais devem ser estimuladas pelas políticas de governos que atuem direta e indiretamente nos processos que discriminam as mulheres. A valorização do feminino e o ataque formal e informal sobre as práticas discriminatórias será mais efetivo, no dizer de Tatau Godinho (2001): "quanto mais se construir em bases democráticas... Sem se confundir com o movimento ou substituir o seu papel, os organismos de governo necessitam criar um diálogo com os movimentos de mulheres, em suas bases mais amplas." Em outras palavras, o trabalho pela igualdade de gênero não pode se fundamentar exclusivamente na vontade expressa pelos discursos. Mas tornam-se indispensáveis atitudes práticas que permitam o treinamento e a capacitação do pessoal envolvido, bem como um esforço contínuo para revolucionar e/ou aperfeiçoar os sistemas de administração.

As transformações necessárias, tanto na ordem do gênero quanto das etnias e da religiosidade, passam obrigatoriamente pelo desenvolvimento da tolerância, do reconhecimento do valor da(o) outra(o) e das(os) outras(os). O reconhecimento e o respeito das diversidades são características indispensáveis da construção da democracia. O modelo da globalização vigente tem procurado homogeneizar as paisagens naturais e arquitetônicas, as culturas, expressas por suas vestimentas, religiosidade, idiomas, alimentos, música, comércio; enfim os estilos de vida e até mesmo os valores que se diferenciam nos tempos e nos espaços estão sendo afetados pelos interesses das corporações globalizantes. E isso não é bom para o mundo. A vida é mais saudável e mais rica quando se expressa através das diversidades biológicas, sociais, econômicas e culturais.

As ideias dominantes de uma época são sempre as ideias da classe que domina. Quando podemos identificar ideias que se diferenciam daquelas que dominam, que poderão revolucionar uma sociedade inteira, isto quer dizer que no seio da velha sociedade se formam os elementos de uma nova sociedade. Quer dizer que a dissolução das velhas ideias também acompanha a dissolução das carcomidas e esgarçadas condições de existência.

Disponível em: <<http://viasantios.com/pense/arquivo/1262.html>>. Acesso em: 26 out. 2011.

7.

Disponível em: <<http://fotos.epoca.globo.com>>. Acesso em: 10 nov. 2011.**Propostas de redação****A – Editorial**

O *editorial* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de manifestar a opinião de um jornal, de uma revista ou de qualquer outro órgão de imprensa a respeito de acontecimentos importantes no cenário nacional ou internacional. Não é assinado porque não deve ser associado a um ponto de vista individual. Deve ser enfático, equilibrado e informativo. Além de apresentar opiniões assumidas pelo veículo de imprensa, costuma também resumir opiniões contrárias, para refutá-las.

Suponha que você seja o editor-chefe de um jornal de grande circulação nacional e, diante das matérias divulgadas na sociedade, é motivado a escrever o editorial do próximo número do jornal. A motivação para a produção do editorial centra-se nas ideias constantes dos textos da coletânea. O editorial deve defender a posição do jornal quanto ao tema *Sociedade contemporânea: gêneros em complementação e/ou em competição?*. Mobilize argumentos que sustentem o ponto de vista do jornal, refutando argumentos contrários ao seu posicionamento.

B – Carta argumentativa

A *carta argumentativa* é um gênero discursivo em que o autor do texto dirige-se a um interlocutor específico com o objetivo de defender um ponto de vista e convencê-lo a mudar de opinião sobre alguma questão polêmica. Apresenta, de forma articulada, informações, fatos e argumentos que caracterizam claramente um ponto de vista sobre determinada questão. Geralmente, esse ponto de vista é diferente daquele defendido pelo interlocutor a quem a carta foi dirigida.

Diante dos diferentes pontos de vista relativos ao tema *Sociedade contemporânea: gêneros em complementação e/ou em competição?*, escreva uma carta argumentativa para:

- a) Sonia Azambuja, se você considera que na sociedade contemporânea os gêneros masculino e feminino estão em competição;

OU para

- b) Cláudio Antônio de Mauro, se você acha que na sociedade contemporânea os gêneros masculino e feminino são complementares.

Independentemente de sua escolha, utilize dados, informações e argumentos vinculados ao tema para defender seu ponto de vista e convencer seu interlocutor a mudar de opinião.

NÃO IDENTIFIQUE O REMETENTE DA CARTA.

UFG/CS	PROCESSO SELETIVO/2012-1	REDAÇÃO
C – Diário de ficção		
<p>O <i>diário de ficção</i> é um gênero do discurso narrativo em que o autor registra vivências e sentimentos de um "eu" em face do mundo que o rodeia. Como o próprio nome indica, esse gênero tem um forte apelo ficcional e, por isso, se diferencia do diário íntimo. A narrativa, destinada à publicação, é escrita em primeira pessoa do singular, e a mobilização temporal está a serviço das reflexões acerca dos acontecimentos relatados. O diário de ficção pode apresentar-se como interlocutor direto e nele são guardadas impressões de viagens, reflexões políticas, filosóficas, morais e estéticas, acontecimentos do cotidiano etc. Nesse gênero, a subjetividade fica em segundo plano, pois os acontecimentos são mais explorados.</p> <p>Imagine que você seja o pai do Calvin (Texto 4) e questiona o fato de estar desempenhando tarefas associadas ao universo feminino. Diante dessa situação, você resolve escrever uma página de um diário de ficção, relatando acontecimentos do cotidiano e refletindo sobre o tema <i>Sociedade contemporânea: gêneros em complementação e/ou em competição?</i>. Para dar corpo e sentido ao seu texto, faça reflexões sobre a atualidade, as pessoas e os fatos históricos contemporâneos.</p>		

ANEXO 3 – Proposta de redação 2013: A busca pela juventude eterna: solução ou agravamento do conflito entre gerações.

UFG/CS	PROCESSO SELETIVO/2013-1	REDAÇÃO
REDAÇÃO		
Instruções		
<p>Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as três propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.</p>		
Tema		
<p>A busca pela juventude eterna: solução ou agravamento do conflito entre gerações?</p>		
Coletânea		
<p>1.</p>  <p><i>Premiação</i></p> <p><i>Casaca 'Gata de Botas' Criança</i></p> <p><i>Casaca 'Gata de Botas' Adulta</i></p> <p><i>Sandália Infantil* Melissa</i></p> <p><i>Bata Adulta Melissa</i></p> <p><small>*opção de n. 17 ao n.25</small></p> <p><small>*opção de n. 29 ao n.32</small></p>		
<p>Disponível em: <www.chatadegalocha/tag/dia_das_mães>. Acesso em: 5 nov. 2012.</p>		

2. Eu vos abraço, milhões

Moacyr Scliar

De uma coisa posso me orgulhar, caro neto: poucos chegam, como eu, a uma idade tão avançada, àquela idade que as pessoas costumam chamar de propecta. Mais: poucos mantêm tamanha lucidez. Não estou falando só em raciocinar, em pensar; estou falando em lembrar. Coisa importante lembrar. Aquela coisa de "recordar é viver" não passa, naturalmente, de um lugar-comum que jovens como você considerariam até algo meio burro: se a gente se dedica a recordar, quanto tempo sobra para a vida propriamente dita? A vida, que, para vocês, transcorre principalmente no mundo exterior, no relacionamento com os outros? Esse cálculo precisa levar em conta a expectativa de vida, precisa quantificar (como?) prazeres e emoções. É difícil de fazer, exige uma contabilidade especial que não está ao alcance nem mesmo das pessoas vividas e supostamente sábias. Que eu saiba, não há nenhum programa de computador que possa ajudar – e, mesmo que houvesse, eu não saberia usá-lo, sou avesso a essas coisas. Vejo-me diante de uma espinhosa tarefa: combinar muito bem a vivência interior, representada sobretudo pela recordação e pela reflexão, com a vivência exterior, inevitavelmente limitada pela solidão, pela incapacidade física, pelo fato de que tenho mais amigos entre os mortos do que entre os vivos.

Não sei. Só sei que recordar é bom, e é das poucas possibilidades que me restam, de modo que recordo. É uma espécie de exercício emocional, é um estímulo para os meus cansados neurônios, mas é sobretudo um prazer. Um prazer melancólico, decerto, mas um prazer, sim, resultante da facilidade com que evoco pessoas, acontecimentos, lugares, uma facilidade que às vezes surpreende a mim próprio. Para alguns, mesmo não muito velhos, o rio da memória é um curso de água barrenta que flui, lento e ominoso, trazendo destroços, detritos, cadáveres, restos disso ou daquilo; para mim, não: é uma vigorosa corrente de água límpida e fresca. Dos barquinhos que nela alegres navegam, lembranças, às vezes melancólicas, mas em geral risosas, acenam-me, gentis, amistosas. [...]

Considero-te especial, mesmo que nossos encontros tenham sido raros, ou talvez exatamente por causa disso. Vimo-nos cinco ou seis vezes, não mais, e sempre rapidamente. Eu sabia que isso iria acontecer: quando teu pai, jovem médico, foi para os Estados Unidos, tive o pressentimento de que não mais voltaria. Dito e feito: fez uma carreira bem-sucedida, casou com uma colega médica, tornou-se tão americano que até fala com sotaque. Só retornava esporadicamente e por curtos períodos. Alegava que tinha compromissos, mas o fato é que aparentemente não se sentia muito bem aqui. Por quê, não sei, e nunca lhe perguntei. As relações entre pais e filhos muitas vezes estão envoltas em bruma misteriosa, na qual realidade e fantasia se misturam. Eu mesmo pouco posso te dizer de minha mãe (com quem, no entanto, convivi bastante e numa fase difícil de minha vida), e menos ainda de meu pai. Espero que entre nós seja diferente, e a carta que me mandaste reforça essa expectativa. Aliás, parabéns pelo teu português. Teu pai se preocupou em te manter ligado às tuas raízes brasileiras, coisa que sempre admirei.

Numa carta (que gostarias fosse um e-mail, mas, como te disse, não sei usar essas coisas) tu me perguntaste se sou feliz. Uma indagação casual, uma curiosidade, ou o resultado de uma inquietude de neto? Prefiro acreditar nessa última possibilidade: afinal, e, como já disseste mais de uma vez, estás em busca de tuas origens e queres saber tudo sobre mim. Talvez estejas, na verdade, te indagando se tu próprio és, ou podes ser, feliz, se a felicidade está embutida no genoma que te leguei.

SCLAR, M. *Eu vos abraço, milhões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 7-10. (Adaptado).

3. Adolescência é coisa do cérebro e não dos hormônios

Suzana Herculano-Houzel

As mudanças necessárias no córtex cerebral para lidar de modo adulto com os novos impulsos adolescentes levam cerca de dez anos para acontecer. Atenção, linguagem, memória e raciocínio abstrato são processos até que rapidamente aprimorados, em torno dos 14 anos, e postos à prova com o interesse súbito por política, filosofia e religião. Por outro lado, a capacidade de se colocar no lugar dos outros e de antecipar as consequências dos próprios atos, bases para as boas decisões e para a vida em sociedade, só chega bem mais tarde, por volta dos 18 anos, à força de mudanças no cérebro e de muita experiência. Só o tempo não basta: tornar-se independente e responsável requer aprender a tomar boas decisões, e isso só se aprende... tomando decisões. Se tudo der certo, o resultado desse período de ampla remodelagem guiada pelas experiências do aprendizado social, sexual, cultural e intelectual é o que todo pai e mãe anseiam para seus filhos: que se tornem independentes, responsáveis e bem inseridos socialmente.

Adolescentes, portanto, fazem o que podem com o cérebro que têm – e é bom que seja assim. Nosso dever é ajudá-los oferecendo informações, alternativas, e também o direito de errar de vez em quando.

Disponível em: <www2.uol.com.br/vivermental/artigos/adolescencia_e_coisa_do_cerebro.html>. Acesso em: 12 nov. 2012.

4. Não quero ser grande

Frank Furedi

Os alarmes começaram a tocar alguns anos atrás. Eu estava mostrando a um amigo o câmpus em que leciono quando topamos com um grupo de universitários absortos, num bar, assistindo aos "Teletubbies". Normalmente, a visão de um grupo de estudantes de 18 a 21 anos curtindo um programa feito para crianças que ainda estão aprendendo a andar não teria tido grande impacto sobre minha imaginação.

Mas nem todos os jovens de 20 anos curtem "Teletubbies" – na realidade, muitos dos estudantes de hoje parecem preferir os personagens favoritos das crianças de idade pré-escolar um pouco mais avançada, "The Tweenies". No entanto, quando reclamo do fascínio manifestado por jovens adultos pela televisão feita para a primeira infância, John Russell, 28 anos, me olha como se eu fosse um caso perdido. Advogado bem pago, John diz que não se interessa em fazer "coisas de adulto". Ele adora seu PlayStation e gasta uma parte considerável de sua renda com brinquedos de alta tecnologia.

A celebração da imaturidade é reafirmada constantemente pela mídia. Atores de meia-idade vivem à procura de papéis que lhes permitam manifestar seu lado juvenil. John Travolta quase se esborrachou para ser um doce-de-coco em "Olhe Quem Está Falando", e Robin Williams mostrou ser adorável no papel de Peter Pan em "Hook". Tom Hanks é sempre bonitinho – uma criança presa dentro do corpo de um adulto em "Quero Ser Grande" e, depois, como "Forrest Gump", o menino-homem que personifica a nova virtude do infantilismo psicológico. Peter Pan, o garoto que não queria crescer, teria poucas razões para fugir de casa se vivesse em Londres, Nova York ou Tóquio hoje.

A ausência de uma palavra prontamente reconhecida para descrever esses adultos infantilizados demonstra o mal-estar com que esse fenômeno é saudado. Para descrever esse segmento do mercado, publicitários e fabricantes de brinquedos cunharam o termo "kidult" ("criançadulto"). Outro termo às vezes usado para descrever essas pessoas na faixa dos 20 aos 35 anos é "adultescente", normalmente definido como alguém que se nega a se assentar e a assumir compromissos na vida, uma pessoa que preferiria chegar à meia-idade ainda fazendo farra.

É importante não confundir adultescentes com as pessoas descritas como estando na "meia juventude". Estas se encontram uma geração à frente dos adultescentes. São pessoas de 35 a 45 anos que se veem como estando na vanguarda da cultura jovem; elas passam por uma fase conhecida como "mediascência" ("mid-lescence"), um estado de espírito que resiste ferozmente a tudo o que costuma acompanhar a chegada da meia-idade. Uma razão pela qual palavras como kidult e adultescente não entraram na linguagem do dia a dia é que a sociedade não sabe como lidar com a gradativa erosão da linha divisória entre infância e idade adulta. A sociedade já aceitou a ideia de que as pessoas só se tornam adultas quando estão no final da casa dos 30 anos. Em consequência, a adolescência foi estendida para a casa dos 20 anos. É interessante observar que a Sociedade de Medicina Adolescente, uma organização médica americana, afirma em seu site que cuida de pessoas "dos 10 aos 26 anos de idade".

Disponível em: <<http://feeds.folha.uol.com.br/sp/mat/25072004.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2012. (Adaptado).

5. Tartarugas, bolcheviques e o culto à juventude

Nelson Ascher

A longevidade, que, por alguma razão misteriosa, era apanágio de povos montanheses como os do Cáucaso ou os dos Andes, beneficia ou (em termos pessimistas) amaldiçoa mais e mais indivíduos, se bem que desproporcionalmente do sexo feminino: apenas um em cada quatro ou cinco cidadãos centenários é homem. (Eis como as más línguas explicam tal distorção: por que os maridos morrem antes das mulheres? Porque querem.)

Há algo, porém, que a expectativa prolongada de vida ajuda a explicar: trata-se, paradoxalmente, do culto à juventude. Quando havia poucos idosos, era a eles que a tribo ou a comunidade recorria para se informar sobre acontecimentos do passado ou aprender com sua experiência acumulada. A trivialização do envelhecimento deslocou a atenção de suas benesses para suas desvantagens, e isso tanto graças à nostalgia que a meia-idade sente pela adolescência quanto aos efeitos deletérios da contracultura dos anos 60, que, com suas raízes no "bom selvagem" de Jean-Jacques Rousseau, contrapôs aos compromissos pretensamente cínicos da vida adulta as virtudes de uma pseudo-inocência juvenil. Muitos dos que acham que a melhor época da vida vai dos 18 e meio aos 19 anos de idade estão hoje em dia condenados a amargar mais umas seis terríveis décadas.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/sp/illustrad/fq1108200315.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

6. A teenagização da cultura ocidental

Maria Rita Kelh

"O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos", escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. "Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade". O escritor estava se referindo aos sinais de respeitabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa em ostentar. Um homem de 25 anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessário para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18. Já um futuro escritor do ano 2030, quando escrever sobre a infância nos anos 90, poderá afirmar: "No meu tempo, todo mundo era jovem".

Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a "juventude" se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade.

O que importa agora é pensar os efeitos disto que estamos chamando de "teenagização" da cultura ocidental. O primeiro que me ocorre é o seguinte: todo adulto (biologicamente falando, digo, sem querer ofender ninguém) sente uma certa má consciência diante de sua experiência de vida. Se a regra é viver com a disponibilidade, a esperança e os anseios de quem tem 13, 15 ou 17 anos, que fazer da seletividade, da desconfiança e até mesmo da consolidação de um certo perfil existencial mais definido, inevitáveis para quem viveu 40 ou 50 anos?

O adulto que se espelha em ideais teen se sente desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de "adulto", na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar "do lado de lá", o lado careta, do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam rock, funk e reggae como seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, frequentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições.

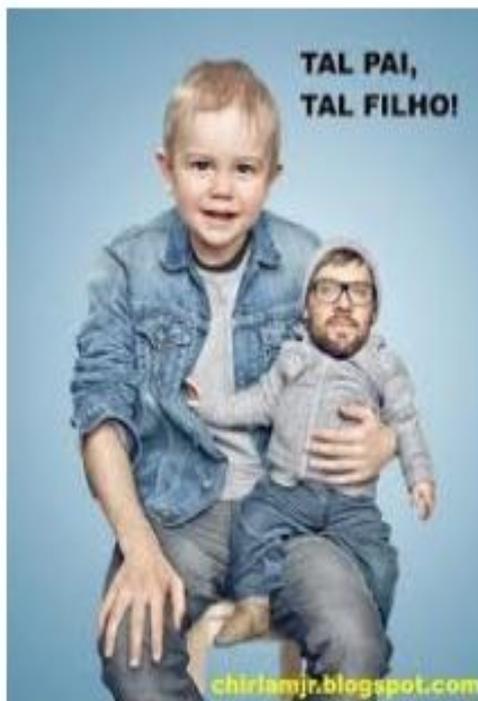
Esta liberdade cobra seu preço em desamparo: os adolescentes parecem viver num mundo cujas regras são feitas por eles e para eles, já que os próprios pais e educadores estão comprometidos com uma leveza e uma "nonchalance" jovem. Não que os pais "de antigamente" soubessem como os filhos deveriam enfrentar a vida, mas pensavam que sabiam, e isso era suficiente para delinear um horizonte, constituir um código de referência – ainda que fosse para ser desobedecido. Quando os pais dizem: "Sei lá, cara, faz o que você estiver a fim", a rede de proteção imaginária constituída pelo o que o Outro sabe se desfaz, e a própria experiência perde significação. E, como nenhum lugar de produção de discurso fica vazio muito tempo sem que algum aventureiro lance mão, atenção!, o Estado autoritário, puro e simples, pode vir fazer as vezes dos adultos que se pretendem teen. Neste caso, em vez da elaboração da experiência, teremos "razões de Estado" (ou pior, razões do Banco Mundial) ditando o que fazer de nossas vidas.

A desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida. Não falo da experiência como argumento de autoridade – "eu sei porque vivi". Sobretudo numa cultura plástica e veloz como a contemporânea, pouco podemos ensinar aos outros partindo da nossa experiência. No máximo, que a alteridade existe. Mas a experiência, assim como a memória, produz consistência subjetiva. Eu sou o que vivi. Descartado o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio difícil de suportar.

Parece contraditório supor que uma cultura teen possa ser depressiva, sobretudo quando se aposta no império das sensações – adrenalina, orgasmo, cocaína – para agitar a moçada. Mas às vezes me preocupa, desligados a tevê e o walk-man, este enorme silêncio à nossa volta.

Nonchalance: ing.: n. 1. diferença, desinteresse (Michaelis Moderno), fr.: nf. 1. desmazelo, displicência, descuido. 2. apatia. (Michaelis Escolar).

7.



Disponível em: <chirlamjr.blogspot.com>. Acesso em: 5 nov. 2012.

Propostas de redação

A – Manifesto

O *manifesto* é um gênero utilizado para declarar publicamente razões que justifiquem certos atos ou em que se fundamentem certos direitos. Com o objetivo de impactar a opinião pública, esse gênero apresenta tanto características expositivo-argumentativas, visando ao convencimento, quanto características persuasivas de apelo emocional, acentuando uma polêmica já existente. Você ficou responsável pela redação de um manifesto de repúdio, no qual deve se posicionar contra:

- a) as atitudes de adultos que, na busca pela eterna juventude, evitam assumir diversos compromissos em sua vida familiar, profissional, amorosa etc.;

OU

- b) a condenação dos adultos que procuram se manter jovens, por você considerar que esse comportamento pode favorecer a solução dos conflitos entre gerações.

O manifesto, assinado por um grupo de jovens, será publicado em um jornal de grande circulação nacional.

Atendendo à alternativa (a) ou (b), escreva o manifesto direcionado à sociedade brasileira, expondo as razões do repúdio, discutindo as consequências negativas ou positivas desencadeadas pelo comportamento infantil dos adultos e as transformações que tais atitudes vêm impondo às relações entre as diferentes gerações. Para persuadir os leitores a aderirem às ideias do grupo, utilize estratégias de convencimento que apelem para a reflexão acerca dos problemas relacionados à busca pela juventude eterna.

B – Carta pessoal

A *carta pessoal* é um gênero utilizado para comunicar notícias ou assuntos de interesse comum, de forma detalhada, a familiares ou amigos. Quanto à interlocução, esse tipo de carta, cujo conteúdo gira em torno de temas pessoais, geralmente, é escrito em estilo simples, pois a interação se dá entre pessoas que se conhecem ou são parentes próximos.

No texto 2, de Moacir Sclyar, o narrador-personagem faz referência a uma carta que recebeu de seu neto. Escreva uma carta pessoal em que o locutor seja o neto a quem o narrador-personagem do texto se refere. O neto deve escrever ao avô, em resposta à carta recebida, expressando sua visão sobre o relacionamento entre jovens e adultos (pais e filhos, avós e netos etc.). A carta deve discutir os efeitos positivos ou negativos da constante busca pela juventude na atualidade e apresentar reflexões acerca da consequente possibilidade de solução ou de agravamento dos conflitos entre gerações.

Apesar de a carta pessoal geralmente estabelecer a interação entre pessoas mais próximas, sua carta não deve ser escrita em registro coloquial, dado o distanciamento entre o neto e o avô, conforme relatado pelo narrador-personagem do texto de Sclyar.

C – Conto de ficção científica

O gênero *conto de ficção científica* mantém certas características de outros contos literários. Trata-se de uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo, tempo e espaço. O conto constrói uma história focada em conflito único e apresenta o desenvolvimento e a resolução desse conflito. A ficção científica lida principalmente com o impacto da ciência sobre a sociedade ou sobre o indivíduo. Como gênero literário, o conto de ficção científica apresenta histórias fictícias e fantásticas, mas cuja fantasia propõe-se a ser plausível, quer em uma época e local distantes, quer mesmo no aqui e agora. Há uma tentativa de convencer o público leitor de que as ideias que ele apresenta podem não ser possíveis, mas poderiam ser, valendo-se de uma explicação científica ou pelo menos racional.

Escreva um conto de ficção científica, no qual você seja narrador-personagem, um cientista que descobre uma fórmula para eternizar a juventude.

Imagine que esse cientista encontre uma maneira de fazer com que um grupo de pessoas utilize a fórmula por ele produzida. Conte como isso ocorreu e os resultados obtidos com a experiência. O texto deve apresentar um conflito que envolva ideias e valores sobre as consequências da conquista da juventude eterna. Por meio das ações e dos diálogos, discuta as atitudes das personagens envolvidas na situação e a relação entre a busca pela eterna juventude e a solução ou o agravamento dos conflitos entre gerações. A trama deve basear-se em explicações científicas ou racionais que assegurem plausibilidade à fantasia construída no conto.

ANEXO 4 – Proposta de redação 2014: Tecnologia digital: ferramenta de emancipação ou ameaça à liberdade.

UFG/CS	PROCESSO SELETIVO-2014-1	TODOS OS GRUPOS
REDAÇÃO		
Instruções		
<p>Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as três propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.</p>		
Tema		
Tecnologia digital: ferramenta de emancipação ou ameaça à liberdade de expressão?		
Coletânea		
<p>1. O governo deve monitorar os cidadãos?</p> <p>NÃO Já somos monitorados demais Membros da Al-Qaeda devem ter ficado satisfeitos em saber que, sob o pretexto de combater o terrorismo, o governo americano instalou uma ampla rede de espionagem por meio do monitoramento geral e indiscriminado de seus próprios cidadãos. Essa bisbilhotagem poderá causar mais estragos do que uma bomba. Certamente existirão os abusos, bastando lembrar que o governo americano que espiona "para o bem" é o mesmo que ataca a fiscalização tributária contra seus opositores e que vasculha ligações telefônicas de jornalistas. Ainda que sem os inevitáveis abusos, a própria democracia será atingida, uma vez que a intimidade é um elemento essencial para a dignidade da pessoa humana. Desnudado desse pequeno campo de proteção particular, o cidadão perde a capacidade de se enxergar como um ser único e titular de direitos. Por consequência, também não consegue compreender e respeitar as particularidades do outro. Sem o resguardo da vida privada, não há ambiente para o desenvolvimento livre da personalidade, acabando com o oxigênio vital para a sobrevivência de um Estado democrático. Ações em defesa da intimidade são cada vez mais necessárias no mundo moderno. Hoje, cada um de nossos passos fica registrado: a compra com cartão de crédito, a multa do automóvel, a conversa na rede social, os sites acessados, os números discados. Ao vivermos já somos involuntariamente monitorados. Esse enorme banco de dados pode evidentemente ser utilizado no combate ao crime, mas somente diante de uma fundamentada suspeita contra o cidadão. Buscar um maior poder do Estado no uso da tecnologia para um controle social extremo significa rejeitar a democracia e correr em busca do autoritarismo. É justamente nesse momento em que nossa segurança é ameaçada que devemos nos lembrar de que garantias individuais como a intimidade não representam um entrave a nossa proteção, mas, sim, traduzem a essência de nossa humanidade.</p> <p>J. L. O. L., 47, é advogado criminalista e membro do Instituto dos Advogados de São Paulo.</p> <p>SIM Big Brother e democracia Quando, em 1949, George Orwell escreveu o romance "1984", tratou de uma sociedade futurística, na qual o Estado controlava os cidadãos de maneira absoluta, vigiando-os no mais íntimo de sua privacidade, determinando sua maneira de pensar. Retratou um Estado onipresente, representado pela figura do Big Brother, que tudo via e tudo sabia. Entretanto, "1984" tratava de um regime totalitário. No século 21, o Grande Irmão chegou às democracias. Nas últimas semanas, com a revelação de que o governo dos Estados Unidos estaria reunindo dados a partir de interceptações telefônicas e acessos irregulares a mensagens e contas na internet de milhões de pessoas, o tema do Estado controlador do cidadão voltou à tona. Nenhum direito individual é absoluto. A vida em sociedade requer a mitigação de alguns direitos individuais diante de certas necessidades coletivas, como a segurança. Assim, se as pessoas estiverem sob uma ameaça de significativa gravidade, o Estado pode mesmo violar a privacidade para protegê-las, sob a justificativa do imperativo da segurança. Esse é o argumento do governo Obama. E encontra acolhida em mais da metade dos estadunidenses, segundo pesquisas recentes: 56% dos entrevistados aprovam o monitoramento das comunicações telefônicas, enquanto 41% consideram a prática inaceitável. Ao menos nos Estados Unidos, o assunto ainda suscitará discussão. E ali parece razoável que o Estado monitore</p>		

seus cidadãos para protegê-los. Sob a perspectiva do povo norte-americano, a garantia da segurança coletiva e a proteção aos valores democráticos e aos princípios fundadores de sua nação seriam justificativas plausíveis para limitar liberdades individuais.

De fato, algo que diferencia os regimes democráticos dos autoritários é que, no primeiro caso, os serviços secretos protegem o cidadão e estão sob o mais rígido controle do Judiciário e do Legislativo. Também a sociedade civil organizada, com destaque para o papel da imprensa, deve ter essa prerrogativa.

Se, no país de Obama, é possível e até aceitável, de acordo com suas leis, que o Estado monitore os cidadãos, no Brasil essa prática encontra limites claros. A Constituição só permite interceptação telefônica para fins de investigação criminal ou instrução processual e apenas com autorização judicial.

Seria ingênuo imaginar que, se houver uma determinação de um governo como o dos Estados Unidos, respaldada em leis e em autorização judicial ou legislativa, as informações pessoais de qualquer ser humano pelo globo ficarão a salvo do monitoramento.

Na era do conhecimento e da realidade virtual, as pessoas devem estar conscientes de que podem ser objeto de vigilância, legal ou não. O Big Brother está lá, ainda que não gostemos dele.

J. B. G., 38, é advogado e especialista em inteligência de Estado pela Abin (Agência Brasileira de Inteligência).

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 15 jun. 2013, p. A3. (Opinião).

2. Zero por cento de segurança

Vladimir Safatle

"Não é possível ter, ao mesmo tempo, 100% de segurança e 100% de privacidade com inconveniência zero."

Com essa frase, digna do cinismo mais patético, o presidente Barack Obama tentou justificar o fato de seu país ter se transformado em um verdadeiro ciber-Estado policial.

Graças à imprensa, descobrimos que o governo norte-americano usa o dinheiro dos contribuintes para espionar suas próprias vidas, por meio do monitoramento contínuo de ligações telefônicas e atividades na internet. Mas eles podem ficar tranquilos, pois, como disse Barack, "não vemos o conteúdo das ligações, só a duração e os números". Esta é a sua maneira de glosar o slogan preferido de Bill Clinton: "Fumei, mas não traguei".

Julian Assange, o mais conhecido preso político das ditas democracias liberais, já havia advertido: "A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos".

Com a invenção do fantasma da ameaça terrorista permanente, os Estados democráticos encontraram, enfim, uma justificativa para agirem, de fato, como Estados totalitários, fazendo a Stasi [polícia secreta da antiga Alemanha Oriental], com suas técnicas grosseiras de vigilância, parecer uma brincadeira de criança.

Ninguém precisa grampear seu telefone ou colocar um espião na sua cola quando tudo o que você escreve alegremente no Facebook acaba, necessariamente, nas mãos de um iluminado da Agência de Segurança Nacional (NSA).

Eu mesmo tenho uma ideia: por que não colocar câmeras de observação nas televisões, em vez de só se focar nos telefones e na internet? George Orwell já demonstrou como essa técnica pode ser eficaz.

Mas a boa questão levantada pela frase de Obama é a seguinte: afinal, de onde veio a ideia demente de que precisamos de 100% de segurança?

Nunca nos livraremos de jovens desajustados que montam bombas caseiras ou fanáticos empunhando machadinha. Não há absolutamente nada que possamos fazer para evitar isso. Podemos minorar a letalidade dessas pessoas controlando a circulação de armas, e só.

O verdadeiro problema é termos chegado à situação de todo um país entrar em pânico quando se associa um crime comum à palavra "terrorismo". Pois, ao tentar realizar o sonho dos 100% de segurança, como se nossa utopia social fosse um paraíso de condomínio fechado, acabamos por acordar no pesadelo de um Estado que vira, ele sim, a fonte da pior das inseguranças.

A insegurança da submissão voluntária ao controle contínuo de alguém que reforça sua autoridade alimentando-se de nossos medos. A insegurança do fim da vida privada.

3. O meu é maior do que o seu

Luli Radfahrer

Já houve um tempo em que a medição pessoal e comparativa era uma prática deplorável, competitiva, coisa de menino. Não mais. À medida que sensores biométricos deixam hospitais e salas de fisioterapia para serem vendidos como acessórios esportivos, digitais e conectados, o registro do desempenho passa a fazer parte da identidade pessoal.

Aparelhos móveis com sensores de calor, proximidade, movimento e geolocalização podem ser carregados o dia todo próximo a seus usuários, funcionando ao mesmo tempo como agentes de motivação e coletores de informação. Conectados a eles, novos smartphones registram peso, medidas, batimentos cardíacos, mudanças de humor, efeitos de medicação, níveis de atividade física, consumo de água, de café e de calorias em geral. Cada informação, analisada, é armazenada em bases de dados e publicada nas redes sociais.

Sob certos aspectos esse novo tipo de exposição vai além de qualquer definição de privacidade. Compartilhar dados íntimos como a qualidade do sono ou o índice de massa corporal com estranhos parece, à primeira vista, uma forma patológica de narcisismo. Por mais que seja inegável uma certa vaidade entre seus usuários, o objetivo dos diários coletivos é outro: o grupo funciona como incentivo e estímulo às conquistas pessoais, que podem ser dos tradicionais redução de peso e aumento de percurso em corrida até ao controle de estresse.

O fenômeno, em sua essência, não é completamente novo. Grupos de apoio como os Vigilantes do Peso e os Alcoólicos Anônimos usam há muito tempo o compartilhamento de histórias e o apoio do grupo para ajudar seus membros a superar crises. O que as novas redes ganham com a tecnologia é a comodidade para coletar, armazenar e compartilhar dados com pouco esforço, permitindo que as atividades em grupo sejam feitas à distância, no momento em que for mais conveniente.

É um novo estágio para a interação social. Depois da digitalização das cartas por e-mail, das conversas por SMS e mensagens instantâneas, dos pontos de vista por Pinterest e Instagram, dos históricos pessoais e preferências pelo Facebook e dos estados de espírito pelo Twitter, parece ter chegado a vez da atividade física, que de coletiva foi individualizada. Não demorará para que alguns esportes sigam o mesmo caminho.

Vivemos em um ambiente cada vez mais cibernético e social, em que as fronteiras entre o físico e o digital e entre o pessoal e o coletivo se tornam cada vez mais difusas. Como nas outras interações virtualizadas, perde-se intensidade para ganhar abrangência. Indivíduos que não tinham estímulo para se movimentar agora podem contar com o apoio de um grupo, mesmo que distante, para sair do sofá. As métricas pessoais geradas por esses aparelhos podem ajudar a identificar vícios de postura, problemas de saúde e maus hábitos que talvez passassem despercebidos até que causassem problemas graves.

Da mesma forma que as contas e os extratos de banco ajudam a compreender a movimentação financeira, os infográficos gerados por esses dispositivos permitem uma avaliação contínua e sistemática do próprio corpo, o que naturalmente leva a maior autoconhecimento, reflexão e aprendizado. Mais do que vitrine exibicionista ou casa sem cortinas, eles podem servir como um grande espelho que, ao refletir ações, ajude a redefinir identidades.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/57524-o-meu-e-maior-do-que-o-seu.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

4. A revolução do pós-papel

André Petry

Sócrates, o homem mais sábio de todos os tempos, estava enganado. Com a genial invenção das vogais no alfabeto grego, a escrita estava se disseminando pela Grécia antiga – e Sócrates temia um desastre. Apreciador da linguagem oral, achava que só o diálogo, a retórica, o discurso, só a palavra falada estimulava o questionamento e a memória, os únicos caminhos que conduziam ao conhecimento profundo, à sabedoria. Temia que os jovens atenienses, com o recurso fácil da escrita e da leitura, deixassem de exercitar a memória e, como a palavra escrita não fala, perdessem o hábito de questionar. Sua mais conhecida diátribe contra a escrita está em *Fedro*, de Platão, seu fiel seguidor. Ali, Sócrates diz que a escrita daria aos discípulos “não a verdade, mas a aparência de verdade”. O grande filósofo intuiu que a transição da linguagem oral para a escrita seria uma revolução. Foi mesmo, só que numa direção promissora. Permitiu o mais esplêndido salto intelectual da civilização ocidental.

Agora, 2.500 anos depois, estamos às voltas com outra transição revolucionária. Da cultura escrita para a digital, há uma mudança de fundamento como não ocorre há milênios. Na era digital, a mudança é radical. O livro eletrônico oferece uma experiência visual e tátil inteiramente diversa. É uma outra forma. Como diz o francês Roger Chartier, professor do College de France e especialista na história do livro, “a forma afeta o conteúdo”. A era digital, sustenta ele, nos fará desenvolver uma nova relação com a palavra escrita. Para a neurocientista Maryanne Wolf, autora de *Proust e a Luli*, um livro sobre o impacto da leitura no cérebro, o momento atual é tão singular quanto o da Grécia: “Como os gregos antigos, vivemos uma transição dramaticamente importante – no nosso caso, de uma cultura escrita para uma cultura mais digital e visual”.

Na era do pós-papel, a leitura, antes um ato solitário por excelência, está virando outra coisa. O Kindle, da Amazon, tem um dispositivo que exhibe os trechos do livro sublinhados por outros leitores. Informa até quantos o fizeram. O pesquisador Bob Stein, fundador de uma entidade que estuda o futuro do livro, diz que a leitura solitária será substituída por uma atividade comunitária eletronicamente conectada. É o que ele chama de “leitura e escrita sociais”.

Até os segredos da leitura, antes indevassáveis na mente do leitor, agora estão sendo revelados. Amazon, Apple e Google espiam o leitor a qualquer hora. Sabem quantas páginas foram lidas, o tempo consumido, os títulos preferidos. A Barnes & Noble, a maior cadeia de livrarias dos Estados Unidos, analisando dados colhidos pelo seu leitor eletrônico, o Nook, descobriu que livros de não ficção são lidos de modo intermitente. Os romances, não. Leitores de policiais são mais rápidos que os de ficção literária. São informações, impensáveis no mundo do papel, que revelam hábitos de leitura e vão abastecer as editoras para atender ao gosto do público. Nos EUA, já existe um movimento de "proteção da privacidade do leitor", destinado a disciplinar até onde as editoras podem ir. No tempo do papel – é ainda o tempo de hoje, mas é cada vez mais um tempo passado -, a única forma de espionar a mente de um leitor era por meio da leitura furtiva de uma anotação manuscrita na margem da página de um livro perdido num sebo. Parece que faz décadas.

Para desconforto dos escritores, a vida digital é veloz. Uma história precisa causar impacto na largada. "Tem de ter sangue na parede já no fim do segundo parágrafo", diz Lev Grossman, crítico literário da Time. Autores de suspense e mistério estão sendo duramente exigidos. Antes, um título por ano estava de bom tamanho. Agora, as editoras acham pouco. Ninguém precisa ser uma pororoca como o americano James Patterson (um livro por mês, 260 milhões de exemplares vendidos), mas não se pode mais ficar longe do mercado por muito tempo.

A invenção dos tablets e leitores eletrônicos é espetacular. Eles são fáceis de carregar, têm memória para mais de mil livros, baterias que duram horas. A cada novo lançamento, ficam mais legíveis. Na tela de um iPad um livro de arte é uma arte, com cores vivas, nitidez perfeita. Mas, tal como Sócrates, os estudiosos do nosso tempo estão preocupados com o impacto do mundo digital na cultura. Um dos primeiros a chamar atenção para a deterioração da qualidade da leitura foi o crítico literário Sven Birkerts, ainda na década de 90. Birkerts percebeu que seus alunos, às voltas com aparelhos eletrônicos, não conseguiam ler um romance com paciência e concentração. É fundamental que as novas gerações educadas no digital sejam capazes de ler bem, ler para imaginar, para refletir e – eis o apogeu e a glória da leitura – para pensar seus próprios pensamentos.

O temor é que o universo digital, com abundância de informações e intermináveis estímulos visuais e sonoros, roube dos jovens a leitura profunda, a capacidade de entrar no que o grande filósofo Walter Benjamin chamou de "silêncio exigente do livro". Durante séculos, os livros impressos foram aperfeiçoados para favorecer a imersão. O tipo de letra, o entrelinhamento, os espaços em branco – tudo feito como um delicado convite à leitura. São aspectos relevantes para quem lê e para quem escreve. John Updike achava que seus livros só faziam sentido se impressos em determinada fonte – a Janson. A leitura on-line, de resolução imprecisa, luminosidade excessiva e crivada de penduricalhos piscantes, é só distração. Os leitores eletrônicos estão corrigindo boa parte dessas imperfeições, mas ainda têm longo caminho a percorrer. Estudo feito pelo professor Terje Hillesund, da Universidade de Stavanger, na Noruega, mostra que, durante uma leitura reflexiva, as pessoas gostam de manter os dedos entre as páginas, como que segurando uma ideia de páginas atrás, para revisita-la quando quiserem. Intangível e volátil, o livro digital, neste aspecto, é uma nulidade (por enquanto).

VEJA, São Paulo: Abril, n. 51, 19 dez. 2012. p. 150-154.



Disponível em: <<http://caminhoinclusaodigital.wdfiles.com/local--files/inclusao-digital-dentro-e-fora-da-escola/software.png>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

UFG/CS	PROCESSO SELETIVO-2014-1	TODOS OS GRUPOS
Propostas de redação		
A – Discurso de defesa ou de acusação		
<p>O <i>discurso de defesa</i> ou <i>de acusação</i> é formulado num encadeamento lógico e ordenado para expressar a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas ou não com um certo assunto, meio ou grupo a quem o locutor se dirige. É um gênero utilizado para declarar publicamente razões que justifiquem certos atos ou em que se fundamentem certos direitos. Com o objetivo de impactar a opinião pública, esse gênero apresenta tanto características expositivo-argumentativas, visando ao convencimento, quanto características persuasivas de apelo emocional, acentuando uma polêmica já existente. Devido a essa forma de interação, a defesa ou a acusação deve ser fundamentada com explicações, razões, exemplos, citações etc.</p>		
<p>Você vai participar de um debate público regrado de um programa de televisão voltado para o telespectador jovem. Você deve escolher entre:</p>		
<p>a) defender a tecnologia digital, procurando convencer o público de que ela funciona como uma ferramenta de emancipação;</p>		
ou		
<p>b) acusar a tecnologia digital, procurando convencer o público de que ela é responsável pela ameaça à liberdade de expressão.</p>		
<p>Atendendo à alternativa (a) ou (b), escreva seu discurso dirigido ao público jovem, expondo as razões da defesa ou da acusação e discutindo as consequências negativas ou positivas desencadeadas pela tecnologia digital e as transformações que seu uso promove nas relações entre as pessoas. Para persuadir os telespectadores a aderirem às suas ideias, utilize estratégias de convencimento que apelem para a reflexão acerca das questões relacionadas aos avanços da tecnologia digital.</p>		
B – Carta de repúdio		
<p>O gênero <i>carta de repúdio</i> possui caráter predominantemente argumentativo-persuasivo. Tem por função apresentar a um interlocutor geral a discordância com alguma medida imposta por alguém ao locutor ou a um grupo com o qual se identifica. Após a apresentação do problema, os argumentos que fundamentam o repúdio devem ser selecionados e organizados de forma a comprovar as razões do locutor ou de um grupo. A estratégia argumentativo-persuasiva busca convencer os interlocutores por meio de explicações, relações de causa e efeito, comparações, exemplos etc.</p>		
<p>Suponha que, como usuário do Facebook, você seja provocado a escrever uma carta de repúdio por causa de sua indignação ao constatar o controle das informações e da liberdade de expressão nessa rede social. Os argumentos para comprovar suas razões e persuadir o interlocutor a aderir à sua indignação devem demonstrar e sustentar o seu ponto de vista quanto à função da tecnologia digital, condenando as ações que a transformam em ameaça à liberdade de expressão e propondo ações que a constituam como ferramenta para a garantia de emancipação e autonomia nas interações sociais.</p>		
<p>Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero. O título, por exemplo, não é necessário.</p>		
C – Crônica		
<p>A <i>crônica</i> é um gênero discursivo no qual, com base na observação e no relato de fatos cotidianos, o autor manifesta sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que não é percebido pelo senso comum. Assim, o objetivo da crônica é discutir aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas. Também, visa produzir humor ou levar à reflexão sobre a vida e os comportamentos humanos. A crônica pode apresentar elementos básicos da narrativa (fatos, personagens, tempo e lugar) e tem como uma de suas tendências tratar de acontecimentos marcantes para a sociedade.</p>		
<p>Com base nessa tendência, escreva uma crônica para ser publicada em uma revista semanal, discutindo as consequências do uso das tecnologias digitais na sociedade atual. A crônica deve apresentar um narrador-personagem que retrate questões relativas à utilização das ferramentas tecnológicas e faça reflexões fundamentadas em fatos relacionados à emancipação e/ou à liberdade de expressão decorrentes do domínio da tecnologia digital. Por meio do relato e da discussão desses fatos, revele aos leitores da revista a perplexidade do narrador-personagem diante dos novos conflitos e das novas soluções para os problemas da atualidade, desencadeados pelos avanços das tecnologias digitais.</p>		
<p>ps_2014_1_REDACAO_segunda_etapa_todas_grupos_segunda_dia</p>		

ANEXO 5 – REDAÇÕES (2011 – 2014)

NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHAUNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-1

8401591660



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: →

 A B CIndependente do gênero
escolhido, o seu texto NÃO deve
ser assinado.TÍTULO: Impulso para a felicidade

Tive uma infância cheia de sonhos e fantasias, sonho de ser um super-herói e fazer isso ou aquilo. Na juventude a fantasia também esteve presente, só que de forma diferente, como passar em um vestibular. Quando adultos continuamos a fantasiar, talvez o emprego perfeito. Assim é a vida de todos nós, a fantasia sempre estará presente, e com certeza ela é a força que nos impulsiona a realizar nossos sonhos.

Todos nós temos vários desejos, os quais queremos alcançar. A fantasia é a força motriz que nos leva a pensar e a conseguir o que almejamos. Sem sonhos não teríamos a expectativa de realizá-los, e essa expectativa nos leva ao trabalho, ao esforço e por fim à realização. É dessa forma a fantasia move o mundo, pois fantasiamos e realizamos. Assim, surgem os melhores profissionais, as famílias mais felizes e as pessoas completamente incríveis.

Por outro lado a fantasia é vista por muitas pessoas como algo alienador, o que eu não concordo. Digo que ela pode sim alienar, mas somente quando a pessoa se deixa levar a isso. Nós humanos devemos ter sonhos que nos levam a crescer, mas devemos também conhecer o limite da situação em que vivemos, pois não podemos nos deixar cegos diante da fantasia. É necessário fazer apenas uma conexão entre sonhos e realidade, mesmo sonhando ter os pés no chão de forma bem real.

Casos de pessoas que vivem em um mundo fantástico acontecem. Elas não reconhecem seus problemas se tornando completamente alheias a veracidade dos fatos. Mas sinceramente, não vejo como culpa da fantasia e dos sonhos, mas sim da falta de auto-controle. Muitas vezes esses casos ocorrem devido alguma decepção sofrida e outras por não conseguir alcançar o objetivo, mas elas buscam a mesma coisa: a evasão.

Assim, percebemos que o necessário não é fugir da realidade, e sim vivê-la pois a fantasia é que nos leva a tornar essa realidade cada vez melhor. É essencial que haja auto-controle e determinação para o que é bem agora vir a ser melhor no futuro e não se transformar em um problema. E a fantasia é a força motriz que faz de nós interiores, nos proporcionando a felicidade.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-1

8401591660



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: →

A B C

Independente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.

TÍTULO: _____

Fantasia, quem é que nunca a teve sonhando ou desejando algo? Muitos destes bairros já desejaram algo, provavelmente um sonho quase impossível. Alguns se escondem atrás de uma fantasia, tendo uma vida e uma personalidade totalmente diferente da realidade. Outras, são motivadas por sonhos, mas não medem esforços por algo que desejam até alcançá-los.

Conhecemos a fantasia muito bem, visto que a todo instante desejamos ser ou ter algo diferente do que somos ou temos. É visível isso também na literatura representada por Madame Bovary de Gustave Flaubert, onde Emma procura encontrar através das traições uma maneira de se encontrar.

É a típica multipersonalidade, onde sem saber o que deseja, parte em busca de algo que complete seus anseios, vivendo sempre atrás de máscaras e desejos alheios.

Existem também aquelas pessoas que fantasiam mas não vivem em função disso, pensam desejos e vontade própria, procurando alcançá-los. Isso é necessário para sobrevivermos, afinal na vida se tornaria sem graça se não tivéssemos anseios para lutar por eles.

Hoje em dia existem mecanismos, onde podemos ser tudo o que gostaríamos, a internet. É o lugar de simulações em que nos tornamos dependentes por nos satisfazer, afinal a fantasia é a defesa de algo irrealizável.

Contudo, se não existisse, nossa vida seria limitada. É algo que nos motiva, que faz com que busquemos incessantemente a realização dos sonhos. No dia no final de uma dessas buscas um gesto de satisfação, de realização. É importante saber que podemos através da fantasia nos alienarmos e ficarmos preso a isso ou simplesmente aproveitar o momento em que corremos atrás dos nossos sonhos.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-1

8401591660



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: → B C

Independente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.

TÍTULO: Viver a não uma fantasia?

Atualmente com tanta facilidade ao acesso a tecnologia e modernidade, nos perguntamos, será que vale a pena viver uma fantasia na vida real? Pois com a internet é muito fácil criar e recorrer uma cena de filme, novelas, desenhos, ou criar uma cena nova com novas personagens, ações, que muitas vezes fazem com que a pessoa fique querendo viver aquela vida virtual e se aliena por com o tempo e acaba por pensar que essa vida mentirosa é melhor, pois lá ele faz o que quer e é quem deseja, e no mundo real não é assim ele tem que ser ele mesmo.

Sempre que queremos a internet para algum trabalho pesquisa, diversão, ela está a nossa disposição a um clique de conseguir-mos o que queremos, ela em si é boa e nos ajuda muito. Esses programas que nos instigam a montar personagens deveriam ter uma fiscalização, a melhor um questionário para o usuário, dependendo de suas respostas ele teria certas restrições no site. Pois se a pessoa tiver um desvio psicológico esse problema pode se agravar.

Se é para usufruir da internet, e desses programas de personagens, que seja para ser você mesmo. Pois nada de certo se começa com falsidade e mentira. Se é para ter um sonho, uma fantasia, tenha, desde que você mesmo seja capaz de conquistar e alcançar esse sonho.

Seja você o arquiteto capaz de construir o seu sonho a sua fantasia, pois a maioria das pessoas a toda a gente tem uma fantasia possível e uma impossível, o que acontece é que poucas tem coragem de se movimentar e ir atrás de seu sonho sua fantasia querem que o sonho vá até eles, e então preferem viver no mundo fantasioso, que é a internet.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-1

8401591660



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C

Independente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.

TÍTULO: O fantástico mundo dos sonhos

É nessa sociedade atual, com toda essa violência, essa covardia, essa disputa por poder, esse estresse, quem é que de vez em quando não dá uma "fujidinha do seu mundo" e vai parar no mundo dos seus sonhos? Bem, que seja por alguns instantes, para tentar ao menos dar uma aliviada no estresse diário.

Quem é que nunca se pegou falando sozinho? Ou conversando com seu amigo imaginário? De vez em quando é bom desabafar consigo mesmo, faz bem! É difícil encontrar alguém que nunca se imagine na pele do herói de filme. O herói que salvou o mundo e que agora é admirado por todos. O herói que agora é considerado forte, valente e destemido. É, isso realmente faz bem.

Mas de vez em quando é comum encontrar aqueles que falam e julgam mal quem "vive no mundo da lua", como se eles mesmos nunca tiveram uma "fujidinha em outro planeta", só pra escapar um pouco da sua realidade. É, então, descobriremos o quanto é bom fazer uma "vizitinha" a esses planetas. Mas, mesmo assim, julgam e criticam quem vive sonhando.

Quem sonha de mais muitas vezes é reprimido e criticado por aqueles que estão sempre "com os pés no chão". Certo, mas que culpa tem os sonhadores se a nossa realidade não é lá muito agradável? Que culpa tem os sonhadores de terem vontade de sair desse planeta e ir morar num lugar onde todos vivem em paz, sem estresse, sem violência, sem pessoas passando fome? É, é difícil encontrar alguém que nunca tenha dado uma "espiadinha" nesse lugar, e ter toda vontade de viver lá.

A fantasia não é uma fuga alienadora, mas sim, apenas uma forma de fugir dessa realidade em que vivemos. Uma forma de, por alguns instantes, viver no mundo em que sempre se sonhou viver.

Claro, não devemos habitar apenas "o mundo da lua", mas



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-1

8401591660



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C

Independente do gênero escolhido, o seu texto NÃO deve ser assinado.

TÍTULO: _____

A globalização proporcionou a interação cultural e econômica, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico, consequentemente a informatização. Isto, juntamente com notícias se espande com máxima velocidade sendo assim, diversos ideais e pensamentos entram em conjunto, tornando sempre inovador devido tal união.

No mundo psicológico tudo é possível, proporcionando uma satisfação de acordo com o desejo. No entanto há os desvios, onde nem todos sonhos são controlados de acordo com o que se pretende, como aqueles em momentos inoportunos.

O psicológico não é padronizado em virtude de diferentes pontos de vista a interpretação do mundo. Para tal complexidade social surgiu os sociólogos, explicando os comportamentos, com reflexos na sociedade que a modifica e transforma.

Na atualidade, para representar a ficção psíquica, por exemplo, criaram os avatares que são controlados de acordo com o desejo, podendo chegar ao ápice para o que se pretende ao mundo concreto. Pode interferir indiretamente na vida real de quem o (controla) controla, e paralelamente, fica em segundo plano o clímax a ser vivido por este.

Os fantasias, por serem individuais são satisfatórias de acordo com interesses pessoais. Na realidade, estas interferem diferentemente nas classes sociais de acordo com o âmbito econômico. Satisfazendo desejos materiais que possuem certas impossibilidades para tal ocorrência, sendo estes, desejos alienadores.

Entretanto, o problema é quando o abstrato se une ao concreto e gera as frustrações. Consequentemente, as realizações proporcionadas pelas ilusões fantasiosas transmite dúvidas aos tais espectadores. Contudo, quando não ocorre esta integração, o psicológico desenvolve o espírito aventureiro e corajoso para enfrentar as dificuldades reais.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-2

8401591660

13011105003814

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao
gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Os desafios dos jovens na era moderna

A sociedade nunca esteve tão fragmentada. Ela já se acostuma com as desgrças da vida moderna, e agora, tudo é normal aos olhos da indiferença. São poucos os Resquícios do altruísmo, e infelizmente, a compaixão está em baixa, sendo até mesmo considerada como ação de tolos e ingênuos.

A cada geração que se passa a competição se aprofunda mais. A filosofia da vida é o Epicurismo, que consiste no "viver o agora, o já" e que contribui descaradamente para o consumismo exacerbado, e como consequência, para a destruição insidiosa e irracional do meio-ambiente e de seus recursos.

A política do ter, do consumo fúreo, é mais popular entre os jovens, que estão mais suscetíveis às seduzidas provocadas pelos turbilhões de comerciais da era moderna. Nelas são exaltados bens de todos os tipos, que fazem a colcha da mediocridade, com promessas irrealis de felicidade e sensações maravilhosas de bem-estar. É aí que se dá o princípio do individualismo e da segregação, em que os aderentes, a partir de bens materiais, constroem uma identidade própria e adotam-se como únicos e insubstituíveis.

É nesse contexto que se incluem os tribos urbanos, reuniões de jovens com as mesmas aspirações. Mas esses grupos, ao invés de representarem a união de várias pessoas, são mesmo o retrato da quebra, por dividir a sociedade em grupos menores.

O crescente número de atores, composto principalmente por jovens, reforça ainda mais a tese de abandono dos valores essenciais vigentes. O distancionamento desses de suas famílias é um panorama triste do presente, em que os tradições seculares são abandonadas, como por exemplo, o fato de pais e filhos não estarem indo mais à igreja juntos.

Mesmo com esses obstáculos, gerados principalmente pelo individualismo burguês, é preciso acreditar na solidariedade, e na capacidade dos jovens em dispor-sem não a essa modernidade, que insiste em descartar nossos valores culturais e nosso lado humano. É preciso educação para isso; é ela que consolidará naqueles que estão vindo o amor às suas raízes, e o senso crítico para ver que nem tudo que é novo é bom, e que os conselhos da família são sempre bem-vindos.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-2

8401591660

13011105014445

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao
gênero textual escolhido:



TÍTULO: Não se veja sozinho no mundo

Os jovens contemporâneos em sua maioria aderem a ideia individualista. Isto que existe uma competição e um consumismo muito grande por parte deste grupo. O desejo de posse os tornam membros de uma sociedade capitalista compulsiva.

É comum entre os jovens se espelharem no próximo para conseguirem algo. Nenhum quer ter menos que outro ou ser por isso ou aquilo. Sento que é comum, por seleção natural, que alguns tenham mais facilidades que outros em determinadas ocasiões. É essa ideia não deveria gerar uma competição, mas sim converter-se ao coletivismo, ajudar ao próximo, como por exemplo em algum conteúdo na escola, ou em algum esporte.

O individualismo também é frequente entre os jovens quando se trata de aspectos como saúde, educação, lazer, entre outros. Se vê uma grande dificuldade de atendimentos pela rede pública de saúde, muitos jovens sofrem nas filas de hospitais, enquanto alguns possuem benefícios através dos planos de saúde ou possuem condições para acesso na rede privada. Na educação ocorre o mesmo problema, muitas escolas públicas não oferecem aos jovens boas condições de aprendizagem, por ventura um número reduzido de jovens frequentam escolas particulares e possuem todo acompanhamento necessário para obterem uma boa formação escolar. O engraçado é que a família de todos os jovens pagam os mesmos impostos, portanto se faz imaginar que as condições de vida deveriam ser iguais para todos.

O governo tem parcela significativa no individualismo, pois deveriam ser revertidas mais verbas para os aspectos da cidade, assim como o apoio as políticas de reforma. Projetos como a Reforma Agrária devem ser repensados, pois a maioria das terras estão sobre posse dos grandes latifundiários.

Enfim, é certo o individualismo aqueles que conseguem destaque por fruto de dedicação e honestidade. Mas se o coletivismo for implantado com mais ênfase, o número de destaques tende em só aumentar.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-2

8401591660

13011105003400

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao
gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Individualismo, tecnologia, mas pode acabar

Com o avanço do capitalismo e, principalmente, com as altas tecnologias fazem com que o espírito individualista das pessoas aumente. Pois essas tecnologias que não vendidas, fazem com que as pessoas não se vejam mais para conversar ou fazer novas amizades. Elas fazem com que pessoas possam conversar com qualquer pessoa, de qualquer lugar, sem precisar ter aquela amizade fiel de antigamente. Isso já está acontecendo nos jornais contemporâneos.

Eles vão a (pode) paratária que mais compra e utiliza essas tecnologias. Isso é percebido no no fato de olhar as ruas ver ver, onde crianças com mais ou menos 10 anos já tem celular, MSN, orkut, facebook, entre outros. É que eles gastam mais tempo navegando nesse mundo do que conversando com os "amiguinhos" de sala, na hora do intervalo das aulas. Também é de se notar que está a comunicação entre os pais e os filhos estão sendo afetadas. Exemplo é quando eles estão em casa ou no carro, a caminho de algum lugar, os filhos estão sempre na internet ou com fone de ouvido ouvindo música.

Isso não é uma vantagem do que as altas tecnologias podem ajudar a aumentar o individualismo. Ainda se tem a mentalidade capitalista para piora. No qual os jovens pensam que ficando "milhonário" pode-se viver melhor e comprar tudo que se quer, e para isso tem que trabalhar. Pois é com o esforço próprio que se consegue as coisas. Nosso plano não se preocupa com a constituição de família - que é casar e ter filhos.

Nessa situação se levanta, que é muito comum hoje entre os jovens, (que) a ideia de "propagação" sem muito apelo, citado no texto "Saltar o ar que a morte nos separa" de Ronaldo Pereira, e para isso tem uma frase famosa entre os jovens que é "vestido sem, vizinho nunca". Isso (isso) nos mostra que hoje ninguém está preocupado com o sentimento do próximo e assim com suas necessidades.

Se as pessoas não mudarem a educação dos jovens e jovens e se não um que elas vivem, não se saberá como irá ser a sociedade futuramente. Mas se sabe que poderá ser uma sociedade com depressão e violência. Para não descartarmos essa situação para as futuras gerações, temos que aumentar a quantidade de encontros com os amigos e largar um pouco essas (pode) tecnologias e as atitudes capitalista, mas sem ser radical. Pois tem que continuar consumindo e usando essas tecnologias, porque elas ajudam a sociedade.



NÃO UTILIZE O VERSO DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-2

8401591660

13011105016709

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Escolha forçada

Para se dar bem na vida, as pessoas devem se ajustar ao seu tempo histórico. Com a globalização, as pessoas ficaram mais próximas, e com o capitalismo elas ficaram mais distantes. Em um mundo onde a troca de idéias e informações acontece absurdamente rápida, surge a impressão de que como nossa vida ocorre o mesmo, ou seja, ela é curta porque é rápida. Com isso, as idéias de passado e futuro se dissolvem, fazendo com que todos se preocupem com a felicidade imediata.

Para se ajustar ao atual tempo histórico, os jovens deixam de lado o coletivismo. Quer dizer, parte dele. Como reinado absoluto do individualismo, o coletivismo aparece quando é premiado significativamente com bens materiais, ou então por punições nas condenações a prestação de serviços comunitários. Parece triste não é? Depende. Quem condena essa realidade é porque está precisando da ajuda dos outros para resolver seus problemas, e quem a admira está crescendo porque se beneficia dela. Qual dos dois lados está certo?

Rousseau afirmava que a natureza do homem era boa, e a sociedade que o corrompia. Isso depende de que você considera bom ou ruim. A sociedade está corrompendo todos para o individualismo, esquecendo-se do coletivismo, e enquanto essa prática continuar dando certo, nada mudará. A formação do jovem contemporâneo deveria se basear no acúmulo de conhecimento para uma futura análise individual de todos os meios de fazer a manutenção dos valores sociais, para que cada um tomasse sua própria decisão.

O individualismo ganha força porque quem conhece de tudo sabe que é quem segue esse lado que normalmente se dá bem. O conflito individualismo versus coletivismo mais famoso da contemporaneidade é o casamento, seguidado perto pela maternidade ou paternidade. Já é possível afirmar que metade dos jovens dos países mais desenvolvidos pensam em não casar e não ter filhos. Isso é um sinal claro da crescente do pensamento individual, mas existem mais aspectos para analisar, como a passagem para a vida adulta.

Alessandra Elson analisa esse aspecto no seu texto "Olhar adolescente - mente e cérebro". Ela mostra que, ainda que existam rituais religiosos que, coletivamente, marquem essa passagem para alguns, é mais comum encontrarmos essa mudança na vida, ainda que de modo sutil, em situações individualizadas, pois não servem de marco para todos, cada um define a sua. Isso prova a importância do individualismo para a formação do jovem contemporâneo.

Não se trata de negar o coletivismo, ele é extremamente importante para a formação do caráter dos jovens, pois equilibra os valores sociais considerados bons com os considerados maus. A questão é que, quem pensa na agilidade da vida, não consegue aceitar outra maneira de viver que não a aproveitando cada segundo. Essa situação, contudo, requer a exploração dos outros para a manutenção do status e dos privilégios individuais, que garantem as condições financeiras favoráveis para aproveitar a vida, visto que no capitalismo é o dinheiro que compra a felicidade.



NÃO UTILIZE O VERSO
DESTA FOLHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2011-2

8401591660

13011105018619

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao
gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: As diferenças na sociedade

Nos dias de hoje estamos passando por momentos de oposições muito grande, há um querer das pessoas, de fazer as coisas apenas para si mesmo, assim, elas não querem mais buscar se interagir com outras pessoas, o que nos leva a pensar, até onde que vão essas diferenças que estão ocorrendo na sociedade. Hoje, as pessoas não se preocupam tanto com os valores do próximo, muitas vezes, nem mesmo com seu próprio valor.

O individualismo ficou tão frequente na vida das pessoas, que criou-se, uma cultura, onde a maioria pensa apenas em si mesmo, no crescimento apenas dela, o que acaba desfavorecendo aquelas pessoas que trabalham pela melhora no coletivo, que busca crescer a relação das pessoas um com os outros. Por isso, há a grande importância da sociedade, em geral, começar a rever e ir em busca de seus valores, de fato, é o que nos leva a termos um bom desempenho na coletividade.

O papel do individualismo no crescimento trabalhístico do jovem e em sua formação, pode sim o favorecer, mas não o levará a ter um bom desempenho em meio a sociedade, porque ela nos envolve, sempre estarmos em conjunto com o próximo, de tal forma, que isso não venha nos acarretar um mal desempenho, mas sim, uma melhora na relação entre as pessoas. Com isso, o jovem acaba ganhando um reconhecimento melhor em relação a si mesmo, isso faz com que ele mostre que o verdadeiro valor é o coletivismo, que nos leva a nos desempenhar melhor, gerar várias opiniões, discursões, entre outros.

Com isso, concluímos que o individualismo acaba não nos trazendo vantagens, ao contrário, do que todos querem. O que nos leva a nos valorizarmos mais, é a coletividade entre as pessoas, que é, o que nos leva a sermos reconhecidos, em meio a nossa sociedade, e gerando boas expectativas naqueles que preferem, e buscar viver infelizmente o individualismo.



ero textual escolhido: B C



TÍTULO:

A escrita sempre foi uma forma de ilustração do ser. Ideogramas, pictogramas, são exemplos das diversas formas de representação da escrita. O ato de escrever é pressuposto de registrar, como por exemplo Certidão de Nascimento ou até mesmo escrever um bilhete. O ser humano e a escrita sempre caminharam lado a lado, se desenvolvendo, particularizando-se, compondo a história, sendo um reflexo ou complemento do outro.

No século XVIII, período do Romantismo, é clara a relação homem-escrita. Poetas, romancistas e outros tantos produtores literários eram guiados pelos leitores sendo esses representantes da burguesia cultivaram o ocio tendo as produções literárias — leituras de lazer, simples e de fácil entendimento — como entretenimento.

Na Pré-História, os homens primitivos dispunham de desenhos em rocha como forma de registro. Hoje, temos cartões, bilhetes, desenhos, pinturas etc. A evolução do ser humano viveu-se, entre outros fatores, ao contato com produções individuais (texto, pintura), destacando-se a representação da escrita. Ela é a chave de mundo, personagem, vivências, fatos desconhecidos, sendo desde tempos remotos a maior disseminadora de conhecimento. Temos hoje diversos meios de expansão do conhecimento, entretanto, a maioria baseia-se essencialmente na escrita.

O mundo contemporâneo é caracterizado por sua velocidade, abrangência de informações e atualização constante. Os representantes da escrita dessa vida voltados para essas necessidades, como por exemplo, os usos de notebooks por alunos e professores como forma de troca de informações ou para salvar dúvidas. Qual seria o por que do surgimento de fatores de comunicação mais rápidos, se a escrita humana não necessitaria? A evolução do homem é diretamente proporcional à evolução da escrita e vice-versa.

Partindo do pressuposto de que o homem evoluiu em sociedade surge então a necessidade de comunicação. Mas como desenvolver-se apenas a partir da comunicação oral? Surge então a escrita como elemento organizador, documentador, cooperacionista, atualizador, de entretenimento e de aproximação. É segundo Paulo Milnatti Andrade, "foi por sentir uma extrema necessidade de representar graficamente nossos ideais, sentimentos, opiniões, nossa história e para nos comunicar com quem está distante, que surgiu a escrita".



erro textual escumido.



TÍTULO: A evolução do escrito e do homem.

Percebemos hoje que o homem começou a valorizar a imagem e os peões dos ecrãs que se liam e entendem a mensagem rapidamente, porque atualmente estamos lutando contra o tempo. Na essa valorização traz um problema, com essa facilidade de comunicação via internet e mensagens fazem com que esse humano fique mais reservado e individualista. Não nos comunicamos mais como antigamente onde viamos a casa de parentes e amigos e mantínhamos um contato maior com eles, por exemplo, quando em visita que dentro de casa ele possa falar com muitas pessoas ao mesmo tempo e com um baixo custo.

Essa facilidade de comunicação é contestada por alguns professores, que acreditam que as crianças usam mais a linguagem informal tendo uma dificuldade de aprender a formal. Isso porque os computadores tem ferramentas que corrigem automaticamente os erros ortográficos, não desenvolvendo assim a escrita, tornando-os mais preguiçosos para aprender. Enquanto outros defendem por acreditarem que diferente de antigamente, hoje as crianças escrevem mais e futuramente serão mais esbeltas em saber mexer e ter facilidade em usar o computador, por exemplo. É também pelo fato de não acreditarem que isso acaba com a escrita ao trocar a forma com ele seu desamorado.

Não temos só a redução da linguagem oral, como a do escrito também, onde temos a grande utilização de abreviações e "emoções" na internet que facilitam a digitação e escrita. Percebemos essa redução também nas músicas, onde antigamente tinhamos uma história envolvida e tinhamos engajamento, as músicas eram usadas para mostrar a sociedade a sua realidade, hoje as músicas possuem só temas básicos que caracterizam o perfil da sociedade que está carente de comunicação. Nas letras vemos a predominância de uma frase ou palavra que é repetida durante ~~o~~ toda a música.

"Somos constituídos e atravessados pelas nossas histórias e pelo que narramos delas", Sônia Regina do Luz Neto, escritora. A escrita é importante, pois ela nos ajuda a voltar o tempo e que se passava com a sociedade antes e acaba por nos mostrar que contexto ela estava. Quanto vemos textos renascentistas vemos que o homem se superava cada vez mais para entender o corpo humano e os ~~seus~~ fenômenos da natureza, para ~~isso~~ também temos a ciência e a razão em primeiro lugar. E hoje vemos que o homem pensa por angústias com livros que mostram a solidão e textos que nos remetem a ideia de descendência.



gênero textual escolhido: A B C

TÍTULO: Modernidade: Produto ou Produtora da Escrita?



Escrever um bilhete, mandar um currículo, preencher um cadastro. É imensurável a quantidade de situações cotidianas que requerem a utilização de um sistema de escrita. Antes de tudo, é necessário que se defina a escrita como inerente à vida moderna, mas que se torne um fantoche da praticidade.

Analisar um registro gráfico como fruto do processo constante de letramento que se efetiva dia a dia pela associação de dados constituídos a um toque pessoal do indivíduo que os registra. É importante que expresse como temo me espantado com tamanho tamanho significante que tem sido dado a um telado, de forma a fazer com que a escrita seja repassada não como construção teórica da cultura de um povo, mas propagadora de sentimentalismo barato. Não digo o sentimentalismo que emalteja as emoções humanas, sim a idolatria conferida a uma máquina que oscila entre dois extremos: constrói ou absurdamente deturpa o conhecimento.

Quando eu estava achava interessante o modo como os pré-históricos fizeram uso de registros de sua vida diária, a maneira como os chineses depositaram tanto empenho na confecção de pergaminhos e a forma com que Oswald de Andrade usava tão poucas e boas palavras em poemas-píluas que agradavam pela intimidade, não pela falta de conteúdo. É uma grande pena que hoje não existam fotos que façam-me rir e me deliciem como antes.

Note que o mundo de forma geral mudou. Não digo uma transformação para melhor, o caracterizo como para mais ignorante, capaz de relegar arma tão poderosa. Pessoas que se dedicam constantemente a áreas que envolvem leitura e escrita são comumente taxadas de "demodê". Nossa sociedade está realmente desenhovida? - não vejo desenhovimento algum quando me deparo com inúmeras mensagens de "bairrada" deixadas em meu endereço eletrônico.

Chego à conclusão de que raramente se achará alguém que seja capaz de utilizar suas potencialidades cognitivas em detrimento de registrar novos importantes fatos históricos às gerações futuras, como as civilizações egípcias ou chinesas o faziam. Meu lamento aos estragos que a Modernidade trouxe consigo.



êro textual escolhido: B C

TÍTULO: O ciclo da modernidade da escrita



Com o passar dos anos a escrita foi mudando. Tornou-se cada vez mais moderna. Na pré-história, por exemplo, a escrita era através de desenhos pintados nas paredes das cavernas com sangue de animais.

Depois veio a escrita chamada de "hieróglifo", que segundo os historiadores foi a primeira escrita. Ao decorrer dos séculos foram criando novos meios para poder facilitar a escrita.

Os chineses criaram o "papiro", um tipo de papel bem primitivo para nós. Esse "papiro" foi muito usado pelos egípcios, os faraós deixaram escritos deles os seus Testamentos.

Em meados do século XVIII, não sei se ao certo, foi inventado o ditteiro. Que muitos escritores e escribas utilizavam em seu dia-a-dia. O ditteiro era um potinho de tinta que se utilizava uma pena para poder redigir o texto no papel.

Combinando é claro que os pessoas da alta sociedade, pessoas da elite e da alta burguesia, que utilizavam esses recursos. Pois tinham condições financeiras para poder aprender a ler e a escrever. Jam para fora do país para aprimorar seus estudos e conhecimentos.

Aos poucos os ditteiros foram sendo deixados para trás, dando lugar as canetas. E com a modernidade chegou do exterior fiéis "moquelas" foram sendo deixadas de lado e sendo substituídas por máquinas de datilografar.

Muitos escritores não deixaram de usar as "moquelas", mas as máquinas facilitaram os seus vidas, era mais rápido datilografar do que escrever. A modernidade, aos poucos, também chegou à essas máquinas.

Foram sendo criadas as máquinas de digitação, as máquinas portáteis. Depois veio o computador, que até hoje continua nos surpreendendo com as suas modernidades. Mas é claro que a fiel companheira, "moquela", nunca foi esquecida e nunca vai ser. Ela também teve as suas transformações. E vai continuar sendo. E assim segue o ciclo, novos máquinas, novos meios.



ero textual escrito:

TÍTULO: Transfomção de mãs idadas



O homem em velhice. O mundo se transforma e os comportamentos se modificam. Junto a estas mudanças, percebemos que algo nos acompanha. É a, escrita. Ela também se transforma e, assim, torna-se mais importante. É com ela que poderei escrever este artigo para publicá-lo no jornal.

No antigo tempo, os escribas eram os únicos que possuíam o conhecimento da escrita. Por isso, eram responsáveis pela administração do Faraó. Por isso os nomes. É neste mundo moderno, possuir o dom de escrever bem ou saber o básico, faz as pessoas conseguirem vários objetivos sociais. Para ser aprovado em concursos ou vestibulares, o ato de escrever é essencial.

Com o desenvolvimento tecnológico surgiu a internet. Através dela, algumas pessoas tentam alcançar a fama. Utilizam vídeos, fotos ou blogs. Porém, a porção nada fica valioso na história. Pense que estes nunca usaram a escrita, eles seriam mais reconhecidos. Para aqueles que iduviram, peso que olham para o passado. Clarice Lispector consegue ainda inspirar pessoas. Machado de Assis, Gonçalves Dias ou Camões estão presente em nós.

Mesmo que vamos id vigor, ouvir os preceitos do padre, é necessário ter o livro mais lido do mundo: a Bíblia. Este realmente conseguiu seguir os transformações humanas. Claro, muitos se recusam e não chegam a ler, mas está presente.

No filme "Barraberas de Joo", percebemos a grande importância de escrever. Forte habilidade, antes apenas mntre, estava sob o poder do personagem Bia, o qual a usava para enganar as pessoas. Apesar de toda esta malandragem, temos em outra produção - Central do Brasil - a personagem interpretada por Fernanda Montenegro usar suas forças ultradas para ajudar aqueles que nunca tiveram a oportunidade de uma educação básica.

Pode idizer, então, que nem todas transformações são positivas. A da escrita velha que o homem ficou mais organizado, comunicável e social, porém, não têm-se valores espirtos como Joo educação para os ricos e básica, a qual nem mesmo é, para os humildes da moço.

As bibliotecas virtuais são enormes. São mais práticas para encontrar um livro. Por esta razão, os jovens preferem usar a web para a leitura. Então: é a geração "fast-food". Tudo precisa ser rápido. É o pedido da modernidade. É neste momento que questiono: qual a graça de fazer tudo rápido? Dizemos esta velocidade apenas para o Futurismo.

No período ditatorial brasileiro, as manipulações eram organizadas com computadores. Hoje, é através do Facebook e outras redes sociais. A Primavera Árabe é o maior exemplo, mas tudo usa-se a escrita. Preciso vacitar. O mundo se transformou brutalmente. Nunca idistamos de nos comunicar pela escrita. Então, ficarei idispiciado. Afinal, ela tornou-se vital. Se idamos um passo; ela se us força e nos alcança. Adapta-se aos meios.



pro textual escolhido: **A** **B** **C**

TÍTULO: A criação da escrita e o desenvolvimento do homem na sociedade.

Quando a formação das primeiras civilizações e culturas nas cavernas tinham por finalidade violar fatos do cotidiano. Apartir do desenvolvimento de novas técnicas agrícolas e com a domesticação de animais, houve uma valorização desses povos à beira dos rios e ali iniciou o grande processo da escrita. Apesar de ser um pouco recente, historiadores unânimes afirmam que a história começou apartir da escrita e a maior parte da história anterior a ela (Neolítico, Paleolítico e Idade das Trevas) é chamada de "pré-história" ou "pré-escrita".

Com a criação dos alfabetos antigamente escritos em tábuas de argila, iniciou-se o processo de comunicação e consequentemente o surgimento de uma nova sociedade. Os primeiros supostos para a escrita naquela época (surgimento da escrita) era esculpida através das paredes (Mesopotâmia). Assim, com a formação de grandes sociedades, houve também a criação de outros alfabetos e idiomas de povos distintos, dentre eles podemos destacar o latim, que apartir dele originou-se um grupo de novos idiomas.

Antigamente a escrita era utilizada apenas à uma pequena parcela da população, hoje ela já atinge quase toda a população. Essa gama de pessoas alfabetizadas vivem na hora de receber um texto seja ele qual for. No mundo moderno, com o advento da internet as pessoas ficam conectadas por um grande período de tempo ao invés de ler um livro para aumentar o vocabulário ou escrever melhor. É quando se aprende a ler e a escrever, surgindo assim a escrita.

O fácil acesso a internet fez com que cartas e diários desaparecessem. Hoje para receber certas pessoas usam-se sites como facebook e outros e em menos de cinco minutos podem para que todos leiam. Essa fácil acessibilidade e praticidade proporciona o ingresso de principalmente jovens que possuem vontade de melhorar as condições sociais. Porém que a internet tem um problema: notícias, documentos, livros e até mesmo artigos importantes que são esquecidos por esses intermediários. A internet pode ser considerada o início do século XXI.

O mais alarmante segundo estudos é a má utilização da língua formal, o esquecimento no uso das abreviações, a preferência pela internet e a elevada exposição pessoal nos sites. Crê-se que para a mudança da atual sociedade é preciso a valorização e incentivo à escrita e uma maior presença nas escolas com relação a escrita manual. Para isso a escrita é a herança de maior valor deixada pelos nossos ancestrais.

ro textual escolhido:



TULO: Já que é mesmo o fim dos textos manuscritos?

De fato, a escrita foi, e ainda é, muito importante. O que nós sabemos dos nossos antepassados, dos pioneiros nativos do Brasil, da história da evolução humana e de tudo que nós sabemos hoje, se não fosse por causa da escrita? Há alguns séculos atrás não haviam computadores, celulares, nem mesmo telefons, era tudo manual, tudo manuscrito. A comunicação era feita através de cartas que levavam semanas para chegarem ao destinatário e às vezes nem chegavam.

O que está acontecendo nos dias de hoje é que as pessoas não escrevem mais, no máximo escrevem um bilhete curto para alguém ou fazem algumas anotações rápidas. Tudo é feito automaticamente, no computador, no laptop ou em um celular, que hoje em dia tem as mesmas funções de um computador ou até mais. Nada de caneta e papel. No mundo em que vivemos é preciso agilidade e eficiência, e por isso estão deixando o lápis de lado, estamos acompanhando os processos de desenvolvimento do mundo e evolução da espécie.

Nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento o uso de laptops e tablets já é uma realidade mas muitos dos alunos preferem os laptops, dizem que é mais prático e alguns até questionam a importância de escrever à mão. Isso é bom. É bom que as pessoas ouçam, aprendam, fiquem por dentro das atualidades, leiam mais. Mas também que escrevam, para não perder o costume, porque a escrita nunca acaba e nem sempre vai precisar dela. Como diz a psicopedagoga L.F.: "Já se aprende a escrever escrevendo e só se aprende a ler lendo".

Há uma contradição. De um lado temos crianças de 3 anos que sabem fazer de tudo em um computador. E de outro há aquelas crianças que não sabem nem o que é um computador. Não sabem ler nem escrever. E o pior de tudo é que isso não é maioria.

Pior do que a digitalização da escrita é viver em um mundo em que a parte esmagadora da população não sabe ler e não sabe escrever. E nada fazemos para mudar isso. A palavra-chave para reverter essa situação é educação. Educação, leitura e escrita.



modo textual escolhido:



TÍTULO: Porém, você, e

Na pré-história não havia escrita, mas a sua necessidade já (querer) existia. Diante da necessidade de transmitir histórias, costumes e ideias, a escrita começou a desenvolver-se em forma de pinturas, ou seja, desenhos.

No Egito antigo surgiu a escrita cuneiforme, com os hieróglifos e o alfabeto fenício, desse ponto em diante foi evoluindo até se tornar indispensável.

Os grandes impérios necessitavam da escrita para administrar seu império, dessa forma a escrita tornou-se tão importante que quem a dominava era, digno de um respeito.

Hoje também é assim, afinal os alfabetos são fortemente reprimidos e menosprezados.

O que seria do mundo sem a escrita, não haveria a Bíblia Sagrada, não existiria o fantástico mundo de Harry Potter ou de O Senhor dos Aneis. O que seria das humanidades sem os "best-seller" as quais fazem inúmeros fãs chorarem como as Crônicas de Nárnia ou Jogos Vorazes. A resposta está ao seu lado. Nada, a escrita transmite ideias, pensamentos, verdades, mas a cada dia que passa, é desrespeitada e esquecida.

Por sempre acompanhar a língua falada a escrita veio se tornando mais acessível a todos. Cerca de vinte anos atrás escrevia-se corretamente, muito formal, mudaram para você, muitas letras, hoje escreve-se "você".

A cada dia que passa, a escrita vem sendo utilizada dessa forma errada.

Após a 3ª Revolução Industrial, a era informacional e seus computadores, as coisas foram se representando juntamente com as folhas de papel as quais deram lugar a laptops.

Essa banalização não faz da escrita obsoleta, mas faz com que o cérebro se torne cada vez menos mais. Cálculos matemáticos, há programas que os executam, gramática, não tem necessidade aprender afinal o computador corrige os erros.

Muitos dizem que usar o computador faz com que diminua o desperdício de papel e ajuda a natureza, verdade, mas muitos se esquecem o quanto importante é saber escrever de forma correta, afinal no vestibular todos deverão utilizar corretamente o papel e não computadores.

O homem vem adequando a escrita mediante as suas necessidades, logo se esse se desvirtua, o ser humano também está sujeito a tal alteração. Os avanços tecnológicos vêm em prol de beneficiar as pessoas, beneficia, mas tais pessoas utilizam esses meios como catalhos que não os levam a lugar algum.

Uma imagem pode até valer mais que mil palavras, mas não torna as palavras inferiores as imagens.

Pense, se que seria do homem sem escrita, sem as histórias sem documentos, o que seria do mundo sem escrita. Procure ler e escrever, afinal depende de você para que coisas que se parecem mais rabiscos não sejam esquecidas assim como a raça humana.



Tema textual escolhido:



TÍTULO: A importância da escrita, ontem, hoje e sempre.

Quando falamos na evolução do homem ao longo da história, relacionamos o uso da tecnologia como sua principal consequência. Pois, o homem, na busca de quebrar barreiras e distâncias entre si, conseguiu através dessas tecnologias, facilitar os seus meios de comunicações. Fazendo com que, não importa qual seja a distância que separa as pessoas, através de um e-mail ou de qualquer uma das várias redes sociais disponíveis não conseguir, de uma forma rápida, se comunicar. Sendo que, foi através da escrita que o homem, começou a dar os primeiros sinais para essa evolução toda.

A evolução da escrita e a evolução do homem caminharam juntas, pois ainda que no período pré-histórico, o homem, sentiu a necessidade de demonstrar e "guardar" suas lembranças, sentimentos e pensamentos. Nem que o único meio para isso, fosse fazer desenhos nas paredes das cavernas. Foi assim que a cada período no qual falamos, para escrever ou surgir, revelando uma nova visão de mundo para o homem, através da escrita.

O homem foi buscando novos conceitos, almejando novos objetivos, da onde foi surgindo os intelectuais, filósofos e poetas, pessoas estas, privilegiadas de uso de uma escrita mais formal, que era, acessada por poucos. O saber ler e escrever, no decorrer dos anos, foi considerado o bem mais valioso que alguém poderia ter. Assim, através da escrita, o homem foi evoluindo e se tornando mais ambicioso, travando inúmeras lutas em busca de poder e hoje em dia, nada se parece com aquele homem do começo dos tempos, que deu início a toda essa evolução.

Em um mundo totalmente globalizado no qual vivemos, o uso da escrita foi sendo totalmente modificado, através de aparelhos que facilitam ao homem realizar com mais rapidez suas atividades. A preocupação que antes o homem tinha em escrever corretamente, hoje não se faz mais necessária. Sendo assim, as transformações da escrita, nos mostra como o homem vem evoluindo, aprimorando seus conhecimentos, porém a preocupação com o uso abusivo de tecnologias, deixando com que deixem de serem "seres pensantes" para, seres totalmente alienados.

tema textual escolhido: A B C



TÍTULO: Escrita: A materialização da ideologia.

É insubstituível questionar que após a invenção da escrita e desenvolvimento do homem, a arte paralela a mesma. Uma vez que é sabido, que civilizações usaram, antes da invenção da escrita, estavam altamente vulneráveis à práticas de opressão de agentes externos (esquadrões, bárbaros, invasores...) que utilizavam da escrita para diversos interesses: impedir as atitudes, de que seus vitimados escravos não possuam controle escrito e armazenamento das dimensões de seus territórios, alimentos, mercadorias e riquezas. Inevitavelmente o homem se furtou, consequência da falta de domínio da escrita.

Por ser indispensável a escrita consolidou-se um texto às antigas civilizações, e por meio dela o mundo temeu novos rumos, até chegar a atual, o qual verdadeiramente indispensável a prática da escrita.

As primeiras formas de se escrever eram semelhanças bastante remotas, porém estando à procura de satisfazer as necessidades culturais da época, logo, com o próprio desenvolvimento das relações humanas a escrita também desenvolveu-se, fluindo organicamente os avanços civilizatórios.

Consolidada, a escrita acompanhou com eficiência as mudanças sociais, se transformando juntamente, estando sempre lado a lado com a ideologia humana.

O domínio da escrita, desde o seu nascimento estava vinculada com o poder, uma vez que apenas "grandes homens" a dominavam, portanto, tornou-se mais acessível, porém hierárquica e masculina, sendo até mesmo comercializada pelos reis na Grécia Antiga, ficando evidente que a escrita estava paralela a ganância e a austeridade do homem. Motivado por considerá-la abjeta e vulgar, a escrita aos poucos tornou-se mais volátil, e teve consciência de sua importância para todos os classes, o mesmo ficou acessível a todas as classes, e mais uma vez a mesma foi excludente, acompanhou a nova ideologia, portanto, depois de dificuldades, a escrita venceu a última barreira à glória, finalmente teve contato com as mulheres, tornando assim o ato de escrever a ação mais comum, e ao mesmo tempo mais preciosa de cada um.

Uma sociedade letrada é sempre mais eficaz. As transformações do homem, sejam elas materiais, comportamentais ou ideológicas estão sempre relacionadas à escrita, basta notar, que com o advento da tecnologia, a maioria passou a ser vista com outros olhos, não apenas como um simples fato de escrever uma mensagem ou uma carta a alguém.

Agora a escrita vive em um meio tecnológico, a qual a última possui mais força, é mais utilizada, como forma de conscientização, como forma de aproximação, como forma de evolução e mudança. Não mais palavras unidas simplesmente, com uma carga implícita, a escrita, mais do que nunca transformou-se em uma arma poderosa, que simplesmente acompanha a peculiaridade da mente humana, e a usa para prejudicar os seus semelhantes, e assim criar a sua vida e criar, e o homem temeroso de se desprender do homem.

Não interessa se é formal ou informal, culta ou dequal, com giz ou em código, digitado ou manuscrito tudo é escrita, que partiu do lábio e desenvolveu-se aperfeiçoando as relações humanas.

A escrita teve assim uma mãe: a fala, e um pai: o poder, e também teve filhos: os vários falares que foram surgindo e diversificando, que do arcaico fez-se o moderno, do urbano fez-se o praticado, assim a escrita se transformou, transformando o homem, e o mundo deixou de ser mundo, e passou a ser uma arte bela e principalmente Escrita.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Adolescência Constante

Cada dia que passa a tecnologia avança e a sociedade perde seus valores. As crianças de hoje não gostam de ser crianças. Meninos de 5 anos já possuem a mais alta tecnologia em casa, meninas de 5 anos já usam salto, maquiagem, esmaltes e etc. Eles são loucos para serem adolescentes.

Enquanto isso seus pais fazem de tudo para não envelhecer. Fazem diversas plásticas, tratamentos estéticos, usam roupas de adolescentes, assistem programas e desenhos infantis.

A sociedade brasileira não quer envelhecer, os adultos querem ser eternos adolescentes, não querem amadurecer. Não querem ter responsabilidades e nem preocupações.

Por isso cada vez mais a nossa sociedade perde seus valores. As pessoas são fúteis, todos se pensam no dinheiro e na aparência. As pessoas não vivem uma vida normal. Porque as crianças querem ser adultos e os adultos querem ser crianças e isso gera muitos conflitos entre as gerações.

Todo mundo quer pular ou adiar as fases da vida. Cada fase é diferente por isso temos que passar por todas e tudo tem o seu momento certo para acontecer. Por isso temos que viver intensamente cada etapa, envelhecer é normal, todo mundo vai ficar velho, enrugado, cheio de histórias para compartilhar um dia.

Existem coisas muito mais importantes do que não ter cabelos brancos, do que ter rugas, do que envelhecer. Não adianta nada você ter 50 anos com uma cara de 30 se você não for uma boa pessoa. Beleza e juventude não melhora a educação, não acaba com a fome e nem com a pobreza, atitudes podem mudar o mundo parecer jovem não.

gênero textual escolhido: A B CTÍTULO: Antes e o hoje.

Podemos afirmar que hoje nossa sociedade está vivendo em um momento que pessoas com 30 e 40 anos ou até mais agem como os de 18 anos qual será a causa de as causas?

Se pararmos para ver que antigamente a prioridade dos jovens era ter uma profissão, e logo em seguida constituir uma família, já notamos que os de "hoje" começam cedo na faculdade de 17 e 18 anos e embarcam naquela de só festas e curtidas, hoje vemos muito casos de solteiros que moram sozinhos e que na maioria das vezes não são sustentados pelos pais.

Daí nos perguntamos será que o problema de infantilidade tem a ver com a educação, ou será que é falta de objetivo e de responsabilidade mesmo, também pode acontecer por razões de conflitos amorosos, será que uma decepção na juventude não justifique esse tipo de reação, não podemos esquecer da familiar os pais por exemplo pode passar um tipo como dizer de qualquer um seus filhos, pois vamos combinar que a educação vem de casa, se os pais discutem, se o jovem presenciou algum tipo de agressão, ele se torna transformado e acha que o casamento não é pra ele, e acaba não constituindo uma família, isso também pode ser uma das causas.

Com todas essas causas não podemos esquecer os nossos adultos de hoje escolheu agir assim, temos que respirar pois é seu direito como cidadão, mas continue acreditando que uma pessoa que tem como objetivo de ser um adulto responsável e tem visto sempre nos olhos de todos pois a vida é feita de etapas, criança, adolescente, e adulto.

começa a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO:

Em busca da juventude eterna

A cada dia que passa observamos que pessoas adultas estão em busca da juventude eterna, estão a procura de lazer, diversões, e maior aproveitamento do seu tempo.

Uma pessoa adulta quando se encontra um meio a juventude, se torna um pessoa desvalorizada, pois os meios de comunicações se torna mais difícil. Sendo assim as pessoas de maior idade tende busca estas novas formas de comunicação, acabam ficando usurper atentos e que está se passando um meio a juventude.

Observa-se que a cada dia pessoas de maior idade tenta aproveitar o máximo do seu tempo sem o objetivo de proprio se satisfazer, sempre tentando está um meio a juventude, e mostram dos seus novos conhecimentos. Passar a maior parte do tempo em busca de diversão e lazer faz com que estas pessoas descubra novos aproveitamentos que a vida lhe oferece.

Quando passamos a maior parte do tempo fazendo coisas que nos satisfaz, aproveitamos muito mais a vida. Isso mostra que as novas descobertas que a maior idade tende a descobrir sobre a juventude é um grande aproveitamento que o faz vivenciar aquilo que a juventude tem de mais importante, tentando se torna um jovem aprendiz.

A sociedade é vivenciada de pessoas que pensam e agem de forma diferente, mais não por isso que devemos separar as idades do que se pode ser vivido. Observamos que tudo está se unindo entre si mesmas, a maior idade tenta fazer novas descobertas sobre o mundo da juventude. Ser adulto não significar que ira perde aquela usância de ser jovem, apenas haverá novos obstáculos que deverão ser ultrapassados com um caráter de um pessoa adulta, e responsabilidade, mais tendo um grande um impulso um meio a juventude.



gênero textual escolhido:



TÍTULO: Síndrome de Peter Pan

Crede-se que durante a Idade Média, os fameros Alquimistas, tinham ~~ambição~~ entre seus objetivos, a criação de uma "Paixão da juventude". Séculos se passaram e tal coisa ainda não foi alcançada, no entanto, permanecer jovem ainda é uma obsessão, tanto na questão da aparência, quanto na questão emocional, e quando em erro pode se tornar um problema.

Hoje, clínicas especializadas em estética estão repletas de pessoas, em sua maioria, mulheres, em busca de cirurgias e tratamentos que retardem o tempo e envelhecimento. É possível suavisar rugas, impedir o surgimento de manchas, e até mesmo cirurgias no nariz. Porém medidas drásticas possuem riscos, como nos casos de cirurgias plásticas, onde pessoas acabaram por falecer devido a elas.

Além de danos quando se trata da aparência, a obsessão pela juventude, também é um perigo quando adultos decidem pensar e agir como jovens. É comum ver pais agirem como os próprios filhos, ao ponto de que mãe exercem nenhuma autoridade, e acabam por dar a eles liberdade de agir com irresponsabilidade, sendo criados por um amigo ao invés de um adulto.

Amadurecer é algo cada vez mais difícil, e cada vez mais tardio. Inclusive no passado homens e mulheres costumavam se casar e sair de casa antes mesmo da maioridade, hoje é comum é encontrar adultos que já ultrapassaram a linha dos trinta anos, morando com seus pais ainda sendo sustentados por eles, sem qualquer independência.

Sendos assim, a maioria dos adultos acaba sendo responsável ao tentarem manter sua juventude. Além de dar tribos indigenas, onde os mais velhos são vistos como sábios e experientes, em nossa sociedade eles representam uma fase de "decadência". É necessário que as pessoas saibam viver e aproveitar todas as etapas da vida, enfrentando os desafios que vem com elas, afinal devemos aceitar que além de Peter Pan, ninguém é jovem para sempre.



ale a letra (A, B ou C) referente ao
número textual escolhido: A B C



TÍTULO: Buscando a felicidade

As pessoas nos dias de hoje se preocupam mais com o que a sociedade vai pensar das suas atitudes, do que até mesmo o que será achado de si mesma. Quando perguntamos a uma mulher qual a sua vida, achamos que é uma falta de respeito, por achar que falar a sua vida te diminuirá, como pessoa, achando que vão falar por ela toda a vida, de uma maneira contentamento de viver.

O ser humano é tão importante na sociedade que não vai ser a sua vida que vai te definir como pessoa e sim as suas atitudes durante a vida. O que mais se deve falar é que há vários casos de pessoas que em busca de alguns casos a mesma, acabam perdendo a vida por se cansar em fazer uma ou várias coisas, de que vai adiantar, arriscar a vida pra ficar bem diante da sociedade, e sua família sem prontos por ter perdido um parente por motivos tão inútil. Gastar fortunas de dinheiro em produtos de beleza para se manter jovem, e sua família precisa de dinheiro para as necessidades básicas.

Há uma grande variedade de conflitos entre as gerações, porque as pessoas não estão se aceitando como mãe, mães dizem que o tempo lhe ensina, não faz que cada pessoa pode ter. A vida é tão pegunta, ainda mais se for se preocupar em não se parecer jovem, sem situações em que se encontram um grupo familiar, e não se consegue identificar quem é o pai e quem são os filhos. A vida não pode ser desta maneira, a sociedade tem que entender que cada pessoa tem que viver conforme a vida vai passando, não tem como voltar um tempo a melhor forma é viver o que a vida te oferece. Muitos criam, querem ser igual aos seus pais e muitos pais querem agir como os seus filhos como se isso fosse a coisa mais normal deste mundo, as pessoas precisam lembrar que a alegria da vida não está escrita em uma cartolina de identidade e sim na sua maneira de viver, por uma pessoa vaiável, tentar prager com viver e não deixar por algo que foi, cada um vive os momentos que vivem que viver, sentir buscar a felicidade é uma coisa, querer ser algo que não é é bem diferente. viver cada dia como se fosse o único nem se preocupar com aparência e muito menos com a vida.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido:



TÍTULO: Em busca do amor possível

Desde o início da história do homem, o amor esteve presente nas relações entre os indivíduos. Porém, é notória a mudança que esse sentimento sofreu ao longo dos séculos. O casamento, por exemplo, era uma forma de enriquecer famílias ou garantir a descendência, e não por um sentimento afetivo. Já na atualidade, escolhemos com quem iremos casar movidos por uma série de fatores, sendo a principal delas o amor.

Contudo, houve a criação de um amor utópico, em que os indivíduos se amam ardentemente, se completam e vivem "felizes para sempre", a partir de filmes hollywoodianos, novelas e músicas que falam de romance. Esse tipo de amor passou a ser prejudicial e afetar as relações entre as pessoas, pois esse mesmo amor ardente só está presente no campo da imaginação. A mulher e o homem se veem presos em meio à idealização e à espera de um amor como esse.

Para nós, da revista "Vida Simples", é por tal razão que muitas pessoas acabam infelizes. Além disso, se sua relação não se encaixa naquilo que sonhou, o indivíduo se sente vazio, incompleto. Porém, quem foi que disse que para ser feliz é necessário morrer de amor? Por isso, trazemos nessa edição razões para não ficarmos esperando por um amor idealizado, mas sim, por um amor possível.

Então, não vamos viver a vida esperando por um amor devastador para sermos felizes. Enquanto aquele indivíduo que idealiza demais se sente decepcionado com suas relações, aquele que aproveita e não espera nada, não se frustra, se sente completo. O amor ardente, na vida real, é prejudicial, arde, diferentemente do amor tranquilo, que acalma e faz bem pra alma.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Não tenha medo de amar

O período romântico inicia-se com a belíssima "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias e mergulha em um mundo de profundas idealizações. Na segunda geração, denominada ultrarromântica Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu nos apresentam uma nova realidade, cheia de um amor exuberante, sentimental, nos fazendo lembrar do trovadorismo. O fato é que cantigas de amor e de amigo, poemas e hoje músicas sertanejas nos remetem a um amor ideal, forte e intenso.

Como colocado por Bia Cardoso, em seu post, esse amor não deve ser considerado o único atualmente, mas com certeza ele ainda é o que mais se sobressai. Então me pergunto por que este é tão importante e significativo? O homem forma sua própria cultura, é através dele que conceitos são mudados, portanto esse tipo de amor já poderia ter se tornado obsoleto, fora da moda, mas não, ele continua como um dos principais fenômenos em massa.

A justificativa é apenas uma: amar é inerente ao homem. Todos necessitam de um companheiro para dividirem angústias, compartilhar problemas e se alegrarem juntos. Por isso homens e mulheres almejam e sentem tanto com um relacionamento perfeito, nós mesmos somos os responsáveis pela perpetuação do romantismo.

Porém, façamos algumas ponderações. Desde o período em que súbios foram queimados em praça pública, a sociedade mudou, evoluiu. O movimento feminista ganhou espaço (podemos perceber isso claramente pela existência desse ~~po~~ blog). E foi através dele que o amor se transformou, as mulheres passaram a se preocupar com sua formação profissional e o plano do casamento ficou para trás. A sociedade entrou em um momento de grande individualismo e por isso começou a se pensar mais se o amor seria um complemento essencial para o homem ou uma arma capitalista e humana de aprisionamento.

É nesse contexto que iniciou-se uma deturpação de valores. Os casamentos passaram a ser apenas um contrato que pode ser quebrado a qualquer momento, as relações efêmeras se resumem, atualmente, no termo "ficar". É nessa de ficar, nós é que vamos ficando. Nos sentindo usados, descartáveis. Por isso mesmo o individualismo e o amor contratual vem gerando uma profunda tristeza nos pessoas.

O homem não foi feito para satisfazer as necessidades dos demais, ele é um ser racional carregado de sentimentos e é essa cultura do desapego que traz transformações negativas em nossa sociedade. Não é natural para o homem esse tipo de relacionamento. Não defendo aqui o amor romântico, só elaboro uma reflexão pertinente sobre o post de Bia Cardoso. Será que vale mais uma prisão feliz do que uma liberdade incompleta e vaga?

É claro que exageros devem ser deixados apenas para menino em Dom Casimiro, ou seja o amor deve ser baseado na confiança e no respeito mútuo, pois, sinceramente um amor conjugal verdadeiro, nunca terá o sinônimo de aprisionamento, se não, não será amor. Cúmplices, dependência só prejudicam uma relação.

Então, que o amor romântico seja preservado como condição para a realização pessoal de todos. Que o sujeito moderno recupere o seu sentimento de coletividade e que a cultura de descartável seja enfim cessada, pois como Santo Agostinho, filósofo medieval, disse "A medida do amor é amar sem medida".

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: O amor acaba quando deixa de amar.

O amor. Tão desejado pelos homens e pelas mulheres, uma conquista, um verdadeiro dom de Deus que não tem fim. Como descobrimos que amamos e deixamos de amar? Um desequilíbrio no amor entre homem e mulher está ocorrendo, a mudança dos valores radicais dos mulheres que estão abolindo toda estrutura de relacionamento, casamento, filhos, vida, educação etc... a procura de uma realização pessoal, como exemplo profissional, está em primeiro plano na grande maioria dos mulheres, que não querem mais ser dependentes do homem e também relacionamento, casamento e filhos antes de se qualificar, uma realidade da geração atual.

Estatísticas comprovam que as mulheres estão bem mais qualificadas e bem mais no mercado de trabalho do que os homens, mas será que essas mulheres vão deixar de ser donas de lar? Seus futuros filhos terão uma educação adequada? O amor de uma mãe ou de se torna mãe deixará de existir?

Defendo a qualificação profissional da mulher, mas sou contra a mulher que deixa de ser a mulher sabia que ama. Uma grande parte dos mulheres se dedicam tanto na realizações pessoais e qualificações profissionais que deixaram de amar o que foi deixado a ela, mulheres que preferem um mestreado do que filhos, abrindo mão de ser mãe, esposas que deixaram de cuidar e amar seu marido, mães que deixaram de educar seus filhos com mais amor, o homem é muito importante na vida de uma mulher devendo ele dar à ela todo seu amor, mas a mulher está acima de tudo que o homem pode oferecer.

O amor de uma mulher deve predominar pois é a estrutura de um homem, filho, casa, família ou seja tudo, por que a mulher que nos dá vida, que nos dá a vida e nos ensina os primeiros passos do amor, é só a mulher que dá sua vida por amor de um filho. Faça um apelo a todas as mulheres não deixe de amar por que o amor só acaba quando deixam de amar.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: O sentimento amoroso: necessário ou banal?

Com o passar do tempo, o mundo abriu espaço para um complexo e abstrato sentimento, que movimentou não só a vida social e pessoal de milhares de pessoas, mas também parte da economia mundial. Os pessoas, cada vez mais, tentam buscar a felicidade plena em outro ser, se tornando vítimas de um sentimento utópico e de uma sociedade totalmente rotulada. Mas se não se chegar a tal idealização, e por que os indivíduos se apegam tanto de a parte de tê-lo como objetivo de vida?

Através de uma extensa linha do tempo, essa revista mostra que o sentimento amoroso não sempre existiu como atualmente. Enquanto em Esparta, na Grécia antiga, as famílias eram vistas apenas como forma de preservação para aumentar o número de soldados, o absolutismo monárquico consolidou o casamento por sua capacidade de não dividir e perder, mantendo-se sempre nas mãos de um grupo dirigente. Exemplos históricos mostram que o casamento nos casais ~~sempre existia~~ era, muitas vezes, apenas o fruto de interesses particulares.

Sei com o romantismo que a idealização do amor se expandiu, passando a ser vista por todos como a forma mais fácil de cultivar sentimentos e alcançar a felicidade, e a partir de então, isso nunca mudou. No século XX, a segunda geração do modernismo fortaleceu ainda mais a ideia, com autores como Vinícius de Moraes e Luísa Meireles, que tinham tais sentimentos como base para todas as suas atitudes e seus poemas. Com isso, a literatura e a música, por meio de rádio e da televisão, transformaram isso em um instrumento cultural essencial para a vida e condutiva de todo um ciclo econômico.

Essa mesma imposição faz com que o amor se torne imprescindível no que tange à total realização pessoal de um ser. Uma matéria desta revista mostrará que a sociedade já não só trouxe tal sentimento da felicidade plena, acreditando que a obliqua está em encontrar alguém capaz de oferecer ao parceiro tudo aquilo que se falta. Porém, as pessoas esquecem que a realidade não se baseia em um certo de fadas com final feliz, e que os indivíduos não precisam apenas satisfazer o próximo, mas primeiramente, a si próprios, como se toda essa ideologia fosse apenas uma "tela de favores".

Como um sentimento já banalizado nos dias atuais, é necessário perceber que o amor pode não existir, mas que esse deve ter suas desordens corrigidas, e sem equívoco, pois o próximo não deve ser usado como um meio para a realização de objetivos pessoais. Nesta edição da revista, você perceberá através de exemplos reais que, na maioria dos casos, encontrar a própria felicidade é mais importante que a preservação pelo próximo. Então que compreendam que se essa situação não mudar, o mundo caminhará para um desastre ideológico, em que o amor dos telos de televisão não é acompanhado pela falta de compaixão e solidariedade do mundo real.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: O AMOR DE LAVOISIER

AMOR. UMA DEFINIÇÃO PARA TODOS: UM SENTIMENTO. MAS COMO TODOS SENTIMENTOS, O AMOR NÃO É DIFERENTE. ELE SOFRE VARIÁVEIS SEJA DE PESSOA PARA PESSOA OU DE PERSONALIDADE PARA PERSONALIDADE. PODE-SE DIZER QUE A GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO AINDA AGUARDA VIVER ESSE SENTIMENTO, E QUANDO FOR DESPERTADO SE TORNA ETERNO. ISSO SEMPRE FOI E SEMPRE SERÁ UM ERRO EM QUE PESQUISAS PROVAM A CADA VEZ COM DADOS MAIS ESPECÍFICOS.

UTÓPICO, ROMÂNTICO OU PLATÔNICO SÃO AS MAIS POSSÍVEIS VARIÁÇÕES DO AMOR. VARIÁÇÕES QUE NÃO SAEM DA TESE JÁ QUE NA PRÁTICA ACONTECE TUDO DIFERENTE. FICA-SE A ESPERAR SER AMADO ALGUM DIA, E QUE ASSIM PREENCHA UM VAZIO QUE NUNCA EXISTIU.

JÁ NASCEMOS SABENDO O QUE É AMOR, SENDO AMADO E RE-TRIBUINDO A TODO INSTANTE ESSE AMOR. O ÚNICO ETERNO E RECÍPROCO AMOR É O DE MÃE. AQUELE AMOR EM VER SEU FILHO CRESCER E CONSEQUENTEMENTE A TRANSFORMAÇÃO DAQUELE PRIMEIRO SENTIMENTO AO SER CARREGADO NOS ~~BRAS~~ ~~DA MÃE~~ SEUS BRAÇOS.

COM A IDÉIA DE CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO DO AMOR, TAMBÉM É DESFEITA A IDÉIA DE SE AMAR APENAS UMA PESSOA, RELACIONAR-SE COM APENAS UMA E DA VIDA ETERNA COM ELA. INÍCIOS DE RELACIONAMENTOS SÃO SEMPRE MARAVILHOSOS, MAS COM O TEMPO TUDO VAI SE DESGASTANDO. A IDÉIA DE CASAMENTO IDEAL TAMBÉM SE PERDE, TRANSFORMANDO O AMOR EM AMIZADE E COMPANHEIRISMO.

ASSIM, COM O FIM DA PAIXÃO, A UNIÃO TAMBÉM NÃO PRECISA TER O MESMO FIM. O QUE É DITO POR LAVOISIER NA QUÍMICA TAMBÉM É ÚTIL PARA O AMOR: "NA NATUREZA NADA SE CRIA, NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA. CONCLUI-SE ENTÃO QUE O AMOR VEM À TONA INICIALMENTE PARA A REALIZAÇÃO PESSOAL E SE TRANSFORMA EM UM APRISIONAMENTO DE SUBJETIVIDADES.

sinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido:



TÍTULO: Discurso de acusação a um novo regime.

A tecnologia digital se tornou uma ameaça a liberdade de expressão, pois a crescente segurança governamental está à par de qualquer informação, sendo ela apenas um clique aos usuários ou acesso ao banco de dados.

Essa nova era, ultrapassou várias expectativas quanto ao seu limite. Onde e como será usada? Ainda não tem previsões, muitas áreas utiliza. Podendo ser um monitoramento, armas e limites pessoais.

É isto certo que, quanto maior a tecnologia, mais os monitoramentos haverá. Expendo seu dia-a-dia e costumes. A liberdade de se expressar foi conquistada pelo governo democrático, porém com a intimidade totalmente exposta e possível a volta ao totalitarismo.

Seja assim, facilmente o governo, ou qualquer indivíduo ganhará sua forma de pensar, planos, metas e objetivo. E talmente já é controlado a maneira de pensar, pelas mídias em geral, porém não impede que a pessoa pense diferente.

Ou seja, o planeta já está sendo monitorado e manipulado, única alternativa ainda é a liberdade de expressão, que pode ser eliminada a qualquer momento.

Lutar pela honra da constituição ou mesmo de um artigo muito valioso: "O direito de ser livre; de se expressar e de viver, de ter sua intimidade."

Encontrar meios para essa libertação da tecnologia digital, onde deve ter indivíduos presos e acorrentados para se manter calados. O medo de ser reprimido pela sociedade. Desperta, enquanto ainda é permitido dizer sua real opinião, sobre tudo que está ao redor.



Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido:

A B C



TÍTULO: "Malefícios" x "Benefícios" da Tecnologia Digital.

-Pregador, vem chegando um tempo em que o povo irá precisar da força de resistência de vocês jovens...!

Atentando-nos para as recentes descobertas divulgadas pela imprensa de que o governo norte-americano instalou arbitrariamente uma rede de espionagem da vida da população, monitorando diversas formas de comunicação, como redes sociais e linhas telefônicas, é plausível que comecemos a nos preocupar e agir contra tais invasões.

Atitudes como essa vão totalmente contra a manutenção de um Estado Democrático. Atualmente já são registradas a maioria de novas ações, quando por exemplo se usa um cartão de crédito ou se frequenta uma unidade de cassino, de saúde, entre outras. Não podemos permitir que fiquem expostas também as novas intimidades, como conversas, sejam através da internet ou telefônicas.

Alguns Estados marcados de democráticos já utilizam a Tecnologia Digital como ferramenta para praticar totalitarismo desfaçado que surge como ameaça às liberdades individuais, principalmente de expressão. Esses governos alegam que essas práticas visam bens comuns, como segurança, mas as fazem de forma desregrada e na vida de cidadãos comuns e de bem e não só em casos realmente necessários.

Em países como o nosso, meus jovens, ainda nos vemos um pouco mais resguardados, vendo que essas ações só são permitidas através de liberações judiciais, o que gera maior bom-senso nessas práticas.

O desenvolvimento de aparelhos móveis controladores tão apreciados por vocês jovens, emb que captam diversas informações sobre os usuários, como geolocalização, funções biológicas e emocionais, visa mostrar métricas ou resultados individuais. Então, não é inteligente que divulguemos esses resultados em redes sociais, como as pessoas fazem rotineiramente. Isso sim é agir contra possíveis crimes, e não invadir uma individualidade.

O Estado ao implantar autoritarismo e monitoramento, invade a privacidade das pessoas visando o bem comum, (o bem do Estado). E nós lutando para defender nossa privacidade, intimidade e dignidade, é como uma guerra.

Acredito que é o momento de desenvolvermos políticas que visem educar o cidadão a se resguardar das ameaças do uso da Tecnologia Digital para fins controladores de novas ações, meus jovens.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Tecnologia digital, responsável pela ameaça à expressão?

Atualmente estamos cada vez mais ligados a tecnologia digital e de lado a papel e a escrita, desta forma surge alguns entusiasmados na que se refere a ameaça a liberdade de expressão, pois como temos conhecimento tudo o que fazemos fica registrado e de certa forma esse monitoramento sobre as pessoas, causa uma limitação a liberdade de expressão.

Em relação ao monitoramento entra em questão o governo de alguns países nos quais tem seus centros de inteligência de onde saem as investigações criminais, dessa forma protegendo a cidadã da mesma maneira em que limita a liberdade de expressão de mesmo.

Creio que a tecnologia digital tem tomado um papel muito importante na sociedade, de modo em que facilita os meios de comunicação como exemplo temos as redes sociais que são utilizadas por milhares de pessoas em todo o mundo, portanto devemos tomar algumas precauções para preservarmos a nossa integridade, pois uma ideia é disseminada por todo o mundo em poucos segundos, sendo assim sabemos que muitos não tem esse cuidado pois a cada dia vemos escândalos públicos, e até mesmo questões ligadas a intimidade das pessoas.

Desta forma podemos perceber que a tecnologia digital se relaciona diretamente a ameaça a liberdade de expressão, e ainda temos como exemplo alguns movimentos e políticas, que não foram aceitos antes mesmo de saírem da mídia digital, (a não ser para a) diante deste fato creio que seria necessário uma lei para que setor algum sendo ele público ou privado intervenha sobre a tecnologia digital, a não ser para a proteção da cidadã sendo assim apenas questões criminais.

assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Utilizar a tecnologia em favor da juventude

Seu uma adepta da tecnologia digital, mas quem não é no mundo em que vivemos hoje? Celulares e aparelhos eletrônicos mudam suas formas físicas, ficam mais finos, mais rápidos, e assim, todos dias mais avançados. Com tanta tecnologia, os aparelhos digitais vieram não para substituir o papel, mas para facilitar o acesso à informações, leituras, e para dar um maior conforto e rapidez na hora de buscar algumas informações.

Para todos jovens, pode parecer que as ferramentas vão cair em porco-papo, mas esses meios de informação digital vão muito além, com eles é possível que você use desde mega de memória, desde rapidez, para baixar livros, atividades, arquivos para estudo, complementando o que encontramos em jornais, livros, revistas. Para muitos, o acesso a bibliotecas, jornais, é muito difícil, e com um aparelho celular ou tablet em mãos, é possível que você faça uma pesquisa, ou qualquer outra coisa com facilidade. Existem muitas aplicativos que permitem até mesmo cuidar da própria saúde, fazer um monitoramento, receber orientações de grupos para se movimentar e saber como fazer as coisas certas em atividades físicas com maiores esforços. Por que não utilizar desses meios tão comuns hoje em dia para se informar mais, para ler mais, buscar fontes alternativas para ler.

É claro, que aplicativos ainda tem muito o que se desenvolver, não vai ter tudo concentrado ali, mais não é para substituir leituras, jornais, é para integrar, fazer desse meio, uma ferramenta útil para estudos, para a saúde de você, para melhorar o dia-a-dia, fazer desse avanço tecnológico uma boa estratégia para o futuro de você mesmo.

Para escritores e editores a tecnologia digital pode parecer uma rival, mais muitos deles já estão se adequando aos novos hábitos da juventude e usam rapidez com que chega a digitalização de se com acompanhamento, principalmente por jovens, que estão a todo tempo utilizando meios para se manter atualizados. É necessário se ter a consciência do uso das ferramentas, mais em questão de informação e sabedoria, estudo e que fornece bons frutos, devem ser colhidos, os meios digitais devem ser usados e utilizados pelos jovens para melhor prepará-los e principalmente, para ajudar aqueles que não dispõem de muito tempo para resolver seus problemas.



assinale a letra (A, B ou C) referente ao
gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Experiências retóricas e Práticas éticas nas relações sociais

1 Sempre me pergunto, de que adianta tantos protestos veze-
2 ramente a Copa do Mundo, se o dinheiro já foi aplicado, se os
3 estádios já foram construídos, se toda uma estrutura já
4 está pronta?!

5 Concordo assim que a saúde está um caos, a educação e os
6 professores estão esquecidos, mais do que adianta quebrar o
7 patrimônio público, temos que ter liberdade de expressão, mas
8 conscientes de nossos atos, o vírus que colocou fogo foi comprado
9 com o dinheiro público, se veja com esse dinheiro, estamos
10 colocando fogo em nosso povo, e os políticos pouco se importam
11 com os protestos, estão ocupados planejando a viagem
12 depois da copa, com a família no fatiamento do governo, não gastam
13 o dinheiro público da forma como mais gostam, com eles
14 mesmos.

15 Quando pergunto para a copa, temos os estádios mais lindos,
16 as melhores cozinhas e o melhor gramado, vamos receber
17 todos os turistas de braços abertos, com todo o carinho e carinho
18 que o povo Brasileiro possui, e sabe como vamos visto lá fora?
19

20 Nos mocacos, o País da criminalidade, das prostitutas, nos
21acho frito, tanta fome, tanta comemoração, tanta recepção para
22 ver nos tratados assinam. Talvez o País realmente tenha muito
23 crime assim, mais os culpados não nossos representantes, se
24 tivéssemos gastando dinheiro com a educação, com trabalhos
25 sociais e tivéssemos feito uma copa do Mundo mais bonita,
26 não existiria tanta diferença social, teria toda oportunidade
27 de crescer na vida quem realmente almeja isso.

28 A desigualdade ruína em nosso País, mais como dizem
29 o rio tende a correr para o mar, enquanto os pobres vão esque-
30 cidos no fim de um hospital, outros esperam a mais de um
31 ano por uma vaga na creche da comunidade para que possam
32 trabalhar, e nossos políticos pensaram nos melhores arquibancados,
33 nos gramos mais verdes e nos melhores e maiores telas.

34 O que nos resta é torcer, torcer duas vezes, pela nossa
35 seleção de futebol, e por nosso País, por mulheres representantes,
36 mais honestas, e que possam e queiram mudar a nossa
37 história, e que nosso País não seja visto lá fora com
38 olhos ruins, e assim de um Brasil em desenvolvimento
39 e com uma grande vontade de ser Melhor.

40

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: A ética perante o capitalismo

Atualmente tem se notado várias mudanças no que chamamos de convicções éticas. Sem sombra de dúvidas, com o crescimento alarmante do capitalismo e o aumento da consciência e o modo de agir da população, especialmente a brasileira, está se transformando. Quem antes era essencial para uma pequena parcela da sociedade, hoje já possui um alto nível de acessibilidade. Cansado de dizer que inclusive o conceito de felicidade tem passado por modificações, sempre visando uma vida fácil repleta de bens materiais.

Nosso país está frente a uma inovação. Possuir um automóvel por exemplo, antigamente apenas magnatas detinham de tal privilégio, mas a questão é, por que isso se tornou tão importante? Um dos fatores com certeza é a precariedade do transporte público, talvez a esperança por uma melhora tenha se propagado, forçando a população a adquirir seu próprio veículo de locomoção. Umos empregados analógicos andando pelas ruas de carro, realmente isso acaba impressionando muitos. No fim das contas, mesmo assim, possível se a vida continua a mesma.

Uma coisa é certa, o mundo passa por modernizações, e a cada dia o reflexo do "luzes por céu" está se concretizando. Coisas que no passado eram de grande exclusividade estão sendo passadas para a população, isso não quer dizer que não exista a conscientização, porém a diferença é a velocidade que isso vem ocorrendo, ou seja, antigamente demorava-se mais.

Outro exemplo de uma prática ética que está ganhando bastante força, principalmente em grandes capitais, como no Rio de Janeiro e São Paulo, são chamados "rolezinhos". Os "rolezinhos" não deixam de ser uma forma de manifestação contra classes sociais mais poderosas, porém a realidade é que não é isso. Não é um protesto contra os males do mundo, e sim uma maneira de procurar afastar-se apenas por alguns momentos, além que isso causa violência.

Alguns pensam que com a acessibilidade de várias coisas para uma grande maioria da sociedade, a desigualdade tem diminuído. Porém, se analisarmos o Brasil, podemos dizer que as opiniões se dividem. De analisarmos a situação nota-se que a realidade continua a mesma, que o acesso público se encontra rotacionado perante melhorias. O que muda é o desejo da população em ter aquilo que determina a primeira item, em ser aquilo que não são e que não podem ser, compreendendo dessa forma a sociedade.

Conclui-se que a ética das pessoas basicamente é a mesma, a modificação se encontra na quantidade de cidadãos que agora se dizem ser "superiores" aos demais, se dizem pertencer ao topo da pirâmide social. Aceitamos que isso apenas uma ilusão, vivemos em um mundo capitalista, logo a desigualdade ainda está distante de se tornar realidade.

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: É preciso respeitar a diferença dos outros.

1 A desigualdade sempre foi uma marca da sociedade brasile-
2 leira, a qual aceitava essa condição. Entretanto, esse pro-
3 blema vem diminuindo devido ao desejo de inclusão por par-
4 te de alguns e ao surgimento de uma tendência que acei-
5 ta melhor as diferenças de classe.

6 A sociedade brasileira não deixou de ser desigual, o que
7 ocorreu foi o surgimento de um desejo de inclusão por parte
8 dos mais pobres. Sendo assim, essas pessoas começaram
9 a consumir as mesmas coisas e a frequentar os mes-
10 mos lugares que os mais abastados. Porém, a elite sempre
11 negou a cidadania aos mais pobres e por isso esse proces-
12 so ocorre de forma conflituosa, pois os ricos possuem difi-
13 culdade em admitir a melhoria de vida daqueles que des-
14 consideram inferiores.

15 Um exemplo dos resultados desse conflito foram as medidas
16 tomadas com o "olezinho". Algo que era pra ser apenas o
17 encontro de jovens de uma classe mais baixa em shop-
18 ping, "local de elite" como muitos pensam, se tornou uma
19 polemica. Isso ocorreu devido a discriminação dos clientes,
20 donos de loja e do shopping, e até mesmo do judiciário.

21 Apesar disso, algumas empresas já perceberam que para
22 garantir-se no mercado será preciso adaptar a
23 essa nova realidade. Ou seja, elas deverão manter a
24 linha de luxo, mas terão, também, que incorporar
25 os menos abastados. Isso foi realizado pela Jaguar, a
26 marca de maior renomeu em automóveis fez o carro
27 mais barato do mundo.

28 Com essa nova tendência de tolerância com as diferen-
29 ças é preciso que a sociedade tenha mais ética. Ou
30 seja, é preciso respeitar o outro, para que ocorra
31 um respeito mútuo, o fim de diminuir as discrimi-
32 nações e os conflitos resultantes dela. Para que essa tolerân-
33 cia se torne algo estável rapidamente é preciso introdu-
34 zir isso na educação, tornando-a algo que inclua os
35 indivíduos e não que os exclua como ocorre atualmen-
36 te.

37

38

39

40

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: Quando o valor das aparências supera o do caráter.

1 Alguns movimentos que ocorreram no Brasil, como os "rodinões" e as ma-
 2 nifestações, levantaram debates sobre as relações sociais no país. Isso deve-se
 3 ao fato de a população estar cada vez mais descontente com as desi-
 4 qualidades e o comportamento antietico de inúmeras pessoas.
 5 Ainda hoje, existe um estereótipo para aqueles "socialmente aceitáveis" e
 6 para os que são excluídos, marginalizados, e isto foi construído no de-
 7 correr da história. Assim, ao andar pelas ruas e perceber um negro, ou
 8 alguém com uma estética diferente da padião, muitos mudam seu tra-
 9 jeito. Isso mostra o grande preconceito que ainda existe.
 10 Além disso, muitas pessoas de classe social mais ~~alta~~ elevada, vem
 11 nas manifestações algo desnecessário, porém elas não percebem que
 12 existe uma realidade diferente da qual estão acostumadas. Se um
 13 de seus filhos adoece elas têm condições de pagar por um hospital, o res-
 14 tante da população depende do SUS e pode ver seu filho morrer na fi-
 15 la de espera.
 16 Outro ponto que causa revolta é a falta de ética de certa parcela po-
 17 pulação que sente-se superior aos demais. Dessa forma, insultam, me-
 18 nospregam, e aproveitam-se de outros indivíduos. Isso ocorre pois vem-se
 19 melhores econômica, física, intelectual e socialmente.
 20 Pode-se perceber assim, que para mudar uma situação tão deprimente
 21 pela qual o país passa é preciso alterar a mentalidade de todos. Os
 22 oprimidos não devem aceitar essa condição e os opressores precisam entender
 23 que o caráter não é medido pela conta bancária ou o porte físico, mas
 24 sim pelas atitudes e pelo comportamento.
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40

assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: A B C



TÍTULO: A hipocrisia da sociedade.

1 Com o passar dos anos algumas práticas antes condenadas vêm ganhando fo- mais destaque em
2 várias sociedades. Algumas destas incluem passarem a separar as pessoas julgando, principalmente, por
3 as aparências físicas e condições financeiras. Nesta relação, você verá como algumas forças que
4 dizem ser liberais e que lutam por democracia, adotam medidas segregacionistas que não tomam
5 devida consideração os valores éticos de cada cidadã.

6 Recentemente tem-se notado no Brasil que uma parcela conservadora da sociedade (minorias) vêm
7 promovendo ideais distorcidos dos valores democráticos liberais. Esta, composta principalmente
8 pela elite, pressiona tanto o movimento denominado "rodinhas" — jovens marca-
9 nam reuniões em Shoppings pela internet — composto por muitas pessoas em um
10 mesmo lugar, a maioria delas oriundas da classe média baixa, que várias medidas fo-
11 ram foram adotadas para que tal prática fosse proibida. Um dos argumentos usados para
12 a proibição do movimento era o de que uma aglomeração tão grande de indivíduos poderia
13 ser perigosa. Na prática, partindo de uma analogia com o Apartheid (regime no qual
14 uma minoria determinava o que a maioria negra fazia e os locais onde esta poderia frequen-
15 tar), o que essa elite que suprimiu os "rodinhas" fez foi muito similar ao tal regime.

16 Percebe-se também que os países capitalistas que defendiam tanto as ideologias democrá-
17 ticas em décadas passadas estão se perdendo num emaranhado de favores que de-
18 rem às elites conservadoras que detêm o poder econômico mundial. Isso pode até ser ar-
19 guado, pois quando tais nações mais pressionam essas elites as ajudaram financeira-
20 mente em guerras e outras ações. Mas adotar medidas anti-liberais não pode ser al-
21 go aceitável em nenhum lugar. Todas as pessoas, independentemente de qual classe social po-
22 tenham, jamais podem ser privadas de suas liberdades.

23 Outro problema vivenciado constantemente no Brasil é o preconceito no que diz respeito
24 aos ganhos da próxima. Muita gente se acha no direito de decidir o que uma pessoa pode ter
25 ou fazer. Em uma de nossas reuniões de redação, encontramos um texto cha-
26 mado "O empregado tem carro e anda de avião. E eu estudei pra quê?", de Mathews Pi-
27 chonelli, que traduz muito bem uma das atitudes realistas rejeitadas no país: o precon-
28 ceito com de classes econômicas. Em uma reunião de condomínio os condôminos se quei-
29 xam de a empregada do edifício ter comprado um carro. Tal atitude dos condôminos
30 contradiz os ideais de igualdade e liberdade que a sociedade atual prega, pois uma
31 minoria acha que deve decidir o que as outras pessoas de classes econômicas
32 mais baixas devem fazer.

33 Assim, com essa análise tentamos mostrar o quão hipócritas são
34 as sociedades contemporâneas no Brasil. Muitos indivíduos defendem a liberdade
35 e direito de ir e vir, mas quando tem lá a oportunidade de colocá-las em prá-
36 tica se valem mais pelas interesses financeiros do que pelas ideais virtu-
37 osas e éticas.

38

39

40